

UNIVERSIDADE DA MATURIDADE

20 Anos em 22 Polos

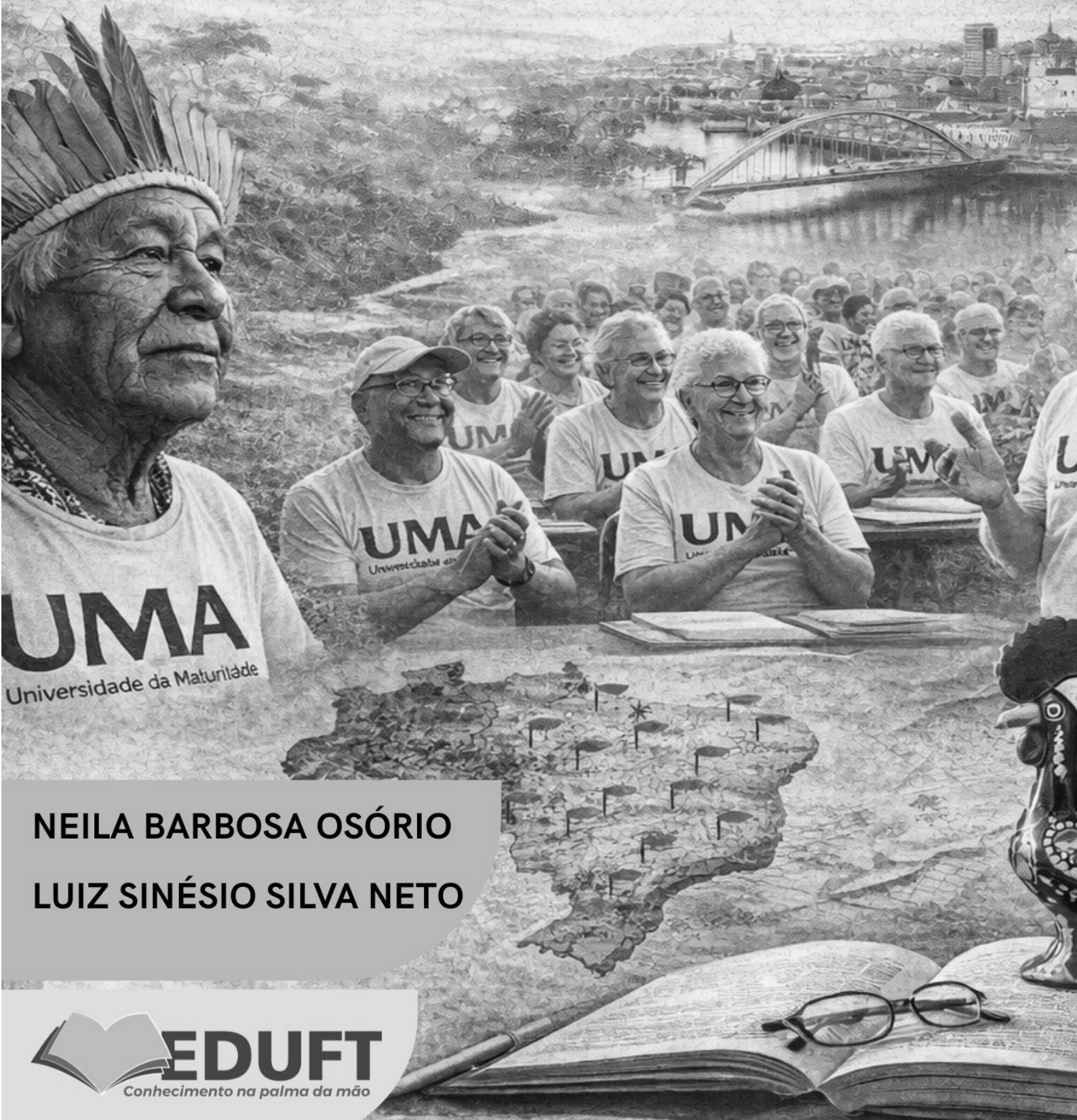


NEILA BARBOSA OSÓRIO

LUIZ SINÉSIO SILVA NETO

UNIVERSIDADE DA MATURIDADE

20 Anos em 22 Polos



NEILA BARBOSA OSÓRIO

LUIZ SINÉSIO SILVA NETO

Neila Barbosa Osório

Luiz Sinésio Silva Neto

Universidade da Maturidade: 20 Anos em 22 Polos

Volume único

Neila Barbosa Osório

Luiz Sinésio Silva Neto

Universidade da Maturidade: 20 Anos em 22 Polos

1ª Edição

Volume único

PALMAS

2026

Universidade Federal do Tocantins

Editora da Universidade Federal do Tocantins - EDUFT

Reitora

Maria Santana Ferreira dos Santos
Milhomem

Vice-reitor

Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)

Carlos Alberto Moreira de Araújo

Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento (PROAP)

Eduardo Andrea Lemus Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis (PROEST)

Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX)

Bruno Barreto Amorim Campos

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEDEP)

Michelle Matilde Semiguel Lima
Trombini Duarte

Pró-Reitora de Graduação (PROGRAD)

Valdirene Gomes dos Santos de
Jesus

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós- Graduação (PROPESQ)

Marcos Vinicius Giongo Alves

Pró-Reitora de Tecnologia e Comunicação (PROTIC)

Olivia Tozzi Bittencourt

Conselho Editorial

Presidente

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes

Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas

Ingrid Pereira de Assis

Interdisciplinar

Wilson Rogério dos Santos

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



<http://www.abeu.org.br>

Capa: Neila Barbosa Osório

Diagramação: Marlon Santos de Oliveira Brito

Revisão Linguística: Os Autores

Revisão Técnica: Nubia Pereira Brito Oliveira

Marileide Carvalho de Souza

DOI: 10.20873//_eduft_2026_05

Copyright © 2026 – Universidade Federal do Tocantins – Todos direitos reservados

www.uft.edu.br

Universidade Federal do Tocantins (UFT) | Câmpus de Palmas
Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte Bloco |
IV, Reitoria
Palmas/TO | 77001-090



Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins**

W388

Universidade da Maturidade [livro eletrônico] 20 Anos em 22 Polos / organização Neila Barbosa Osório [et al.]. Palmas, TO : EdUFT, 2026.
335 p.

ISBN: 978-65-5390-228-2

1. Educação intergeracional 2. Envelhecimento humano 3. Longevidade criativa 4. Universidade da Maturidade. I. Osório, Neila Barbosa II. Neto, Luiz Sinésio Silva III.. Universidade da Maturidade: 20 Anos em 22 Polos.

CDD 980.1

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.



Aos acadêmicos da Universidade da Maturidade,
que nos ensinam diariamente que a longevidade
é criativa quando vivida em comunhão
com todas as gerações.

À minha avó Digna Osório,
guarani de sangue e alma,
que me ensinou a língua do coração
antes de qualquer outra.

"A longevidade criativa está na convivência com todas as gerações."

(Neila Barbosa Osório, 2014)

"Escutar é complicado e sutil."

(Rubem Alves)

"Nhitã nãkre kê waptokwa kê waihârâ."

O conhecimento do ancião ilumina o caminho dos jovens.

(Provérbio Xerente)

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Tocantins, pelo apoio institucional que permitiu a consolidação da Universidade da Maturidade ao longo de vinte anos. A UFT acolheu este projeto desde sua gênese, ao oferecer as condições necessárias para que a educação intergeracional florescesse no coração da Amazônia Legal.

Ao Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, pelo reconhecimento por meio do Prêmio Direitos Humanos 2025 – Edição Luiz Gama e Esperança Garcia, na categoria Garantia dos Direitos da Pessoa Idosa.

À Fundação Banco do Brasil, pela validação da Universidade da Maturidade como Tecnologia Social.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pelo reconhecimento do Grupo Interdisciplinar para Pesquisa e Estudos em Educação Intergeracional e Altas Habilidades (GIPEEIAH) e do Grupo de Pesquisa Envelhecimento Humano (Pro-Gero).

Ao Instituto Politécnico de Leiria, na pessoa dos professores doutores Ricardo Pocinho e Cristóvão Margarido Fonseca, pela supervisão do estágio pós-doutoral sênior internacional.

Aos 137 orientandos que contribuíram para a construção do conhecimento aqui sistematizado.

Aos povos indígenas Xerente, às comunidades quilombolas e a todos os territórios tradicionais que acolheram a metodologia TRAMA VIVA.

Aos acadêmicos da UMA, razão de ser de todo este trabalho.

Finalmente, agradecemos à vida por ter nos permitido chegar até aqui.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho documenta um pouco da trajetória, metodologia e impacto social da Universidade da Maturidade (UMA), tecnologia social vinculada à Universidade Federal do Tocantins. que, ao longo de 20 anos, consolidou-se como referência em educação intergeracional e envelhecimento humano, com atuação na Amazônia Legal, no Pantanal e em Portugal.

A obra está estruturada em doze capítulos articulados de forma progressiva, que se iniciam com a apresentação da fundamentação teórica e conceitual, avançam para a exposição de exemplos práticos de desenvolvimento e de ferramentas aplicáveis em diferentes contextos, e culminam na análise das contribuições da proposta para o fortalecimento e o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), conforme estabelecidos pela Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas.

A estruturação segue lógica que parte da contextualização e dos reconhecimentos, passa pela fundamentação teórica e metodológica, documenta a evolução histórica e a produção científica, e culmina com as inovações inclusivas e as contribuições para o desenvolvimento sustentável.

Desde o Capítulo 1, a obra contextualiza a questão do envelhecimento populacional em suas dimensões mundial, brasileira e tocantinense, apresenta a gênese e o desenvolvimento da UMA, explicita os caminhos percorridos pelos pesquisadores, bem como seus

objetivos e resultados. Ademais, justifica a elaboração do trabalho a partir da metodologia TRAMA VIVA e descreve de forma detalhada a estrutura que organiza o conjunto do trabalho.

O Capítulo 2 dedica-se a documentar os reconhecimentos e as premiações obtidas pela UMA ao longo de sua trajetória institucional. Entre os destaques, evidencia-se o Prêmio Direitos Humanos, recebido em 2025 e concedido pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. O capítulo também apresenta a certificação da UMA como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil, o reconhecimento de suas linhas de pesquisa pelo CNPq, além de outros importantes reconhecimentos institucionais que reafirmam sua relevância acadêmica e social.

O Capítulo 3 desenvolve a fundamentação teórica que sustenta o trabalho da UMA, articulando diferentes referenciais conceituais. Apresenta-se a fenomenologia social de Alfred Schutz e sua aplicabilidade à educação intergeracional, bem como a escutatória, inspirada em Rubem Alves, compreendida como método sensível de escuta e diálogo. Aborda a descoberta do conceito de longevidade criativa, em 2014, e seus fundamentos, a evolução para a noção de longevidade conectada, em 2024, além da discussão sobre os conceitos de educação formal e informal, situando-os no contexto das práticas desenvolvidas pela UMA.

O Capítulo 4 dedica-se ao detalhamento da metodologia TRAMA VIVA, explicitando seus três pilares estruturantes e seus princípios operacionais. São apresentadas a gênese e o processo de desenvolvimento da metodologia, bem como a fundamentação conceitual e as aplicações dos pilares REDE, PILÃO e TRANÇADO. Destaca os princípios operacionais que orientam a prática, tais como a via de mão dupla afetiva, a escutatória, a valorização dos saberes

tradicionais, a integração entre teoria e vivência e o respeito às diferentes temporalidades. Por fim, são descritas as aplicações da metodologia em distintos contextos, evidenciando sua flexibilidade e potência formativa.

O Capítulo 5 apresenta a evolução histórica e institucional da UMA, contemplando desde seus antecedentes e o período formativo inicial até o reconhecimento em âmbito nacional, alcançado em 2025. O capítulo documenta os diferentes períodos de desenvolvimento da instituição, evidenciando os processos de consolidação e expansão, bem como a distribuição territorial dos 22 polos atualmente em funcionamento, localizados na Amazônia Legal, no Pantanal e em Portugal, o que demonstra o alcance e a relevância transnacional da proposta.

O Capítulo 6 dedica-se a documentar a coordenação científica e as linhas de pesquisa que sustentam as ações da UMA. Apresenta-se a estrutura de coordenação compartilhada, o GIPHEIA – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Educação Intergeracional e Altas Habilidades, bem como o Programa de Envelhecimento Humano. O capítulo aborda ainda a supervisão internacional, os processos de formação de pesquisadores e as estratégias de fortalecimento da produção científica, evidenciando o rigor acadêmico e a articulação interdisciplinar que orientam as pesquisas desenvolvidas.

O Capítulo 7 sistematiza a produção científica e os processos de formação de pesquisadores vinculados à UMA. Apresenta-se uma visão geral da produção acadêmica, contemplando as orientações em nível de doutorado, mestrado e especialização, bem como os artigos científicos publicados e a produção apresentada em eventos científicos. O capítulo evidencia, assim, a consolidação do campo de estudos e a

contribuição da UMA para o avanço do conhecimento na área do envelhecimento e da educação intergeracional.

O Capítulo 8 apresenta os treze livros publicados no período de 2022 a 2025, abordando a política editorial que orienta essas publicações e a descrição individual de cada obra. São explicitados os objetivos, os conteúdos desenvolvidos e as principais contribuições de cada livro, evidenciando o papel das produções editoriais na disseminação do conhecimento, no fortalecimento da identidade institucional da UMA e na ampliação do diálogo acadêmico e social.

O Capítulo 9 aborda as inovações inclusivas desenvolvidas pela UMA, evidenciando seu compromisso ético, social e pedagógico com a diversidade e a equidade. O capítulo documenta iniciativas como a UMA Atípica, voltada para crianças e pessoas idosas neurodivergentes; a UMA Libras, direcionada à comunidade surda; a UMA Indígena, desenvolvida junto ao povo Xerente; e a UMA Quilombola, destinada às comunidades remanescentes de quilombos. Essas experiências demonstram a capacidade de adaptação da proposta aos diferentes contextos socioculturais, respeitando identidades, saberes e especificidades dos sujeitos envolvidos.

O Capítulo 10 documenta a Hub Criativa como uma experiência inovadora de economia solidária vinculada à UMA. São apresentados o conceito e a estrutura organizacional do empreendimento, bem como os resultados econômicos alcançados e os diferentes setores produtivos envolvidos. O capítulo também analisa as dimensões educativa, social e de saúde mental associadas à iniciativa, evidenciando seus impactos na promoção da autonomia, do protagonismo e do bem-estar dos participantes.

O Capítulo 11 analisa de forma sistemática as contribuições da UMA para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030. São discutidos os impactos das ações desenvolvidas em relação ao ODS 1, voltado à erradicação da pobreza; ao ODS 3, que trata da promoção da saúde e do bem-estar; ao ODS 4, referente à educação de qualidade; e ao ODS 10, que aborda a redução das desigualdades, entre outros ODS correlatos. O capítulo evidencia como as práticas da UMA dialogam com a agenda global de desenvolvimento sustentável, articulando educação, inclusão social e cidadania.

O Capítulo 12 apresenta as considerações finais da obra, reunindo uma síntese da trajetória histórica e institucional da UMA, os indicadores de excelência alcançados, bem como a análise de seu legado e das perspectivas futuras. O capítulo encerra-se com palavras finais que reafirmam o compromisso ético, social e pedagógico com a educação intergeracional e com a promoção da dignidade de todas as gerações.

Este trabalho não se propõe a esgotar a experiência da UMA, compreendida como um processo vivo, dinâmico e em permanente construção. Seu propósito é, antes, oferecer um registro qualificado do caminho percorrido, das aprendizagens construídas ao longo da trajetória e das perspectivas que se delineiam para o futuro, reafirmando a continuidade e a potência transformadora dessa experiência.

Neila Barbosa Osório

Luiz Sinésio Silva Neto

PREFÁCIO

A obra que o leitor tem em mãos sistematiza uma das experiências mais significativas no campo da educação intergeracional desenvolvidas no Brasil e na América Latina. A Universidade da Maturidade, ao completar vinte anos de funcionamento efetivo, oferece não apenas um programa educacional bem-sucedido, mas uma epistemologia original fundamentada nas realidades da Amazônia Legal, do Pantanal e em diálogo com Portugal.

Conheci o trabalho da Professora Neila Barbosa Osório há alguns anos, quando iniciamos a cooperação acadêmica entre o Instituto Politécnico de Leiria e a Universidade Federal do Tocantins. O que encontrei foi muito mais do que um programa de extensão universitária. Encontrei uma filosofia de vida traduzida em metodologia educativa, um compromisso ético com a dignidade humana transformado em prática cotidiana.

A metodologia TRAMA VIVA, desenvolvida pela Professora Neila ao longo de duas décadas, constitui contribuição genuína para o campo da gerontologia educativa. Os três pilares – REDE, PILÃO e TRANÇADO – não são meras metáforas decorativas, mas categorias analíticas que estruturam coerentemente uma prática educativa comprometida com a transformação social.

O reconhecimento por meio do Prêmio Direitos Humanos 2025, concedido pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania na categoria Garantia dos Direitos da Pessoa Idosa, coroa duas décadas de trabalho incansável.

Recomendo enfaticamente a leitura deste trabalho a pesquisadores, gestores públicos e educadores interessados em compreender como a educação intergeracional pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Prof. Dr. Ricardo Pocinho

Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Supervisor do Pós-Doutorado Sênior Internacional

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	9
APRESENTAÇÃO.....	11
PREFÁCIO.....	16
SUMÁRIO.....	18
CAPÍTULO 1.....	19
PRIMEIRAS PALAVRAS	19
Contextualização do Envelhecimento Populacional.....	19
O Envelhecimento no Contexto Mundial.....	21
O Envelhecimento no Brasil	24
O Envelhecimento no Tocantins	27
Direitos da Pessoa Idosa no Ordenamento Jurídico Brasileiro ..	29
Desafios e Oportunidades do Envelhecimento	32
NOVOS SENTIDOS PARA O ENVELHECER.....	35
A Universidade da Maturidade: Gênese e Desenvolvimento.....	35
Período de Especialização e Consolidação (2004-2015)	37
Período de Transição Paradigmática (2014-2016)	39
Período de Expansão e Inovação (2017-2024).....	41
Período de Reconhecimento Nacional (2025).....	43
MOAGENS, TRAMAS E QUESTÕES DA EXPERIÊNCIA.....	45
Indagações e Objetivos.....	45
O que se Busca Desvelar	46
Técnicas que Sustentam a TRAMA.....	48
Dados Demográficos Detalhados do Envelhecimento	51
CONCEITOS DE ALFRED SCHUTZ.....	57
Fundamentos Fenomenológicos da Experiência Formativa	57
Metodologias Participativas na Educação de Adultos	59
Marcos Legais e Políticas de Envelhecimento no Brasil	62
CAPÍTULO 2.....	65
RECONHECIMENTOS E PREMIAÇÕES	65
O Prêmio Direitos Humanos 2025.....	65
Parâmetros de Seleção e Avaliação do Prêmio.....	67
Sentido Institucional do Prêmio	70
Certificação como Tecnologia Social	72
Organização das Linhas de Pesquisa	74

Outros Reconhecimentos Institucionais.....	77
CAPÍTULO 3.....	80
BASES CONCEITUAIS DA LONGEVIDADE CRIATIVA.....	80
Fenomenologia Social e Educação Intergeracional.....	80
A Escutatória como Método	84
A Descoberta da Longevidade Criativa.....	88
Fundamentos da Longevidade Criativa	91
A Evolução para Longevidade Conectada	94
Articulação entre Educação Formal e Informal na UMA.....	96
O Paradigma do Envelhecimento Ativo e suas Limitações.....	99
Gerontologia Educativa: Campo de Conhecimento e Prática..	102
Metodologias de Pesquisa em Educação Intergeracional	104
Teoria das Relações Intergeracionais	106
CAPÍTULO 4.....	108
METODOLOGIA TRAMA VIVA.....	109
Gênese e Desenvolvimento da Metodologia	109
OS TRÊS PILARES DA TRAMA VIVA.....	111
A REDE	112
O PILÃO	115
O TRANÇADO	117
PRINCÍPIOS OPERACIONAIS DA TRAMA VIVA	120
Via de Mão Dupla Afetiva.....	120
Escutatória	121
Valorização dos Saberes Tradicionais.....	122
Integração Teoria-Vivência	124
Respeito às Temporalidades.....	124
APLICAÇÕES EM DIFERENTES CONTEXTOS	125
Urbano	126
Indígena Xerente	126
Quilombola	127
Internacional - Portugal.....	127
EXPERIÊNCIAS EMBLEMÁTICAS DA UMA	128
A Transformação pela Educação	128
Saberes Ancestrais na Universidade.....	129
Comunidade de Malhadinha – Educação Quilombola	130
Programa UMA Atípica – Encontros que Transformam.....	132
A UMA E OUTRAS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL .	133
Universidades da Terceira Idade no Brasil.....	133
Experiências Internacionais de Educação Intergeracional	135
Impactos na Saúde: Evidências e Análises	136

Vozes dos Acadêmicos: Depoimentos Sistematizados.....	139
Os Territórios da UMA: Amazônia Legal e Pantanal.....	141
PROJEÇÕES E PERSPECTIVAS FUTURAS DA UMA.....	143
Expansão Territorial	143
Aprofundamento das Vertentes Inclusivas.....	144
Fortalecimento da Produção Científica.....	146
Formação Policial para Proteção de Pessoas Idosas.....	147
Longevidade Conectada: Análise Aprofundada	149
DOCUMENTAÇÃO DE SABERES TRADICIONAIS: METODOLOGIA E RESULTADOS.....	151
Salvaguarda dos Saberes Tradicionais.....	151
O Patrimônio Cultural Imaterial.....	153
Formação de Educadores para Educação Intergeracional.....	154
Articulação com Políticas Públicas de Envelhecimento.....	155
Tecnologias Sociais: Conceito e Aplicação na UMA.....	158
CAPÍTULO 5.....	161
EVOLUÇÃO HISTÓRICA E INSTITUCIONAL.....	161
Antecedentes e Período Formativo (2002-2004).....	161
Período de Especialização e Consolidação (2004-2015)	165
Período de Transição Paradigmática (2014-2016)	169
Período de Expansão e Inovação (2017-2024).....	172
Período de Reconhecimento Nacional (2025).....	178
CAPÍTULO 6.....	184
COORDENAÇÃO CIENTÍFICA E LINHAS DE PESQUISA.....	184
Estrutura Intergeracional de Coordenação	184
Programa de Envelhecimento Humano.....	191
Supervisão Internacional.....	194
Formação de Pesquisadores	196
Educação Intergeracional e Cultura de Paz	199
Cooperação Internacional em Educação Intergeracional	202
Ética na Pesquisa com Pessoas Idosas e Povos Tradicionais ..	204
CAPÍTULO 7.....	208
PRODUÇÃO CIENTÍFICA E FORMAÇÃO DE PESQUISADORES.....	208
Visão Geral da Produção Científica	208
Orientações de Pós-Graduação.....	209
Publicações Científicas.....	213
A Extensão Universitária no Brasil: Contexto Histórico.....	215
Caracterização dos Polos da UMA	217
Impactos Documentados da Universidade da Maturidade	220
Parceiros Institucionais da Universidade da Maturidade.....	223

CAPÍTULO 8.....	226
LIVROS PUBLICADOS.....	226
Política Editorial.....	226
Experiências Intergeracionais na Amazônia	227
100 Anos de Vida!.....	227
Educação Intergeracional e Gerontologia na Amazônia.....	228
Brincadeiras com a Boiuna da Amazônia	228
Anais do Encontro Nacional da UMA.....	229
GeronTOcantins.....	229
Material Didático de Formação de Professores da UMA.....	229
A Primeira Universidade da Maturidade Indígena	229
Neila Osório: um legado em vida.....	230
Envelhecimento Ativo e Educação ao Longo da Vida.....	230
Universidade da Maturidade: Caminhos Formativos.....	230
Educação e Tecnologias Sociais na UMA (Volumes I e II).....	231
ASPECTOS ESPECÍFICOS DA METODOLOGIA TRAMA VIVA.....	231
O Acolhimento como Primeiro Movimento	231
As Rodas de Conversa como Método.....	232
As Oficinas Práticas como Espaço de Aprendizagem	234
Comunicação e Divulgação do Trabalho da UMA.....	235
Materiais Impressos e Publicações	235
Presença Digital e Redes Sociais.....	236
Relacionamento com a Mídia.....	237
Celebrações e Rituais na Universidade da Maturidade	238
Formaturas e Certificações.....	238
Aniversários e Datas Comemorativas.....	239
Rituais de Passagem.....	240
Visão de Futuro para a Educação Intergeracional.....	240
CAPÍTULO 9.....	243
INOVAÇÕES INCLUSIVAS.....	243
O Compromisso com a Inclusão.....	243
UMA Atípica.....	244
UMA Libras	245
UMA Indígena	247
UMA Quilombola	248
CAPÍTULO 10	250
HUB CRIATIVA.....	250
Conceito e Estrutura	250
Setores Alcançados.....	252
Dimensão de Saúde Mental.....	253

CAPÍTULO 11	255
CONTRIBUIÇÕES PARA OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.....	255
A Agenda 2030 e a UMA.....	255
Erradicação da Pobreza	256
ODS 3 – Saúde e Bem-estar.....	257
ODS 4 – Educação de Qualidade.....	257
ODS 10 – Redução das Desigualdades.....	258
Outras Contribuições.....	259
CAPÍTULO 12	261
CONSIDERAÇÕES FINAIS	261
Síntese da Trajetória	261
Indicadores de Excelência.....	262
Legado e Perspectivas	263
Palavras Finais	264
APÊNDICE A	267
DETALHAMENTO DOS 22 POLOS DA UMA.....	267
Polo Palmas - Tocantins - Amazônia.....	267
Polos com Governos Municipais - Tocantins - Amazônia.....	268
Polos de Tocantínia - Tocantins - Amazônia.....	270
Polos de Brejinho de Nazaré - Tocantins - Amazônia	271
Demais Polos Tocantinenses.....	273
Polo de Dourados - Mato Grosso do Sul – Pantanal.....	274
Polo de Campo Grande - Mato Grosso do Sul – Pantanal	275
Polo de Jaraguari - Furnas Dionísio - Mato Grosso do Sul – Pantanal	277
Polo Internacional em Soure - Portugal.....	278
APÊNDICE B	281
HISTÓRIAS DE VIDA DE ACADÊMICOS DA UMA.....	281
Introdução às Histórias de Vida.....	281
Dona Maria das Graças, 78 anos – Palmas	281
Seu Francisco Xerente, 82 anos – Tocantínia	282
Dona Antônia - 76 anos – Quilombola em Malhadinha.....	283
Senhor José, 85 anos – Campo Grande.....	284
Dona Helena, 68 anos – Soure, Portugal	285
APÊNDICE C	286
CATÁLOGO DE ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS	286
TESES DE DOUTORADO	286
Metodologias de Educação Intergeneracional na Amazônia Legal	287
Saberes Tradicionais Quilombolas e Educação Intergeneracional	

.....	287
Envelhecimento no Povo Indígena Xerente.....	288
Capacidade Funcional em Pessoas Idosas.....	289
Promoção da Saúde em Comunidades Tradicionais Amazônicas	289
Longevidade Criativa e Convivência Intergeracional.....	290
Políticas Públicas de Atenção à Pessoa Idosa no Tocantins	291
DISSERTAÇÕES DE MESTRADO.....	291
Percepções de Acadêmicos sobre Educação Intergeracional.....	292
Qualidade de Vida em Participantes da UMA.....	292
Saberes Tradicionais de Comunidades Ribeirinhas	292
Tecnologias Digitais e Inclusão de Pessoas Idosas	293
Relações Intergeracionais em Famílias Tocantinenses.....	293
APÊNDICE D.....	295
MATERIAIS DIDÁTICOS DESENVOLVIDOS	295
Manual do Educador TRAMA VIVA.....	295
Módulos Temáticos.....	296
Módulo Saúde e Qualidade de Vida	296
Módulo Memória e História de Vida	296
Módulo Direitos e Cidadania	297
Módulo Tecnologias Digitais.....	297
Módulo Cultura e Expressão	297
REFERÊNCIAS.....	299
SOBRE OS ORGANIZADORES	304
Neila Barbosa Osório.....	304
Luiz Sinésio Silva Neto.....	305

CAPÍTULO 1

PRIMEIRAS PALAVRAS

Contextualização do Envelhecimento Populacional

O envelhecimento populacional constitui um dos fenômenos demográficos mais significativos do século XXI e demanda respostas institucionais que transcendam modelos assistencialistas tradicionais. A transição demográfica mundial, caracterizada pela redução das taxas de fecundidade e pelo aumento da expectativa de vida, produz sociedades progressivamente mais longevas, exigindo novas formas de organização social, novos paradigmas educacionais e novas políticas públicas. Este fenômeno, inicialmente observado nos países europeus e norte-americanos, estende-se hoje a praticamente todas as regiões do planeta, incluindo a América Latina e o Brasil.

A transição demográfica que o mundo atravessa não tem precedentes na história da humanidade. Pela primeira vez, a proporção de pessoas idosas na população mundial supera a de crianças menores de cinco anos.

As projeções das Nações Unidas indicam que, até 2050, uma em cada seis pessoas no mundo terá mais de 65 anos, comparado a uma em cada onze em 2019. Este envelhecimento acelerado impõe desafios complexos aos sistemas de saúde, previdência, educação e assistência

social, ao mesmo tempo em que abre oportunidades para reconfiguração das relações intergeracionais.

O aumento da expectativa de vida representa conquista civilizatória extraordinária. Os avanços na medicina, na saúde pública, na nutrição e nas condições gerais de vida permitiram que milhões de pessoas alcancem idades antes inimagináveis. A expectativa de vida ao nascer, que era de aproximadamente 30 anos no início do século XX, ultrapassa hoje os 70 anos em média mundial e supera os 80 anos nos países mais desenvolvidos. Este ganho de longevidade, contudo, não se distribui equitativamente entre países e grupos sociais, refletindo as desigualdades estruturais que marcam o mundo contemporâneo.

O envelhecimento populacional resulta da combinação de dois processos interdependentes: a redução da mortalidade, especialmente infantil, e a diminuição das taxas de fecundidade. O primeiro processo amplia a proporção de pessoas que sobrevivem até idades avançadas; o segundo reduz a entrada de novos membros na base da pirâmide etária. A conjugação desses fatores produz transformação progressiva da estrutura etária, com aumento relativo e absoluto da população idosa e redução proporcional da população jovem.

A compreensão adequada do envelhecimento populacional requer perspectiva multidimensional que articule aspectos demográficos, epidemiológicos, sociológicos, econômicos e culturais. Do ponto de vista demográfico, o envelhecimento manifesta-se como alteração da estrutura etária da população, com aumento da idade mediana e da proporção de pessoas em idades avançadas. Do ponto de vista epidemiológico, observa-se transição no perfil de morbimortalidade, com predominância crescente de doenças crônicas não transmissíveis sobre as doenças infecciosas e parasitárias.

Do ponto de vista sociológico, o envelhecimento populacional implica transformações nas estruturas familiares, nas relações intergeracionais, nas formas de cuidado e nos papéis sociais atribuídos às diferentes idades. Do ponto de vista econômico, observam-se impactos sobre os mercados de trabalho, sobre os sistemas previdenciários e sobre os padrões de consumo. Do ponto de vista cultural, emergem novos significados atribuídos ao envelhecer, novas representações da velhice e novas expectativas quanto aos modos de viver as idades avançadas.

O Envelhecimento no Contexto Mundial

O envelhecimento populacional manifesta-se de forma diferenciada nas diversas regiões do mundo, refletindo trajetórias históricas, econômicas e sociais distintas. Os países europeus, pioneiros na transição demográfica, apresentam as maiores proporções de pessoas idosas: Itália, Alemanha e Japão destacam-se com mais de 20% da população acima de 65 anos. Nestes contextos, o envelhecimento ocorreu gradualmente, ao longo de mais de um século, permitindo adaptações progressivas das estruturas sociais e econômicas.

O Japão constitui caso emblemático das implicações do envelhecimento acelerado. Com mais de 28% da população acima de 65 anos e expectativa de vida superior a 84 anos, o país enfrenta desafios inéditos: escassez de força de trabalho, pressão sobre os sistemas de saúde e previdência, e necessidade de reconfiguração das relações intergeracionais. As respostas japonesas incluem investimentos em robótica para cuidado de pessoas idosas, políticas de

incentivo à permanência no mercado de trabalho e programas intergeracionais que buscam fortalecer os laços entre avós e netos.

A Europa continental apresenta padrões diferenciados conforme as regiões. Os países nórdicos – Suécia, Noruega, Dinamarca e Finlândia – combinam altas proporções de pessoas idosas com sistemas robustos de proteção social que garantem qualidade de vida na velhice. Os países do sul da Europa – Itália, Espanha, Portugal e Grécia – enfrentam desafios adicionais relacionados a crises econômicas e a fragilidades dos sistemas de proteção social. Os países do leste europeu, como Polônia, Hungria e Romênia, atravessam processo de envelhecimento agravado pela emigração de jovens para países mais ricos.

A América do Norte apresenta perfil distinto. Os Estados Unidos, apesar de país desenvolvido, têm estrutura etária menos envelhecida que a europeia, em razão de taxas de fecundidade relativamente mais altas e de fluxos migratórios contínuos. O Canadá aproxima-se do perfil europeu, com políticas de imigração que buscam compensar parcialmente os efeitos do envelhecimento sobre a força de trabalho.

A Ásia apresenta heterogeneidade significativa. Enquanto o Japão e a Coreia do Sul estão entre os países mais envelhecidos do mundo, nações populosas como Índia e Indonésia mantêm estruturas etárias jovens, embora em processo de transição. A China, com sua política de filho único vigente entre 1979 e 2015, enfrenta envelhecimento acelerado que desafia seus sistemas de proteção social ainda em desenvolvimento. Os países do sudeste asiático – Tailândia, Vietnã, Malásia – atravessam transições demográficas em diferentes estágios.

A África subsaariana permanece como exceção no panorama global de envelhecimento. Com taxas de fecundidade ainda elevadas e

expectativa de vida reduzida por doenças infecciosas, a região mantém estrutura etária predominantemente jovem. Contudo, projeções indicam que o continente africano também envelhecerá nas próximas décadas, à medida que avançarem as melhorias em saúde pública e as transições econômicas e sociais.

Os países em desenvolvimento, incluindo o Brasil, vivenciam processo de envelhecimento mais recente e acelerado. Enquanto a França levou mais de um século para que sua população idosa passasse de 7% para 14% do total, o Brasil fará essa transição em aproximadamente duas décadas.

Esta velocidade impõe desafios específicos: as estruturas sociais, econômicas e institucionais têm menos tempo para se adaptar, e o envelhecimento ocorre em contextos de desigualdade persistente e de sistemas de proteção social ainda em consolidação.

A América Latina apresenta heterogeneidade significativa em seus perfis demográficos. Países como Uruguai, Argentina e Cuba, com transição demográfica mais avançada, já enfrentam os desafios de populações envelhecidas. Outros, como Guatemala e Honduras, ainda apresentam estruturas etárias jovens. O Brasil, como maior país da região, situa-se em posição intermediária, mas com processo de envelhecimento em aceleração que o aproxima rapidamente dos perfis mais envelhecidos nas próximas décadas.

O envelhecimento populacional tem implicações geopolíticas significativas. Países com populações envelhecidas tendem a apresentar menor dinamismo econômico, maiores gastos com proteção social e potencialmente menor peso relativo no cenário internacional. Por outro lado, podem dispor de sociedades mais estáveis, com menor pressão sobre recursos naturais e com acúmulo de capital humano e experiência. A redistribuição do poder global nas próximas décadas será influenciada, entre outros fatores, pelas diferentes trajetórias demográficas das nações.

O Envelhecimento no Brasil

No Brasil, o processo de envelhecimento populacional assume características específicas que demandam análise contextualizada. Diferentemente dos países europeus, que envelheceram ao longo de mais de um século em contextos de desenvolvimento econômico e social consolidado, o Brasil envelhece rapidamente em meio a desigualdades estruturais persistentes. A população com sessenta anos ou mais, que representava 8,6% do total em 2000, passou a 14,7% em 2020 e deverá ultrapassar 30% até 2050, segundo projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A transição demográfica brasileira iniciou-se na década de 1940 com a redução da mortalidade, especialmente infantil, decorrente de avanços na saúde pública e nas condições sanitárias. A partir da década de 1960, a fecundidade começou a declinar, inicialmente nas regiões mais urbanizadas e entre os estratos socioeconômicos mais elevados, generalizando-se posteriormente para todo o país. A taxa de

fecundidade total, que era de 6,3 filhos por mulher em 1960, caiu para 1,7 em 2020, abaixo do nível de reposição populacional.

O Censo Demográfico de 2022 revelou que o Brasil possui 32,1 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, representando 15,6% da população total. Este contingente equivale à população inteira de países como Peru ou Venezuela. As projeções indicam que, em 2060, as pessoas idosas serão 25,5% da população brasileira, superando 58 milhões de pessoas. O país está deixando de ser uma nação jovem para se tornar uma sociedade de cabelos brancos, com todas as implicações sociais, econômicas e culturais que isso acarreta.

O envelhecimento brasileiro é marcado por profundas desigualdades. A expectativa de vida varia significativamente entre estados, municípios e grupos sociais. Enquanto habitantes de bairros nobres de São Paulo podem esperar viver mais de 80 anos, moradores de periferias e regiões mais pobres têm expectativas de vida até 20 anos menores. As desigualdades de gênero também são expressivas: mulheres vivem em média sete anos mais que homens, mas frequentemente em condições de maior vulnerabilidade econômica e social.

A feminização da velhice constitui característica marcante do envelhecimento brasileiro. Entre a população idosa, as mulheres são maioria: 56% das pessoas com 60 anos ou mais são mulheres. Esta proporção aumenta com a idade: entre as pessoas idosas, com 80 anos ou mais, as mulheres representam quase dois terços do total. A maior longevidade feminina, contudo, não se traduz necessariamente em melhor qualidade de vida. Muitas mulheres idosas vivem em condições de pobreza, solidão e dependência, reflexo de trajetórias de vida marcadas pela desigualdade de gênero.

As desigualdades regionais no envelhecimento brasileiro são pronunciadas. A região Sul apresenta a maior proporção de pessoas idosas, refletindo transição demográfica mais avançada e melhores indicadores de saúde. O Sudeste, especialmente São Paulo, concentra o maior contingente absoluto de pessoas idosas. O Norte e o Nordeste, embora com proporções menores de pessoas idosas, enfrentam desafios adicionais relacionados à pobreza, ao acesso limitado a serviços de saúde e às fragilidades das redes de proteção social.

O envelhecimento da população brasileira ocorre simultaneamente a outras transformações demográficas significativas. A urbanização acelerada concentrou a maior parte da população em cidades, alterando padrões de moradia, de convivência familiar e de acesso a serviços.

A redução do tamanho das famílias diminuiu o número de potenciais cuidadores para cada pessoa idosa. O aumento da participação feminina no mercado de trabalho reconfigurou as dinâmicas de cuidado que tradicionalmente recaíam sobre as mulheres.

As transformações no mercado de trabalho afetam diretamente a experiência de envelhecimento. A aposentadoria, que historicamente marcava a passagem para a velhice, perde seu caráter definitivo à medida que muitas pessoas idosas permanecem ou retornam ao trabalho, seja por necessidade econômica, seja por desejo de manter-se ativos. O trabalho informal, predominante no Brasil, implica que

muitos trabalhadores chegam à velhice sem proteção previdenciária adequada.

A saúde da população idosa brasileira apresenta perfil epidemiológico característico de países em transição. Doenças crônicas não transmissíveis – como diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares e demências – predominam como causas de morbidade e mortalidade. Ao mesmo tempo, persistem agravos relacionados à pobreza, como desnutrição e doenças infecciosas. A coexistência desses perfis gera demandas complexas sobre os serviços de saúde.

O Sistema Único de Saúde enfrenta desafios crescentes para atender às necessidades da população idosa. A atenção primária, porta de entrada preferencial do sistema, nem sempre está preparada para lidar com as especificidades do envelhecimento. A atenção especializada em geriatria e gerontologia é escassa, especialmente fora dos grandes centros. Os serviços de cuidados de longa duração, essenciais para pessoas idosas com dependência funcional, são insuficientes e frequentemente inadequados.

O Envelhecimento no Tocantins

O Tocantins, estado mais jovem da federação brasileira, criado em 1988, apresenta dinâmica demográfica peculiar que merece análise específica. Com população predominantemente jovem e território extenso na Amazônia Legal, o estado vivencia processo de envelhecimento acelerado que exige respostas institucionais inovadoras. A criação da Universidade Federal do Tocantins em 2003 e

a subsequente implementação da Universidade da Maturidade em 2004 representam exemplos de respostas institucionais a este desafio emergente.

O Tocantins possui características demográficas que o distinguem de outras unidades da federação. Com idade mediana de 29 anos, a população tocantinense é mais jovem que a média brasileira. Contudo, a proporção de pessoas idosas vem crescendo rapidamente: de 5,8% em 2000 para 9,7% em 2022. As projeções indicam que o estado alcançará 18% da população idosa até 2040, aproximando-se dos níveis hoje observados nas regiões Sul e Sudeste.

A distribuição territorial da população idosa no Tocantins apresenta padrões específicos. A capital Palmas, cidade planejada inaugurada em 1989, atrai migrantes de diversos estados e concentra população relativamente mais jovem. Os municípios do interior, especialmente aqueles com menor dinamismo econômico, apresentam proporções mais elevadas de pessoas idosas, resultado da emigração de jovens em busca de oportunidades de trabalho e estudo. Esta distribuição desigual impõe desafios específicos para a implementação de políticas públicas de atenção à pessoa idosa.

A presença de povos indígenas no Tocantins acrescenta complexidade ao cenário demográfico. Os povos Xerente, Krahô, Apinajé, Javaé e Karajá, entre outros, mantêm dinâmicas demográficas próprias e formas específicas de organização social que incluem papéis bem definidos para os anciãos. A educação intergeracional, nestes contextos, assume configurações distintas daquelas observadas na sociedade não-indígena, demandando abordagens culturalmente sensíveis.

As comunidades quilombolas tocaninenses também apresentam especificidades relevantes. O estado abriga dezenas de comunidades remanescentes de quilombos, muitas das quais em processo de certificação e titulação de terras. Nestas comunidades, as pessoas idosas ocupam papel central como guardiões da memória coletiva, dos saberes tradicionais e das práticas culturais que fundamentam a identidade quilombola. A valorização deste papel constitui dimensão essencial de qualquer proposta de educação intergeracional nestes contextos.

A economia tocaninense, baseada principalmente na agropecuária e nos serviços, oferece oportunidades limitadas de trabalho formal para pessoas idosas. Muitas pessoas idosas do estado dependem de benefícios previdenciários e assistenciais, especialmente do Benefício de Prestação Continuada. A informalidade no mercado de trabalho implica que parcela significativa chega à velhice sem proteção previdenciária adequada, dependendo de transferências familiares ou governamentais.

Os serviços de saúde no Tocantins enfrentam desafios específicos relacionados à extensão territorial e à dispersão populacional. A atenção especializada concentra-se em Palmas e em alguns poucos municípios de maior porte, obrigando pessoas idosas de cidades menores a deslocamentos longos e onerosos para acesso a serviços. A atenção primária, embora presente em todo o território, nem sempre dispõe de recursos e capacitação adequados para atender às especificidades do envelhecimento.

A rede de proteção social para pessoas idosas no Tocantins inclui os serviços tipificados do Sistema Único de Assistência Social, como Centros de Referência de Assistência Social e Centros de Referência Especializados de Assistência Social, além de iniciativas da sociedade

civil e de programas específicos como a Universidade da Maturidade. A articulação entre estas instâncias é desafio permanente para garantir atenção integral às necessidades da população idosa.

Direitos da Pessoa Idosa no Ordenamento Jurídico Brasileiro

O ordenamento jurídico brasileiro desenvolveu, especialmente a partir da Constituição Federal de 1988, o sistema de proteção dos direitos da pessoa idosa que é considerado avançado em perspectiva comparada. A compreensão deste sistema é relevante para situar o trabalho da UMA no contexto mais amplo da garantia de direitos.

A Constituição Federal de 1988 estabeleceu, em seu artigo 230, que a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida. O parágrafo primeiro determina que os programas de amparo às pessoas idosas serão executados preferencialmente em seus lares. O parágrafo segundo assegura gratuidade nos transportes coletivos urbanos aos maiores de sessenta e cinco anos.

A Política Nacional da Pessoa Idosa, Lei nº 8.842/1994, regulamentada pelo Decreto nº 1.948/1996, entre seus princípios: a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar à pessoa idosa os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida; o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos; a pessoa idosa não deve sofrer discriminação de qualquer natureza.

O Estatuto da Pessoa Idosa, Lei nº 10.741/2003, posteriormente renomeado para Estatuto da Pessoa Idosa pela Lei nº 14.423/2022, é o principal diploma legal de proteção dos direitos das pessoas idosas no Brasil. O Estatuto estabelece direitos fundamentais como: direito à vida; direito à liberdade, ao respeito e à dignidade; direito a alimentos; direito à saúde; direito à educação, cultura, esporte e lazer; direito à profissionalização e ao trabalho; direito à previdência social; direito à assistência social; direito à habitação; direito ao transporte.

O direito à educação, especificamente, é tratado nos artigos 20 a 25 do Estatuto da Pessoa Idosa. O artigo 20 estabelece que a pessoa idosa tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversão, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.

O artigo 21 determina que o Poder Público criará oportunidades de acesso da pessoa idosa à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

O artigo 22 estabelece que nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização da pessoa idosa, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria. O artigo 25 estabelece que o Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a

publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados à pessoa idosa, que facilitem a leitura.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146/2015, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, embora não específica para pessoas idosas, aplica-se a muitas pessoas idosas que apresentam deficiências. A lei estabelece direitos amplos de acessibilidade, educação, saúde, trabalho, entre outros, que beneficiam pessoas idosas com deficiência.

No âmbito do Sistema Único de Saúde, a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, Portaria nº 2.528/2006, estabelece diretrizes para atenção integral à saúde desta população. A política enfatiza promoção do envelhecimento ativo e saudável, atenção integral e integrada à saúde da pessoa idosa, estímulo às ações intersetoriais, fortalecimento do controle social, e divulgação e informação sobre a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa para profissionais de saúde, gestores e usuários do SUS.

No Sistema Único de Assistência Social, os serviços de convivência e fortalecimento de vínculos para pessoas idosas integram a proteção social básica. Estes serviços, ofertados nos Centros de Referência de Assistência Social, visam prevenir situações de risco social, promover o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, desenvolver o convívio social e a sociabilidade. A UMA articula-se com estes serviços em alguns dos municípios onde atua.

O Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa, criado pela Lei nº 8.842/1994, é órgão de controle social que acompanha e avalia a política nacional da pessoa idosa. O conselho é composto paritariamente por representantes governamentais e da sociedade civil, e constitui espaço de participação social na formulação e no

controle de políticas públicas. Conselhos estaduais e municipais de direitos da pessoa idosa existem em muitas unidades da federação e municípios.

Desafios e Oportunidades do Envelhecimento

O envelhecimento populacional impõe desafios significativos aos sistemas de saúde, previdência e assistência social. O aumento da prevalência de doenças crônicas não transmissíveis – como diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares e demências, pressiona os serviços de saúde e eleva os custos do cuidado. Os sistemas previdenciários enfrentam desequilíbrios crescentes entre contribuintes ativos e beneficiários aposentados. A demanda por cuidados de longa duração cresce em contexto de redução do tamanho das famílias e de aumento da participação feminina no mercado de trabalho.

Contudo, o envelhecimento populacional também abre oportunidades significativas. Sociedades mais longevas dispõem de capital humano acumulado – conhecimentos, experiências, habilidades – que pode ser mobilizado em benefício coletivo. As pessoas idosas não são apenas receptores de cuidados e benefícios, mas potenciais contribuintes para a economia, para a cultura, para a educação e para a coesão social. A chamada economia prateada representa um mercado crescente de produtos e serviços voltados ao público mais velho, com potencial de geração de empregos e renda.

A reconceituação do envelhecimento como oportunidade, e não apenas como problema, constitui mudança paradigmática ainda em

curso. Os conceitos de envelhecimento ativo, envelhecimento saudável e envelhecimento bem-sucedido, desenvolvidos nas últimas décadas, buscam superar visões deficitárias que reduzem a velhice a declínio e dependência. A longevidade criativa, conceito desenvolvido pela Universidade da Maturidade, inscreve-se neste movimento de ressignificação, propondo que o envelhecer pode ser processo de criação contínua de novas formas de ser e de estar no mundo.

A educação intergeracional surge, neste contexto, como campo de conhecimento e prática que reconhece o potencial educativo da convivência entre diferentes gerações.

Fundamentada no princípio da longevidade criativa, esta abordagem rompe com paradigmas que tratam o envelhecimento como declínio ou problema a ser gerenciado, propondo em seu lugar uma visão do processo de envelhecer como oportunidade de desenvolvimento humano contínuo e de contribuição para a sociedade.

Os desafios do envelhecimento populacional exigem respostas articuladas em múltiplas dimensões. Na dimensão das políticas públicas, são necessários investimentos em saúde, educação, assistência social e previdência que respondam às necessidades específicas da população idosa. Na dimensão econômica, é preciso repensar os modelos de financiamento da proteção social e criar oportunidades de participação produtiva para pessoas idosas que desejem e possam trabalhar.

Na dimensão cultural, é necessário combater o idadismo – conjunto de estereótipos, preconceitos e discriminações baseados na idade – que desvaloriza pessoas idosas e limita suas possibilidades de participação social. Na dimensão das relações intergeracionais, é preciso criar condições para convivência significativa entre diferentes gerações, superando a segregação etária que caracteriza muitas sociedades contemporâneas.

A Universidade da Maturidade, objeto deste trabalho, representa a resposta institucional a estes desafios e oportunidades. Ao longo de duas décadas, o programa desenvolveu metodologias próprias, formou pesquisadores, produziu conhecimento científico e transformou a vida de milhares de pessoas idosas em três territórios distintos. A experiência acumulada oferece lições relevantes para outras iniciativas que busquem promover educação intergeracional e longevidade criativa.

NOVOS SENTIDOS PARA O ENVELHECER

A Universidade da Maturidade: Gênese e Desenvolvimento

A Universidade da Maturidade da UFT desenvolveu, ao longo de vinte anos de funcionamento efetivo entre 2004 e 2025, metodologias próprias, formou pesquisadores e produziu conhecimento científico sistematizado sobre educação intergeracional e envelhecimento humano. Com atuação na Amazônia Legal, no Pantanal e em Portugal, a UMA demonstra a replicabilidade de sua metodologia em contextos

socioculturais diversos, que vão dos territórios indígenas Xerente até cidades portuguesas.

A gênese da UMA remonta ao doutorado concluído em 2002 pela Universidade Federal de Santa Maria, quando foram desenvolvidas as primeiras reflexões sistemáticas sobre educação de pessoas idosas no contexto brasileiro.

A tese doutoral, intitulada "Universidade Aberta para a Terceira Idade: uma avaliação crítica", analisou experiências existentes no Brasil e no mundo, identificando limitações e potencialidades que orientaram o desenvolvimento de proposta própria.

O período entre 2002 e 2004 caracterizou-se pela formação preparatória em gerontologia e pela articulação institucional necessária à criação do programa. Foram realizadas visitas técnicas a universidades da terceira idade em diferentes estados brasileiros, participação em congressos de gerontologia e educação, e diálogos com gestores e pesquisadores do campo. Este período de imersão permitiu identificar as especificidades que uma proposta desenvolvida no Tocantins deveria contemplar.

A escolha do Tocantins como locus de implementação não foi casual. O estado recém-criado, com universidade federal também recente, oferecia terreno propício para inovação. A ausência de tradição estabelecida em educação de pessoas idosas poderia ser vista como limitação, mas foi reinterpretada como oportunidade: seria possível

desenvolver proposta original, sem o peso de modelos prévios a serem reproduzidos ou superados. A Amazônia Legal, com suas especificidades culturais, territoriais e populacionais, demandava abordagem própria.

Em 2004, a Universidade da Maturidade foi oficialmente instituída na UFT como programa de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários. O nome escolhido – Universidade da Maturidade – reflete posicionamento conceitual deliberado: o termo "maturidade" foi escolhido por enfatizar a dimensão de desenvolvimento e plenitude, contrapondo-se a nomenclaturas que remetem a etapas finais ou declínio.

A vinculação institucional à UFT conferiu ao programa legitimidade acadêmica e acesso a recursos humanos e materiais essenciais para seu desenvolvimento. A universidade, também jovem e em processo de consolidação, mostrou-se receptiva a iniciativas inovadoras que respondessem às necessidades da região. A extensão universitária, compreendida como via de mão dupla entre universidade e sociedade, ofereceu enquadramento adequado para o programa.

Os primeiros anos de funcionamento foram de experimentação, aprendizado e construção. As metodologias foram sendo desenvolvidas no fazer cotidiano, testadas na prática, refinadas a partir da observação dos resultados. Os primeiros acadêmicos – pessoas idosas que confiaram na proposta ainda incipiente – foram parceiros essenciais neste processo de construção. Suas contribuições, suas críticas, suas sugestões moldaram o programa tanto quanto as reflexões teóricas.

A decisão de oferecer Especialização em Gerontologia representou estratégia deliberada de formação de massa crítica. Entre 2004 e 2015, nove turmas formaram 59 especialistas, muitos dos quais

seguiram para mestrado e doutorado. Esta formação criou uma rede de pesquisadores e educadores que seria fundamental para a expansão e consolidação do programa. Os trabalhos de conclusão de curso geraram acervo de 280 artigos que documentam diferentes aspectos da experiência inicial.

Período de Especialização e Consolidação (2004-2015)

O período entre 2004 e 2015 foi marcado pela criação efetiva da UMA, pelo desenvolvimento inicial de suas metodologias e pela oferta de nove turmas de Especialização em Gerontologia que formaram a base de pesquisadores do programa. Este período constituiu fase de consolidação institucional e de acumulação de experiência prática que fundamentaria desenvolvimentos posteriores.

Durante este período, foram desenvolvidas as primeiras versões das metodologias que posteriormente seriam sistematizadas como TRAMA VIVA. A prática educativa cotidiana, a observação atenta dos processos de aprendizagem dos acadêmicos, o diálogo com comunidades tradicionais e a reflexão sistemática sobre a experiência permitiram a emergência de princípios e práticas que demonstrariam sua eficácia ao longo do tempo.

Os primeiros acadêmicos da UMA foram pessoas idosas residentes em Palmas e municípios vizinhos, predominantemente mulheres com escolaridade variada.

Muitos eram migrantes de outras regiões do Brasil, atraídos pela nova capital. A heterogeneidade do grupo – em termos de origem geográfica, escolaridade, experiência profissional e condição socioeconômica – constitui desafio e oportunidade. A metodologia em desenvolvimento precisava ser flexível o suficiente para acolher esta diversidade.

A consolidação institucional manifestou-se no reconhecimento da UMA pela comunidade acadêmica da UFT, pela inclusão do programa nos planos de desenvolvimento institucional, pela alocação de recursos humanos e materiais, e pelo estabelecimento de parcerias com órgãos governamentais e organizações da sociedade civil. A UMA deixou de ser iniciativa isolada para tornar-se programa reconhecido e apoiado institucionalmente.

As parcerias estabelecidas neste período foram fundamentais para a ampliação do alcance do programa. Convênios com prefeituras permitiram a criação de polos em municípios do interior. Articulações com a Secretaria de Estado da Educação abriram possibilidades de trabalho em escolas. Diálogos com organizações indígenas e quilombolas prepararam o terreno para futuras expansões para estes públicos.

A produção científica ganhou consistência ao longo deste período. Os trabalhos de conclusão da especialização, somados às primeiras dissertações de mestrado orientadas, constituíram acervo significativo de conhecimento sobre educação intergeracional no Tocantins. A participação em eventos científicos nacionais deu visibilidade ao trabalho e permitiu diálogo com pesquisadores de outras regiões.

Período de Transição Paradigmática (2014-2016)

O ano de 2014 marca ponto de inflexão na trajetória da UMA: a descoberta de que a saída da longevidade criativa estava na convivência com todas as gerações. Esta descoberta, emergente da observação sistemática da prática educativa ao longo de uma década, reorientou o trabalho do programa, deslocando o foco da gerontologia como campo de especialização para a educação intergeracional como abordagem integradora.

A descoberta de 2014 não foi iluminação súbita, mas resultado de processo reflexivo acumulado. Ao longo de dez anos de trabalho com pessoas idosas, foi possível observar padrões que se repetiam: os acadêmicos que demonstravam maior vitalidade, maior engajamento e maior satisfação com a vida eram aqueles que mantinham relações significativas com pessoas de outras gerações. Avós que cuidavam de netos, voluntários que interagem com crianças, pessoas que mantinham vínculos ativos com jovens apresentavam indicadores de bem-estar superiores.

Esta observação empírica conduziu à formulação teórica que se tornaria central no trabalho da UMA: a longevidade criativa não se realiza no isolamento geracional, mas na convivência intergeracional. O conceito de longevidade criativa, embora já esboçado anteriormente, ganhou contornos mais precisos a partir de 2014, fundamentando a reorientação metodológica do programa.

A transição paradigmática não foi ruptura abrupta, mas processo de amadurecimento conceitual e metodológico. Os fundamentos

construídos no período anterior foram preservados e ressignificados à luz da nova compreensão. A especialização em gerontologia foi gradualmente substituída por formações que enfatizavam a dimensão intergeracional, e as práticas educativas foram redesenhadas para promover sistematicamente o encontro entre gerações.

O período de transição caracterizou-se também pela sistematização da metodologia TRAMA VIVA com seus três pilares – REDE, PILÃO e TRANÇADO.

As metáforas amazônicas e pantaneiras que vinham sendo utilizadas intuitivamente foram organizadas em arcabouço conceitual coerente, fundamentado teoricamente e operacionalizável em diferentes contextos.

A validação da Universidade da Maturidade como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil representou um marco importante neste período. O processo de certificação exigiu documentação sistemática, demonstração de resultados e evidências de replicabilidade. A aprovação atestou que a proposta desenvolvida no Tocantins atendia a critérios rigorosos de eficácia e potencial de disseminação.

Período de Expansão e Inovação (2017-2024)

O período entre 2017 e 2024 caracterizou-se pela expansão territorial da UMA, pelo desenvolvimento de vertentes inclusivas e pelo aprofundamento da produção científica. A metodologia TRAMA VIVA, consolidada no período anterior, demonstrou sua capacidade de adaptação a contextos diversos, desde a territórios indígenas até cidades portuguesas.

A expansão para o Pantanal, por meio de parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, representou o primeiro teste da capacidade de transferência metodológica para contexto sociocultural distinto. Os polos de Dourados, Campo Grande e Jaraguari-Furnas Dionísio demonstraram que a TRAMA VIVA, desenvolvida na Amazônia Legal, era aplicável também no contexto pantaneiro, com adaptações que respeitavam especificidades locais.

O desenvolvimento das vertentes inclusivas marcou este período de forma significativa. A UMA Atípica, dedicada às crianças e pessoas idosas neurodivergentes, foi desenvolvida a partir de demanda identificada em práticas educacionais intergeracionais. A UMA Libras, especializada para a comunidade surda, reconheceu que pessoas surdas idosas enfrentam dupla barreira de exclusão e merecem atenção específica.

A UMA Indígena, com metodologias específicas para povos originários, representou um desafio particular. O trabalho com o povo Xerente exigiu adaptações profundas: uso da língua Xerente, valorização dos conhecimentos tradicionais, respeito às formas próprias de organização social e de relação entre gerações. Os anciãos Xerente foram reconhecidos como mestres, e o diálogo intercultural tornou-se eixo central da proposta.

A UMA Quilombola, voltada às comunidades remanescentes de quilombos, integrou-se ao movimento de fortalecimento identitário dessas comunidades. A educação intergeracional, neste contexto, assumiu dimensão de preservação da memória coletiva, de valorização dos saberes tradicionais e de resistência cultural frente às pressões homogeneizadoras.

A expansão internacional para Portugal, iniciada no contexto do pós-doutorado sênior pelo Instituto Politécnico de Leiria a partir de setembro de 2025, representa a culminação deste período de expansão.

O polo UMA em Soure, com 100 acadêmicos ativos, demonstra que a metodologia desenvolvida no Brasil encontra aplicabilidade em contexto cultural lusófono europeu, com adaptações que respeitam especificidades locais.

A Hub Criativa, espaço de economia solidária e criativa vinculado à UMA, foi desenvolvido neste período como resposta à demanda por geração de renda identificada entre os acadêmicos. O empreendimento articula produção artesanal, gastronomia, confecção têxtil e outras atividades produtivas, gerando renda significativa para os participantes e demonstrando que pessoas idosas podem ser produtivas quando encontram condições adequadas.

A produção científica intensificou-se neste período, com aumento tanto da quantidade quanto da qualidade das publicações. As

orientações de mestrado e doutorado multiplicaram-se, e os artigos publicados alcançaram periódicos de maior impacto. Os livros publicados sistematizaram a experiência acumulada e disponibilizaram conhecimentos para públicos além do círculo acadêmico especializado.

Período de Reconhecimento Nacional (2025)

O ano de 2025 marca o período de reconhecimento nacional com a conquista do Prêmio Direitos Humanos – Edição Luiz Gama e Esperança Garcia, na categoria Garantia dos Direitos da Pessoa Idosa. Este prêmio, concedido pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, representa a validação do mais alto nível institucional que o Estado brasileiro pode conferir a iniciativas no campo dos direitos humanos.

O reconhecimento não chegou por acaso, mas como resultado de duas décadas de trabalho sistemático, de produção científica consolidada, de formação de pesquisadores, de impacto social mensurável e de compromisso ético com a dignidade das pessoas idosas. A premiação coroa uma trajetória e, ao mesmo tempo, amplia a responsabilidade de documentar e disponibilizar a experiência acumulada para que possa servir de referência a outras iniciativas.

O Prêmio Direitos Humanos 2025 inscreve a UMA no rol das iniciativas reconhecidas pelo Estado brasileiro como contribuições significativas para a garantia de direitos. A homenagem a Luiz Gama e Esperança Garcia, figuras históricas da luta antirracista, confere dimensão simbólica adicional ao reconhecimento, conectando o

trabalho da UMA com a longa história de lutas por dignidade e justiça no Brasil.

O período de reconhecimento é também de consolidação da internacionalização. O pós-doutorado sênior no Instituto Politécnico de Leiria estabelece cooperação acadêmica formal entre Brasil e Portugal. O polo UMA em Soure demonstra a capacidade de transferência metodológica para contexto europeu. A produção científica ganha projeção internacional por meio de publicações conjuntas e participação em eventos científicos além das fronteiras nacionais.

A elaboração deste trabalho responde à demanda de sistematização que o reconhecimento institucional impõe.

O registro detalhado da trajetória, da metodologia e dos resultados permite que a experiência acumulada seja conhecida, avaliada e, quando apropriada, adaptada e replicada em outros contextos. O trabalho destina-se a pesquisadores, gestores públicos, educadores e todos os interessados em educação intergeracional e envelhecimento humano.

MOAGENS, TRAMAS E QUESTÕES DA EXPERIÊNCIA

Indagações e Objetivos

A questão que orienta este trabalho pode ser formulada: como sistematizar e documentar a experiência acumulada pela UMA ao longo de 20 anos, evidenciando suas contribuições metodológicas, científicas e sociais para o campo da educação intergeracional? Esta questão, aparentemente simples, desdobra-se em problemas específicos que orientam a estruturação do trabalho.

A primeira indagação refere-se à metodologia: como a metodologia TRAMA VIVA foi desenvolvida e validada? Quais são seus fundamentos teóricos, seus princípios operacionais, suas formas de aplicação? Como se deu o processo de validação como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil? Estas questões orientam os capítulos dedicados à fundamentação teórica e à apresentação da metodologia.

Um segundo questionamento costura-se à produção científica: qual a produção científica gerada pelo programa ao longo de duas décadas? Quantas e quais orientações foram realizadas? Quais artigos foram publicados? Quais livros foram editados? Como esta produção se distribui entre as diferentes linhas de pesquisa? Estas questões orientam os capítulos dedicados à produção científica e aos livros publicados.

A terceira questão é resultado de uma moagem que envolve o impacto social: quais os impactos sociais mensuráveis da atuação da UMA? Quantas pessoas foram beneficiadas? Quais transformações foram produzidas nas vidas dos acadêmicos e das comunidades atendidas? Como mensurar impactos em dimensões menos tangíveis, como bem-estar subjetivo, fortalecimento de vínculos e valorização de saberes? Estas questões perpassam todo o trabalho, com ênfase nos capítulos dedicados às inovações inclusivas e a Hub Criativa.

Uma quarta indagação é tecida com o desejo de replicabilidade: em que medida a experiência da UMA pode ser replicada em outros contextos? Quais elementos são transferíveis e quais requerem adaptação local? O que a expansão para o Pantanal e para Portugal ensina sobre possibilidades e limites da transferência metodológica? Estas questões orientam a análise apresentada ao longo do trabalho.

O que se Busca Desvelar

O presente trabalho tem como finalidade apresentar uma análise institucional e científica da Universidade da Maturidade (UMA), registrando de forma sistemática sua trajetória, metodologias e produção acadêmica ao longo de vinte anos de atuação. Ao reunir e organizar esse conjunto de informações, o documento busca constituir-se como referência para pesquisadores, gestores públicos e educadores interessados nas temáticas da educação intergeracional, do envelhecimento humano e da educação ao longo da vida.

A construção desse percurso analítico fundamenta-se em um arcabouço teórico de natureza fenomenológica e humanizadora, que orienta as práticas formativas e investigativas desenvolvidas pela UMA. Destacam-se, nesse contexto, a fenomenologia social de Alfred Schutz (1979), a escutatória inspirada em Rubem Alves (1999), os conceitos de longevidade criativa e longevidade conectada, bem como a concepção de educação permanente, compreendida como processo contínuo de formação e produção de sentidos ao longo da existência (Merleau-Ponty, 1998).

Ancorada nesses referenciais, a metodologia TRAMA VIVA é sistematizada como eixo estruturante das ações da Universidade da Maturidade. O trabalho apresenta a gênese dessa proposta metodológica, seus fundamentos epistemológicos e seus princípios operacionais, organizados nos pilares REDE, PILÃO e TRANÇADO, evidenciando suas aplicações em diferentes contextos educativos, comunitários e intergeracionais.

O documento registra, ainda, a evolução histórica e institucional da UMA desde sua criação, em 2002, até sua consolidação no cenário acadêmico e social. São apresentados os distintos períodos de desenvolvimento, os processos de expansão e a distribuição territorial dos vinte e dois polos atualmente em funcionamento, destacando a capilaridade e a relevância social alcançadas pela instituição ao longo de sua trajetória.

No campo científico, o trabalho explicita a estrutura de coordenação e pesquisa da UMA, incluindo as linhas reconhecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), bem como a articulação com a supervisão internacional no âmbito do pós-doutorado pelo Instituto Politécnico de Leiria.

Também é sistematizada a produção acadêmica consolidada, que compreende orientações de pós-graduação stricto sensu e lato sensu, artigos científicos e livros publicados, evidenciando a contribuição da UMA para a produção de conhecimento.

Por fim, são documentadas as inovações inclusivas desenvolvidas pela Universidade da Maturidade, como UMA Campo, UMA Atípica, UMA Libras, UMA Indígena e UMA Quilombola, assim como a experiência da Hub Criativa enquanto iniciativa de economia solidária articulada à educação intergeracional. O trabalho analisa ainda as contribuições da UMA para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU, demonstrando como a educação intergeracional pode impactar positivamente as dimensões educacional, social, econômica e humana do desenvolvimento sustentável.

Tecituras que Sustentam a TRAMA

A sistematização da experiência da UMA justifica-se por múltiplas razões que abrangem dimensões científicas, institucionais e sociais. Em primeiro lugar, pela necessidade de documentar a metodologia original TRAMA VIVA, desenvolvida a partir de epistemologias da Amazônia Legal e do Pantanal, com seus três pilares – REDE, PILÃO e TRANÇADO – que constituem contribuição autoral ao campo da educação intergeracional.

A metodologia TRAMA VIVA representa contribuição genuína para o campo, desenvolvida a partir de epistemologias do Sul Global em diálogo com tradições teóricas consolidadas. Os três pilares – REDE, representando a dimensão relacional; PILÃO, simbolizando a transformação coletiva; e TRANÇADO, integrando a diversidade em unidade – constituem o arcabouço original que estrutura práticas educativas comprometidas com a transformação social.

A validação da UMA como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil atesta a relevância e replicabilidade desta metodologia. Os critérios de certificação – resolução de problema social relevante, envolvimento comunitário, transformação social efetiva e sustentabilidade – foram rigorosamente avaliados em dois processos distintos, ambos com resultado favorável. Esta validação institucional confere legitimidade que transcende o âmbito acadêmico.

A sistematização justifica-se pela importância de registrar a produção científica consolidada ao longo de duas décadas. Os números são expressivos: 137 orientações de pós-graduação stricto sensu e lato sensu, incluindo nove doutorados, 69 mestrados e 59 especializações; 369 artigos científicos sistematizados; treze livros publicados entre 2022 e 2025. Esta produção, vinculada a duas linhas de pesquisa reconhecidas pelo CNPq, constitui acervo significativo de conhecimento sobre educação intergeracional no contexto amazônico e pantaneiro.

Fundamenta-se, entre outros, no reconhecimento institucional obtido com o Prêmio Direitos Humanos 2025 – Edição Luiz Gama e Esperança Garcia, na categoria Garantia dos Direitos da Pessoa Idosa. Este prêmio, concedido pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, representa a mais alta validação que o Estado brasileiro pode oferecer a iniciativas no campo dos direitos humanos. O reconhecimento impõe responsabilidade de documentar a experiência para que possa inspirar outras iniciativas.

*Destaca-se a contribuição
potencial para replicação da
experiência em outros contextos. A*

expansão para Portugal, com a implementação do polo UMA em Soure no âmbito do pós-doutorado sênior pelo Instituto Politécnico de Leiria, demonstra a capacidade de transferência metodológica entre contextos culturais distintos.

Em quinto lugar, a justificativa relaciona-se com a lacuna existente na literatura sobre educação intergeracional em contextos amazônicos e de povos tradicionais. Embora haja produção crescente sobre educação de pessoas idosas e sobre programas intergeracionais, são escassas as sistematizações que articulem essas temáticas com as especificidades da Amazônia Legal, dos povos indígenas e das comunidades quilombolas. O presente trabalho contribui para preencher esta lacuna.

A relevância social do tema em contexto de envelhecimento acelerado da população brasileira. As projeções demográficas indicam que o Brasil terá mais de 58 milhões de pessoas idosas em 2060, representando mais de um quarto da população (ONU, 2024). Metodologias eficazes de educação intergeracional serão cada vez mais necessárias para promover convivência saudável entre gerações e para garantir dignidade às pessoas idosas.

Relaciona-se com a necessidade de produzir conhecimento situado, enraizado nas realidades do Sul Global, que possa dialogar em condições de horizontalidade com o conhecimento produzido nos centros hegemônicos (Osório, 2025). A metodologia TRAMA VIVA, desenvolvida a partir de epistemologias amazônicas e pantaneiras,

demonstra que é possível produzir teoria original fora dos circuitos acadêmicos tradicionais.

Em oitavo lugar, a sistematização justifica-se como forma de honrar os milhares de acadêmicos que participaram da UMA ao longo de duas décadas. Suas histórias, seus saberes, suas contribuições estão registradas neste trabalho como reconhecimento de seu papel como coautores de uma experiência coletiva. A publicação é, também, homenagem a eles.

Dados Demográficos Detalhados do Envelhecimento

A análise detalhada dos dados demográficos do envelhecimento populacional permite compreender a magnitude e as características específicas deste fenômeno em diferentes escalas geográficas. Os dados aqui apresentados fundamentam a relevância da Universidade da Maturidade e de iniciativas similares como resposta aos desafios do envelhecimento contemporâneo.

As projeções demográficas da Organização das Nações Unidas indicam transformações profundas na estrutura etária mundial nas próximas décadas (ONU, 2024). Em 2020, a população mundial com 65 anos ou mais era de aproximadamente 727 milhões de pessoas, representando 9,3% da população total. Esta proporção deverá aumentar para 16% em 2050, quando haverá cerca de 1,5 bilhão de pessoas idosas no mundo.

O ritmo de envelhecimento varia significativamente entre regiões. A Europa, com 19% de população idosa em 2020, manterá a

liderança, alcançando 28% em 2050. A América do Norte passará de 16% para 23%. A Ásia, embora com proporção menor atualmente (9%), experimentará crescimento acelerado, especialmente na China, Japão e Coreia do Sul. A África, região mais jovem do planeta (3% de pessoas idosas), também envelhecerá, embora mais lentamente (ONU, 2024).

Segundo a ONU (2024), a expectativa de vida ao nascer apresentou aumento extraordinário ao longo do século XX e continua crescendo no século XXI.

Em 1950, a expectativa de vida mundial era de apenas 47 anos. Em 2020, alcançou 73 anos em média global. As projeções indicam que chegará a 77 anos em 2050. Este aumento de três décadas na expectativa de vida em um século representa uma conquista civilizatória sem precedentes na história humana.

As diferenças de expectativa de vida entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, embora tenham diminuído nas últimas décadas, permanecem significativas. Enquanto japoneses e europeus ocidentais podem esperar viver mais de 80 anos em média, populações de países africanos subsaarianos frequentemente não ultrapassam 60 anos de expectativa. Estas diferenças refletem desigualdades no acesso a alimentação, saneamento, serviços de saúde e condições gerais de vida.

O fenômeno do superenvelhecimento – aumento da população com 80 anos ou mais – é particularmente significativo. Esta faixa etária, denominada 'muito idosos' ou 'idosos-idosos', é a que mais cresce

proporcionalmente. Em 2020, havia 146 milhões de pessoas com 80 anos ou mais no mundo; em 2050, serão 426 milhões (ONU, 2024). O superenvelhecimento traz desafios específicos relacionados à maior prevalência de fragilidade, dependência funcional e demências.

Os centenários, pessoas que ultrapassaram a marca dos 100 anos de vida, constituem um grupo que cresce rapidamente. Em 2020, haverá aproximadamente 573 mil centenários no mundo; em 2050, serão 3,7 milhões. Ainda segundo a ONU (2024), o Japão lidera em número de centenários, com aproximadamente 90 mil pessoas, seguido por Estados Unidos e China. O estudo desta população excepcional oferece insights sobre fatores que contribuem para a longevidade extrema.

A América Latina apresenta transição demográfica acelerada que a diferencia tanto dos países desenvolvidos quanto de outras regiões em desenvolvimento. Enquanto países europeus levaram mais de um século para envelhecer, a região latina fará esta transição em poucas décadas. Em 2020, a proporção de pessoas idosas na América Latina de 9%; em 2050, será de 22% (ONU, 2024).

Os países latino-americanos apresentam heterogeneidade significativa em seus perfis demográficos. O Uruguai, com 15% de população idosa em 2020, é o país mais envelhecido da região. Argentina (12%), Cuba (15%) e Chile (12%) também apresentam perfis mais maduros. Na outra ponta, Guatemala (5%), Honduras (5%) e Nicarágua (6%) mantêm populações mais jovens.

O Brasil, maior país da região, situa-se em posição intermediária, mas com processo de envelhecimento acelerado (IBGE, 2023). Em 2000, as pessoas idosas representavam 8,6% da população brasileira; em 2020, 14,7%; em 2050, serão mais de 30%. Este crescimento

acelerado impõe desafios específicos para sistemas de saúde, previdência e assistência social ainda em desenvolvimento.

A feminização da velhice é característica marcante do envelhecimento latino-americano. Em todos os países da região, as mulheres idosas superam os homens em número, proporção que aumenta com a idade. Esta predominância feminina decorre de maior expectativa de vida das mulheres, mas frequentemente vem acompanhada de maior vulnerabilidade econômica e social, resultado de trajetórias de vida marcadas pela desigualdade de gênero (Santin, 2018).

As desigualdades socioeconômicas que caracterizam a América Latina refletem-se também no envelhecimento. Pessoas de estratos socioeconômicos mais elevados vivem mais e em melhores condições de saúde do que pessoas pobres (OEA, 2015). As diferenças de expectativa de vida entre ricos e pobres podem chegar a 20 anos em alguns países da região. O envelhecimento saudável permanece privilégio de poucos em contextos de desigualdade extrema.

A cobertura previdenciária na América Latina é irregular e frequentemente insuficiente. Muitos trabalhadores informais chegam à velhice sem proteção previdenciária adequada, dependendo de transferências familiares ou de programas assistenciais. A informalidade no mercado de trabalho, característica estrutural das economias latino-americanas, projeta-se na velhice como desproteção e vulnerabilidade (OEA, 2015).

O Brasil ocupa posição singular no cenário do envelhecimento mundial: é o país mais populoso da América Latina, a quinta maior população do planeta, e atravessa processo de envelhecimento acelerado. Em números absolutos, a população idosa brasileira já

ultrapassa 32 milhões de pessoas – contingente maior que a população total de muitos países (IBGE, 2023).

A velocidade do envelhecimento brasileiro é impressionante quando comparada com a experiência de países desenvolvidos. A França levou 115 anos para que sua população idosa passasse de 7% para 14% do total; a Suécia, 85 anos; os Estados Unidos, 69 anos. O Brasil fará esta mesma transição em aproximadamente 21 anos, entre 2011 e 2032. Esta velocidade impõe urgência às respostas institucionais.

A transição demográfica brasileira apresenta características específicas relacionadas à heterogeneidade regional do país. O Sul e o Sudeste, regiões mais desenvolvidas, estão mais avançados na transição, com proporções de pessoas idosas que se aproximam de níveis europeus. O Norte e o Nordeste, regiões com desenvolvimento mais recente, mantêm populações mais jovens, embora em processo de envelhecimento acelerado.

As diferenças entre estados brasileiros são pronunciadas. O Rio Grande do Sul, estado mais envelhecido, tem 19% da população idosa; o Amapá, estado mais jovem, tem 7%. Entre estas pontas, os 27 estados apresentam perfis diversos que refletem diferentes estágios da transição demográfica e que demandam políticas públicas adaptadas às realidades locais.

A estrutura etária brasileira está em rápida transformação. A pirâmide etária tradicional, com base larga de jovens e topo estreito de pessoas idosas, transforma-se progressivamente em estrutura retangular ou mesmo invertida. A redução da natalidade estreita a base da pirâmide; o aumento da longevidade alarga o topo. Esta transformação tem implicações profundas para economia, sociedade e cultura.

A razão de dependência – relação entre população economicamente dependente (jovens e pessoas idosas) e população em idade ativa – está em transformação. A razão de dependência de pessoas idosas aumenta enquanto a de jovens diminui. Esta mudança pressiona os sistemas de previdência e de saúde, enquanto potencialmente libera recursos antes destinados à educação e cuidado de crianças.

O Tocantins, criado em 1988, é o estado mais jovem da federação brasileira e apresenta dinâmica demográfica peculiar. Com população de aproximadamente 1,6 milhão de habitantes em 2022, o estado situa-se na Amazônia Legal e apresenta características próprias que o distingue tanto dos estados amazônicos tradicionais quanto das regiões mais desenvolvidas do país (Seduc, 2022).

A estrutura etária tocantinense é mais jovem que a média nacional: a idade mediana de 29 anos é inferior à brasileira (33 anos). Contudo, a proporção de pessoas idosas vem crescendo rapidamente: de 5,8% em 2000 para 9,7% em 2022. As projeções indicam que o estado alcançará 18% da população idosa em 2040, aproximando-se dos níveis hoje observados nas regiões mais envelhecidas do país (IBGE, 2022).

A capital Palmas, inaugurada em 1989, apresenta perfil demográfico peculiar: é cidade planejada, de fundação recente, que atrai migrantes predominantemente jovens. A proporção de pessoas idosas em Palmas é inferior à média estadual, embora também esteja em crescimento. Os municípios do interior, especialmente aqueles com menor dinamismo econômico, apresentam proporções mais elevadas de pessoas idosas, resultado da emigração de jovens (Seduc, 2019).

A presença de povos indígenas acrescenta diversidade ao perfil demográfico tocantinense. Os povos Xerente, Krahô, Apinajé, Javaé e

Karajá, entre outros, mantêm dinâmicas demográficas próprias que diferem da população não-indígena. As pessoas idosas indígenas ocupam papéis específicos em suas sociedades, como guardiões de conhecimentos tradicionais e lideranças cerimoniais.

As comunidades quilombolas tocaninenses também apresentam especificidades demográficas. Muitas destas comunidades enfrentam processos de emigração de jovens que buscam oportunidades nas cidades, deixando as comunidades mais envelhecidas. Os anciãos quilombolas são guardiões de memórias e saberes que fundamentam a identidade coletiva das comunidades.

Os indicadores de saúde da população idosa tocaninense refletem as condições do sistema de saúde estadual. A cobertura de atenção primária é ampla, mas a atenção especializada em geriatria é escassa. Muitas pessoas idosas precisam deslocar-se para Palmas ou mesmo para outros estados em busca de atendimento especializado. A estruturação de rede de atenção à pessoa idosa permanece um desafio para o sistema de saúde estadual (Saúde Tocantins, 2023).

CONCEITOS DE ALFRED SCHUTZ

Fundamentos Fenomenológicos da Experiência Formativa

A fenomenologia social de Alfred Schutz (1979) oferece arcabouço conceitual particularmente adequado para compreensão dos processos educativos intergeracionais. O aprofundamento de alguns conceitos centrais permite evidenciar sua aplicabilidade ao trabalho da

Universidade da Maturidade e a relevância teórica da proposta desenvolvida.

O conceito de mundo da vida cotidiana, fundamental na fenomenologia schutziana, refere-se à realidade que experimentamos como inquestionada, como dada, como simplesmente ali. É o mundo no qual acordamos cada manhã, no qual realizamos nossas atividades rotineiras, no qual interagimos com outras pessoas. O mundo da vida é intersubjetivo desde sempre: não o construímos sozinhos, mas o encontramos como mundo compartilhado com outros.

A atitude natural é a forma como habitualmente nos relacionamos com o mundo da vida. Na atitude natural, não questionamos a existência do mundo, não duvidamos da realidade das coisas que nos cercam, não suspendemos nossas crenças para examinar seus fundamentos. Simplesmente vivemos, agimos, interagimos, pressupondo que o mundo é como aparece. A atitude natural é necessária para a vida prática; questioná-la constantemente seria paralisante.

O estoque de conhecimento disponível compreende todo o repertório de saberes que acumulamos ao longo da vida e que utilizamos para interpretar nossas experiências e orientar nossas ações.

Este estoque inclui conhecimentos adquiridos pela experiência direta, conhecimentos transmitidos por outros, conhecimentos

herdados culturalmente. É estruturado em zonas de relevância que variam conforme nossas situações e interesses.

Para Schutz (1979), o estoque de conhecimento não é arquivo estático, mas repertório dinâmico que se transforma continuamente pela experiência. Cada situação nova pode confirmar, modificar, expandir ou desafiar conhecimentos prévios. A tipificação – processo pelo qual categorizamos experiências novas com base em experiências anteriores – é modo fundamental de relação entre estoque de conhecimento e experiência presente.

A intersubjetividade não é problema a ser resolvido, mas condição originária da experiência humana. Diferentemente de abordagens que partem do sujeito isolado e depois tentam explicar como ele acessa a consciência do outro, Schutz parte da relação intersubjetiva como dado primário. Desde sempre nos encontramos em relação uns com os outros; a solidão é derivada, não originária.

A relação face a face constitui a forma mais plena de intersubjetividade. Nela, os parceiros compartilham não apenas espaço, mas também tempo vivido. Cada um pode observar as expressões do outro, ajustar suas condutas em função do que percebe, experimentar a presença viva do outro. Esta simultaneidade temporal cria condições privilegiadas para compreensão mútua.

Tais conceitos iluminam a educação intergeracional de múltiplas formas. O encontro entre diferentes gerações é encontro entre diferentes estoques de conhecimento, diferentes tipificações, diferentes formas de habitar o mundo da vida. A educação intergeracional cria condições para que estes diferentes estoques se encontrem, se interpelam, se enriqueçam mutuamente.

As pessoas idosas trazem estoques de conhecimento extensos, acumulados ao longo de décadas de vida. Conhecem modos de fazer, saberes práticos, histórias vividas, referências culturais de épocas passadas (Osório, 2025). Os jovens trazem estoques diferentes: familiaridade com tecnologias recentes, referências culturais contemporâneas, modos de expressão próprios de sua geração.

Metodologias Participativas na Educação de Adultos

A educação de adultos e, mais especificamente, a educação de pessoas idosas, demanda metodologias adequadas às características deste público (Paiva, 2003). As metodologias participativas, desenvolvidas ao longo do Século XX em diferentes contextos, oferecem repertório de práticas que a UMA adaptou e desenvolveu em sua proposta de educação intergeracional.

Paulo Freire (1996), educador brasileiro reconhecido mundialmente, desenvolveu abordagem que revolucionou a compreensão sobre educação de adultos. A crítica freireana à educação bancária, que trata educandos como depósitos vazios a serem preenchidos com conhecimentos, e a proposta de educação problematizadora, que parte das experiências e questões dos próprios educandos, influenciaram profundamente as metodologias da UMA.

A noção freireana de que ninguém educa ninguém, assim como ninguém se educa a si mesmo, mas os homens se educam em

comunhão, mediatizados pelo mundo, fundamenta a abordagem da via de mão dupla afetiva praticada pela UMA.

O educador não é detentor exclusivo do saber que transmite a educandos ignorantes, mas parceiro em processo de construção compartilhada de conhecimento (Freire, 1996).

O círculo de cultura, metodologia desenvolvida por Freire para alfabetização de adultos, foi adaptado para contextos diversos de educação popular. Na UMA, os círculos de conversa derivam desta tradição: grupos de pessoas que se reúnem em condições de horizontalidade para discutir temas de seu interesse, compartilhar experiências, construir conhecimentos coletivamente.

A pesquisa participante, desenvolvida especialmente na América Latina a partir das décadas de 1960 e 1970, também influenciou as metodologias da UMA. Esta abordagem propõe que os sujeitos pesquisados não são apenas objetos de estudo, mas participantes ativos do processo de pesquisa, que devem ser envolvidos na definição de problemas, na coleta de dados, na análise e na utilização dos resultados.

Orlando Fals Borda (2020), sociólogo colombiano, foi um dos principais teóricos da pesquisa-ação participativa. Sua proposta de que o conhecimento deve servir à transformação social, não apenas à compreensão acadêmica, ressoa com o compromisso da UMA com a transformação das condições de vida dos acadêmicos e de suas comunidades.

As metodologias de história oral, desenvolvidas para registro de memórias e experiências de pessoas comuns frequentemente excluídas da história oficial, também informam as práticas da UMA. O registro das histórias de vida dos acadêmicos, a documentação de saberes tradicionais, a preservação de memórias individuais e coletivas utilizam técnicas desenvolvidas no campo da história oral.

A educação popular (Assumpção, 2009), tradição latino-americana que articula educação e transformação social, oferece referências importantes para a UMA. Os princípios da educação popular, a partir da realidade dos educandos, valorizar seus saberes, promover consciência crítica, articular educação e ação política, permeiam a proposta de educação intergeracional desenvolvida no Tocantins (Osório, 2025).

Marcos Legais e Políticas de Envelhecimento no Brasil

O Brasil desenvolveu, especialmente a partir da Constituição Federal de 1988, arcabouço legal e institucional de proteção aos direitos da pessoa idosa que fundamenta e legitima iniciativas como a Universidade da Maturidade. A compreensão deste marco legal é essencial para situar o trabalho da UMA no contexto das políticas públicas de envelhecimento.

A Constituição Federal de 1988 estabeleceu, em seu Artigo 230, que a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida. Este

dispositivo constitucional fundamenta todas as políticas subsequentes de atenção à pessoa idosa no Brasil.

A Política Nacional da Pessoa Idosa, instituída pela Lei nº 8.842/1994, estabeleceu princípios e diretrizes que orientam as ações governamentais e da sociedade civil em relação às pessoas idosas. Entre seus princípios, destaca-se o direito à cidadania, à participação na comunidade, à integração com as demais gerações. A política reconhece a educação como um dos campos fundamentais de ação.

O Estatuto da Pessoa Idosa, Lei nº 10.741/2003, consolidou e ampliou os direitos das pessoas idosas no Brasil. O Estatuto estabelece direitos fundamentais como vida, liberdade, respeito, dignidade, alimentação, saúde, educação, cultura, esporte, lazer, trabalho, cidadania, entre outros. Estabelece também medidas de proteção e penalidades para violações de direitos.

O direito à educação é explicitamente reconhecido no Estatuto da Pessoa Idosa. O artigo 21 estabelece que o Poder Público criará oportunidades de acesso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados. Este dispositivo fundamenta legalmente programas como a Universidade da Maturidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/1996, estabelece que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. Esta concepção ampla de educação legitima iniciativas educativas não-formais como a UMA.

O Plano Nacional de Educação, Lei nº 13.005/2014, embora focado prioritariamente na educação básica e superior, inclui metas relacionadas à educação ao longo da vida e à educação de jovens e adultos. A Meta 9, por exemplo, trata da educação de jovens e adultos integrada à educação profissional. Embora não mencione especificamente a educação de pessoas idosas, o plano abre espaço para iniciativas nesta direção.

A Política Nacional de Educação Popular, instituída pelo Decreto nº 8.752/2016, reconhece e valoriza práticas educativas que se desenvolvem fora do sistema formal de ensino, fundamentadas nos princípios da educação popular. Esta política oferece enquadramento para a proposta de educação formal e informal desenvolvida pela UMA.

No âmbito internacional, o Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, adotado pela Segunda Assembleia Mundial sobre Envelhecimento em Madri (ONU, 2002), estabelece diretrizes que orientam políticas de envelhecimento em todo o mundo. O plano destaca a educação ao longo da vida como elemento essencial para o envelhecimento ativo e para a participação plena das pessoas idosas na sociedade.

A Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos das Pessoas Idosas, adotada pela Organização dos Estados

Americanos (OEA, 2015) e ratificada pelo Brasil, é o primeiro tratado internacional vinculante que aborda especificamente os direitos das pessoas idosas. A convenção inclui o direito à educação entre os direitos protegidos e estabelece obrigações para os Estados-partes neste campo.

CAPÍTULO 2

RECONHECIMENTOS E PREMIAÇÕES

Prêmio Direitos Humanos 2025

Em dezembro de 2025, a Universidade da Maturidade conquistou o Prêmio Direitos Humanos – Edição Luiz Gama e Esperança Garcia, na categoria Garantia dos Direitos da Pessoa Idosa. A premiação foi concedida pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, com cerimônia de entrega realizada durante a 13.^a Conferência Nacional de Direitos Humanos, em Brasília. Este reconhecimento representa a validação institucional do mais alto nível que o Estado brasileiro pode conferir a iniciativas no campo dos direitos humanos.

O Prêmio Direitos Humanos é o mais tradicional reconhecimento público do Estado brasileiro destinado a pessoas e instituições que atuam na promoção da dignidade humana. Criado em 1995, durante o governo Fernando Henrique Cardoso, o prêmio homenageia anualmente defensores dos direitos humanos em diversas categorias. Ao longo de suas três décadas de existência, o prêmio reconheceu centenas de iniciativas que contribuíram para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

A edição 2025 prestou homenagem especial a Luiz Gama e Esperança Garcia, duas figuras históricas da luta antirracista brasileira que simbolizam a resistência e a busca por justiça social. A escolha desses patronos confere ao prêmio dimensão simbólica que conecta as

iniciativas contemporâneas com a longa história de lutas por dignidade e direitos no Brasil.

Luiz Gama, nascido em Salvador em 1830, foi advogado, jornalista, poeta e abolicionista que libertou mais de 500 pessoas escravizadas por meio de sua atuação jurídica. Filho de mãe africana livre, Luísa Mahin, e de pai branco de origem portuguesa, Gama foi ilegalmente vendido como escravo pelo próprio pai aos dez anos de idade. Após conseguir sua liberdade, dedicou-se à advocacia em defesa de pessoas escravizadas, utilizando argumentos jurídicos inovadores para demonstrar a ilegalidade de muitas escravizações.

A trajetória de Luiz Gama ilustra a possibilidade de transformar experiência pessoal de opressão em luta coletiva por justiça. Autodidata que aprendeu a ler e escrever já adulto, Gama tornou-se figura central do movimento abolicionista brasileiro, utilizando tanto a tribuna quanto a pena para denunciar a escravidão. Sua poesia satírica ridicularizava a elite escravocrata, enquanto sua atuação jurídica arrancava pessoas do cativeiro ilegal.

Esperança Garcia, mulher negra escravizada no Piauí do século XVIII, é considerada a primeira advogada do Brasil por ter escrito, em 1770, uma petição denunciando os maus-tratos sofridos por ela e por outros escravizados na fazenda onde vivia. A carta, dirigida ao governador da capitania, constitui documento histórico de resistência e de reivindicação de direitos em contexto de absoluta opressão. Esperança Garcia foi reconhecida postumamente pela Ordem dos Advogados do Brasil como advogada.

A petição de Esperança Garcia, preservada nos arquivos históricos do Piauí, demonstra domínio da linguagem jurídica e capacidade argumentativa extraordinários para uma pessoa escravizada no Brasil

colonial. O documento denuncia violências físicas, separação de famílias e impedimento de práticas religiosas, reivindicando direitos que, embora formalmente inexistentes para pessoas escravizadas, eram invocados com eloquência e dignidade.

A escolha desses patronos para a edição 2025 do Prêmio Direitos Humanos evidencia o compromisso do Estado brasileiro com a memória histórica da luta por direitos e com o reconhecimento das contribuições de pessoas negras para a construção da cidadania no Brasil. A homenagem conecta passado e presente, inspirando as iniciativas contemporâneas com os exemplos históricos de resistência e de luta pela dignidade humana.

A conexão entre o legado de Luiz Gama e Esperança Garcia e o trabalho da Universidade da Maturidade não é apenas simbólica. Ambos lutaram pelo reconhecimento da dignidade de pessoas historicamente marginalizadas; ambos utilizaram instrumentos legítimos para reivindicar direitos; ambos transformaram experiências pessoais em contribuições para a coletividade. A UMA, ao trabalhar com pessoas idosas frequentemente invisibilizadas, inscreve-se nesta tradição de luta por reconhecimento e dignidade.

Parâmetros de Seleção e Avaliação do Prêmio

O processo de seleção do Prêmio Direitos Humanos envolve avaliação rigorosa por comissão composta por representantes do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa, de organizações da sociedade civil e de especialistas acadêmicos. A composição plural da comissão avaliadora garante que diferentes perspectivas sejam consideradas na análise das candidaturas.

Os critérios de avaliação são estabelecidos em regulamento específico e incluem: relevância social da iniciativa, medida pelo impacto na vida das pessoas beneficiárias e pela contribuição para a garantia de direitos; inovação metodológica, avaliando a originalidade das abordagens desenvolvidas; abrangência territorial, considerando o alcance geográfico da iniciativa; sustentabilidade institucional, verificando a capacidade de continuidade do trabalho; e impacto mensurável, com indicadores que demonstrem transformações efetivas.

A candidatura da UMA destacou-se em todos os critérios avaliados. A relevância social foi evidenciada pelo atendimento direto a milhares de pessoas idosas em três territórios distintos ao longo de duas décadas. Os 20 polos em funcionamento, o atendimento a 2.400 acadêmicos e a presença em comunidades indígenas e quilombolas demonstraram abrangência e diversidade de públicos atendidos.

A inovação metodológica foi demonstrada pela originalidade da metodologia TRAMA VIVA, com seus três pilares – REDE, PILÃO e TRANÇADO – desenvolvidos a partir de epistemologias amazônicas e pantaneiras. A validação como Tecnologia Social pela Fundação Banco

do Brasil foi apresentada como evidência da eficácia e replicabilidade da metodologia.

A abrangência territorial foi comprovada pela existência de polos na Amazônia Legal, no Pantanal e em Portugal, demonstrando capacidade de transferência metodológica para contextos socioculturais distintos. A expansão internacional, em particular, evidenciou o potencial de disseminação da proposta para além das fronteiras nacionais.

A sustentabilidade institucional foi atestada pela vinculação à Universidade Federal do Tocantins, pelo reconhecimento de duas linhas de pesquisa pelo CNPq e pela estrutura de coordenação científica consolidada. A continuidade do programa ao longo de duas décadas, atravessando diferentes gestões universitárias e contextos políticos, demonstrou robustez institucional.

O impacto mensurável foi demonstrado por múltiplos indicadores: a produção científica consolidada com 137 orientações e 369 artigos; os indicadores socioeconômicos da Hub Criativa, com aumento na renda familiar dos participantes; as avaliações de bem-estar subjetivo dos acadêmicos; e os resultados das pesquisas sobre saúde e qualidade de vida.

A documentação apresentada à comissão avaliadora incluiu relatórios de atividades, publicações científicas, materiais de divulgação, depoimentos de acadêmicos e parceiros, registros

fotográficos e audiovisuais, e pareceres de especialistas externos. O volume e a qualidade da documentação demonstraram a seriedade do trabalho desenvolvido e a capacidade de registro e sistematização da experiência.

A avaliação pela comissão ocorreu em múltiplas etapas: análise documental inicial, verificação de informações, consulta a especialistas, e deliberação final. O processo, conduzido com transparência e rigor, assegurou que o reconhecimento fosse concedido com base em evidências sólidas de contribuição efetiva para a garantia dos direitos da pessoa idosa.

Sentido Institucional do Prêmio

O Prêmio representa um reconhecimento que ultrapassa a dimensão individual ou estritamente institucional, inserindo-se na REDE de políticas públicas comprometidas com a transformação social. Para a Universidade Federal do Tocantins, esse reconhecimento valida uma política de extensão que articula ensino, pesquisa e compromisso social. Enquanto universidade jovem em um estado igualmente jovem, a UFT afirma sua capacidade de produzir iniciativas com impacto nacional e internacional, ancoradas em realidades locais.

No âmbito do estado do Tocantins, o Prêmio amplia a visibilidade de uma experiência construída na Amazônia Legal, posicionando a região como território de inovação social e produção de conhecimento. Ao contrário de narrativas centradas exclusivamente em déficits socioambientais, a experiência da UMA evidencia a potência criativa de

contextos periféricos, nos quais soluções originais são piladas a partir das necessidades concretas das comunidades.

Para o campo da educação intergeracional, o reconhecimento institucional legitima uma metodologia original gestada no Sul Global. A TRAMA VIVA, forjada no PILÃO das experiências amazônicas e pantaneiras, demonstra que práticas educativas consistentes podem emergir de epistemologias locais, sem a necessidade de importação de modelos hegemônicos. O prêmio, nesse sentido, valida um processo autônomo de construção teórico-metodológica.

No plano dos sujeitos da experiência, os acadêmicos da UMA são reconhecidos como protagonistas e criadores da transformação social. As pessoas idosas deixam de ser compreendidas como destinatárias passivas de políticas públicas e passam a ocupar lugar central no TRANÇADO das relações intergeracionais, onde suas trajetórias de vida, saberes e experiências constituem matéria viva da proposta educativa.

Para pesquisadores e educadores vinculados à UMA, o Prêmio simboliza o reconhecimento de duas décadas de trabalho sistemático, expresso em orientações, produções científicas, ações formativas e eventos acadêmicos. Esse reconhecimento fortalece identidades profissionais, amplia o alcance da REDE acadêmica construída e renova o compromisso com a continuidade das práticas desenvolvidas.

Finalmente, para as comunidades tradicionais — indígenas e quilombolas — atendidas pela UMA, o Prêmio expressa o reconhecimento de seus saberes ancestrais como fundamentos legítimos de uma metodologia educativa. Os conhecimentos sobre território, cuidado coletivo e convivência intergeracional estão tecidos na TRAMA VIVA e, por extensão, no reconhecimento obtido. Ao coroar duas décadas de atuação, a premiação não apenas valida a metodologia e as práticas da UMA na garantia dos direitos da pessoa idosa, mas também amplia a responsabilidade de documentar, sistematizar e compartilhar essa experiência, fortalecendo sua replicabilidade em outros contextos.

Certificação como Tecnologia Social

A UMA foi validada duas vezes pela Fundação Banco do Brasil como Tecnologia Social, em processos de certificação realizados em momentos distintos da trajetória da UMA. Esta dupla certificação atesta a eficácia e replicabilidade da metodologia TRAMA VIVA em diferentes contextos socioculturais, posicionando a UMA como referência nacional em metodologias de educação intergeracional.

O conceito de Tecnologia Social, conforme definido pela Fundação Banco do Brasil, compreende produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas em interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social. O Banco de Tecnologias Sociais, mantido pela Fundação, reúne centenas de experiências certificadas em diferentes áreas temáticas,

constituindo acervo de referência para gestores públicos e organizações da sociedade civil.

Os critérios para certificação como Tecnologia Social são rigorosos e incluem: resolução de problema social relevante, demonstrando que a tecnologia responde a necessidades concretas de comunidades ou grupos sociais; replicabilidade em diferentes contextos, evidenciando que a tecnologia pode ser adaptada e aplicada em situações diversas; envolvimento da comunidade em seu desenvolvimento, garantindo que os beneficiários participem ativamente da construção da solução; geração de transformação social efetiva, com impactos mensuráveis na vida das pessoas; e sustentabilidade, demonstrando capacidade de continuidade no tempo.

A avaliação reconheceu a originalidade da proposta, fundamentada em metáforas amazônicas e pantaneiras, e sua capacidade de mobilizar comunidades para processos educativos intergeracionais. Os avaliadores destacaram a coerência entre fundamentação teórica e práticas implementadas.

A segunda certificação, obtida posteriormente, confirmou a sustentabilidade e a capacidade de expansão. A implementação de polos no Pantanal e em Portugal foi apresentada como evidência de replicabilidade. Os indicadores de impacto, consolidados ao longo dos

anos, demonstraram que a metodologia produz transformações efetivas na vida dos participantes.

A certificação como Tecnologia Social implica reconhecimento de que atende a requisitos específicos que a distinguem de simples boas práticas ou de experiências isoladas. Não é apenas uma experiência bem-sucedida, mas uma metodologia estruturada, documentada e replicável que pode ser transferida para outros contextos mediante processos adequados de formação e acompanhamento.

O registro no Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil confere visibilidade nacional à metodologia e facilita sua disseminação. Gestores públicos e organizações interessadas em implementar programas de educação intergeracional podem acessar a UMA, conhecer seus fundamentos e entrar em contato com os desenvolvedores para processos de transferência metodológica.

A dupla certificação representa também validação por pares, uma vez que os processos de avaliação envolvem especialistas em desenvolvimento social, em metodologias participativas e nas áreas temáticas específicas de cada tecnologia. O olhar externo, criterioso e fundamentado, atesta a qualidade da proposta de forma independente.

A UMA integra hoje o acervo de tecnologias sociais brasileiras voltadas ao envelhecimento e às relações intergeracionais. Este acervo, embora ainda limitado, vem crescendo à medida que a sociedade reconhece a importância de desenvolver respostas criativas aos desafios do envelhecimento populacional. A UMA contribui para este acervo não apenas com uma metodologia, mas com duas décadas de experiência documentada.

Organização das Linhas de Pesquisa

A coordenação científica da UMA mantém duas linhas de pesquisa oficialmente reconhecidas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, registradas no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Este reconhecimento, institucionalizado pelo principal órgão de fomento à pesquisa do Brasil, consolida a legitimidade acadêmica do trabalho desenvolvido pela UMA e insere sua produção no contexto da ciência brasileira.

O Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq constitui inventário dos grupos em atividade no país, reunindo informações sobre recursos humanos, linhas de pesquisa, especialidades do conhecimento, setores de aplicação, produção científica e parcerias. O registro neste diretório confere visibilidade nacional aos grupos e facilita a identificação de potenciais parceiros para projetos colaborativos.

O GIPHEIA – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Educação Intergeracional e Altas Habilidades – é coordenado pela Professora Doutora Neila Barbosa Osório e dedica-se à investigação dos processos educativos intergeracionais em diferentes contextos socioculturais. O nome do grupo reflete a amplitude de seu escopo investigativo, abrangendo desde metodologias de educação intergeracional até estudos sobre altas habilidades em pessoas idosas.

As linhas de pesquisa do GIPHEIA incluem: metodologias de educação intergeracional, com foco no desenvolvimento e avaliação de práticas educativas que promovam o encontro entre gerações; fenomenologia social aplicada à educação, investigando os processos

de construção de significados na experiência educativa intergeracional; saberes tradicionais e territórios, documentando e valorizando os conhecimentos ancestrais dos povos amazônicos, pantaneiros, indígenas e quilombolas; e altas habilidades e superdotação em pessoas idosas, área inovadora que investiga o potencial criativo e cognitivo na velhice.

O Programa de Envelhecimento Humano é coordenado pelo Professor Doutor Luiz Sinésio Silva Neto e focaliza a integração entre educação e saúde no processo de envelhecimento. As linhas de pesquisa incluem: capacidade funcional e qualidade de vida, avaliando indicadores de saúde física e mental em participantes de programas intergeracionais; atividade física e envelhecimento saudável, investigando os benefícios de práticas corporais adaptadas às especificidades de pessoas idosas; promoção da saúde em contextos educativos, analisando como processos educacionais podem contribuir para a saúde integral dos participantes; e indicadores de saúde em programas intergeracionais, desenvolvendo métricas para avaliar impactos de intervenções educativas.

A avaliação reconheceu a originalidade da proposta, fundamentada em metáforas amazônicas e pantaneiras, e sua capacidade de mobilizar comunidades para processos educativos intergeracionais. Os avaliadores destacaram a coerência entre fundamentação teórica e práticas implementadas.

O reconhecimento pelo CNPq implica não apenas legitimidade acadêmica, mas também acesso a editais de fomento, participação em redes de pesquisa nacionais e internacionais, e visibilidade da produção científica nos sistemas de informação da ciência brasileira. A produção dos grupos é registrada na Plataforma Lattes e nos currículos dos pesquisadores vinculados, contribuindo para os indicadores de pesquisa da Universidade Federal do Tocantins.

Os grupos mantêm reuniões regulares de pesquisa, nas quais são discutidos projetos em andamento, apresentados resultados preliminares e debatidas questões teórico-metodológicas. Estas reuniões constituem espaços de formação para estudantes de graduação, mestrado e doutorado, que têm oportunidade de apresentar seus trabalhos e receber contribuições de colegas mais experientes.

A inserção dos grupos em redes de pesquisa amplia o alcance e a qualidade da produção. O diálogo com pesquisadores de outras instituições brasileiras e estrangeiras permite troca de experiências, acesso a literatura atualizada, e colaborações que enriquecem os projetos desenvolvidos. A cooperação com o Instituto Politécnico de Leiria representa o exemplo desta inserção em redes internacionais.

Outros Reconhecimentos Institucionais

Além do Prêmio Direitos Humanos, da certificação como Tecnologia Social e do reconhecimento das linhas de pesquisa pelo

CNPq, a UMA acumula outros reconhecimentos institucionais que atestam a relevância de seu trabalho. Estes reconhecimentos, provenientes de diferentes esferas e instâncias, compõem quadro de legitimidade institucional invulgar no contexto das iniciativas de educação intergeracional no Brasil.

O Prêmio Darcy Ribeiro de Educação, concedido pelo Congresso Nacional, reconheceu a contribuição do programa para a educação brasileira. Darcy Ribeiro, antropólogo, educador e político que dedicou sua vida à educação pública e à valorização das culturas indígenas, empresta seu nome a prêmio que homenageia iniciativas educacionais transformadoras. O reconhecimento conecta a UMA com a tradição de pensamento educacional crítico e comprometido com a transformação social.

Darcy Ribeiro foi figura singular na história intelectual brasileira. Antropólogo que estudou povos indígenas, educador que criou universidades, político que lutou pela educação pública, Darcy deixou legado multifacetado que inspira gerações. Seu compromisso com a educação como instrumento de transformação social e com a valorização das culturas populares ressoa no trabalho da UMA.

Diversas moções de aplausos e homenagens foram concedidas por câmaras municipais do Tocantins, pela Assembleia Legislativa do Estado e por entidades da sociedade civil. Estes reconhecimentos, embora de menor visibilidade nacional, refletem o enraizamento do programa nas comunidades locais e o reconhecimento de seu impacto por parte de representantes eleitos e de organizações sociais.

No âmbito internacional, a cooperação com o Instituto Politécnico de Leiria resultou no reconhecimento da metodologia TRAMA VIVA pelo sistema de ensino superior português. A

implementação do polo UMA em Soure demonstra a capacidade de transferência metodológica e a aceitação internacional da proposta desenvolvida no Brasil. Os pareceres favoráveis emitidos por pesquisadores portugueses atestam a qualidade científica e a relevância social do trabalho.

A Diretoria de Políticas Intergeracionais do IFLAC – Fórum Internacional para a Literatura e a Cultura da Paz – conferiu à coordenadora da UMA o título de Embaixadora da Paz, em reconhecimento à contribuição para a promoção da convivência pacífica entre gerações. O IFLAC, organização não-governamental com status consultivo junto ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, promove a cultura de paz por meio da literatura e de iniciativas educacionais.

O título de Embaixadora da Paz reconhece que a educação intergeracional contribui para a construção de uma cultura de paz. A convivência respeitosa entre gerações, o diálogo, a valorização mútua, a superação de preconceitos etários são dimensões de uma paz que não é apenas ausência de conflito armado, mas presença de relações justas e solidárias entre as pessoas.

O conjunto destes reconhecimentos configura um quadro de legitimidade institucional que abrange diferentes níveis – local, estadual, nacional e internacional – e diferentes tipos de instâncias – governamentais, acadêmicas e da sociedade civil. Esta convergência de validações atesta a solidez do

*trabalho desenvolvido e sua
relevância para diferentes públicos
e contextos.*

Os conhecimentos acumulados não são fins em si mesmos, mas instrumentos para ampliar o alcance e o impacto do trabalho. A visibilidade conquistada abre portas para novas parcerias, atrai recursos para expansão das atividades, e legitima a proposta perante públicos que ainda não a conhecem. O desafio é utilizar esta legitimidade para avançar na missão de promover educação intergeracional e longevidade criativa.

CAPÍTULO 3

BASES CONCEITUAIS DA LONGEVIDADE CRIATIVA

Fenomenologia Social e Educação Intergeracional

A fundamentação teórica da Universidade da Maturidade tece-se no horizonte da fenomenologia social de Alfred Schutz (1979), entrelaçada à metodologia da Trama Viva, compreendida como um tecido relacional de experiências, memórias, afetos e saberes compartilhados entre gerações. Tal escolha epistemológica não se configura como decisão abstrata ou meramente técnica, mas emerge da necessidade de compreender o fenômeno educativo a partir do mundo-da-vida dos sujeitos, acolhendo suas trajetórias biográficas, suas temporalidades próprias e os sentidos que atribuem ao envelhecer, ao aprender e ao conviver.

Alfred Schutz (1979), sociólogo austríaco que integrou a fenomenologia husserliana à sociologia compreensiva de Max Weber, oferece uma lente teórica sensível à experiência cotidiana e às formas pelas quais os sujeitos constroem significados na vida social. Sua produção intelectual, marcada pelo exílio e pela reflexão sobre o viver-com-os-outros, fornece fundamentos para compreender a educação como fenômeno relacional, situado, vivido e partilhado — perspectiva que se alinha diretamente à Trama Viva enquanto metodologia que nasce do encontro e da escuta.

Para Schutz (1979), o mundo social constitui-se intersubjetivamente por meio de processos de tipificação e da formação de estoques de conhecimento socialmente compartilhados. Os sujeitos não habitam mundos privados e isolados, mas um mundo comum, pré-existente, que se apresenta como realidade suprema da vida cotidiana. É neste solo existencial que os indivíduos projetam seus modos de ser, constroem seus percursos e atribuem sentido às experiências vividas. Na Trama Viva, esse mundo-da-vida é reconhecido como território simbólico e afetivo, onde histórias, saberes e práticas se entrelaçam.

A intersubjetividade, na perspectiva fenomenológica, não se apresenta como problema a ser solucionado teoricamente, mas como condição originária da existência humana. O ser humano é, desde sempre, um ser-em-relação.

O outro não é objeto de inferência racional, mas presença viva, percebida e sentida na experiência concreta do encontro. É nesse entre — no espaço compartilhado das relações — que o mundo social se constitui e se renova, tal como propõe a Trama Viva ao valorizar o vínculo como fundamento do processo educativo.

A relação face a face configura-se como a forma mais plena e imediata da intersubjetividade. Nela, os sujeitos compartilham o mesmo tempo vivido e o mesmo espaço existencial, percebendo gestos, silêncios, expressões e afetos. Essa simultaneidade temporal e

espacial possibilita uma compreensão mútua que transcende a linguagem verbal e alcança o plano do sensível e do corporal. Na Trama Viva, o face a face é entendido como espaço de presença, reconhecimento e coautoria dos sentidos.

A educação intergeracional desenvolvida pela Universidade da Maturidade cria condições concretas para essas experiências de encontro face a face entre diferentes gerações. Os momentos de convivência, as atividades coletivas, as narrativas compartilhadas e as conversas informais constituem vivências que ultrapassam a lógica da transmissão de conteúdos, instaurando um campo de experiência intersubjetiva, no qual as pessoas idosas e jovens compartilham tempo vivido, constroem sentidos comuns e se reconhecem mutuamente como sujeitos de saber (Osório, 2025).

A aplicação da fenomenologia social à educação intergeracional permite compreender como os significados são constituídos no próprio ato do encontro educativo. O conceito schutziano de intersubjetividade fundamenta a concepção de educação como acontecimento relacional, e não como processo unilateral. Conforme Osório (2025), na Universidade da Maturidade, essa compreensão materializa-se no princípio da via de mão dupla afetiva, no qual todos os participantes são, simultaneamente, ensinantes e aprendentes, tecendo juntos a Trama Viva do conhecimento.

O conceito de estoque de conhecimento, desenvolvido por Schutz em diálogo com Thomas Luckmann (1970), constitui categoria central para a educação intergeracional. Trata-se do conjunto de saberes acumulados ao longo da vida, incorporados biográfica e socialmente, que orientam a interpretação do mundo e a ação cotidiana. As pessoas idosas carregam consigo vastos estoques de conhecimento, sedimentados em décadas de experiências, memórias

e práticas, que a Trama Viva reconhece como patrimônio vivo e pulsante.

Esses estoques de conhecimento não são estruturas fixas ou cristalizadas, mas repertórios dinâmicos, continuamente atualizados pela experiência. Cada encontro vivido pode confirmar, tensionar ou ressignificar saberes prévios. A educação intergeracional, ao promover experiências compartilhadas, mobiliza e transforma os estoques de conhecimento de todas as gerações envolvidas, produzindo um processo de enriquecimento mútuo e de aprendizagem.

A fenomenologia social também permite compreender as diferenças geracionais como diferenças de perspectiva sobre o mundo social. Cada geração constitui-se em determinado horizonte histórico, afetivo e cultural, desenvolvendo modos próprios de perceber, sentir e interpretar a realidade. Essas diferenças, longe de constituírem barreiras, tornam-se potências do encontro intergeracional, pois ampliam o campo de sentidos possíveis e favorecem a escuta do outro em sua alteridade.

Nesse mesmo horizonte, a fenomenologia social oferece categorias fecundas para compreender os saberes tradicionais dos povos amazônicos, pantaneiros e indígenas que fundamentam a metodologia Trama Viva. Os conhecimentos ancestrais sobre o território, as plantas medicinais, o artesanato, as narrativas míticas e as formas comunitárias de organização configuram estoques de conhecimento coletivamente construídos e transmitidos entre gerações. A educação intergeracional, nessa perspectiva, recusa hierarquias epistemológicas excludentes e propõe um diálogo horizontal entre saberes.

Osório (2025) enfatiza que os saberes tradicionais amazônicos expressam formas de conhecimento forjadas em longa convivência com a natureza e com o território. O entendimento dos ciclos das águas, do comportamento dos animais, das propriedades das plantas e das práticas de manejo sustentável constitui um patrimônio cognitivo, sensível e existencial. A fenomenologia social possibilita valorizar esses saberes em seus próprios termos, reconhecendo-os como experiências vividas e significativas, e não como objetos exóticos ou meras curiosidades folclóricas. Assim, a Trama Viva afirma-se como metodologia que honra a memória, a experiência e o sentido que emergem do viver-junto.

A Escutatória como Método

A escutatória, conceito inspirado em Rubem Alves (1999), constitui a prática central da metodologia desenvolvida pela UMA. Alves, educador brasileiro que uniu erudição filosófica a sensibilidade poética, propôs a escutatória como contraface da oratória. Enquanto a oratória privilegia o falar, a escutatória enfatiza a importância do ouvir atentamente, do silenciar para acolher a palavra do outro.

Em sua crônica Escutatória, publicada no livro *O amor que acende a lua*, Rubem Alves (1999) desenvolve reflexão sobre a dificuldade de escutar verdadeiramente. "Escutar é complicado e sutil", afirma o autor. A maioria das pessoas, argumenta Alves, está mais preocupada em falar do que em ouvir. Mesmo quando parecem estar ouvindo, frequentemente estão apenas esperando sua vez de falar, ou preparando mentalmente suas respostas. A escuta genuína, que

suspende o próprio discurso para acolher o discurso do outro, é rara e preciosa.

Rubem Alves (1999) foi uma figura singular no panorama intelectual brasileiro. Formado em teologia, transitou pela psicanálise, pela filosofia, pela educação, sempre com estilo literário que tornava acessíveis reflexões profundas. Sua obra, extensa e diversificada, alcançou públicos variados: acadêmicos, educadores, leitores comuns interessados em reflexões sobre a vida. A escutatória, conceito aparentemente simples, sintetiza décadas de reflexão sobre comunicação humana e educação.

Alves associa a escutatória à tradição socrática do não-saber. Sócrates, o filósofo grego que afirma saber apenas que nada sabia, praticava uma forma de escuta que permitia ao interlocutor desenvolver seu próprio pensamento. O método socrático, frequentemente reduzido à ironia e à maiêutica, incluía fundamentalmente a disposição de escutar sem pressupostos, de abrir-se ao que o outro tinha a dizer.

A escutatória relaciona-se também com a tradição contemplativa presente em diversas tradições espirituais (Alves, 1999). O silêncio, nas práticas meditativas, não é ausência de atividade, mas presença atenta que permite perceber o que habitualmente passa despercebido. A escuta profunda, em muitas tradições, é caminho de sabedoria e de conexão com dimensões mais amplas da existência.

Na tradição budista, a escuta atenta é uma das práticas fundamentais. O Buda enfatizava a importância de ouvir com atenção plena, sem julgamentos prévios, sem precipitação em responder. Esta escuta meditativa permite perceber não apenas as palavras, mas os silêncios, as hesitações, as emoções que acompanham o discurso. A escutatória de Rubem Alves ressoa com esta tradição milenar (Hanh, 2021).

Na tradição cristã, especialmente na mística, a escuta do silêncio é caminho de encontro com o sagrado. Os mestres espirituais enfatizam que Deus fala no silêncio, e que é preciso calar para ouvir. Esta tradição contemplativa influenciou Rubem Alves (1999), que iniciou sua trajetória intelectual como teólogo antes de ampliar seus horizontes para a filosofia e a educação.

Na metodologia TRAMA VIVA, a escutatória opera como primeiro movimento do processo educativo. Antes de propor atividades, antes de transmitir conteúdos, antes de avaliar necessidades, o educador escuta. Esta escuta não é passiva nem vazia, mas ativa e atenta, orientada pela disposição genuína de aprender com o outro. O educador que pratica a escutatória reconhece que não sabe de antemão o que o acadêmico precisa ou deseja, e coloca-se em posição de descobrir isto no encontro.

A escutatória inverte a lógica usual da educação tradicional. Em vez de começar pelo planejamento do que será ensinado, começa pela escuta do que o educando traz. Em vez de partir de currículos pré-definidos, parte das histórias de vida, dos interesses, das necessidades manifestadas. Esta inversão não significa ausência de planejamento,

mas planejamento que emerge da escuta e que se adapta continuamente ao que é ouvido.

Os acadêmicos da UMA, ao serem escutados, experimentam reconhecimento e valorização que frequentemente lhes são negados em outros espaços sociais (Osório, 2025). Pessoas idosas são frequentemente silenciadas, desconsideradas, tratadas como se não tivessem nada relevante a dizer. A escutatória consegue reverter esta dinâmica, posicionando a pessoa idosa como portadora de saberes dignos de atenção e de consideração.

O reconhecimento proporcionado pela escutatória tem efeitos que transcendem o momento do encontro. Segundo Osório (2025), acadêmicos relatam que a experiência de serem genuinamente ouvidos transforma sua autopercepção, aumenta sua autoestima, fortalece sua disposição de compartilhar saberes. A escuta é, assim, intervenção transformadora que produz efeitos duradouros.

A prática da escutatória também se aplica ao trabalho com povos indígenas e comunidades quilombolas. Nos territórios Xerente e nos quilombos atendidos pela UMA, a escutatória assume dimensão intercultural, exigindo disposição para ouvir em línguas e lógicas distintas das ocidentais. Os saberes dos anciãos indígenas, transmitidos oralmente por gerações, encontram na escutatória espaço de valorização e registro que contribui para sua preservação.

A escutatória intercultural apresenta desafios específicos. Ouvir em outra língua, ouvir em outra lógica, ouvir o que não se compreende imediatamente exige humildade e paciência. O educador que pratica escutatória intercultural aceita não entender, pergunta sem constrangimento, permite-se ser ensinado por aqueles que, em outros contextos, seriam tratados como objetos de estudo ou de intervenção.

A escutatória não se confunde com silêncio absoluto ou com abdicação de responsabilidade educativa. O educador que escuta também fala, também propõe, também orienta. Mas sua fala emerge da escuta, respondendo ao que foi ouvido, e não de roteiro pré-estabelecido independente do encontro. A escutatória reconfigura a relação educativa, tornando-a mais dialógica e menos monológica.

A Descoberta da Longevidade Criativa

O ano de 2014 inscreve-se como marco decisivo na trajetória da Universidade da Maturidade, quando se tornou visível, no próprio tecido da experiência, que a longevidade criativa se nutria da convivência com todas as gerações. Essa constatação, embora enunciada de forma simples, condensa um longo percurso de escuta sensível, observação atenta e reflexão partilhada com acadêmicos, educadores e comunidades. Trata-se de uma descoberta que não inaugura algo externo ao vivido, mas revela um sentido que já pulsava na prática cotidiana da UMA, reorientando-a de propostas centradas exclusivamente na velhice para uma perspectiva autenticamente intergeracional, tecida na lógica da Trama Viva.

A descoberta de 2014 não emergiu de abstrações teóricas ou hipóteses previamente formuladas, mas do exercício fenomenológico de atenção aos fenômenos tal como se manifestam no mundo-da-vida. Ao longo de mais de uma década de convivência com pessoas idosas, o olhar formativo da UMA aprendeu a suspender julgamentos prévios e a acolher aquilo que se mostrava na experiência concreta. Foi essa atitude fenomenológica — de abertura, escuta e descrição do vivido —

que permitiu reconhecer um padrão recorrente, revelador de sentidos mais profundos do processo educativo.

No cotidiano da Universidade da Maturidade, tornava-se progressivamente evidente que os acadêmicos que expressavam maior vitalidade existencial, maior engajamento nas atividades e maior satisfação com a vida eram aqueles que mantinham vínculos significativos com pessoas de outras gerações. Essa percepção não se originou de medições estatísticas, mas de uma compreensão vivencial reiterada na experiência compartilhada. Avós envolvidos no cuidado de netos, voluntários em contato com crianças, pessoas idosas que dialogavam com jovens apresentavam modos de ser marcados por presença, abertura e dinamismo singulares.

As qualidades percebidas manifestavam-se corporalmente: maior disposição para o movimento, olhar mais atento e vivo, postura mais ereta, fala mais animada, participação mais ativa nas atividades coletivas. Tratava-se de evidências sensíveis, apreendidas no plano do vivido, que se repetiam com constância suficiente para convocar a reflexão.

Essa constatação conduziu a uma interrogação fundamental: o que se revela nessas relações intergeracionais que produz efeitos tão visíveis no modo de estar-no-mundo das pessoas idosas? Por que o encontro com outras gerações parecia reativar forças vitais, reconfigurar sentidos e ampliar horizontes existenciais? As respostas a

essas questões não se deram de forma imediata, mas foram sendo tecidas lentamente, em diálogo com a literatura, com os próprios acadêmicos e com as comunidades envolvidas, no movimento orgânico da Trama Viva.

A primeira dimensão que se deixou revelar foi a do sentido da vida. Viktor Frankl (2013), ao afirmar que a busca de sentido constitui a motivação fundamental do ser humano, oferece uma chave interpretativa potente para compreender o fenômeno observado. A convivência com pessoas de outras gerações, especialmente crianças e jovens, cria para as pessoas idosas oportunidades concretas de contribuição existencial. Ensinar, cuidar, orientar, narrar histórias, transmitir saberes e deixar marcas no outro são experiências que conferem sentido ao viver e só se realizam plenamente na relação intergeracional.

A logoterapia desenvolvida por Frankl (2013) demonstra que o sentido não é algo dado, mas construído na relação do sujeito com o mundo e com os outros. Mesmo em condições extremas, a possibilidade de atribuir sentido à própria existência sustenta a vida. Osório (2025) evidencia, no contexto da Universidade da Maturidade, a relação intergeracional apresenta-se como matéria viva para essa construção, pois reinscreve a pessoa idosa no fluxo da vida compartilhada, permitindo-lhe reconhecer-se como alguém que ainda importa, contribui e faz diferença.

A segunda dimensão revelada foi a da reciprocidade. As relações intergeracionais que produzem vitalidade não se configuram como vias de mão única, mas como encontros marcados pela troca. As pessoas idosas não apenas oferecem cuidado, saber e experiência, mas também recebem afeto, reconhecimento, estímulo, escuta e aprendizagem. Essa reciprocidade distingue profundamente a Trama Viva de práticas

assistencialistas, que reduzem a pessoa idosa à condição de receptor passivo de cuidados.

A reciprocidade, conforme demonstra Marcel Mauss (2018) em sua teoria da dádiva, constitui o fundamento das relações humanas. Dar, receber e retribuir são movimentos que mantêm o laço social vivo e equilibrado. Relações que rompem essa circularidade tendem a produzir dependência, invisibilidade ou dominação. No encontro intergeracional vivido pela UMA, a reciprocidade reinstaura a dignidade relacional, reconhecendo todos os envolvidos como sujeitos de valor e de saber (Osório, 2025).

A terceira dimensão que se revelou foi a da conexão temporal. Ao se relacionarem com pessoas mais jovens, as pessoas idosas reatualizam sua vinculação com o futuro. Essa conexão não se dá no plano abstrato das ideias, mas no contato concreto com corpos, histórias e projetos em formação. Crianças, jovens e adolescentes encarnam a continuidade da vida, tornando o futuro uma presença sensível no aqui-e-agora da relação.

Essa conexão temporal possui implicações existenciais profundas. Quando a experiência do envelhecimento se restringe ao passado, corre-se o risco de produzir um fechamento do horizonte de sentido, como se a vida já estivesse concluída. A relação intergeracional, ao contrário, reabre o tempo, reescrevendo a pessoa idosa no fluxo da vida que continua (Osório, 2025). Por meio do vínculo com as novas gerações, o futuro deixa de ser uma abstração distante e passa a ser vivido como possibilidade compartilhada, na qual a pessoa idosa permanece implicada, pertencente e necessária.

Fundamentos da Longevidade Criativa

A longevidade criativa organiza-se como uma TRAMA VIVA composta por fundamentos inter relacionados que permitem compreender o envelhecer como processo contínuo de criação de sentidos. Esses fundamentos não emergem de formulações abstratas, mas do PILÃO ilustrando a prática educativa da Universidade da Maturidade, onde experiências vividas, saberes partilhados e reflexões teóricas são continuamente moídos, transformados e ressignificados em diálogo com diferentes tradições acadêmicas.

O PILÃO ilustra o primeiro fundamento refere-se ao reconhecimento do potencial de desenvolvimento contínuo ao longo da vida, fio estruturante dessa trama. Ao contrário de concepções que associam envelhecimento à estagnação ou ao declínio, a longevidade criativa afirma que pessoas idosas permanecem capazes de aprender, reinventar-se e contribuir socialmente.

Esse princípio encontra respaldo nas evidências da neurociência, que demonstram a manutenção da plasticidade cerebral ao longo da vida, e na observação empírica da UMA, onde novas aprendizagens são incorporadas no cotidiano formativo.

A neuroplasticidade evidencia que o cérebro segue produzindo novas conexões, ainda que de modo distinto em diferentes fases da vida. Nesse PILÃO de experiências, algumas habilidades se transformam, enquanto outras se ampliam, como a capacidade de integrar vivências, exercer julgamento ético e produzir sínteses complexas. Aprender, na maturidade, não desaparece; apenas assume ritmos, estratégias e significados próprios, que a educação sensível às trajetórias de vida é capaz de acolher.

O segundo fundamento da longevidade criativa é a centralidade da convivência intergeracional, compreendida como elemento essencial que é ilustrado pela REDE formativa. A experiência da UMA demonstra que a criatividade no envelhecer se intensifica quando pessoas idosas se encontram, de forma significativa, com outras gerações. Esses encontros não são ocasionais, mas tecidos em relações contínuas de troca, afeto e cooperação, nas quais diferentes tempos de vida se entrelaçam (Osório, 2025).

A ilustração do TRANÇADO intergeracional, envolve crianças, jovens e pessoas idosas em momentos de compartilhamento de linguagens, tecnologias, memórias e projetos. Osório (2025) apresenta que o contato com o novo desafia certezas, enquanto a experiência acumulada oferece profundidade e perspectiva histórica. Em contraposição à segregação etária predominante em muitas sociedades, a educação intergeracional reconecta fios rompidos, permitindo que saberes circulem e que identidades se fortaleçam mutuamente.

O terceiro fundamento diz respeito à valorização dos saberes acumulados ao longo da vida, compreendidos como patrimônio vivo inscrito na TRAMA VIVA da UMA. Esses saberes, explícitos e tácitos, emergem do cotidiano, das histórias narradas, das práticas

compartilhadas e das experiências transmitidas. A longevidade criativa defendida por Osório (2025) reconhece que aprender não é apenas adquirir o novo, mas também honrar e compartilhar aquilo que foi construído ao longo da existência.

Essa valorização possui dimensão ética e política, pois confronta a desqualificação simbólica frequentemente imposta às pessoas idosas. Ao criar espaços de escuta, registro e circulação desses saberes, a UMA transforma o PILÃO da experiência em conhecimento socialmente reconhecido, reafirmando a dignidade e o lugar ativo das pessoas idosas na produção cultural e educativa.

O quarto fundamento articula criatividade e sentido de vida, elemento que dá coesão à TRAMA VIVA. A longevidade criativa compreende que envelhecer com sentido é possível quando há oportunidades de criar — nas artes, nas relações, na transmissão de saberes, na reinvenção de projetos pessoais. Criar, nesse contexto, não se limita à produção artística, mas refere-se à capacidade de gerar novos modos de ser e de estar no mundo.

No TRANÇADO das trajetórias individuais, a criatividade manifesta-se na reinvenção após perdas, na adaptação a mudanças, na construção de novos vínculos e no cultivo de novos interesses. A longevidade criativa, assim, não é privilégio de poucos, mas possibilidade aberta a todos que envelhecem quando inseridos em uma REDE de relações significativas e em processos educativos que reconhecem a experiência como matéria viva de criação contínua.

A Evolução para Longevidade Conectada

A partir de 2024, o conceito de longevidade criativa amplia-se para longevidade conectada, incorporando as transformações digitais que atravessam o mundo da vida contemporânea. Essa atualização não rompe com os fundamentos originais, mas os tece a novas formas de interação mediadas pelas tecnologias digitais, reconhecendo que o envelhecer passa a ocorrer em uma REDE cada vez mais digitalizada, na qual também se inscrevem as experiências das pessoas idosas.

A revolução digital transformou profundamente os modos de comunicação, acesso à informação, organização do trabalho e convivência social. Para as pessoas idosas, essas mudanças exigem processos de adaptação específicos, uma vez que muitas não cresceram em ambientes digitais.

Nesse contexto, o PILÃO das experiências cotidianas revela tanto as dificuldades iniciais quanto às possibilidades de aprendizagem que emergem quando o contato com a tecnologia é mediado por práticas educativas sensíveis às trajetórias de vida.

A exclusão digital manifesta-se como resultado de barreiras econômicas, educacionais, funcionais e simbólicas que dificultam o uso efetivo das tecnologias. As pessoas idosas configuram grupo especialmente vulnerável a esse processo, o que pode aprofundar o isolamento social. Na lógica da TRAMA VIVA, tais barreiras não são compreendidas como limitações individuais, mas como fios rompidos

na REDE social que precisam ser reconectados por meio de ações formativas intencionais.

Os dados empíricos coletados junto aos acadêmicos da Universidade da Maturidade indicam, entretanto, que a exclusão digital não é um destino inevitável. Os elevados índices de acesso à internet e uso de smartphones evidenciam que, quando o PILÃO educativo oferece condições adequadas — equipamentos, formação contextualizada, suporte técnico e motivação —, novas competências podem ser incorporadas ao cotidiano das pessoas idosas.

Esses resultados demonstram que a inclusão digital se fortalece em contextos de TRANÇADO intergeracional, nos quais jovens e pessoas idosas aprendem conjuntamente. A educação intergeracional potencializa a troca de saberes, permitindo que as tecnologias sejam apropriadas não apenas como ferramentas técnicas, mas como meios de comunicação, participação social e fortalecimento de vínculos.

A longevidade conectada organiza-se em cinco dimensões interrelacionadas que orientam os processos formativos desenvolvidos pela UMA. A adaptabilidade tecnológica contínua expressa a disposição para aprender ao longo do tempo; a presença sustentável nos ambientes digitais refere-se ao uso equilibrado e crítico das tecnologias; a autonomia evolutiva relaciona-se à ampliação da independência e da capacidade de decisão; a fluência intergeracional digital manifesta-se na comunicação e colaboração entre gerações; e a resiliência digital traduz a capacidade de enfrentar desafios e riscos no ambiente tecnológico. Essas dimensões não constituem metas fixas, mas horizontes tecidos continuamente na TRAMA VIVA da experiência educativa.

Articulação entre Educação Formal e Informal na UMA

A Universidade da Maturidade (UMA) opera a partir do conceito de educação formalizada e informalizada, compreendido, na perspectiva da TRAMA VIVA, como um entrelaçamento dinâmico entre rigor acadêmico, acolhimento afetivo e flexibilidade metodológica. Longe de constituir um paradoxo, essa formulação expressa a própria lógica da TRAMA VIVA: uma pedagogia tecida no encontro entre estruturas institucionais e vidas concretas, entre normativas universitárias e experiências singulares acumuladas ao longo do tempo.

Essa abordagem reconhece que a educação de pessoas idosas exige metodologias sensíveis às trajetórias vividas, aos ritmos próprios de aprendizagem e à centralidade da construção coletiva do conhecimento. Na TRAMA VIVA, aprender é tecer: cada fio — história, memória, saber, afeto — contribui para a solidez do tecido formativo.

O termo formalizado refere-se à dimensão institucional que sustenta e legitima esse processo. A UMA não se configura como iniciativa recreativa ou assistencial, mas como programa de extensão universitária vinculado a uma universidade federal, com organização curricular, certificação, supervisão acadêmica e produção científica sistematizada. Os acadêmicos da UMA participam de aulas, atividades planejadas, percursos formativos avaliativos e recebem certificação ao final de cada período, inscrevendo suas experiências no campo da educação superior.

Essa formalização confere legitimidade institucional ao processo educativo e reafirma a condição das pessoas idosas como acadêmicas, e não como assistidas ou beneficiárias. A escolha do termo acadêmico

é intencional e política: na TRAMA VIVA, as pessoas idosas são reconhecidas como sujeitos produtores de conhecimento, portadores de saberes socialmente relevantes e protagonistas de processos educativos transformadores.

O termo informalidade, por sua vez, diz respeito à dimensão relacional, afetiva e humanizadora que atravessa toda a prática pedagógica da UMA. A informalização não implica ausência de intencionalidade educativa, mas recusa a reprodução de formatos escolarizados rígidos, marcados por hierarquias inflexíveis, avaliações padronizadas e relações distanciadas. Na TRAMA VIVA, o conhecimento floresce em ambientes de escuta, respeito e pertencimento.

Essa informalização manifesta-se na flexibilidade metodológica, no acolhimento afetivo, na valorização dos saberes prévios, na adaptação às necessidades individuais e no cultivo de relações horizontais entre educadores e acadêmicos.

As aulas não seguem um modelo linear de exposição docente, mas se organizam em rodas de conversa, oficinas práticas, atividades culturais, vivências intergeracionais e momentos de confraternização, nos quais o aprender se entrelaça ao conviver.

As presenças não são controladas por dispositivos burocráticos excludentes; a participação ocorre conforme as possibilidades, os interesses e as condições de cada acadêmico. Os conteúdos são negociados coletivamente, reconhecendo a voz ativa dos sujeitos na

definição do que será estudado, aprofundado ou ressignificado. Assim, a TRAMA VIVA se constrói em permanente movimento, sensível às pulsões da vida que atravessam o espaço educativo.

O afeto constitui fio estruturante dessa trama pedagógica. Os educadores são orientados a estabelecer relações de cuidado, proximidade e respeito, chamando os acadêmicos pelo nome, interessando-se por suas histórias, celebrando conquistas individuais e coletivas. Essa dimensão afetiva não é acessória, mas constitutiva da proposta pedagógica, pois reconhece que, especialmente na velhice, a aprendizagem se fortalece em ambientes emocionalmente seguros e em vínculos significativos.

A educação tecida na TRAMA VIVA busca superar dicotomias que historicamente limitam as práticas educativas com pessoas idosas. De um lado, iniciativas assistencialistas que oferecem ocupação sem compromisso educativo; de outro, programas excessivamente escolarizados que impõem exigências incompatíveis com as realidades da velhice. A UMA constrói um caminho outro: rigor sem rigidez, afeto sem improviso, institucionalidade sem desumanização.

Central a essa abordagem é o princípio da não-desnaturalização. As pessoas idosas que ingressam na UMA não precisam renunciar às suas identidades, saberes ou modos de ser para participar do processo educativo. Ao contrário, são convidadas a trazer suas histórias, culturas e experiências como matéria-prima da ação pedagógica. A TRAMA VIVA não apaga singularidades; ela as potencializa.

Na prática, isso significa que os acadêmicos não precisam se moldar a comportamentos escolares tradicionais. Podem falar a partir de seus repertórios, manter seus modos próprios de interação e ocupar o espaço educativo com autenticidade. É a instituição que se adapta

aos sujeitos, e não o inverso, reafirmando o compromisso ético da UMA com uma educação inclusiva, digna e emancipatória.

A TRAMA VIVA também reconhece a circularidade dos saberes. O conhecimento não flui em via única do educador para o educando, mas circula entre todos os envolvidos. A avó que compartilha receitas tradicionais, o senhor que narra histórias do território, a artesã que ensina técnicas ancestrais — todos são reconhecidos como portadores de saberes legítimos, dignos de escuta, registro e valorização acadêmica.

Essa concepção dialoga profundamente com a tradição freireana da educação popular. Paulo Freire propôs uma educação que parte do universo existencial dos educandos, substituindo a lógica bancária pela problematização da realidade vivida. Na TRAMA VIVA da UMA, essa herança se atualiza: o conhecimento emerge do diálogo, da experiência e da vida em movimento, tecida coletivamente no encontro entre gerações, territórios e histórias.

O Paradigma do Envelhecimento Ativo e suas Limitações

O conceito de envelhecimento ativo, proposto pela Organização Mundial da Saúde em 2002, define-se como o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas envelhecem. Este paradigma tornou-se referência para políticas públicas de envelhecimento em todo o mundo, mas também tem sido objeto de críticas que é importante considerar para situar a proposta da longevidade criativa.

O envelhecimento ativo estrutura-se em torno de três pilares: saúde, participação e segurança. O pilar da saúde refere-se à manutenção de capacidades físicas e mentais que permitam vida autônoma e independente. O pilar da participação enfatiza o engajamento contínuo em atividades sociais, econômicas, culturais, espirituais e cívicas. O pilar da segurança compreende proteção, dignidade e cuidado quando necessário. Posteriormente foi acrescentado o pilar da aprendizagem ao longo da vida.

Ao enfatizar que pessoas idosas podem e devem continuar ativas, participativas e saudáveis, o conceito contribuiu para mudança de mentalidades e para desenvolvimento de políticas que promovem a inclusão social de pessoas idosas.

Contudo, o envelhecimento ativo tem sido criticado por diferentes perspectivas. Uma crítica frequente refere-se ao risco de responsabilização individual pelo próprio envelhecimento. Se o envelhecimento ativo é apresentado como escolha individual, aqueles que não conseguem envelhecer ativamente podem ser vistos como responsáveis por seu próprio fracasso, desconsiderando-se os determinantes sociais que condicionam as possibilidades de cada pessoa.

A ênfase na produtividade presente em algumas interpretações do envelhecimento ativo também é criticada. A pressão para que pessoas idosas continuem economicamente produtivas pode

reproduzir lógicas capitalistas de valorização do ser humano apenas enquanto força de trabalho. A velhice como tempo de contemplação, de descanso merecido, de desaceleração pode ser desvalorizada em nome da atividade permanente.

O conceito de longevidade criativa, desenvolvido pela UMA, dialoga criticamente com o paradigma do envelhecimento ativo. Compartilha a recusa de visões deficitárias que reduzem a velhice a declínio, mas enfatiza a dimensão criativa do envelhecer de forma distinta. A criatividade não se confunde com produtividade econômica; refere-se à capacidade de criar novos modos de ser e de estar no mundo, que pode manifestar-se de múltiplas formas.

A longevidade criativa reconhece que a criatividade no envelhecer não é conquista individual, mas emergência relacional. A descoberta de 2014 de que a saída da longevidade criativa estava na convivência com todas as gerações desloca o foco do indivíduo para as relações. Não se trata de pessoas idosas que conseguem individualmente envelhecer criativamente, mas de contextos relacionais que favorecem a emergência da criatividade em todas as idades.

A metodologia TRAMA VIVA operacionaliza esta compreensão ao criar condições para convivência intergeracional significativa. Os três pilares REDE, PILÃO e TRANÇADO estruturam práticas que promovem relações, transformação coletiva e integração de diversidades. O envelhecimento criativo emerge destas práticas, não como atributo individual, mas como propriedade das relações intergeracionais cultivadas.

Gerontologia Educativa: Campo de Conhecimento e Prática

A gerontologia educativa constitui campo de conhecimento e prática que articula gerontologia e educação para compreender e promover processos educativos envolvendo pessoas idosas. O campo desenvolveu-se a partir da segunda metade do século XX, quando o envelhecimento populacional e a emergência da educação permanente convergiram para colocar a educação de pessoas idosas como tema relevante.

As origens da gerontologia educativa remontam às universidades da terceira idade que surgiram na França na década de 1970. A primeira foi criada por Pierre Vellas na Universidade de Toulouse em 1973, com o objetivo de oferecer a pessoas aposentadas acesso a atividades educativas e culturais. O modelo francês, denominado modelo institucional, vinculava-se a universidades formais e oferecia cursos acadêmicos adaptados ao público mais velho.

Nos Estados Unidos desenvolveu-se um modelo distinto, chamado modelo participativo, que enfatizava a autogestão pelas próprias pessoas idosas. Os Institutes for Learning in Retirement, surgidos a partir de 1977, eram organizados e dirigidos por pessoas aposentadas que definiam suas próprias atividades educativas. Este modelo valorizava a experiência dos participantes e reduzia a distinção entre educadores e educandos.

No Brasil, as primeiras iniciativas de educação de pessoas idosas surgiram na década de 1980, combinando influências dos modelos francês e norte-americano com características próprias do contexto nacional. A UNATI da UERJ, criada em 1985, e a UNATI da UFSC, de 1986, foram pioneiras. Nas décadas seguintes, centenas de programas

surgiram em universidades públicas e privadas, em instituições religiosas e comunitárias.

A gerontologia educativa desenvolveu fundamentação teórica própria, dialogando com diferentes campos do conhecimento. A andragogia, teoria do aprendizado adulto desenvolvida por Malcolm Knowles, oferece princípios para educação de adultos que foram aplicados também a pessoas idosas.

Os princípios que orientam a educação de pessoas idosas incluem: respeito à experiência acumulada ao longo da vida; flexibilidade de métodos e tempos; integração entre diferentes áreas do conhecimento; valorização do processo tanto quanto do produto; atenção às limitações funcionais sem reducionismo; promoção da autonomia e da participação; articulação entre educação e qualidade de vida.

A UMA inscreve-se na tradição da gerontologia educativa, mas com especificidades que a distinguem de outros programas. A metodologia TRAMA VIVA, com seus fundamentos amazônicos e pantaneiros, representa contribuição original não encontrada em outras iniciativas. A ênfase na educação intergeracional, e não apenas na educação de pessoas idosas, diferencia a proposta. O compromisso com povos tradicionais – indígenas e quilombolas – amplia o alcance para além do público urbano típico das universidades da terceira idade.

Metodologias de Pesquisa em Educação Intergeracional

A pesquisa em educação intergeracional requer abordagens metodológicas capazes de captar a complexidade dos fenômenos investigados. As interações entre gerações envolvem dimensões objetivas e subjetivas, individuais e coletivas, imediatas e de longo prazo. Métodos únicos são insuficientes; abordagens mistas que combinam técnicas quantitativas e qualitativas são frequentemente necessárias.

A pesquisa quantitativa em educação intergeracional utiliza instrumentos padronizados para mensurar variáveis de interesse: qualidade de vida, capacidade funcional, satisfação, atitudes intergeracionais, entre outras. Escalas validadas internacionalmente permitem comparações entre grupos e entre momentos diferentes. Designs longitudinais que acompanham participantes ao longo do tempo são especialmente valiosos para identificar mudanças atribuíveis às intervenções.

A pesquisa qualitativa busca compreender os significados atribuídos pelos participantes às suas experiências. Entrevistas em profundidade permitem acesso a narrativas individuais sobre o que a participação em programas intergeracionais significa para cada pessoa. Grupos focais facilitam a emergência de perspectivas compartilhadas e de dinâmicas grupais. A observação participante permite ao pesquisador vivenciar diretamente as situações investigadas.

A fenomenologia, abordagem filosófica e metodológica que fundamenta teoricamente o trabalho da UMA, oferece recursos para

investigar a experiência vivida em sua originalidade. A pesquisa fenomenológica busca descrever os fenômenos tal como se apresentam à consciência, suspendendo pressupostos teóricos que poderiam distorcer a compreensão. A atenção ao que se mostra, princípio fenomenológico fundamental, orienta a postura investigativa.

A pesquisa-ação, tradição metodológica que articula investigação e intervenção, é particularmente adequada para educação intergeracional. O pesquisador não é observador externo neutro, mas participante dos processos que investiga. Os resultados da pesquisa alimentam aprimoramentos na prática, que por sua vez geram novos dados para a pesquisa. O ciclo pesquisa-ação-reflexão é característico desta abordagem.

A pesquisa participante envolve os sujeitos tradicionalmente pesquisados como investigadores. No contexto da UMA, isto significa envolver acadêmicos, pessoas idosas, educadores e membros das comunidades tradicionais no planejamento, coleta e análise de dados. Esta abordagem é coerente com os princípios metodológicos do programa, que valorizam a participação e reconhecem os saberes de todos os envolvidos.

Os desafios éticos da pesquisa com pessoas idosas incluem: garantia de compreensão do consentimento informado, especialmente quando há comprometimento cognitivo; proteção contra riscos de exploração ou manipulação; respeito à privacidade e confidencialidade; devolução de resultados de forma acessível e útil. A pesquisa com povos indígenas e comunidades quilombolas acrescenta exigências específicas relacionadas a protocolos comunitários de pesquisa.

A produção científica da UMA demonstra utilização competente de diversas abordagens metodológicas. As teses e dissertações empregam métodos quantitativos, qualitativos e mistos conforme adequação aos objetos investigados.

A fenomenologia social é referência teórica que orienta muitos trabalhos, mas não exclusiva; outras perspectivas são mobilizadas quando pertinentes. A diversidade metodológica reflete a complexidade dos fenômenos investigados.

Teoria das Relações Intergeracionais

As relações intergeracionais constituem objeto de estudo que mobiliza diferentes disciplinas: sociologia, psicologia, antropologia, demografia, economia, entre outras. Cada disciplina oferece perspectivas específicas que, articuladas, permitem compreensão multidimensional das dinâmicas entre gerações. A educação intergeracional beneficia-se deste diálogo interdisciplinar.

O conceito de geração admite diferentes definições conforme a perspectiva adotada. Na perspectiva demográfica, geração refere-se a corte de pessoas nascidas em determinado período, que compartilham posição no curso de vida. Na perspectiva sociológica, geração implica consciência compartilhada por pessoas que vivenciaram eventos históricos marcantes em momentos formativos de suas trajetórias. Karl

Mannheim desenvolveu esta perspectiva em seu clássico ensaio sobre o problema das gerações.

Para Mannheim, a localização geracional é análoga à localização de classe: determina campo de possibilidades e constrangimentos para os indivíduos. Pessoas da mesma geração tendem a compartilhar referências culturais, sensibilidades, modos de interpretar o mundo. Estas afinidades geracionais não são deterministas, mas condicionam experiências e perspectivas.

A solidariedade intergeracional refere-se aos vínculos de apoio mútuo entre gerações, especialmente entre gerações adjacentes em famílias. Pesquisas demonstram fluxos de apoio em múltiplas direções: de pais para filhos, de avós para netos, mas também de filhos e para pessoas idosas. A solidariedade intergeracional é recurso fundamental para enfrentamento de dificuldades ao longo do curso de vida.

O conflito intergeracional, embora menos estudado que a solidariedade, também caracteriza relações entre gerações. Disputas por recursos, tensões sobre valores, ressentimentos acumulados podem marcar relações intergeracionais em famílias e na sociedade mais ampla. Narrativas sobre conflito entre gerações – jovens versus velhos – frequentemente simplificam dinâmicas complexas, mas expressam tensões reais.

A equidade intergeracional é princípio normativo que orienta políticas públicas e debates sobre justiça entre gerações. Questões como sustentabilidade ambiental, dívida pública, sistemas previdenciários envolvem dimensões de equidade intergeracional: o que uma geração pode exigir das seguintes? O que deve às anteriores? A educação intergeracional pode contribuir para construção de perspectiva equitativa ao promover encontro e diálogo.

O idadismo, definido como estereótipos, preconceitos e discriminação baseados na idade, afeta especialmente pessoas idosas em sociedades que valorizam juventude. Manifestações de idadismo incluem desde piadas e estereótipos aparentemente inofensivos até discriminação em emprego, saúde e outros campos.

A convivência intergeracional promovida pela UMA pode contribuir para redução de atitudes idadistas ao proporcionar contato significativo entre pessoas de diferentes idades.

A transmissão intergeracional refere-se aos processos pelos quais conhecimentos, valores, práticas e recursos são passados entre gerações. A família é um espaço privilegiado de transmissão, mas não exclusivo. Instituições educativas, religiosas, comunitárias também operam como veículos de transmissão. A educação intergeracional formalizada, como a praticada pela UMA, cria condições específicas para transmissão de saberes entre gerações não necessariamente aparentadas.

CAPÍTULO 4

METODOLOGIA TRAMA VIVA

A metodologia TRAMA VIVA foi desenvolvida ao longo de vinte anos pela Professora Neila Barbosa Osório, fundamentada na fenomenologia social aplicada e na experiência direta com comunidades tradicionais da Amazônia Legal, do Pantanal e, mais recentemente, de Portugal. Esta metodologia sistematiza práticas educativas que integram saberes ancestrais, conhecimentos científicos e vivências comunitárias em uma proposta coerente e replicável.

A gênese da TRAMA VIVA remonta às primeiras experiências de trabalho educativo com pessoas idosas no início dos anos 2000. Naquele período, as metodologias disponíveis no campo da gerontologia educativa eram predominantemente importadas de contextos europeus e norte-americanos, com limitada aderência às realidades brasileiras, especialmente às particularidades da Amazônia Legal e do Pantanal. As universidades da terceira idade existentes seguiam modelos que, embora válidos em seus contextos de origem, não respondiam às especificidades das populações amazônicas.

A construção da metodologia seguiu o que pode ser denominado abordagem "pé na areia" – desenvolvimento de teoria a partir da prática vivida, não aplicação de conceitos abstratos a realidades concretas. Esta expressão, frequentemente utilizada pela coordenadora da UMA, remete à experiência de imersão em comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas, onde o conhecimento se constrói no contato direto com a terra, com a água e com as pessoas.

A abordagem "pé na areia" contrasta com o academicismo que frequentemente caracteriza a produção de conhecimento universitário. Em vez de desenvolver teorias em gabinetes e depois buscar aplicá-las em contextos reais, a TRAMA VIVA foi construída no fazer cotidiano, na observação atenta, no diálogo com comunidades, na tentativa e erro. A teoria emergiu da prática, não a precedeu.

A abordagem "pé na areia" representa opção metodológica deliberada que inverte a lógica usual de construção do conhecimento acadêmico. Em vez de partir de teorias desenvolvidas em centros hegemônicos de produção de conhecimento para aplicá-las em contextos periféricos, a TRAMA VIVA parte da experiência vivida nas margens dos rios amazônicos, nos quilombos, nos territórios indígenas, para construir teoria que possa dialogar com tradições acadêmicas consolidadas.

Esta opção metodológica explica a ancoragem da TRAMA VIVA em metáforas amazônicas e pantaneiras: não se trata de ilustrações decorativas ou de concessões ao exotismo regional, mas de categorias analíticas emergentes da experiência de trabalho com povos e comunidades destes territórios.

A REDE, o PILÃO e o TRANÇADO são realidades concretas presentes na vida cotidiana destas comunidades, que foram elevadas à condição de conceitos estruturantes da metodologia.

A escolha de metáforas locais para estruturar uma metodologia acadêmica representa posicionamento epistemológico. Reconhece-se que o conhecimento válido não é produzido apenas nos centros hegemônicos, que as comunidades tradicionais são portadoras de saberes sofisticados, que as categorias analíticas podem emergir de contextos diversos. A TRAMA VIVA é, assim, exercício de decolonização epistemológica.

A validação da UMA como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil atesta que a TRAMA VIVA atende aos requisitos de uma metodologia eficaz e replicável. Os critérios de certificação – resolução de problema social relevante, replicabilidade, envolvimento comunitário, transformação social efetiva e sustentabilidade – foram rigorosamente avaliados em dois processos distintos, ambos com resultado favorável. Esta validação institucional confere à TRAMA VIVA reconhecimento que transcende o âmbito acadêmico.

O desenvolvimento da metodologia não foi processo linear, mas percurso marcado por tentativas, erros, aprendizados e reformulações. Práticas que pareciam promissoras foram abandonadas quando se revelaram inadequadas; outras, inicialmente marginais, ganharam centralidade à medida que demonstravam eficácia. A TRAMA VIVA, em sua configuração atual, é resultado de duas décadas de refinamento contínuo, de atenção aos resultados e de disposição para aprender com a experiência.

A metodologia TRAMA VIVA estrutura-se em três pilares – REDE, PILÃO e TRANÇADO – que constituem categorias analíticas e operacionais para a prática educativa intergeracional. Estes pilares não são independentes, mas interrelacionados, compondo uma trama (daí o nome da metodologia) que sustenta e dá coerência ao trabalho educativo. A imagem da trama evoca tecido em que fios diversos se entrelaçam para formar uma estrutura resistente e bela.

A escolha de metáforas amazônicas e pantaneiras para nomear os pilares não é arbitrária, mas reflete a ancoragem territorial da metodologia. A REDE remete às redes de pesca que sustentam comunidades ribeirinhas desde tempos imemoriais. O PILÃO evoca o instrumento tradicional de transformação coletiva de alimentos, presente em praticamente todas as comunidades tradicionais

brasileiras. O TRANÇADO refere-se às técnicas de cestaria indígena que integram fibras diversas em objetos resistentes e belos.

Estas metáforas não foram escolhidas por serem típicas ou pitorescas, mas por portarem significados profundos que iluminam dimensões essenciais do processo educativo. A rede que sustenta o pescador sobre as águas também simboliza as redes de relações que sustentam a vida comunitária. O pilão que transforma grãos em alimento também representa os processos de transformação coletiva que a educação pode promover. O trançado que integra fibras diversas em cesto resistente também evoca a integração de diferentes saberes e gerações em unidade significativa.

A Rede

A REDE constitui o pilar relacional da metodologia TRAMA VIVA, fundamentado na compreensão de que toda educação acontece em contexto de relações. A metáfora da rede de pesca ilumina esta compreensão de múltiplas formas: assim como a rede sustenta-se pela interdependência de seus nós, o processo educativo sustenta-se pela interdependência de seus participantes; assim como a rede precisa ser constantemente reparada e cuidada, as relações educativas requerem atenção e cultivo contínuos.

Na cultura ribeirinha amazônica, a rede não é apenas instrumento de trabalho, mas objeto carregado de significados. A confecção da rede é trabalho coletivo que reúne diferentes gerações; o conhecimento sobre materiais, técnicas e pontos é transmitido de pais para filhos, de avós para netos. A rede bem feita é motivo de orgulho; a rede mal cuidada pode significar fracasso na pesca e fome para a

família. Estes significados culturais enriquecem a metáfora e a tornam potente para pensar as relações educativas.

A rede amazônica tradicional é feita com fibras naturais ou, mais recentemente, com fios sintéticos. Sua confecção requer conhecimento técnico transmitido entre gerações: escolha dos materiais, tamanho da malha adequado a cada tipo de peixe, técnicas de amarração que garantam resistência. A rede é objeto de cuidado constante: após cada uso, é lavada, secada, reparada quando necessário. Uma rede bem cuidada pode durar anos; uma rede negligenciada rapidamente se deteriora.

Na prática educativa, o pilar REDE traduz-se em princípios e práticas específicas que orientam a construção e o cultivo de relações. O acolhimento incondicional representa disposição de receber cada pessoa como ela é, sem julgamentos prévios, sem exigências de adequação a padrões pré-estabelecidos.

O acolhimento incondicional não significa ausência de limites ou de expectativas, mas reconhecimento da dignidade inerente a cada pessoa, independentemente de suas características, de sua história, de suas limitações. A pessoa idosa que chega à UMA é recebida como acadêmica, não como paciente ou como assistida. Esta recepção dignificante estabelece as bases para relações educativas construtivas.

A construção de vínculos afetivos constitui o segundo princípio do pilar REDE. Estes vínculos não são instrumentais – meios para fins educativos – mas valores em si mesmos. As relações estabelecidas na UMA frequentemente transcendem o espaço institucional, gerando amizades, parcerias e redes de apoio mútuo que se estendem para além do programa. Acadêmicos que se conheceram na UMA tornam-se amigos que se visitam, que se telefonam, que se apoiam em momentos difíceis.

A valorização de cada participante representa o reconhecimento de que cada nó da rede é essencial para a sustentação do conjunto. Na UMA, este princípio traduz-se em práticas que garantem voz e visibilidade a todos os acadêmicos, não apenas aos mais articulados ou mais presentes. Cada história de vida, cada saber trazido, cada contribuição oferecida é reconhecida e valorizada. O acadêmico tímido que pouco fala não é menos valorizado que o extrovertido que se destaca.

O cultivo da interdependência contrapõe-se a ideais de independência absoluta frequentemente associados ao envelhecimento bem-sucedido. A REDE propõe que a interdependência – reconhecer que precisamos uns dos outros – não é sinal de fraqueza ou de fracasso, mas condição humana fundamental. Na UMA, acadêmicos apoiam-se mutuamente, compartilham recursos, oferecem ajuda e aceitam ser ajudados. A interdependência não diminui a autonomia, mas a situa em contexto relacional.

A atenção à rede também implica cuidado com as relações que se fragilizam ou se rompem. Quando um acadêmico se afasta, a equipe da UMA busca saber o motivo, oferecer apoio, facilitar o retorno se desejado. Quando conflitos surgem entre acadêmicos, há mediação cuidadosa que busca restaurar as relações. A rede precisa ser

constantemente reparada para manter sua capacidade de sustentação.

O Pilão

O PILÃO simboliza o processo de transformação por meio do trabalho coletivo. Na tradição amazônica e pantaneira, o pilão é instrumento no qual grãos são transformados pelo esforço conjunto e ritmado de várias pessoas. O ato de pilar – socar repetidamente os grãos no pilão de madeira – é simultaneamente trabalho e celebração, esforço e encontro, transformação de matéria-prima e fortalecimento de vínculos comunitários.

O pilão tradicional é objeto pesado, feito de tronco de árvore escavado, que pode servir a diferentes finalidades: pilar arroz, descascar café, preparar farinha de mandioca, fazer paçoca. O instrumento permanece, enquanto os conteúdos variam conforme a necessidade. Esta permanência do instrumento evoca a metodologia como estrutura que pode processar diferentes conteúdos e adaptar-se a diferentes contextos.

Na história brasileira, o pilão ocupa lugar especial. Presente desde os tempos coloniais, foi utilizado por indígenas, africanos escravizados e colonos europeus, cada grupo trazendo suas técnicas e seus usos específicos. O pilão é objeto de encontro cultural, síntese de tradições diversas que se mesclaram no território brasileiro. Esta história de encontros ressoa com a proposta intergeracional e intercultural da UMA.

O trabalho no pilão tradicionalmente reúne várias pessoas – frequentemente mulheres – que se alternam ou que trabalham

simultaneamente com as mãos de pilão. O ritmo precisa ser coordenado para evitar acidentes e para maximizar a eficiência. As conversas que acompanham o trabalho fortalecem vínculos, transmitem notícias, processam experiências. O pilão é um espaço de socialização tanto quanto de produção.

Na metodologia TRAMA VIVA, o pilar PILÃO representa a construção colaborativa do conhecimento, processo no qual diferentes saberes são processados coletivamente para gerar novos entendimentos. Esta construção não é fusão indiferenciada que dissolve as diferenças, mas integração que preserva a identidade de cada contribuição enquanto gera produto novo e comum.

O trabalho coletivo como valor constitui o primeiro princípio do pilar PILÃO. Na UMA, as atividades são predominantemente coletivas, não por razões logísticas ou econômicas, mas por convicção metodológica de que o conhecimento se constrói melhor na interação. Mesmo quando há momentos de trabalho individual, estes são enquadrados em projetos coletivos que dão sentido às contribuições individuais.

A transformação por meio do encontro representa o segundo princípio. O pilão tradicional transforma grãos duros em farinha macia; o processo educativo transforma experiências brutas em conhecimento sistematizado. Mas a transformação mais profunda é a

que ocorre nas pessoas que participam do processo: acadêmicos que descobrem potenciais desconhecidos, que ressignificam suas histórias, que desenvolvem novas habilidades; educadores que aprendem com os educandos; comunidades que se reconhecem nos saberes compartilhados.

O ritmo compartilhado evoca a dimensão temporal do trabalho coletivo. No pilão tradicional, as pessoas que pilam precisam coordenar seus movimentos em ritmo comum sob pena de se atrapalharem mutuamente ou de se machucarem. Na educação intergeracional, o ritmo compartilhado implica respeitar as temporalidades de cada participante, sincronizar-se com cadências diferentes, encontrar compassos que permitam o trabalho conjunto sem impor uniformidade.

O produto comum representa o resultado tangível do trabalho coletivo. Assim como o pilão produz farinha que será consumida pela comunidade, o processo educativo da UMA produz conhecimentos, materiais, práticas e relações que beneficiam todos os participantes e as comunidades das quais fazem parte. Os livros publicados, os artigos escritos, as oficinas desenvolvidas, as técnicas documentadas são produtos comuns que resultam do trabalho coletivo.

O Trançado

O TRANÇADO inspira-se nas técnicas artesanais de cestaria indígena, especialmente nas práticas dos povos amazônicos com quem a UMA mantém relação de trabalho. Na cestaria tradicional, diferentes fibras são entrelaçadas segundo padrões específicos para criar objetos

funcionais e belos. A técnica do trançado é sofisticada: requer conhecimento das propriedades de cada fibra, domínio da técnica de entrelaçamento, visão do produto final a ser alcançado, e paciência para o trabalho minucioso.

Os cestos trançados pelos povos indígenas brasileiros são objetos que unem função e beleza de forma exemplar. Servem para carregar produtos da roça, para armazenar alimentos, para peneirar farinhas, para guardar objetos preciosos. Ao mesmo tempo, são expressões artísticas que carregam significados culturais, padrões geométricos transmitidos entre gerações, identidade visual de cada povo. O cesto bem trançado é valorizado tanto por sua utilidade quanto por sua beleza.

Cada povo indígena desenvolve técnicas e padrões próprios de cestaria, que constituem marcadores de identidade cultural. Os cestos Baniwa são diferentes dos cestos Kayapó, que são diferentes dos cestos Xerente. Um conhecedor pode identificar a origem de um cesto pelos padrões utilizados. Esta diversidade na unidade – técnicas variadas para uma mesma função – inspira a abordagem da TRAMA VIVA à diversidade cultural.

A técnica do trançado envolve conhecimento profundo dos materiais. Diferentes fibras – de palmeiras, de cipós, de gramíneas – têm propriedades distintas: algumas são mais flexíveis, outras mais resistentes; algumas absorvem corantes, outras mantêm sua cor natural; algumas duram anos, outras deterioram rapidamente. O artesão que trança precisa conhecer estas propriedades para escolher os materiais adequados a cada finalidade.

Na metodologia TRAMA VIVA, o pilar TRANÇADO representa a integração de diferentes conhecimentos, gerações e culturas em uma trama coesa e significativa. Esta integração não é homogeneização, as fibras mantêm suas características próprias, mas composição que gera resistência e beleza maiores do que cada elemento isolado poderia produzir.

A integração de saberes diversos constitui o primeiro princípio do pilar TRANÇADO. Na UMA, saberes acadêmicos e populares, científicos e tradicionais, urbanos e rurais são entrelaçados sem hierarquias pré-estabelecidas. O conhecimento do ancião Xerente sobre plantas medicinais não é subordinado ao conhecimento farmacológico ocidental, mas colocado em diálogo horizontal. A receita da avó quilombola não é folclorizada como curiosidade do passado, mas valorizada como conhecimento vivo.

A complementaridade geracional representa o segundo princípio. Diferentes gerações trazem diferentes perspectivas, diferentes saberes, diferentes formas de estar no mundo. O TRANÇADO propõe que estas diferenças são complementares, não antagônicas. Jovens e pessoas idosas, quando se encontram em condições adequadas, podem aprender uns com os outros e criar juntos o que nenhum criaria sozinho.

A resistência por meio da diversidade evoca propriedade física dos trançados artesanais: a combinação de fibras diferentes produz objeto mais resistente do que qualquer fibra isolada. Fibras que se

rompem facilmente quando isoladas tornam-se resistentes quando combinadas com outras. Na educação intergeracional, a diversidade de participantes, de idades, de origens, de saberes, fortalece o processo educativo e seus resultados.

A beleza na complexidade representa reconhecimento estético do valor do entrelaçamento. Os cestos trançados pelos povos indígenas não são apenas funcionais, mas belos. A complexidade do trançado, longe de ser obstáculo, é fonte de beleza. Na UMA, a complexidade das relações intergeracionais, das trocas de saberes, dos processos educativos é reconhecida e celebrada como beleza, não como complicação a ser superada.

PRINCÍPIOS OPERACIONAIS DA TRAMA VIVA

Além dos três pilares, a metodologia TRAMA VIVA opera por meio de princípios específicos que orientam a prática educativa cotidiana. Estes princípios derivam dos pilares e os operacionalizam em diretrizes concretas para educadores e gestores. Enquanto os pilares oferecem fundamentos conceituais, os princípios operacionais traduzem estes fundamentos em orientações práticas.

Via de Mão Dupla Afetiva

A via de mão dupla afetiva reconhece que o processo educativo intergeracional beneficia todas as gerações envolvidas, não apenas as

peessoas idosas que supostamente seriam os beneficiários principais. Este princípio contrapõe-se a visões assistencialistas que posicionam pessoas idosas como receptores passivos de ajuda oferecida por pessoas mais jovens, propondo em seu lugar modelo de reciprocidade.

Jovens que atuam como voluntários ou educadores na UMA relatam aprendizados significativos sobre história, tradições, valores e modos de vida. Estudantes universitários que participam de projetos de extensão na UMA frequentemente afirmam que a experiência transformou sua compreensão do envelhecimento e sua relação com pessoas idosas. Educadores profissionais redescobrem sentidos para sua prática no encontro com acadêmicos idosos.

Na via de mão dupla afetiva, todos dão e todos recebem, todos ensinam e todos aprendem. O acadêmico idoso que aprende a usar o smartphone também ensina receitas tradicionais; o jovem voluntário que ensina tecnologia também aprende histórias de vida.

A via de mão dupla afetiva tem implicações práticas para o desenho de atividades. As relações intergeracionais são planejadas de modo que cada parte tenha algo a oferecer e algo a receber. Não se trata de jovens ajudando pessoas idosas, mas de gerações diferentes colaborando em projetos comuns nos quais cada uma contribui com seus saberes e suas capacidades.

Escutatória

A escutatória, já apresentada na fundamentação teórica, opera como princípio metodológico que antecede qualquer intervenção educativa. Na TRAMA VIVA, escutar é o primeiro ato pedagógico. Antes de planejar atividades, antes de propor conteúdos, antes de transmitir conhecimentos, o educador escuta. Esta escuta não é coleta de dados para diagnóstico, mas disposição genuína de aprender com o outro.

Na prática, a escutatória manifesta-se em diversas formas: rodas de conversa sem pauta predefinida, nas quais os acadêmicos são convidados a falar sobre o que desejarem; entrevistas de história de vida, nas quais suas trajetórias são registradas com atenção e respeito; acolhimento de narrativas espontâneas, que surgem nos intervalos, nos corredores, nas confraternizações; atenção aos silêncios e aos ditos nas entrelinhas, que frequentemente revelam tanto ou mais que as palavras explícitas.

Os acadêmicos da UMA, ao serem escutados, experimentam reconhecimento que transforma sua relação com o saber e consigo mesmos. Muitos relatam que é a primeira vez em anos que alguém demonstra interesse genuíno por suas histórias, por suas opiniões, por seus saberes. Este reconhecimento tem efeitos terapêuticos que

transcendem os objetivos estritamente educativos, contribuindo para autoestima, sentido de vida e bem-estar subjetivo.

Valorização dos Saberes Tradicionais

A valorização dos saberes tradicionais representa o compromisso epistemológico e ético da metodologia TRAMA VIVA. Os conhecimentos ancestrais dos povos amazônicos, pantaneiros, indígenas e quilombolas não são tratados como curiosidades folclóricas ou resquícios de passado a ser superado, mas como patrimônios vivos que têm muito a ensinar às gerações atuais e futuras.

Este princípio materializa-se em práticas de registro, sistematização e transmissão dos saberes tradicionais. Receitas culinárias transmitidas de geração em geração são documentadas em livros e vídeos; técnicas artesanais de cestaria, cerâmica e tecelagem são ensinadas em oficinas intergeracionais; conhecimentos sobre plantas medicinais são registrados em herbários e em materiais didáticos; práticas de cuidado e de cura são valorizadas como saberes legítimos.

Os detentores destes saberes são reconhecidos como mestres, não obstante a ausência de titulação acadêmica formal. O ancião Xerente que conhece os nomes e as propriedades de centenas de plantas é reconhecido como especialista em seu campo de conhecimento.

A valorização dos saberes tradicionais não implica idealização ou negação de suas limitações. O saber tradicional, como qualquer saber, é parcial, situado, passível de crítica. O diálogo com conhecimentos científicos pode revelar limitações e pode enriquecer compreensões. O que a TRAMA VIVA recusa é a hierarquização que subordina automaticamente o tradicional ao científico, o local ao universal, o oral ao escrito.

Integração Teoria-Vivência

A integração teoria-vivência articula conhecimento acadêmico e experiência de vida de forma que se iluminem mutuamente. Na UMA, os conteúdos teóricos não são apresentados de forma abstrata, mas conectados às experiências concretas dos acadêmicos. Reciprocamente, as experiências de vida são refletidas à luz de categorias teóricas que ajudam a compreendê-las em profundidade.

Este princípio fundamenta-se no reconhecimento de que pessoas idosas são portadoras de vastas experiências que constituem material privilegiado para reflexão e aprendizado. Uma aula sobre história do Brasil ganha outra dimensão quando acadêmicos que viveram períodos históricos estudados compartilham suas memórias.

*Um debate sobre políticas públicas
enriquece-se com relatos de quem
vivenciou seus efeitos. Uma*

discussão sobre transformações tecnológicas torna-se mais concreta quando pessoas que vivem sem eletricidade narram esta experiência.

A integração teoria-vivência também implica que a teoria emerge da prática, não apenas a precede. Os conceitos de longevidade criativa e de longevidade conectada, por exemplo, não foram deduzidos de sistemas teóricos prévios, mas emergiram da observação atenta da experiência dos acadêmicos. A metodologia TRAMA VIVA como um todo foi construída neste movimento de vai-e-vem entre prática e reflexão.

Respeito às Temporalidades

O respeito às temporalidades reconhece que diferentes pessoas têm diferentes ritmos de aprendizagem, diferentes disponibilidades de tempo, diferentes formas de viver a temporalidade. Na UMA, este princípio traduz-se em flexibilidade de horários, de ritmos de aula, de prazos para atividades, de formas de participação.

A TRAMA VIVA não impõe ritmos externos determinados por calendários acadêmicos ou por exigências de produtividade, mas adapta-se aos ritmos próprios dos acadêmicos.

Este princípio tem implicações práticas concretas. As atividades não começam no minuto marcado, mas quando o grupo está reunido e acolhido. Os intervalos são generosos, permitindo conversas, descanso, cuidado com necessidades pessoais. Os prazos para trabalhos são flexíveis, respeitando as condições de cada acadêmico. A pontualidade é valorizada, mas não é critério de exclusão ou de punição.

APLICAÇÕES EM DIFERENTES CONTEXTOS

A metodologia TRAMA VIVA demonstra capacidade de aplicação em contextos socioculturais diversos, mantendo seus princípios fundamentais enquanto se adapta às especificidades locais. Esta plasticidade é atestada pela presença de polos UMA na Amazônia Legal, no Pantanal e em Portugal, além das vertentes específicas para povos indígenas, comunidades quilombolas, pessoas com deficiência e comunidade surda.

Em cada contexto, a adaptação da TRAMA VIVA requer processo cuidadoso de escuta, de compreensão das especificidades locais, de negociação com parceiros e comunidades. Não se trata de aplicação mecânica de modelo pronto, mas de reconstrução da metodologia em diálogo com cada realidade. Os princípios permanecem; as formas de operacionalização variam conforme o contexto.

Urbano

No contexto urbano de Palmas, capital do Tocantins, a TRAMA VIVA opera em ambiente de universidade, com infraestrutura adequada, acesso a tecnologias e proximidade de serviços. Os acadêmicos são predominantemente pessoas idosas com escolaridade média ou superior, oriundas de diversos estados brasileiros que migraram para o Tocantins nas últimas décadas. A diversidade de origens geográficas e culturais caracteriza o público e enriquece as trocas.

Indígena Xerente

No contexto indígena Xerente, a metodologia adapta-se à lógica comunitária, ao uso da língua Xerente em paralelo ao português, aos conhecimentos tradicionais sobre território, espiritualidade e organização social. Os anciãos indígenas são reconhecidos como mestres, e os conteúdos integram saberes ancestrais e conhecimentos acadêmicos em perspectiva genuinamente intercultural. O ritmo das atividades segue os ciclos da comunidade, não o calendário acadêmico.

Quilombola

No contexto quilombola, a TRAMA VIVA valoriza a memória da resistência, os saberes sobre uso sustentável do território, as práticas de

cuidado comunitário e as manifestações culturais afro-brasileiras. A metodologia contribui para o fortalecimento identitário das comunidades e para a documentação de saberes em risco de desaparecimento. Os encontros ocorrem nas próprias comunidades, respeitando suas dinâmicas e seus espaços.

Internacional - Portugal

No contexto português, especificamente no polo de Soure, a metodologia foi adaptada ao sistema educativo lusitano, às expectativas culturais locais e ao perfil dos acadêmicos portugueses. Os princípios fundamentais – REDE, PILÃO e TRANÇADO – foram mantidos, demonstrando sua universalidade, enquanto as práticas específicas foram adequadas ao contexto. A supervisão acadêmica portuguesa garantiu o diálogo entre a proposta brasileira e a realidade local.

EXPERIÊNCIAS EMBLEMÁTICAS DA UMA

A Transformação pela Educação

Dona Maria das Graças¹, 72 anos, natural de Imperatriz no Maranhão, migrou para Palmas em 1992, quando a capital ainda era um

¹ O nome da colaboradora é real e foi mantido com sua autorização expressa, em consonância com os pressupostos éticos e metodológicos da História Oral, conforme Alberti (2005), respeitando o acordo estabelecido entre a pesquisadora e a colaboradora.

canteiro de obras. Viúva há quinze anos, mãe de seis filhos e avó de doze netos, ela ingressou na UMA em 2015 após período de profunda solidão e isolamento social que seguiu a morte do marido e a saída dos filhos de casa.

"Quando meu marido morreu, eu morri junto", conta Dona Maria das Graças em depoimento registrado pela equipe da UMA (2024). "Passei três anos sem sair de casa, sem vontade de viver. Meus filhos trabalhavam, meus netos estudavam, e eu ficava sozinha olhando para as paredes. Foi quando uma vizinha me convidou para conhecer a Universidade da Maturidade. Eu nem sabia que existia isso na universidade para gente da minha idade."

O ingresso na UMA representou um ponto de inflexão na vida de Dona Maria das Graças. As atividades educativas, as novas amizades, o reconhecimento de seus saberes culinários tradicionais maranhenses transformaram sua relação consigo mesma e com o mundo. "Na UMA eu descobri que ainda tinha muita coisa para aprender e para ensinar. Minhas receitas de bumba-meu-boi, de arroz de cuxá, de torta de camarão viraram aula para os mais novos. Eu virei professora sem nunca ter ido para a faculdade."

A participação na Hub Criativa ampliou as transformações. Dona Maria das Graças tornou-se produtora de doces e conservas que comercializa nas feiras de economia solidária. A renda obtida, embora modesta, complementa sua aposentadoria e lhe confere autonomia financeira que não tinha antes. "Agora eu tenho meu dinheirinho para comprar presente para os netos e comprar minhas coisas. Não preciso pedir para ninguém."

O caso de Dona Maria das Graças ilustra múltiplas dimensões do impacto da UMA: superação do isolamento social, resignificação da

identidade, valorização de saberes tradicionais, geração de renda, fortalecimento da autoestima. Sua trajetória é emblemática de milhares de acadêmicos que encontraram na UMA espaço de transformação pessoal e social.

Saberes Ancestrais na Universidade

Raimundo Srênomri Xerente², 78 anos, é ancião respeitado no território indígena Xerente, em Tocantínia. Detentor de conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais, rituais e história de seu povo, Seu Raimundo foi um dos primeiros participantes da UMA Indígena quando esta vertente foi implementada em parceria com lideranças Xerente.

"No começo eu não entendia bem o que era essa universidade", relata Seu Raimundo em entrevista realizada em língua Xerente e traduzida para o português. "Pensava que a universidade era só para branco estudar livro. Mas quando explicaram que queriam aprender com a gente, que nosso conhecimento era importante, eu fiquei interessado. Nossos jovens estão esquecendo muita coisa. Se a universidade ajuda a lembrar, então é bom."

A participação de Seu Raimundo na UMA Indígena resultou em documentação sistemática de seus conhecimentos sobre plantas medicinais do cerrado. Em parceria com pesquisadores da UFT e com jovens Xerente que atuam como mediadores, foi elaborado herbário que registra dezenas de espécies vegetais utilizadas tradicionalmente

² O nome do colaborador é real e foi mantido com sua autorização expressa, em consonância com os pressupostos éticos e metodológicos da *História Oral*, conforme Alberti (2005), respeitando o acordo estabelecido entre a pesquisadora e o colaborador.

para tratamento de diferentes enfermidades. Este material está sendo organizado para publicação bilíngue Xerente-Português.

"Meu avô sabia mais de duzentas plantas. Eu sei umas cem. Meus filhos sabem umas trinta. Se não registrar, vai acabar", lamenta Seu Raimundo. "A universidade está ajudando a guardar esse conhecimento para quando eu não estiver mais aqui. Os jovens vão poder consultar e aprender."

O caso de Seu Raimundo ilustra a dimensão intercultural da UMA e seu compromisso com a preservação de saberes tradicionais. A metodologia TRAMA VIVA, adaptada ao contexto Xerente, valoriza os anciãos indígenas como mestres e cria condições para que seus conhecimentos sejam documentados, valorizados e transmitidos às novas gerações.

Comunidade de Malhadinha – Educação Quilombola

A comunidade quilombola de Malhadinha, localizada no município de Brejinho de Nazaré, a cerca de 90 quilômetros de Palmas, é um dos territórios onde a UMA Quilombola desenvolve trabalho sistemático. A comunidade, composta por aproximadamente cinquenta famílias descendentes de africanos escravizados que ali se estabeleceram há mais de dois séculos, mantém tradições culturais próprias que a distinguem da população não-quilombola da região.

O trabalho da UMA em Malhadinha iniciou-se em 2018, após processo de aproximação e diálogo com lideranças comunitárias. A metodologia foi adaptada às especificidades locais: os encontros

acontecem na própria comunidade, em espaço cedido pela associação de moradores; os horários respeitam o calendário agrícola e as atividades produtivas das famílias; os conteúdos partem dos saberes e interesses manifestados pela comunidade.

Dona Benedita³, 81 anos, é uma das anciãs mais respeitadas de Malhadinha e participante ativa da UMA Quilombola. Conhecedora de rezas, benditos, técnicas de parteira tradicional e receitas de remédios caseiros, ela tornou-se uma das principais colaboradoras no trabalho de documentação dos saberes comunitários. "Minha mãe me ensinou, a mãe dela ensinou para ela, e assim vai. Agora estamos escrevendo para não perder."

O fortalecimento identitário é resultado significativo do trabalho em Malhadinha. "Antes, alguns jovens tinham vergonha de dizer que eram quilombolas", relata Seu Joaquim⁴, liderança comunitária. "Agora, com esse trabalho da universidade valorizando nossa história, nossa cultura, nossos saberes, eles têm orgulho. Ser quilombola virou motivo de orgulho, não de vergonha."

A articulação entre educação intergeracional e luta por direitos territoriais marca o trabalho em Malhadinha. A comunidade está em processo de titulação de suas terras pelo INCRA, e o trabalho educativo da UMA contribui para o fortalecimento da identidade coletiva que fundamenta a reivindicação territorial. Os anciãos são reconhecidos

³ O nome da colaboradora é real e foi mantido com sua autorização expressa, em consonância com os pressupostos éticos e metodológicos da História Oral, conforme Alberti (2005), respeitando o acordo estabelecido entre a pesquisadora e a colaboradora.

⁴ O nome do colaborador é real e foi mantido com sua autorização expressa, em consonância com os pressupostos éticos e metodológicos da História Oral, conforme Alberti (2005), respeitando o acordo estabelecido entre a pesquisadora e o colaborador.

como guardiões de memórias que comprovam a ocupação tradicional do território.

A UMA E OUTRAS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO INTERGERACIONAL

Universidades da Terceira Idade no Brasil

O movimento das Universidades da Terceira Idade no Brasil tem origem na experiência francesa das Universités du Troisième Âge, criadas a partir de 1973. A primeira iniciativa brasileira foi implementada na Universidade Federal de Santa Catarina em 1983, seguida por experiências em diversas outras universidades nas décadas seguintes. Atualmente, existem centenas de programas similares em universidades públicas e privadas de todo o país.

A análise comparativa entre a UMA e outras universidades da terceira idade brasileiras revela especificidades que distinguem a experiência tocantinense. Enquanto muitos programas focam exclusivamente no público mais velho, oferecendo atividades educativas e culturais para este segmento, a UMA desenvolveu perspectiva genuinamente intergeracional a partir da descoberta de 2014.

A maioria das universidades da terceira idade opera com currículos pré-definidos, oferecendo disciplinas sobre temas considerados relevantes para pessoas idosas: saúde, direito da pessoa idosa, informática básica, história, artes. A UMA, diferentemente, parte

dos interesses e saberes dos próprios acadêmicos, construindo currículos em processo dialógico que valoriza o que cada pessoa traz consigo.

A ancoragem territorial da UMA em contextos amazônicos, pantaneiros, indígenas e quilombolas também a distingue. Enquanto a maioria dos programas opera em contextos urbanos de grandes centros, a UMA expandiu-se para territórios indígenas, comunidades quilombolas e municípios do interior, desenvolvendo adaptações metodológicas específicas para cada contexto.

A produção científica sistematizada é outro diferencial. Embora algumas universidades da terceira idade desenvolvam pesquisas, poucas alcançaram o volume e a qualidade de produção da UMA: 137 orientações de pós-graduação, 369 artigos, 13 livros. Esta produção posiciona a UMA não apenas como programa de extensão, mas como espaço de produção de conhecimento original.

A validação como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil é certificação que poucas universidades da terceira idade obtiveram. Esta validação atesta que a metodologia desenvolvida pela UMA atende a critérios rigorosos de eficácia, replicabilidade e impacto social, distinguindo-a de experiências que, embora valiosas, não passaram por processos de certificação similares.

Experiências Internacionais de Educação Intergeracional

A educação intergeracional desenvolveu-se em diferentes países com configurações variadas que refletem contextos socioculturais específicos. A análise de algumas experiências internacionais permite situar a UMA em perspectiva comparada e identificar tanto elementos comuns quanto especificidades.

Nos Estados Unidos, os programas intergeracionais proliferaram a partir da década de 1960, frequentemente vinculados a iniciativas de serviço comunitário. Organizações como Generations United promovem a causa intergeracional e apoiam programas locais. Os programas americanos frequentemente conectam pessoas idosas voluntárias com escolas, creches ou programas de apoio a crianças e jovens em situação de vulnerabilidade.

Na Europa, a educação intergeracional ganhou impulso com o envelhecimento populacional e com políticas de envelhecimento ativo promovidas pela União Europeia. Países como Espanha, Portugal, Itália e Alemanha desenvolveram programas diversos que articulam educação, cultura e convivência entre gerações. A Rede Europeia de Aprendizagem Intergeracional conecta iniciativas de diferentes países e promove intercâmbio de experiências.

No Japão, país com população mais envelhecida do mundo, programas intergeracionais assumem configurações específicas que refletem a cultura japonesa. Iniciativas que conectam crianças de creches com pessoas idosas de instituições de longa permanência são comuns e bem documentadas em pesquisas. O conceito japonês de

ikigai⁵, razão de viver, ressoa com a proposta de longevidade criativa desenvolvida pela UMA.

A comparação com experiências internacionais evidencia originalidade da proposta da UMA. Enquanto muitos programas operam como serviços de voluntariado ou como atividades recreativas, a UMA desenvolve metodologia estruturada, fundamentada teoricamente, válida institucionalmente. A ancoragem em epistemologias amazônicas e pantaneiras distingue-a de propostas que importam modelos de países centrais sem adaptação aos contextos locais.

A dimensão de produção científica da UMA também a distingue internacionalmente. Enquanto muitos programas intergeracionais operam como serviços com pouca sistematização ou pesquisa associada, a UMA desenvolve programa robusto de pesquisa que produz conhecimento original sobre educação intergeracional. Esta articulação entre extensão e pesquisa é um diferencial reconhecido em âmbito internacional.

Impactos na Saúde: Evidências e Análises

As pesquisas desenvolvidas pelo Programa de Envelhecimento Humano documentam os impactos positivos da participação na UMA sobre indicadores de saúde física dos acadêmicos. Estudos

⁵ *O conceito japonês de ikigai refere-se a um sentido de propósito ou "razão de viver", entendido como aquilo que dá significado e valor à existência de um indivíduo, sendo associado a bem-estar, motivação e sentido de vida. Em estudos socioculturais e de saúde, ikigai é descrito como "reason for living" ou "purpose in life" e tem sido objeto de pesquisas que relacionam essa noção com fatores psicossociais e de apoio social. (KOTERA, 2021)*

longitudinais que acompanham participantes ao longo do tempo permitem identificar mudanças que podem ser atribuídas, ao menos parcialmente, à participação no programa.

A capacidade funcional, indicador fundamental de saúde em pessoas idosas, apresenta manutenção ou melhoria em participantes da UMA quando comparados com grupos controle de não-participantes. A capacidade funcional é avaliada por instrumentos padronizados que medem autonomia para atividades básicas da vida diária, como alimentar-se, banhar-se e vestir-se, e para atividades instrumentais, como fazer compras, usar transporte público e administrar medicamentos.

As práticas corporais oferecidas pela UMA contribuem para a manutenção de força muscular, equilíbrio e flexibilidade, fatores que previnem quedas e suas consequências. As quedas são importante causa de morbidade e mortalidade em pessoas idosas, podendo resultar em fraturas, perda de autonomia e até óbito. A prevenção de quedas por meio de exercícios adequados representa contribuição significativa para a saúde dos acadêmicos.

Os hábitos alimentares de participantes da UMA tendem a melhorar após ingresso no programa, conforme indicam pesquisas realizadas. As atividades de educação alimentar, as oficinas de culinária saudável e a troca de saberes sobre alimentação contribuem para escolhas alimentares mais adequadas. A socialização durante as refeições compartilhadas também influencia positivamente os hábitos alimentares.

A adesão a tratamentos médicos e a práticas de autocuidado também apresenta melhoria entre participantes da UMA. As atividades educativas sobre saúde, o apoio de pares que enfrentam condições

similares, e o fortalecimento da autoestima contribuem para que os acadêmicos cuidem melhor de sua própria saúde, compareçam a consultas, tomem medicamentos conforme prescrito e adotem comportamentos preventivos.

Os impactos sobre saúde mental são particularmente significativos e bem documentados. A participação na UMA está associada à redução de sintomas depressivos, diminuição de ansiedade, melhoria de bem-estar subjetivo e fortalecimento de sentido de vida. Estes resultados são consistentes com literatura científica que demonstra benefícios de atividades educativas e sociais para saúde mental de pessoas idosas.

A solidão, problema grave e prevalente entre pessoas idosas, é diretamente combatida pela participação na UMA. Os encontros regulares, as novas amizades estabelecidas, o pertencimento a grupo que valoriza a presença de cada pessoa constituem antídoto para o isolamento social. Muitos acadêmicos relatam que a UMA é seu principal espaço de socialização, onde encontram amigos e onde se sentem valorizados.

O sentido de vida, conceito central na logoterapia de Viktor Frankl (1985), é fortalecido pela participação na UMA. As oportunidades de contribuição – ensinar saberes, cuidar de crianças, produzir na Hub Criativa – conferem significado à existência que pode estar ameaçado

em contextos de aposentadoria, viuvez ou isolamento. O sentido de vida é fator protetor contra depressão e ideação suicida em pessoas idosas.

A autoestima dos acadêmicos apresenta melhoria significativa após ingresso na UMA. O reconhecimento de seus saberes, a valorização de suas contribuições, o tratamento respeitoso que recebem contribuem para que se percebam como pessoas dignas de consideração. Muitos acadêmicos relatam que na UMA são tratados como nunca foram em outros espaços.

A cognição é outro domínio beneficiado pela participação na UMA. As atividades educativas que estimulam aprendizagem, as interações sociais que desafiam habilidades comunicativas, as novidades que exigem adaptação contribuem para manutenção de funções cognitivas. Embora a UMA não seja um programa de estimulação cognitiva em sentido estrito, as atividades oferecidas têm o potencial de preservar ou melhorar funções como memória, atenção e linguagem.

Vozes dos Acadêmicos: Depoimentos Sistematizados

Os depoimentos dos acadêmicos da UMA constituem fonte privilegiada para compreensão dos significados que a participação no programa assume em suas vidas. As falas aqui sistematizadas foram coletadas em entrevistas, rodas de conversa e registros diversos ao longo dos anos, sempre com consentimento dos participantes para divulgação (Alberti, 2005).

"Eu achava que depois de aposentar não tinha mais nada para fazer. Quando entrei na UMA, descobri que ainda tinha muita vida pela frente. Aprendi a mexer no celular, fiz amigas, voltei a me arrumar para sair. Meus filhos falam que eu rejuvenesci." Dona Sebastiana, 74 anos, Palmas.

"Na UMA eu sou alguém. Lá fora as pessoas olham para gente velha como se não existisse. Aqui não. Aqui todo mundo quer saber minha opinião, quer ouvir minhas histórias. Isso faz bem demais para a alma." Seu Antônio, 79 anos, Araguaína.

"Minha neta me ensinou a usar o WhatsApp. Agora eu mando mensagem para ela todo dia. Antes a gente só se via de vez em quando, agora está sempre em contato. A UMA que me deu essa oportunidade de aprender coisas novas." Dona Josefa, 71 anos, Gurupi.

"Eu sou quilombola com orgulho. A UMA ajudou a gente a valorizar nossa história, nossa cultura. Os jovens da comunidade agora querem aprender as coisas antigas que a gente sabe. Antes eles tinham vergonha, agora têm interesse." Dona Benedita, 81 anos, Malhadinha.

"Depois que minha mulher morreu, eu não queria mais viver. Foram os amigos da UMA que me tiraram de casa, que me fizeram voltar a sorrir. Hoje eu digo que tenho duas famílias: a de sangue e a da UMA." Seu José, 76 anos, Palmas.

"O dinheiro que ganho na Hub Criativa não é muito, mas é meu. Não preciso pedir para filho, não preciso depender de ninguém. Vendo meus doces, pago minhas contas, compro minhas coisas. Isso é dignidade." Dona Maria, 69 anos, Palmas.

"Quando os meninos da escola vêm aqui e eu ensino a fazer artesanato, a contar história, a brincar de coisas antigas, eu me sinto

importante. Eles escutam com atenção, fazem pergunta, querem aprender. Isso não tem preço." Dona Raimunda, 77 anos, Porto Nacional.

"Eu tinha medo de ficar demente como minha mãe ficou. Na UMA eu exercito a cabeça todo dia: aprendo coisa nova, converso com gente diferente, faço atividade que desafia. Meu médico disse que estou muito bem de memória para minha idade." Seu Francisco, 82 anos, Palmas.

Os Territórios da UMA: Amazônia Legal e Pantanal

A Universidade da Maturidade atua em dois dos mais importantes biomas brasileiros: a Amazônia Legal, onde se situa o Tocantins, e o Pantanal, abrangido pela atuação no Mato Grosso do Sul. Cada bioma apresenta características ambientais, socioculturais e demográficas específicas que configuram contextos distintos para a educação intergeracional.

A Amazônia Legal é região administrativa que compreende nove estados brasileiros e abrange aproximadamente 60% do território nacional. O Tocantins, embora situado na transição entre Amazônia e Cerrado, integra a Amazônia Legal por razões históricas e administrativas. A região caracteriza-se pela maior floresta tropical do planeta, pela bacia hidrográfica mais volumosa do mundo, pela megadiversidade biológica e pela diversidade cultural de seus povos.

Os povos amazônicos desenvolveram ao longo de milênios modos de vida adaptados às especificidades do ambiente:

sazonalidade das águas que alternam cheias e vazantes; florestas que oferecem recursos alimentares, medicinais e materiais; rios que são vias de transporte e comunicação. Os conhecimentos acumulados por estes povos sobre o ambiente constituem patrimônio de inestimável valor para a humanidade.

O Pantanal, maior planície alagável do mundo, estende-se pelos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e por áreas da Bolívia e do Paraguai. A dinâmica de cheias e secas que caracteriza o Pantanal condiciona os modos de vida de suas populações humanas. A pecuária extensiva, adaptada aos ciclos das águas, é atividade econômica tradicional que desenvolveu cultura própria: o modo de vida pantaneiro.

A cultura pantaneira inclui práticas de manejo do gado em ambiente alagável, música característica como o rasqueado, culinária baseada em peixes, carne bovina e mandioca, artesanato com materiais locais, festas e celebrações próprias. Os pantaneiros desenvolveram conhecimentos sofisticados sobre o ambiente que habitam, sobre o comportamento das águas, sobre a fauna e a flora. Estes conhecimentos são transmitidos entre gerações principalmente pela oralidade e pela prática.

A presença de povos indígenas tanto na Amazônia Legal quanto no Pantanal acrescenta diversidade cultural aos territórios de atuação da UMA. Os povos Xerente, Krahô, Apinajé e outros do Tocantins; os povos Guarani, Kaiowá, Terena e outros do Mato Grosso do Sul – cada um com língua, organização social e tradições próprias – compõem mosaico cultural que a educação intergeracional deve reconhecer e valorizar.

As comunidades quilombolas presentes em ambos os estados mantêm tradições de matriz africana mescladas com influências indígenas e portuguesas. Suas práticas de agricultura, de religiosidade, de música, de culinária, de organização social constituem patrimônios que os anciãos guardam e que a educação intergeracional pode ajudar a transmitir às novas gerações.

Os desafios ambientais que afetam a Amazônia e Pantanal, desmatamento, queimadas, mudanças climáticas, pressão do agronegócio – ameaçam também os modos de vida tradicionais e os conhecimentos acumulados por gerações. A educação intergeracional, ao documentar e valorizar estes conhecimentos, contribui para sua preservação e para o fortalecimento da resistência de comunidades tradicionais frente às pressões que enfrentam.

A metodologia TRAMA VIVA, desenvolvida nestes territórios, carrega suas marcas. As metáforas que nomeiam os pilares – REDE, PILÃO, TRANÇADO – são objetos presentes na vida cotidiana de comunidades amazônicas e pantaneiras. Os princípios que orientam a metodologia emergem do diálogo com os modos de vida destas populações. A TRAMA VIVA é metodologia enraizada territorialmente, não importação de modelos externos.

PROJEÇÕES E PERSPECTIVAS FUTURAS DA UMA

Expansão Territorial

As perspectivas de expansão territorial da UMA incluem tanto o aprofundamento da presença nas regiões já atendidas quanto a abertura de novos territórios. No Tocantins, há demanda identificada em municípios que ainda não contam com polos, especialmente nas regiões sul e sudeste do estado. A parceria com as prefeituras e com a Secretaria de Estado da Educação oferece modelo que pode ser replicado para ampliar a cobertura territorial.

No Mato Grosso do Sul, a cooperação com a UEMS permite projetar expansão para outros municípios do estado. A presença de povos indígenas Guarani e Kaiowá em situação de vulnerabilidade extrema representa campo de trabalho que demanda ampliação. A metodologia desenvolvida com o povo Xerente pode ser adaptada para outros contextos indígenas, respeitando especificidades culturais de cada povo.

A internacionalização para além de Portugal representa o horizonte de expansão que a cooperação com o Instituto Politécnico de Leiria abre. Os países lusófonos – Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste – constituem campo potencial para disseminação da metodologia TRAMA VIVA, com adaptações que respeitem especificidades de cada contexto nacional. A língua comum facilita transferência metodológica, embora diferenças culturais exijam atenção.

A possibilidade de expansão para países não-lusófonos também pode ser considerada em horizonte mais distante. A tradução de materiais para espanhol permitiria diálogo com experiências latino-americanas; para inglês, ampliaria alcance internacional. A participação em redes internacionais de educação intergeracional pode facilitar estas expansões.

Aprofundamento das Vertentes Inclusivas

As vertentes inclusivas – UMA Atípica, UMA Libras, UMA Indígena, UMA Quilombola – constituem campos de trabalho que merecem aprofundamento nos próximos anos. Cada vertente apresenta desafios específicos que demandam desenvolvimento metodológico, formação de educadores especializados e produção científica que fundamentem as práticas.

A UMA Atípica pode expandir-se para além do contexto neurodivergente. Pessoas com deficiência física, sensorial ou múltipla também podem beneficiar-se de programas intergeracionais adequadamente adaptados. O desenvolvimento de metodologias específicas para cada tipo de deficiência representa um campo de inovação.

A UMA Libras enfrenta desafio de escassez de profissionais fluentes em Libras. A formação de educadores surdos e ouvintes capacitados para atuar em educação intergeracional com comunidade surda é prioridade para expansão desta vertente. A articulação com organizações de pessoas surdas pode fortalecer o trabalho.

A UMA Indígena pode expandir-se para outros povos além dos Xerente. O Tocantins abriga diversos povos – Krahô, Apinajé, Javaé, Karajá – cada um com língua, cultura e formas de organização próprias. A expansão exige respeito absoluto à autodeterminação de cada povo: a UMA só deve atuar onde for convidada e nos termos definidos pelas comunidades.

A UMA Quilombola pode ampliar presença nas dezenas de comunidades quilombolas existentes no Tocantins e expandir-se para comunidades de outros estados. A articulação com o movimento quilombola nacional pode facilitar esta expansão. O trabalho educativo intergeracional pode integrar-se às lutas por reconhecimento e por direitos territoriais que mobilizam estas comunidades.

Fortalecimento da Produção Científica

O fortalecimento da produção científica é prioridade para os próximos anos. A publicação em periódicos internacionais de alto impacto, ainda incipiente, deve ser intensificada. A cooperação com pesquisadores portugueses e de outros países pode facilitar o acesso a estes veículos. A tradução de artigos para inglês é necessária para ampliar o alcance da produção.

A sistematização de dados longitudinais sobre os acadêmicos da UMA permitirá pesquisas mais robustas sobre impactos do programa. O acompanhamento de participantes ao longo de anos, com coleta sistemática de indicadores de saúde, bem-estar e qualidade de vida, pode gerar evidências de nível mais elevado sobre eficácia das intervenções.

A formação de novos doutores, especialmente em áreas estratégicas como educação especial, educação indígena e saúde coletiva, ampliará a capacidade de pesquisa da UMA. Os doutorados em andamento nas vertentes Atípica e Libras representam investimento nesta direção. A formação de pesquisadores indígenas em nível de doutorado é meta particularmente relevante.

A organização de eventos científicos internacionais sobre educação intergeracional pode posicionar a UMA como referência global no campo. Um congresso internacional realizado no Tocantins atrairia pesquisadores de diferentes países, ampliaria redes de colaboração e daria visibilidade à produção científica desenvolvida na Amazônia Legal.

Formação Policial para Proteção de Pessoas Idosas

A Operação Virtudes constitui programa de formação desenvolvido pela UMA em parceria com a Polícia Militar do Tocantins, destinado a capacitar policiais para o atendimento adequado a pessoas idosas em situação de violência. O programa reconhece que a violência contra pessoas idosas é um problema grave e subnotificado, que demanda preparo específico por parte das forças de segurança.

A violência contra pessoas idosas manifesta-se em múltiplas formas: física, psicológica, patrimonial, sexual, por negligência. Muitas vezes ocorre no interior das famílias, perpetrada por pessoas em quem a vítima confia e de quem depende. A denúncia é dificultada por medo de represálias, por vergonha, por dependência afetiva ou material em

relação ao agressor. A subnotificação é estimada em mais de 80% dos casos.

Os policiais militares são frequentemente os primeiros a ter contato com situações de violência contra pessoas idosas, seja em atendimentos de ocorrência, seja em rondas de rotina. A capacidade de identificar sinais de violência, de acolher a vítima adequadamente, de orientar sobre direitos e serviços disponíveis, e de encaminhar o caso para as instâncias competentes pode fazer diferença significativa no desfecho das situações.

O programa Operação Virtudes foi desenvolvido a partir de demanda apresentada pela própria Polícia Militar, que identificou necessidade de capacitação específica para este tipo de atendimento. O conteúdo foi elaborado em parceria entre equipe da UMA, especialistas em segurança pública e representantes do Conselho Estadual de Direitos da Pessoa Idosa.

A formação inclui módulos sobre envelhecimento e velhice, desmistificando estereótipos e preconceitos; sobre legislação de proteção à pessoa idosa, com ênfase no Estatuto da Pessoa Idosa; sobre formas de violência e indicadores para sua identificação; sobre acolhimento de vítimas em situação de trauma; sobre rede de proteção e encaminhamentos; e sobre procedimentos específicos da atividade policial.

A metodologia utiliza técnicas de simulação, dramatização de casos e discussão em grupo, além de exposições dialogadas. Os policiais que já atenderam situações de

violência contra pessoas idosas são convidados a compartilhar suas experiências, contribuindo para aprendizagem coletiva. A participação de acadêmicos idosos da UMA em algumas atividades permite contato direto entre policiais em formação e pessoas idosas.

O programa já capacitou centenas de policiais militares do Tocantins em várias edições realizadas desde 2019. Avaliações de impacto indicam mudanças nas atitudes e nos procedimentos de policiais capacitados quando confrontados com situações de violência contra pessoas idosas. A demanda por expansão do programa para outras unidades e para outros estados evidencia reconhecimento de sua relevância.

A Operação Virtudes demonstra que a UMA pode contribuir para políticas públicas além do campo estritamente educacional. A expertise acumulada sobre envelhecimento humano é recurso que pode ser mobilizado em diferentes contextos: na saúde, na assistência social, na segurança pública, no planejamento urbano. A articulação intersetorial amplia o impacto do trabalho.

Longevidade Conectada: Análise Aprofundada

O conceito de longevidade conectada, desenvolvido a partir de 2024 como evolução do conceito anterior de longevidade criativa,

merece análise aprofundada que examine seus fundamentos, suas dimensões constitutivas e suas implicações práticas. A longevidade conectada não substitui a longevidade criativa, mas a complementa e atualiza para o contexto de transformação digital que caracteriza o mundo contemporâneo.

A revolução digital das últimas décadas transformou profundamente as formas como as pessoas trabalham, se comunicam, acessam informação, se relacionam e participam da vida social. Estas transformações afetam todas as gerações, mas colocam desafios específicos para pessoas idosas, que não cresceram em ambientes digitais e que podem enfrentar barreiras de acesso e de uso das novas tecnologias.

A exclusão digital de pessoas idosas não é problema individual a ser resolvido por esforço pessoal, mas fenômeno social que reflete e reproduz desigualdades existentes. Pessoas idosas de estratos socioeconômicos mais elevados, com maior escolaridade e maior acesso a suporte familiar têm melhores condições de inclusão digital do que pessoas pobres, com baixa escolaridade, vivendo isoladamente.

Os dados coletados junto aos acadêmicos da UMA desafiam estereótipos sobre exclusão digital de pessoas idosas. Os índices de 96,6% de acesso à internet e 94,9% de uso de smartphones entre acadêmicos da UMA são significativamente superiores às médias nacionais para a faixa etária. Estes dados sugerem que a participação em programas educativos pode contribuir para a inclusão digital, embora outros fatores também estejam envolvidos.

Essas dimensões não se configuram como metas rígidas ou estágios lineares, mas como horizontes formativos contínuos, ajustáveis às possibilidades, interesses e trajetórias de cada pessoa. Trata-se de um processo em permanente construção, que reconhece a dinamicidade das tecnologias e a diversidade das experiências de envelhecimento.

A longevidade conectada organiza-se em cinco dimensões interdependentes que delineiam um perfil de pessoa idosa capaz de atuar com autonomia, segurança e senso crítico no ambiente digital contemporâneo.

Nesse sentido, a adaptabilidade tecnológica contínua expressa a capacidade de aprender a aprender em um cenário de mudanças constantes; a presença sustentável refere-se ao uso equilibrado, consciente e significativo das tecnologias; e a autonomia evolutiva diz respeito ao fortalecimento da independência e da tomada de decisões mediadas por recursos digitais. Complementarmente, a fluência intergeracional digital destaca o uso das tecnologias como ponte para o diálogo e a colaboração entre gerações, enquanto a resiliência digital envolve a habilidade de enfrentar riscos, desafios e vulnerabilidades do ambiente virtual com segurança e discernimento. Em conjunto, essas dimensões sustentam uma concepção de longevidade conectada comprometida com inclusão, dignidade e protagonismo da pessoa idosa.

DOCUMENTAÇÃO DE SABERES TRADICIONAIS: METODOLOGIA E RESULTADOS

Salvaguarda dos Saberes Tradicionais

A documentação dos saberes tradicionais dos povos amazônicos, pantaneiros, indígenas e quilombolas constitui linha de trabalho estratégica da UMA que articula pesquisa, extensão e preservação de patrimônio imaterial. Os conhecimentos ancestrais, transmitidos oralmente de geração em geração ao longo de séculos ou milênios, enfrentam risco de desaparecimento com a morte dos anciãos que os detêm e com as pressões de homogeneização cultural.

A metodologia de documentação desenvolvida pela UMA fundamenta-se nos princípios da pesquisa participante e da história oral. Os detentores dos saberes não são tratados como informantes passivos, mas como parceiros ativos no processo de documentação. São eles que definem o que pode e o que não pode ser registrado, que decidem sobre formas de divulgação, que participam da validação dos materiais produzidos.

O processo de documentação inicia-se com diálogo prolongado com a comunidade para estabelecer confiança, esclarecer objetivos e construir acordos sobre formas de trabalho. A escutatória, princípio metodológico da UMA, orienta esta fase inicial: os pesquisadores vão às comunidades para ouvir, não para falar; para aprender, não para

ensinar. Somente após este período de escuta é que as propostas de documentação são formuladas.

Os registros são feitos em múltiplos formatos conforme natureza do saber documentado e preferências da comunidade. Saberes narrativos, histórias, mitos, lendas são registrados em áudio e transcritos para texto. Saberes práticos, técnicas artesanais, preparações culinárias, práticas de cuidado são registrados em vídeo que permite visualizar procedimentos. Saberes sobre territórios, localizações, recursos, ciclos – são mapeados com apoio de tecnologias geográficas.

Os herbários de plantas medicinais constituem forma específica de documentação desenvolvida especialmente junto aos povos indígenas Xerente e às comunidades quilombolas. Cada planta é identificada em suas denominações locais e científicas, fotografada em diferentes estágios de desenvolvimento, descrita em suas formas de uso tradicional, e preservada em exemplar dessecado. Os herbários combinam conhecimento tradicional e conhecimento científico em registro que serve a ambos.

O Patrimônio Cultural Imaterial

A questão da propriedade intelectual sobre os saberes tradicionais é tratada com atenção especial. Os conhecimentos

documentados pertencem às comunidades que os desenvolveram, não aos pesquisadores que os registraram. Os produtos da documentação, livros, vídeos, herbários são compartilhados com as comunidades em formatos acessíveis. Qualquer uso comercial ou acadêmico dos materiais requer autorização expressa e partilha de benefícios.

Os resultados da documentação incluem acervo significativo de registros sobre conhecimentos tradicionais de diferentes comunidades tocantinenses. Este acervo está parcialmente publicado em livros editados pela EdUFT e disponíveis em acesso aberto. Parcela está em fase de organização para publicação futura. Parcela permanece sob controle das comunidades, que decidiram por restrições à divulgação.

A documentação de saberes tradicionais não é fim em si mesma, mas instrumento para objetivos mais amplos: preservar patrimônio cultural ameaçado; valorizar conhecimentos frequentemente desprezados; fortalecer identidades de povos e comunidades; possibilitar transmissão entre gerações; e produzir conhecimento acadêmico sobre estas tradições. A articulação destes objetivos exige equilíbrio delicado que a UMA busca construir em cada contexto.

Formação de Educadores para Educação Intergeracional

A formação de educadores constitui condição necessária para expansão e qualificação da educação intergeracional. A UMA desenvolveu, ao longo de duas décadas, metodologias de formação que capacitam profissionais de diferentes áreas para atuação em

programas educativos com pessoas idosas e em contextos intergeracionais.

O perfil dos educadores que atuam na UMA é diversificado: inclui pedagogos, licenciados em diversas áreas, profissionais de saúde, assistentes sociais, profissionais de educação física e de outras formações. Esta diversidade é valorizada, pois permite abordagem multidisciplinar das questões do envelhecimento. A formação oferecida pela UMA complementa as formações de origem com conhecimentos específicos sobre educação intergeracional.

O Material Didático de Formação de Professores da UMA, publicado pela EdUFT, sistematiza os conteúdos e metodologias utilizados na formação. O material apresenta os fundamentos teóricos da educação intergeracional, os princípios da metodologia TRAMA VIVA, orientações para planejamento e condução de atividades, e instrumentos de avaliação.

A formação inicial de educadores é oferecida em módulos que totalizam 120 horas, distribuídas entre atividades presenciais e a distância. Os módulos abordam: fundamentos da educação intergeracional e da gerontologia educativa; metodologia TRAMA VIVA em seus três pilares; planejamento de atividades para diferentes contextos; técnicas de animação e de mediação de grupos; avaliação de processos e resultados; e aspectos éticos da atuação.

A formação continuada é oferecida por meio de encontros periódicos, seminários temáticos e supervisão das práticas. Os educadores em atuação reúnem-se regularmente para troca de experiências, discussão de desafios e atualização de conhecimentos. A supervisão, realizada por membros mais experientes da equipe, oferece apoio para situações difíceis e orientação para aprimoramento das práticas.

A formação específica para vertentes inclusivas – UMA Atípica, UMA Libras, UMA Indígena, UMA Quilombola – acrescenta módulos que abordam especificidades de cada contexto. A formação para UMA Atípica inclui conhecimentos sobre o transtorno do neurodesenvolvimento; para UMA Libras, introdução à Libras e à cultura surda; para UMA Indígena, antropologia e educação intercultural; para UMA Quilombola, história e cultura afro-brasileira.

O registro cumulativo indica que mais de 300 educadores foram formados pela UMA ao longo de duas décadas, em diferentes níveis e modalidades de formação. Muitos destes atuam hoje em polos da UMA; outros levaram os conhecimentos adquiridos para atuação em outras instituições e contextos. A rede de educadores formados constitui patrimônio que multiplica o alcance do trabalho.

Articulação com Políticas Públicas de Envelhecimento

A UMA articula-se com políticas públicas de envelhecimento em diferentes níveis de governo, contribuindo para formulação, implementação e avaliação de ações voltadas à população idosa. Esta articulação transcende a dimensão de programa de extensão

universitária, posicionando a UMA como ator relevante no campo das políticas de envelhecimento no Tocantins e, crescentemente, em âmbito nacional.

A participação em conselhos de direitos é forma institucionalizada de articulação com políticas públicas. Representantes da UMA integram o Conselho Estadual de Direitos da Pessoa Idosa do Tocantins, participando de discussões sobre políticas estaduais, fiscalização de serviços e deliberação sobre uso de recursos do Fundo da Pessoa Idosa. A presença em conselhos permite influenciar políticas e trazer para o debate acadêmico questões emergentes do campo.

A assessoria técnica a órgãos governamentais é prestada mediante demanda. Secretarias estaduais e municipais de assistência social, de saúde e de educação têm consultado a equipe da UMA para orientação sobre programas de atenção à pessoa idosa. A expertise acumulada em metodologias de educação intergeracional, em trabalho com comunidades tradicionais e em promoção de saúde da pessoa idosa constitui recurso valorizado por gestores públicos.

A participação em conferências de políticas públicas de direitos humanos, de educação, de saúde, de assistência social permite apresentar a experiência da UMA e dialogar com atores de diferentes

setores. As conferências são espaços de formulação de diretrizes que orientam políticas governamentais; a presença nestes espaços permite que a perspectiva da educação intergeracional seja considerada nas deliberações.

A contribuição para a legislação ocorre por meio de participação em audiências públicas, elaboração de pareceres técnicos e de diálogo com parlamentares. Projetos de lei sobre direitos das pessoas idosas, sobre educação de adultos, sobre povos indígenas e comunidades quilombolas têm recebido contribuições da equipe da UMA. A tradução do conhecimento acadêmico em proposições legislativas é uma forma de ampliar o impacto social da pesquisa.

A formação de gestores públicos é oferecida em módulos específicos destinados a servidores de secretarias e órgãos que lidam com políticas de envelhecimento. Estes módulos adaptam conteúdos desenvolvidos para formação de educadores, com ênfase em planejamento de políticas, gestão de serviços e avaliação de resultados. A formação de gestores multiplica o impacto da UMA por meio de profissionais que atuam em posições de decisão.

O Prêmio Direitos Humanos 2025 confere legitimidade adicional à articulação com políticas públicas. O reconhecimento pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania posiciona a UMA como referência nacional, ampliando possibilidades de interlocução com órgãos federais, estaduais e municipais interessados em conhecer e replicar a experiência.

Tecnologias Sociais: Conceito e Aplicação na UMA

O conceito de Tecnologia Social, desenvolvido no Brasil a partir da década de 1990, refere-se a produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas em interação com a comunidade, que representam efetivas soluções de transformação social.

Os critérios para certificação como Tecnologia Social são exigentes e incluem: resolução de problema social relevante, demonstrando que a tecnologia responde a necessidades concretas de comunidades ou grupos sociais; replicabilidade em diferentes contextos, evidenciando que a tecnologia pode ser adaptada e aplicada em situações diversas; envolvimento da comunidade em seu desenvolvimento, garantindo que os beneficiários participem ativamente da construção da solução; geração de transformação social efetiva, com impactos mensuráveis na vida das pessoas; e sustentabilidade, demonstrando capacidade de continuidade no tempo.

A análise de como a TRAMA VIVA atende a cada critério evidencia a solidez da certificação. O problema social abordado a marginalização de pessoas idosas e a ruptura de vínculos intergeracionais é amplamente reconhecido como relevante em contexto de envelhecimento populacional acelerado. A replicabilidade é demonstrada pela presença em 22 polos em três territórios distintos: Amazônia Legal, Pantanal e Portugal.

O envolvimento comunitário na construção da metodologia é evidente na gênese da TRAMA VIVA, que emergiu de trabalho prolongado com comunidades tradicionais amazônicas e

pantaneiras, não de especulação acadêmica abstrata. As metáforas que nomeiam os pilares REDE, PILÃO, TRANÇADO são realidades cotidianas destas comunidades, elevadas à condição de categorias analíticas.

A transformação social efetiva é atestada por múltiplos indicadores: os impactos na qualidade de vida dos acadêmicos, documentados em pesquisas; os resultados econômicos da Hub Criativa; a preservação de saberes tradicionais em risco de desaparecimento; a formação de pesquisadores e educadores; o fortalecimento identitário de comunidades indígenas e quilombolas.

A sustentabilidade é demonstrada pela continuidade do programa ao longo de duas décadas, atravessando diferentes contextos políticos e administrativos. A vinculação institucional à UFT, o reconhecimento das linhas de pesquisa pelo CNPq, as parcerias consolidadas e a formação de massa crítica de pesquisadores e educadores garantem condições para continuidade do trabalho.

A dupla certificação, processos de avaliação realizados em momentos distintos, ambos com resultado favorável fortalece a legitimidade da TRAMA VIVA como Tecnologia Social. A certificação não

é atribuída automaticamente nem mantida indefinidamente; é resultado de processos de avaliação que verificam cumprimento dos critérios.

O registro no Banco de Tecnologias Sociais da Fundação Banco do Brasil confere visibilidade nacional à TRAMA VIVA e facilita sua disseminação. Gestores públicos, organizações da sociedade civil e universidades interessados em educação intergeracional podem acessar informações sobre a metodologia e contatar a equipe desenvolvedora para processos de transferência.

A transferência de Tecnologia Social não é simples cópia ou aplicação mecânica. Cada contexto apresenta especificidades que exigem adaptações. A TRAMA VIVA oferece princípios e orientações que podem ser adaptados, não receitas fixas a serem seguidas literalmente. Os processos de transferência incluem formação de equipes locais, acompanhamento da implementação e suporte para adaptações necessárias.

CAPÍTULO 5

EVOLUÇÃO HISTÓRICA E INSTITUCIONAL

Antecedentes e Período Formativo (2002-2004)

A história da Universidade da Maturidade não começa em 2004, quando foi oficialmente instituída na Universidade Federal do Tocantins, mas remonta a trajetória anterior de formação, pesquisa e articulação institucional que preparou o terreno para sua criação. O período entre 2002 e 2004 constitui fase formativa essencial durante a qual foram desenvolvidas as bases teóricas, metodológicas e institucionais que permitiriam a implementação do programa.

Em 2002, a conclusão do doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria marcou um momento decisivo nesta trajetória. A tese doutoral, intitulada "Universidade Aberta para a Terceira Idade: uma avaliação crítica", analisou experiências de educação de pessoas idosas no Brasil e no mundo, identificando potencialidades e limitações que orientaram o desenvolvimento de proposta própria. O doutorado ofereceu formação sistemática em gerontologia educativa e permitiu contato com diferentes abordagens teórico-metodológicas no campo.

A pesquisa doutoral revelou que as universidades da terceira idade existentes no Brasil, embora valiosas, apresentavam limitações significativas que precisam ser superadas em qualquer nova proposta. Muitas reproduziam modelos europeus sem adaptação às realidades brasileiras, especialmente às especificidades regionais. Predominavam abordagens centradas exclusivamente em pessoas idosas, sem

perspectiva intergeracional que promovesse encontro entre gerações. Os currículos frequentemente reproduziam formatos escolarizados inadequados ao público mais velho, com suas exigências de horários rígidos, avaliações padronizadas e relações hierárquicas.

A Universidade Federal de Santa Maria, onde foi realizado o doutorado, possui tradição de pesquisa em gerontologia e em educação de adultos que enriqueceu a formação da futura coordenadora da UMA. O contato com pesquisadores do campo, a participação em grupos de estudo, o acesso a literatura especializada e a experiência de pesquisa empírica constituíram fundamentos que seriam mobilizados na construção da proposta tocantinense.

O período formativo inclui também extensa pesquisa bibliográfica sobre envelhecimento humano, educação de adultos, fenomenologia social e metodologias participativas. As leituras de Alfred Schutz (1979), cujas categorias analíticas fundamentaram a proposta metodológica, foram particularmente significativas. A fenomenologia social oferece ferramentas conceituais para compreender os processos educativos a partir da experiência vivida pelos sujeitos, respeitando suas perspectivas e seus modos de atribuir significado ao mundo.

As obras de Paulo Freire (1996), educador brasileiro reconhecido mundialmente por sua pedagogia libertadora, também influenciaram profundamente a concepção em desenvolvimento. A crítica freireana à educação bancária que trata os educandos como depósitos vazios a serem preenchidos com conhecimentos e a proposta de educação problematizadora que parte das experiências e questões dos próprios educandos ressoam com a intuição de que a educação de pessoas idosas não poderia reproduzir formatos inadequados.

Rubem Alves (1999), educador brasileiro que combinou erudição filosófica com sensibilidade poética, ofereceu inspiração para o que viria a ser a escutatória como método. Suas reflexões sobre a importância de escutar antes de falar, sobre o valor do silêncio atento, sobre a necessidade de suspender os próprios pressupostos para acolher a palavra do outro fundamentaram prática que se tornaria central na metodologia da UMA.

Viktor Frankl (1985), psiquiatra austríaco fundador da logoterapia, contribuiu com reflexões sobre sentido de vida que se revelaram essenciais para compreender a experiência de envelhecimento. Sua obra demonstra que a busca de sentido é motivação fundamental do ser humano, e que a velhice pode ser período de construção de sentido quando há oportunidades de contribuição, de relação e de transcendência. Estas ideias alimentariam posteriormente a formulação do conceito de longevidade criativa.

A escolha do Tocantins como lócus de implementação resultou de convergência de fatores que tornavam o estado particularmente adequado para a experiência. O Tocantins, criado em 1988, era o estado mais jovem da federação brasileira, com instituições ainda em formação e abertas a iniciativas inovadoras.

A ausência de programas estabelecidos de educação de pessoas idosas no Tocantins, que poderia ser vista como limitação, foi reinterpretada como oportunidade. Não haveria resistência de

estruturas pré-existentes, nem necessidade de disputar espaços com outros programas. O terreno estava livre para construção de proposta original, sem o peso de modelos a serem reproduzidos ou superados. A novidade institucional do estado e de sua universidade federal criava condições favoráveis à inovação.

A Amazônia Legal, região na qual se insere o Tocantins, apresenta especificidades que demandam abordagem própria e que não poderiam ser atendidas por simples importação de modelos desenvolvidos em outras regiões. A presença de povos indígenas – Xerente, Krahô, Apinajé, Javaé, Karajá, entre outros, configurava diversidade cultural que deveria ser contemplada em qualquer proposta educativa genuinamente comprometida com a região. As comunidades quilombolas, presentes em diversos municípios tocantinenses, traziam suas próprias tradições e saberes que mereciam reconhecimento e valorização.

As populações ribeirinhas que vivem às margens dos grandes rios amazônicos Tocantins, Araguaia e seus afluentes desenvolveram ao longo de gerações conhecimentos sobre o território, sobre os ciclos das águas, sobre a pesca e a agricultura de várzea que constituem patrimônio cognitivo de inestimável valor. Qualquer proposta de educação intergeracional no Tocantins deveria ser capaz de dialogar com estas múltiplas culturas e tradições.

A diversidade cultural tocantinense incluía também os migrantes de outras regiões brasileiras que haviam se estabelecido no estado nas décadas anteriores. A construção de Brasília na década de 1960 e a abertura de rodovias de integração nacional atraíram migrantes do Nordeste, do Sudeste e do Sul que traziam suas próprias culturas, sotaques e tradições. A capital Palmas, planejada e inaugurada em

1989, era cidade de migrantes onde se encontravam pessoas de todos os estados brasileiros.

Durante o período formativo, foram realizadas visitas técnicas a universidades da terceira idade em diferentes estados brasileiros. Estas visitas permitiram conhecer experiências consolidadas, identificar práticas bem-sucedidas e também perceber limitações a serem evitadas. O diálogo com coordenadores e participantes de outros programas enriqueceu a reflexão sobre o que seria necessário para criar proposta diferenciada e adequada ao contexto tocantinense.

A articulação institucional com a UFT desenvolveu-se ao longo de 2003 e 2004. Foram realizadas reuniões com pró-reitores, coordenadores de curso e gestores universitários para apresentar a proposta e construir os apoios necessários. A vinculação à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários foi definida como mais adequada, dado o caráter extensionista do programa e seu compromisso com comunidades externas à universidade.

A extensão universitária, compreendida como via de mão dupla entre universidade e sociedade, ofereceu enquadramento institucional adequado para o programa em gestação. A extensão não é apenas prestação de serviços da universidade à comunidade, mas processo educativo que transforma tanto a comunidade quanto a própria universidade. Esta compreensão dialógica da extensão ressoava com a proposta de educação intergeracional que se pretendia desenvolver.

Período de Especialização e Consolidação (2004-2015)

O ano de 2004 marca o início oficial das atividades da Universidade da Maturidade na UFT. A primeira turma de acadêmicos foi acolhida em Palmas, capital do estado, com infraestrutura cedida pela universidade e equipe composta por docentes e estudantes de diferentes cursos. Os primeiros anos foram de experimentação, aprendizado e ajuste de metodologias às realidades encontradas, processo que se estenderia por toda a década seguinte.

A estratégia de oferta de Especialização em Gerontologia representou a decisão deliberada de formar massa crítica de pesquisadores e educadores capacitados para atuar no campo do envelhecimento humano. A carência de profissionais qualificados era evidente: o Tocantins não dispunha de cursos de gerontologia, e poucos profissionais de saúde e educação tinham formação específica para trabalhar com pessoas idosas. A especialização respondeu a esta lacuna formando quadros que seriam essenciais para a expansão posterior do programa.

Entre 2004 e 2015, foram ofertadas nove turmas de Especialização em Gerontologia que formaram 59 especialistas. Muitos destes seguiram para mestrado e doutorado, constituindo rede de pesquisadores vinculados à UMA que seria fundamental para a produção científica do programa. Os trabalhos de conclusão de curso das especializações geraram acervo de 280 artigos científicos que documentam diferentes aspectos da educação intergeracional no Tocantins.

O perfil dos especialistas formados era diversificado: profissionais de saúde (enfermeiros, fisioterapeutas, médicos, psicólogos), educadores (pedagogos, licenciados em diversas áreas), assistentes sociais, profissionais de educação física e de outras áreas. Esta diversidade disciplinar enriquecia as turmas e prefigurava a abordagem

interdisciplinar que caracterizaria o trabalho da UMA. Os profissionais formados retornavam a seus locais de trabalho – unidades de saúde, escolas, centros de assistência social levando conhecimentos sobre envelhecimento que beneficiam suas práticas.

Os trabalhos de conclusão da especialização abordaram temas diversos que constituem panorama da produção inicial do programa: perfil sociodemográfico dos acadêmicos da UMA; percepções de pessoas idosas sobre envelhecimento e velhice; impactos da participação na UMA sobre qualidade de vida; metodologias de educação intergeracional; saberes tradicionais de comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas; capacidade funcional e autonomia em pessoas idosas; saúde mental e bem-estar subjetivo; relações intergeracionais em famílias tocantinenses; entre muitos outros.

A UMA foi incluída nos planos de desenvolvimento institucional da UFT, recebeu alocação de recursos humanos e materiais, estabeleceu parcerias com órgãos governamentais e organizações da sociedade civil. O programa deixou de ser iniciativa isolada para tornar-se componente reconhecido da política de extensão universitária, com espaço garantido na estrutura organizacional da universidade.

O perfil dos acadêmicos neste período era predominantemente de pessoas idosas residentes em Palmas e municípios vizinhos,

majoritariamente mulheres com escolaridade variada. A predominância feminina que se mantém ao longo de toda a história da UMA reflete padrão observado em programas similares no Brasil e no mundo: mulheres idosas são mais propensas a buscar atividades educativas e comunitárias, enquanto homens frequentemente apresentam maior resistência ou menor interesse.

Muitos acadêmicos eram migrantes de outras regiões do Brasil, atraídos pelo Tocantins e por sua nova capital nas décadas anteriores. Esta heterogeneidade de origens, pessoas vindas do Maranhão, do Piauí, do Ceará, de Goiás, de Minas Gerais, de São Paulo e de muitos outros estados constituía desafio metodológico e também riqueza para as trocas educativas. Cada pessoa trazia consigo tradições, histórias e saberes de sua região de origem que enriqueciam o coletivo.

As metodologias foram sendo desenvolvidas e refinadas ao longo deste período em processo de construção prático-reflexiva. Práticas que demonstravam eficácia eram consolidadas e sistematizadas; outras, que se revelaram inadequadas ao público ou ao contexto, eram abandonadas ou modificadas. A observação atenta dos processos de aprendizagem dos acadêmicos, o diálogo constante com eles sobre suas experiências e a reflexão sistemática sobre a prática permitiram a emergência gradual dos princípios e práticas que posteriormente seriam sistematizados como metodologia TRAMA VIVA.

A expansão territorial teve início ainda neste período, com a criação de polos em municípios do interior do Tocantins. A parceria com as prefeituras municipais permitiu levar o programa a localidades distantes da capital. A Secretaria de Estado da Educação também se tornou parceira, facilitando a expansão para municípios onde havia interesse local mas carência de recursos. Cada novo polo exigiu adaptações às realidades locais, demonstrando desde cedo a

necessidade de flexibilidade metodológica que se tornaria característica da UMA.

As parcerias interinstitucionais estabelecidas neste período foram fundamentais para a sustentabilidade e a expansão do programa. Além da UFT como instituição âncora, a UMA articulou-se com secretarias estaduais e municipais de educação, saúde e assistência social; com organizações da sociedade civil que atuavam com pessoas idosas; com conselhos de direitos da pessoa idosa; com Ministério Público; com universidades de outros estados. Esta rede de parcerias fortaleceu o programa e ampliou seu alcance.

A produção científica ganhou consistência ao longo do período de especialização. Os trabalhos de conclusão de curso, somados às primeiras dissertações de mestrado orientadas, constituíram acervo significativo de conhecimento sobre educação intergeracional no Tocantins. A participação em eventos científicos nacionais, congressos da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, entre outros, deu visibilidade ao trabalho e permitiu diálogo com pesquisadores de outras regiões.

Período de Transição Paradigmática (2014-2016)

O período entre 2014 e 2016 representa a fase de transição paradigmática na trajetória da UMA, marcada pela descoberta de que a saída da longevidade criativa estava na convivência com todas as gerações. Esta descoberta, emergente de uma década de observação sistemática da prática educativa, reorientou fundamentalmente o

trabalho do programa, deslocando o foco de abordagens centradas exclusivamente em pessoas idosas para perspectiva genuinamente intergeracional.

A descoberta de 2014 não foi resultado de especulação teórica abstrata nem de revelação súbita, mas emergiu de processo reflexivo acumulado ao longo de dez anos de trabalho com pessoas idosas. O método fenomenológico, que fundamenta teoricamente o trabalho da UMA, exige atenção aos fenômenos tal como se manifestam na experiência vivida. Foi esta atenção fenomenológica, cultivada sistematicamente, que permitiu identificar o padrão que conduziu à descoberta.

Ao longo de uma década de trabalho com pessoas idosas, foi possível observar padrão que se repetia consistentemente: os acadêmicos que demonstravam maior vitalidade, maior engajamento nas atividades e maior satisfação com a vida eram aqueles que mantinham relações significativas com pessoas de outras gerações. Não se tratava de correlação estatística calculada em pesquisa quantitativa, mas de percepção vivencial confirmada repetidamente na experiência cotidiana do programa.

Os avós que cuidavam de netos, os voluntários que interagiam regularmente com crianças em escolas ou instituições, as pessoas que mantinham vínculos ativos com jovens em suas famílias ou comunidades apresentavam qualidades distintivas facilmente perceptíveis. Tinham olhares mais vivos, posturas mais eretas, falas mais animadas, participação mais ativa nas atividades propostas. Demonstraram maior disposição para aprender coisas novas, maior abertura para experiências diferentes, maior capacidade de adaptação a mudanças.

Esta observação empírica conduziu a interrogações que orientaram a reflexão teórica: o que havia nestas relações intergeracionais que produzia efeitos tão visíveis no bem-estar das pessoas idosas? Por que o contato com outras gerações parecia potencializar a vitalidade de quem envelhece? Que processos psicológicos, sociais e existenciais eram mobilizados nestas relações? As respostas a estas perguntas foram sendo construídas gradualmente, em diálogo com a literatura acadêmica e com os próprios acadêmicos da UMA.

O conceito de longevidade criativa, já esboçado anteriormente, ganhou contornos mais precisos: a criatividade no envelhecer não se realiza no isolamento geracional, em atividades exclusivas para pessoas idosas, mas na convivência intergeracional que mobiliza sentido de vida, reciprocidade e conexão com o futuro. Esta formulação deslocou o foco de abordagens centradas exclusivamente em pessoas idosas para perspectiva genuinamente intergeracional.

A transição paradigmática implicou mudanças metodológicas significativas no trabalho da UMA. As atividades passaram a ser desenhadas para promover sistematicamente o encontro entre gerações, não mais como complemento eventual, mas como eixo estruturante do programa. Parcerias com escolas de educação básica, com creches, com organizações juvenis foram estabelecidas ou

fortalecidas. Os acadêmicos idosos passaram a interagir regularmente com crianças, adolescentes e jovens em projetos colaborativos.

A sistematização da metodologia TRAMA VIVA ganhou impulso decisivo neste período de transição. Os três pilares – REDE, PILÃO e TRANÇADO que vinham sendo utilizados intuitivamente na prática educativa foram organizados em arcabouço conceitual coerente. As metáforas amazônicas e pantaneiras foram fundamentadas teoricamente e operacionalizadas em diretrizes práticas para educadores. A metodologia, antes implícita no fazer cotidiano, tornou-se explícita e transmissível.

O período de transição foi também de intensificação da produção científica em níveis mais elevados de formação. As primeiras dissertações de mestrado e teses de doutorado orientadas no âmbito da UMA foram defendidas neste período, inaugurando nova fase de produção acadêmica de maior fôlego. Os artigos publicados em periódicos científicos ganharam densidade teórica e rigor metodológico. A UMA consolidava-se não apenas como programa de extensão, mas como espaço de produção de conhecimento original.

A validação da metodologia TRAMA VIVA como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil representou marco importante neste período de transição. O processo de certificação exigiu documentação sistemática da metodologia, demonstração de resultados alcançados e evidências de replicabilidade em diferentes contextos. A aprovação atestou que a proposta desenvolvida no Tocantins atendia a critérios rigorosos de eficácia e potencial de disseminação, conferindo reconhecimento institucional que transcendia o âmbito acadêmico.

Período de Expansão e Inovação (2017-2024)

O período entre 2017 e 2024 caracterizou-se pela expansão territorial da UMA para além das fronteiras do Tocantins, pelo desenvolvimento de vertentes inclusivas para públicos específicos e pelo aprofundamento da produção científica em quantidade e qualidade. A metodologia TRAMA VIVA, consolidada no período anterior, demonstrou sua capacidade de adaptação a contextos socioculturais diversos, desde territórios indígenas no interior do Brasil até cidades portuguesas.

A expansão para o Mato Grosso do Sul, por meio de parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, representou o primeiro teste da capacidade de transferência metodológica para contexto sociocultural distinto do tocantinense. O Pantanal, bioma que caracteriza grande parte do Mato Grosso do Sul, apresenta especificidades que o distinguem da Amazônia Legal: ciclos de cheias e vazantes, pecuária extensiva, cultura pantaneira com suas tradições de música, culinária e modos de vida. A TRAMA VIVA demonstrou capacidade de adaptação a este novo contexto.

Os polos de Dourados, Campo Grande e Jaraguari-Furnas Dionísio foram implementados com base em cooperação técnica entre UFT e UEMS, demonstrando que a metodologia desenvolvida na Amazônia Legal era aplicável também no contexto pantaneiro. Cada polo apresentou características próprias que exigiram adaptações específicas, mantendo-se os princípios fundamentais da TRAMA VIVA enquanto se adequaram às práticas e às realidades locais.

O polo de Dourados atende população diversificada que inclui significativa presença indígena Guarani e Kaiowá, além de população não-indígena urbana e rural. A presença de duas das maiores terras

indígenas do Brasil nas proximidades do município, Dourados e Caarapó, confere características específicas ao trabalho, exigindo sensibilidade intercultural e adaptações metodológicas. As metodologias desenvolvidas para o trabalho com o povo Xerente no Tocantins puderam ser adaptadas para o contexto Guarani e Kaiowá.

O polo de Campo Grande, na capital do estado, opera em contexto urbano metropolitano com características distintas dos demais polos. A parceria com UEMS garante infraestrutura adequada e supervisão acadêmica local. O público é predominantemente urbano, com perfil socioeconômico e educacional diversificado. A experiência acumulada em Palmas, também capital do estado, ofereceu referências para o trabalho em Campo Grande.

O polo de Jaraguari-Furnas Dionísio atende à comunidade rural com forte tradição agrícola e pecuária. O contexto pantaneiro imprime características específicas aos saberes tradicionais valorizados: conhecimentos sobre manejo do gado, sobre o ciclo das águas do Pantanal, sobre plantas do cerrado e da planície pantaneira, sobre culinária regional com suas influências indígenas, africanas e europeias. Os anciãos pantaneiros são reconhecidos como guardiões de saberes sobre um bioma único no mundo.

O desenvolvimento das vertentes inclusivas marcou este período de forma significativa, demonstrando compromisso da UMA com a diversidade e com grupos frequentemente marginalizados de iniciativas educativas. A UMA Atípica, dedicada à educação intergeracional que conecta acadêmicos idosos com crianças neurodivergentes, foi desenvolvida a partir de demandas identificadas em parceria com instituições de educação.

A UMA Atípica opera com base na compreensão de que tanto pessoas idosas quanto crianças neurodivergentes frequentemente enfrentam processos de exclusão social que os marginalizam do convívio comunitário. O encontro entre estes dois grupos, mediado por metodologia adequada, beneficia a ambos: as crianças encontram nas pessoas idosas atenção, paciência e afeto; as pessoas idosas encontram nas crianças estímulo, alegria e sentido de contribuição. A reciprocidade, princípio central da TRAMA VIVA, manifesta-se de forma particularmente visível nestas interações.

A UMA Libras, especializada para a comunidade surda, reconheceu que pessoas surdas idosas enfrentam dupla barreira de exclusão: pelo envelhecimento e pela surdez. O programa opera em Língua Brasileira de Sinais, com metodologias adaptadas às especificidades da cultura e da comunicação surda. A comunidade surda possui cultura própria, centrada na experiência visual e na língua de sinais, que deve ser reconhecida e valorizada em qualquer proposta educativa genuinamente inclusiva.

A UMA Indígena consolidou-se neste período com trabalho sistemático junto ao povo Xerente no município de Tocantínia. Os três polos, matriz urbana, território Xerente e Xerente bilíngue atendem diferentes configurações de público indígena, desde pessoas que vivem na cidade e mantêm vínculos com os territórios até pessoas que residem permanentemente em território indígena e falam prioritariamente a língua Xerente. A diversidade de situações exigiu flexibilidade metodológica significativa.

*Os anciãos ocupam lugar de
prestígio como guardiões de*

saberes e de memórias coletivas. A UMA Indígena valoriza este papel e cria espaços para transmissão dos conhecimentos tradicionais.

Os mestrandos e doutorandos indígenas Marcos Xerente e Armando Xerente desenvolvem pesquisas no âmbito da UMA que articulam saberes tradicionais de seu povo com conhecimentos acadêmicos. Suas trajetórias representam pioneirismo na formação de pesquisadores indígenas no campo da educação intergeracional e demonstram possibilidade de diálogo intercultural em condições de horizontalidade epistemológica. São pesquisadores que pesquisam a partir de dentro de sua cultura, não como objetos de estudo externo.

A UMA Quilombola expandiu-se para comunidades remanescentes de quilombos em diferentes municípios do Tocantins, articulando educação intergeracional com fortalecimento identitário e preservação de saberes tradicionais afro-brasileiros. O trabalho nestas comunidades integra-se ao movimento mais amplo de fortalecimento das identidades quilombolas e de luta por direitos territoriais que marca a história recente destas comunidades no Brasil.

As comunidades quilombolas brasileiras são grupos étnicos que se autodefinem a partir de relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e as práticas culturais próprias. O Brasil possui mais de três mil comunidades quilombolas reconhecidas, das quais dezenas estão no Tocantins. A UMA Quilombola trabalha especialmente na comunidade de Malhadinha, em Brejinho de Nazaré, mas também em outras comunidades em processo de certificação e titulação de terras.

A expansão internacional para Portugal, iniciada no contexto do pós-doutorado sênior pelo Instituto Politécnico de Leiria a partir de setembro de 2025, representa a culminação do período de expansão e abre nova fase de internacionalização. O polo UMA em Soure, com 100 acadêmicos ativos, demonstra que a metodologia desenvolvida no Brasil encontra aplicabilidade em contexto cultural distinto, com adaptações que respeitam especificidades locais.

A implementação em Portugal exigiu um processo cuidadoso de adaptação cultural. Embora Brasil e Portugal compartilhem a língua portuguesa, as diferenças culturais são significativas: expectativas quanto a relações educativas, padrões de comunicação, formas de expressão de afeto, ritmos de trabalho. A metodologia TRAMA VIVA manteve seus princípios fundamentais, REDE, PILÃO e TRANÇADO enquanto as práticas específicas foram adequadas ao contexto lusitano.

A Hub Criativa, espaço de economia solidária e criativa vinculado à UMA, foi desenvolvido neste período como resposta à demanda por geração de renda identificada entre os acadêmicos. Muitos acadêmicos, especialmente mulheres, dispunham de saberes e habilidades que poderiam gerar renda se houvesse condições adequadas de produção e comercialização. O empreendimento oferece estas condições, articulando educação intergeracional com empreendedorismo solidário.

A produção científica intensificou-se significativamente neste período, com aumento tanto da quantidade quanto da qualidade das publicações. As orientações de mestrado e doutorado multiplicaram-se, constituindo rede de pesquisadores que produzem conhecimento sobre educação intergeracional em diferentes contextos. Os artigos

publicados em periódicos científicos alcançaram veículos de maior impacto, incluindo periódicos internacionais.

Os livros publicados entre 2022 e 2025, treze ao todo, sistematizam a experiência acumulada e disponibilizam conhecimentos para públicos além do círculo acadêmico especializado. A política editorial da UMA prioriza linguagem acessível sem comprometer o rigor científico, valorização de experiências concretas e de vozes dos próprios acadêmicos, e articulação entre fundamentação teórica e orientações práticas.

Período de Reconhecimento Nacional (2025)

O ano de 2025 inaugura período de reconhecimento nacional com a conquista do Prêmio Direitos Humanos, Edição Luiz Gama e Esperança Garcia, na categoria Garantia dos Direitos da Pessoa Idosa. Este prêmio, concedido pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, representa a validação do mais alto nível institucional que o Estado brasileiro pode conferir a iniciativas no campo dos direitos humanos.

O reconhecimento não chegou por acaso, mas como resultado de duas décadas de trabalho sistemático e contínuo. A produção científica consolidada – 137 orientações, 369 artigos, 13 livros atesta a seriedade acadêmica do programa. A formação de pesquisadores em níveis de mestrado e doutorado demonstra capacidade de reprodução e continuidade. O impacto social mensurável nos indicadores de qualidade de vida dos acadêmicos, nos resultados econômicos da Hub

Criativa, na preservação de saberes tradicionais evidencia relevância para além do âmbito acadêmico.

O Prêmio Direitos Humanos 2025 representa também o reconhecimento do compromisso ético que orienta o trabalho da UMA. A educação intergeracional praticada não é entretenimento para pessoas idosas nem assistencialismo disfarçado, mas afirmação da dignidade de pessoas frequentemente marginalizadas e invisibilizadas. O direito à educação ao longo de toda a vida, previsto em instrumentos normativos nacionais e internacionais, ganha concretude nas práticas da UMA.

A homenagem a Luiz Gama e Esperança Garcia, patronos da edição 2025 do Prêmio Direitos Humanos, confere dimensão histórica ao reconhecimento. Ambos foram pessoas que, em contextos de extrema opressão, lutaram por dignidade e justiça utilizando instrumentos legítimos. A UMA, guardadas as proporções históricas, também luta pelo reconhecimento da dignidade de pessoas frequentemente desconsideradas, as pessoas idosas, os indígenas, os quilombolas, as pessoas com deficiência.

O período de reconhecimento é também de consolidação da internacionalização por meio da cooperação com o Instituto Politécnico de Leiria. O pós-doutorado sênior estabelece vínculos acadêmicos formais entre Brasil e Portugal que tendem a se fortalecer nos próximos anos. A produção científica conjunta, a supervisão compartilhada de pesquisas, a troca de experiências entre os polos brasileiros e o polo português configuram colaboração que transcende o período formal do estágio pós-doutoral.

A elaboração deste trabalho responde à demanda de sistematização que o reconhecimento institucional impõe. O registro detalhado da trajetória, da metodologia e dos resultados permite que a experiência acumulada seja conhecida, avaliada e, quando apropriada, adaptada e replicada em outros contextos. A publicação não é ponto final, mas instrumento para continuidade e expansão do trabalho.

A UMA opera atualmente em 22 polos distribuídos em três territórios: Amazônia Legal (Tocantins), Pantanal (Mato Grosso do Sul) e Portugal. Esta distribuição territorial evidencia a capacidade de adaptação da metodologia TRAMA VIVA a contextos socioculturais diversos e demonstra potencial de expansão para outras regiões do Brasil e do mundo lusófono.

O Tocantins concentra a maior parte dos polos da UMA, refletindo a origem e a consolidação do programa neste estado. Os 18 polos tocantinenses distribuem-se entre a capital Palmas, municípios do interior, territórios indígenas e quilombolas, cada um com características próprias e adaptações metodológicas específicas.

O polo matriz em Palmas constitui a sede central da UMA, vinculada diretamente à UFT. Com infraestrutura consolidada no campus universitário, o polo atende o maior contingente de acadêmicos e abriga a coordenação geral do programa. É neste polo que se desenvolvem as principais atividades de formação de

educadores, de pesquisa e de supervisão dos demais polos. A proximidade física com a universidade facilita acesso a recursos acadêmicos, bibliotecas, laboratórios e serviços de apoio.

Os polos em parceria com prefeituras municipais operam por meio de convênios entre UFT e administrações locais. Cada município parceiro oferece infraestrutura física (salas de aula, equipamentos) e recursos humanos locais (educadores, apoio administrativo), enquanto a UFT fornece supervisão metodológica, formação de educadores e certificação. Esta modalidade de parceria permite expansão do programa para localidades distantes da capital sem sobrecarregar a estrutura central.

Os três polos em Tocantínia atendem diferentes configurações de público, demonstrando flexibilidade da metodologia para adaptar-se a situações diversas em um mesmo município. O polo urbano atende população não-indígena residente na sede municipal. O polo Xerente opera em território indígena, com atividades realizadas nos próprios territórios em metodologia adaptada à lógica comunitária do povo Xerente. O polo Xerente bilíngue trabalha com língua e cultura Xerente de forma sistemática, valorizando a língua materna dos acadêmicos indígenas.

Os polos em Brejinho de Nazaré incluem a sede urbana do município e a comunidade quilombola de Malhadinha. O trabalho na comunidade quilombola articula educação intergeracional com fortalecimento identitário e preservação de saberes tradicionais afro-brasileiros. Os anciãos quilombolas são reconhecidos como guardiões de memórias e de saberes que fundamentam a identidade coletiva da comunidade.

Os demais polos tocaninenses vinculados à SEDUC, UFT, UFNT e prefeituras municipais atendem populações diversificadas em diferentes regiões do estado. Cada polo apresenta especificidades em termos de público atendido, parcerias locais e adaptações metodológicas. O mapeamento detalhado destes polos, com suas características e resultados, constitui documentação importante para compreensão da capilaridade do programa.

A expansão para o Mato Grosso do Sul resultou de cooperação técnica entre UFT e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Os três polos sul-mato-grossenses – Dourados, Campo Grande e Jaraguari-Furnas Dionísio operam com supervisão compartilhada entre as duas instituições, demonstrando capacidade de transferência metodológica para contexto distinto do tocaninense.

O contexto pantaneiro apresenta especificidades que distinguem o trabalho nestes polos. O bioma Pantanal, com seus ciclos de cheias e vazantes, a tradição pecuária, a cultura pantaneira com suas músicas, danças e culinária características, configura ambiente sociocultural específico. Os saberes tradicionais valorizados incluem conhecimentos sobre o Pantanal, sobre a pecuária extensiva, sobre plantas e animais do cerrado e da planície pantaneira.

A presença indígena Guarani e Kaiowá no polo de Dourados acrescenta dimensão intercultural ao trabalho. Estes povos, que enfrentam situações de extrema vulnerabilidade em suas terras superlotadas, encontram na UMA espaço de valorização de seus saberes e de fortalecimento de suas identidades. A experiência acumulada com o povo Xerente no Tocantins oferece referências, embora as especificidades culturais exijam adaptações significativas.

O polo de Soure, em Portugal, representa a internacionalização da UMA e demonstra a aplicabilidade da metodologia TRAMA VIVA em contexto europeu. Implementado no âmbito do pós-doutorado sênior no Instituto Politécnico de Leiria, o polo conta com supervisão dos Professores Doutores Ricardo Pocinho e Cristóvão Margarido Fonseca, que acompanham a adaptação metodológica e garantem adequação ao contexto local.

O polo português opera com 100 acadêmicos ativos, contingente expressivo para a iniciativa recente. Os princípios fundamentais da TRAMA VIVA foram mantidos, REDE como dimensão relacional, PILÃO como transformação coletiva, TRANÇADO como integração de diversidades, enquanto as práticas específicas foram adequadas às expectativas culturais portuguesas, ao sistema educativo local e ao perfil dos acadêmicos.

A experiência em Portugal oferece perspectiva comparada valiosa para compreensão da metodologia. As diferenças culturais entre Brasil e Portugal permitem identificar quais elementos da TRAMA VIVA são universais aplicáveis em diferentes contextos e quais são específicos ao contexto brasileiro ou tocantinense. Esta distinção é importante para processos futuros de transferência metodológica para outros países.

A cooperação luso-brasileira estabelecida por meio deste polo abre perspectivas de expansão para outros países lusófonos. A comunidade de língua portuguesa, presente em quatro continentes: África (Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe), América (Brasil), Ásia (Timor-Leste) e Europa (Portugal) – representa campo potencial para disseminação da metodologia TRAMA VIVA, respeitando as especificidades de cada contexto nacional.

CAPÍTULO 6

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA E LINHAS DE PESQUISA

Estrutura Intergeracional de Coordenação

A Universidade da Maturidade opera com estrutura de coordenação compartilhada que articula dimensões educacionais, de saúde e de pesquisa em abordagem integrada do envelhecimento humano. A coordenação exercida pela professora doutora Neila Barbosa Osório e pelo professor doutor Luiz Sinésio Silva Neto combina competências complementares que potencializam o alcance e a qualidade do trabalho desenvolvido.

A estrutura de coordenação compartilhada não é mera divisão de tarefas, mas articulação de perspectivas disciplinares distintas que se complementam e se enriquecem mutuamente. A coordenação pela educação, exercida pela Professora Neila, fundamenta o trabalho em perspectiva pedagógica que valoriza processos educativos, metodologias participativas e construção de conhecimento. A coordenação pela saúde, exercida pelo Professor Luiz Sinésio, integra perspectiva que valoriza capacidade funcional, qualidade de vida e promoção da saúde.

Neila Osório, fundadora e coordenadora geral da UMA, especialista em Educação e com doutorado pela Universidade Federal de Santa Maria, concluído em 2002. Atualmente realiza pós-doutorado

sênior internacional pelo Instituto Politécnico de Leiria, Portugal, sob supervisão do professor doutor Ricardo Pocinho e do professor doutor Cristóvão Margarido Fonseca. Sua expertise concentra-se em educação intergeracional, fenomenologia social aplicada, metodologias participativas e saberes tradicionais.

A trajetória acadêmica da professora Neila inclui mais de quatro décadas dedicadas à educação, tendo iniciado como professora aos 16 anos de idade. A experiência acumulada nos contextos da educação básica e ensino superior fundamenta a sensibilidade pedagógica que caracteriza seu trabalho. A herança guarani de sua avó Digna Osório permeia sua relação com saberes tradicionais e com povos originários, conferindo dimensão pessoal ao compromisso acadêmico com estas populações.

A pesquisadora é responsável pelo desenvolvimento e sistematização da metodologia TRAMA VIVA, contribuição original que constitui marca distintiva do trabalho da UMA. É também responsável pela coordenação das linhas de pesquisa em educação, pela supervisão metodológica dos polos e pela articulação de parcerias institucionais. Sua atuação transcende o âmbito acadêmico estrito, incluindo participação em conselhos de direitos, em comissões de políticas públicas e em organizações da sociedade civil.

O professor Luiz Sinésio Silva Neto, coordenador da UMA, possui formação em Educação Física com doutorado em Ciências da Saúde. Sua expertise concentra-se em envelhecimento humano, capacidade funcional, atividade física adaptada e promoção da saúde. É responsável pela coordenação das linhas de pesquisa em saúde e envelhecimento e pela articulação com serviços de saúde que atendem os acadêmicos da UMA.

A presença do Professor Luiz Sinésio na coordenação garante que a dimensão de saúde seja adequadamente contemplada no trabalho da UMA. Embora o programa não seja serviço de saúde, a integração entre educação e saúde é fundamental quando se trabalha com pessoas idosas. Muitos acadêmicos da UMA apresentam condições de saúde que afetam sua participação nas atividades; a presença de coordenação com expertise em saúde permite atenção adequada a estas situações.

O fato de Luiz Sinésio ser filho de Neila acrescenta dimensão intergeracional à própria coordenação do programa. Mãe e filho trabalham juntos há décadas na construção da UMA, demonstrando na prática a possibilidade de colaboração intergeracional produtiva. Esta configuração não é nepotismo, mas expressão de um projeto familiar que se tornou institucional, no qual diferentes gerações contribuem com suas perspectivas e competências.

A complementaridade entre as formações dos coordenadores permite abordagem integrada que articula dimensões educacionais e de saúde do envelhecimento humano. Esta integração reflete-se na estrutura das linhas de pesquisa, nos projetos desenvolvidos, na formação dos pesquisadores vinculados ao programa e nas práticas educativas cotidianas.

A estrutura de coordenação inclui também supervisão internacional no âmbito do pós-doutorado sênior. Oferecendo perspectiva internacional e facilitando a cooperação luso-brasileira que resultou na implementação do polo UMA em Portugal e uma contribuição substantiva para o desenvolvimento do trabalho. O olhar externo, de pesquisadores com expertise em gerontologia no contexto europeu, permite identificar aspectos que podem passar despercebidos por quem está imerso na prática cotidiana. As sugestões, críticas e contribuições dos supervisores portugueses enriqueceram a reflexão sobre a metodologia e sua aplicabilidade em diferentes contextos.

A coordenação operacional dos polos é exercida por coordenadores locais vinculados às instituições parceiras. Cada polo conta com equipe própria de educadores, sob supervisão metodológica da coordenação geral. Reuniões periódicas de coordenação, presenciais e virtuais, garantem alinhamento metodológico, troca de experiências e enfrentamento coletivo de desafios. A descentralização operacional, combinada com supervisão metodológica centralizada, permite expansão do programa sem perda de coerência.

Grupo Interdisciplinar de Pesquisa

O GIPHEIA – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Educação Intergeracional e Altas Habilidades é coordenado pela Professora Doutora Neila Barbosa Osório e está registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico. O registro no CNPq confere visibilidade nacional ao grupo e insere sua produção no contexto da ciência brasileira.

O nome do grupo reflete a amplitude de seu escopo investigativo e o compromisso com abordagem interdisciplinar. A dimensão interdisciplinar expressa o diálogo entre diferentes campos do conhecimento: educação, sociologia, antropologia, psicologia, gerontologia, entre outros, que convergem no estudo da educação intergeracional. A referência a altas habilidades indica linha de pesquisa inovadora que investiga o potencial criativo e cognitivo em pessoas idosas, contrariando estereótipos associados à velhice.

O Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq constitui inventário dos grupos em atividade no país, reunindo informações sobre recursos humanos, linhas de pesquisa, especialidades do conhecimento, setores de aplicação, produção científica e parcerias. O registro neste diretório é procedimento institucionalizado que confere legitimidade acadêmica aos grupos e facilita a identificação de potenciais parceiros para projetos colaborativos, a participação em editais de fomento e a visibilidade da produção.

A primeira linha de pesquisa do GIPHEIA focaliza metodologias de educação intergeracional. Esta linha investiga o desenvolvimento, a implementação e a avaliação de práticas educativas que promovam o encontro significativo entre gerações. A metodologia TRAMA VIVA constitui objeto central de investigação, mas o grupo também estuda outras abordagens e desenvolve análises comparativas que enriquecem a compreensão do campo.

As pesquisas sobre metodologias de educação intergeracional incluem estudos sobre os fundamentos teóricos que sustentam diferentes abordagens, sobre os processos de implementação em

contextos diversos, sobre os resultados alcançados e sobre os desafios enfrentados. A produção acumulada nesta linha permite identificar fatores que favorecem ou dificultam o sucesso de programas intergeracionais, oferecendo orientações para novas iniciativas.

A segunda linha de pesquisa aborda fenomenologia social aplicada à educação. Fundamentada na obra de Alfred Schutz (2003) e seus continuadores, esta linha investiga os processos de construção de significados na experiência educativa intergeracional. Conceitos como intersubjetividade, estoque de conhecimento, tipificação e mundo da vida são mobilizados para compreender as dinâmicas educativas em profundidade, para além de indicadores quantitativos.

A fenomenologia social oferece ferramentas conceituais particularmente adequadas para o estudo da educação intergeracional. A atenção aos processos de construção compartilhada de significados, às formas como diferentes gerações tipificam umas às outras, aos estoques de conhecimento que cada geração traz para o encontro educativo permite compreensão profunda do que acontece quando pessoas de diferentes idades se encontram em contextos educativos.

A terceira linha de pesquisa focaliza saberes tradicionais e territórios. Esta linha documenta e valoriza os conhecimentos ancestrais dos povos amazônicos, pantaneiros, indígenas e quilombolas que participam da UMA. Investigam-se conhecimentos sobre território, sobre plantas medicinais, sobre técnicas artesanais, sobre narrativas míticas, sobre formas de organização social e sobre práticas de cuidado. O registro e a sistematização destes saberes contribuem para sua preservação e transmissão entre gerações.

Os saberes tradicionais são frequentemente desvalorizados ou ignorados por abordagens que privilegiam conhecimentos acadêmicos formais. A linha de pesquisa sobre saberes tradicionais e territórios inverte esta lógica, tratando os conhecimentos ancestrais como patrimônios cognitivos de valor inestimável que merecem registro, análise e transmissão. Os detentores destes saberes, anciãos indígenas, quilombolas e ribeirinhos – são reconhecidos como mestres em seus campos de conhecimento.

A quarta linha de pesquisa, dedicada a altas habilidades e superdotação em pessoas idosas, representa campo inovador de investigação que desafia estereótipos prevalentes. Contrariando visões que associam velhice a declínio cognitivo inexorável, esta linha investiga manifestações de alto potencial criativo, intelectual e artístico em pessoas idosas. Os estudos buscam identificar fatores que favorecem a manutenção e o desenvolvimento de habilidades excepcionais ao longo do envelhecimento.

A pesquisa sobre altas habilidades em pessoas idosas fundamenta-se em evidências científicas sobre plasticidade cerebral e sobre diversidade de trajetórias de envelhecimento. Nem todas as pessoas experimentam declínio cognitivo significativo com a idade; algumas mantêm ou até desenvolvem habilidades excepcionais em áreas específicas. Compreender os fatores que favorecem estas trajetórias positivas pode informar intervenções educativas e de saúde que promovam envelhecimento criativo.

O GIPHEIA reúne pesquisadores de diferentes níveis de formação acadêmica: docentes doutores que coordenam projetos e orientam estudantes; doutorandos que desenvolvem teses sobre temas vinculados às linhas de pesquisa; mestrandos que investigam questões específicas em suas dissertações; especialistas que contribuem com

experiência prática; e estudantes de graduação que se iniciam na pesquisa por meio de projetos de iniciação científica.

Esta composição diversificada em termos de níveis de formação favorece a formação de novos pesquisadores em ambiente de produção científica ativa. Os estudantes de graduação aprendem pesquisa fazendo pesquisa, sob orientação de pesquisadores mais experientes. Os mestrandos e doutorandos participam das reuniões do grupo, apresentam seus trabalhos em andamento e recebem contribuições de colegas. O grupo funciona como comunidade de aprendizagem onde a formação de pesquisadores acontece de forma integrada à produção de conhecimento.

Programa de Envelhecimento Humano

O Programa de Envelhecimento Humano (Pro-Gero), coordenado pelo professor doutor Luiz Sinésio Silva Neto, constitui a segunda linha de pesquisa institucionalizada da UMA, também registrada no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. O programa focaliza a integração entre educação e saúde no processo de envelhecimento, investigando como intervenções educativas podem contribuir para a saúde integral dos participantes e como as condições de saúde afetam os processos educativos.

A primeira linha de pesquisa do programa aborda capacidade funcional e qualidade de vida em pessoas idosas. Investigam-se indicadores de saúde física e mental em participantes de programas intergeracionais, buscando identificar impactos das intervenções educativas sobre a funcionalidade e o bem-estar. Instrumentos

padronizados de avaliação são utilizados para mensurar efeitos e comparar resultados entre diferentes grupos e contextos.

A capacidade funcional entendida como capacidade de realizar as atividades cotidianas de forma autônoma é indicador fundamental de saúde em pessoas idosas. O declínio da capacidade funcional está associado à maior morbidade, maior mortalidade e menor qualidade de vida. As pesquisas do programa investigam se a participação em programas educativos intergeracionais contribui para a manutenção ou melhoria da capacidade funcional, identificando mecanismos por meio dos quais este efeito pode ocorrer.

A segunda linha de pesquisa focaliza atividade física e envelhecimento saudável. Estudam-se os benefícios de práticas corporais adaptadas às especificidades de pessoas idosas, incluindo exercícios de força muscular, de equilíbrio, de flexibilidade e de capacidade aeróbica. A integração entre atividade física e educação intergeracional representa campo de investigação que articula as expertises dos dois coordenadores da UMA.

A atividade física regular é um dos fatores mais consistentemente associados ao envelhecimento saudável. Exercícios adequados contribuem para manutenção da força muscular, do equilíbrio, da mobilidade articular e da capacidade cardiovascular; reduzem o risco de quedas e suas consequências; melhoram indicadores de saúde mental; e contribuem para a manutenção da independência funcional. As pesquisas do programa investigam como incorporar atividade física adequada em programas educativos intergeracionais.

A terceira linha de pesquisa dedica-se à promoção da saúde em contextos educativos. Analisa-se como os processos educacionais podem contribuir para a saúde integral dos participantes,

considerando dimensões físicas, mentais, sociais e espirituais. A educação em saúde, a prevenção de doenças, o autocuidado, a adesão a tratamentos e o letramento em saúde são temas investigados em articulação com as práticas educativas da UMA.

A promoção da saúde, conforme definida pela Organização Mundial da Saúde, é um processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde. Esta definição enfatiza a dimensão educativa e participativa da promoção da saúde, convergindo com a proposta da UMA.

A quarta linha de pesquisa desenvolve indicadores de saúde em programas intergeracionais. O objetivo é criar métricas específicas para avaliar impactos de intervenções educativas intergeracionais sobre a saúde dos participantes. Estes indicadores devem ser sensíveis às especificidades do contexto, aplicáveis em diferentes realidades e capazes de captar mudanças ao longo do tempo. O desenvolvimento de indicadores adequados é fundamental para demonstrar resultados e para aprimorar intervenções.

O desenvolvimento de indicadores específicos responde à necessidade de avaliação rigorosa dos impactos de programas intergeracionais sobre a saúde. Indicadores genéricos, desenvolvidos para outros contextos, podem não captar as especificidades dos efeitos da educação intergeracional. Indicadores específicos, desenvolvidos a

partir da compreensão profunda dos processos envolvidos, permitem avaliação mais precisa e orientam aprimoramentos metodológicos.

O Programa de Envelhecimento Humano mantém parcerias com serviços de saúde do Tocantins e de outras regiões onde a UMA atua. Estas parcerias permitem encaminhamento de acadêmicos da UMA para atendimento especializado quando necessário, realização de pesquisas em colaboração com profissionais de saúde, e contribuição para políticas públicas de atenção à saúde da pessoa idosa. A articulação com o Sistema Único de Saúde fortalece o programa e amplia seu impacto.

Supervisão Internacional

A supervisão internacional da pesquisa desenvolvida pela UMA é exercida no âmbito do pós-doutorado sênior realizado no Instituto Politécnico de Leiria, Portugal, a partir de setembro de 2025. Os Professores Doutores Ricardo Pocinho e Cristóvão Margarido Fonseca atuam como supervisores, oferecendo perspectiva europeia e facilitando o diálogo acadêmico internacional que enriquece o trabalho desenvolvido.

O professor doutor Ricardo Pocinho é docente e investigador do Instituto Politécnico de Leiria, em Portugal, com expertise consolidada em gerontologia social, psicologia do envelhecimento e metodologias de investigação. Sua produção científica inclui dezenas de artigos em periódicos internacionais, capítulos de livros e participação em projetos de pesquisa financiados por agências europeias. A supervisão oferecida

contribui para o rigor metodológico das pesquisas e para a inserção da produção da UMA em circuitos acadêmicos internacionais.

O Professor Doutor Cristóvão Margarido Fonseca complementa a supervisão com expertise em educação social, intervenção comunitária e políticas de envelhecimento. Sua atuação como supervisor fortalece a dimensão aplicada da pesquisa, contribuindo para que os conhecimentos produzidos possam informar práticas educativas e políticas públicas em diferentes contextos. O diálogo entre as perspectivas dos dois supervisores enriquece a reflexão sobre a metodologia TRAMA VIVA e sua aplicabilidade.

A cooperação luso-brasileira estabelecida por meio da supervisão internacional tem resultados concretos que transcendem o período formal do pós-doutorado. A implementação do polo UMA em Soure, com 100 acadêmicos ativos, demonstra capacidade de transferência metodológica e abre possibilidades de expansão futura. A produção científica conjunta, artigos escritos em coautoria e apresentações em eventos internacionais ampliam o alcance das publicações e fortalecem redes de colaboração.

As diferenças entre os contextos brasileiro e português – em termos de políticas de envelhecimento, de sistemas de saúde e educação, de tradições culturais oferecem oportunidades de análise comparativa que revelam tanto elementos universais quanto especificidades locais da educação intergeracional.

A supervisão internacional insere a UMA em redes acadêmicas europeias que podem facilitar futuras colaborações, participação em projetos financiados por agências internacionais e visibilidade da produção científica além das fronteiras lusófonas. O Instituto Politécnico de Leiria mantém cooperações com instituições de diversos países europeus que podem ser mobilizadas em benefício do trabalho da UMA.

Formação de Pesquisadores

A formação de pesquisadores constitui dimensão essencial do trabalho da UMA, materializada nas 137 orientações de pós-graduação realizadas ao longo de duas décadas. Esta formação não é subproduto casual do programa de extensão, mas componente deliberado de sua estratégia de consolidação e multiplicação. Pesquisadores formados pela UMA atuam hoje em universidades, institutos federais e organizações da sociedade civil, multiplicando os conhecimentos adquiridos.

As orientações de doutorado, em número de nove, representam o nível mais elevado de formação. Sete doutorados foram concluídos e dois encontram-se em andamento. As teses defendidas investigaram temas centrais para o trabalho da UMA: metodologias de educação intergeracional na Amazônia Legal; saberes tradicionais quilombolas e educação; envelhecimento em contextos indígenas Xerente; capacidade funcional em pessoas idosas participantes de programas educativos; promoção da saúde em comunidades tradicionais;

longevidade criativa e convivência intergeracional; políticas públicas de atenção à pessoa idosa no Tocantins.

Cada tese de doutorado representa contribuição original para o conhecimento, submetida a rigorosa avaliação por bancas compostas por especialistas de diferentes instituições. A aprovação de teses em programas de pós-graduação reconhecidos pela CAPES atesta a qualidade da formação oferecida e a relevância das pesquisas desenvolvidas. Os doutores formados tornam-se multiplicadores que podem orientar suas próprias turmas de mestrandos e doutorandos.

As teses em andamento investigam temas inovadores que ampliam as fronteiras do conhecimento no campo: educação intergeracional com crianças atípicas e metodologias de inclusão; e educação intergeracional para comunidade surda em perspectiva bilíngue Libras-Português. Estas pesquisas, vinculadas às vertentes UMA Atípica e UMA Libras, contribuirão para sistematização de experiências pioneiras e para fundamentação teórico-metodológica de trabalhos inclusivos.

As orientações de mestrado totalizam 69, das quais 52 foram concluídas e 17 encontram-se em andamento. A distribuição por programas de pós-graduação inclui mestrados em Educação, em Ciências da Saúde e em outras áreas correlatas. Os temas das dissertações abrangem amplo espectro: percepções de acadêmicos idosos sobre educação intergeracional; impactos de programas educativos na qualidade de vida; saberes tradicionais de comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas; metodologias participativas com pessoas idosas; capacidade funcional e atividade física em pessoas idosas; saúde mental e bem-estar em programas intergeracionais.

Entre os mestrados em andamento, destacam-se os trabalhos de Jussara Martins de Amorim sobre UMA Atípica e de Heloísa Silva de Araújo Cunha sobre UMA Libras, ambas no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFT. Estas dissertações documentam e fundamentam duas das vertentes mais inovadoras da UMA, contribuindo para que as experiências pioneiras possam ser conhecidas, avaliadas e, quando apropriadas, replicadas em outros contextos.

A formação de pesquisadores indígenas merece destaque especial pelo pioneirismo e pela significação política e epistemológica. Os mestrados e doutorandos Marcos Xerente e Armando Xerente representam a primeira geração de pesquisadores do povo Xerente formados no campo da educação intergeracional.

A pesquisa desenvolvida por pesquisadores indígenas sobre suas próprias comunidades apresenta características epistemológicas distintas da pesquisa desenvolvida por pesquisadores externos. O pesquisador indígena conhece a língua, os códigos culturais, as relações sociais de sua comunidade de forma que nenhum pesquisador externo poderia conhecer. Ao mesmo tempo, a formação acadêmica oferece ferramentas conceituais e metodológicas que permitem sistematização e comunicação do conhecimento para além da comunidade de origem.

As orientações de especialização, realizadas entre 2004 e 2015, totalizam 59 e constituem a base da pirâmide de formação. Embora de menor fôlego que dissertações e teses, estes trabalhos contribuíram significativamente para a documentação das experiências iniciais da UMA e para a formação de educadores no programa. Muitos especialistas formados seguiram posteriormente para mestrado e doutorado, dando continuidade à sua formação acadêmica.

A rede de pesquisadores formados pela UMA constitui hoje comunidade acadêmica ativa que produz conhecimento, forma novos pesquisadores e implementa práticas educativas em diferentes contextos. Egressos atuam como docentes em universidades federais e estaduais, em institutos federais de educação, em secretarias de educação e saúde, em organizações da sociedade civil. Levam consigo os conhecimentos adquiridos e os multiplicam em seus campos de atuação.

A formação de pesquisadores é também a formação de cidadãos comprometidos com a transformação social. Os orientandos da UMA não são apenas treinados em técnicas de pesquisa, mas formados em perspectiva que valoriza a dignidade humana, o respeito aos saberes tradicionais, o compromisso com pessoas idosas e com grupos marginalizados. Esta formação ética e política é tão importante quanto a formação técnica e metodológica.

Educação Intergeracional e Cultura de Paz

A educação intergeracional contribui para a construção de uma cultura de paz ao promover o encontro respeitoso entre diferentes

gerações, ao combater preconceitos etários e ao fortalecer vínculos comunitários. A paz, nesta perspectiva, não é apenas ausência de conflito armado, mas presença de relações justas, solidárias e respeitadas entre pessoas e grupos. O título de Embaixadora da Paz conferido pelo Fórum Internacional para a Literatura e a Cultura da Paz (IFLAC) à coordenadora da UMA reconhece esta dimensão do trabalho.

O conceito de cultura de paz foi desenvolvido pela UNESCO a partir da década de 1990 como conjunto de valores, atitudes, comportamentos e modos de vida que rejeitam a violência e previnem conflitos por meio do diálogo e da negociação. A Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1999, estabeleceu oito áreas de ação para promoção da cultura de paz.

Entre as áreas de ação para cultura de paz, a educação ocupa lugar central. A educação para a paz inclui não apenas conteúdos específicos, mas metodologias participativas, relações democráticas, valorização da diversidade e resolução pacífica de conflitos. A educação intergeracional praticada pela UMA incorpora estas características em sua metodologia.

O combate ao idadismo é contribuição específica da educação intergeracional para a cultura de paz. O idadismo discriminação baseada na idade é forma de violência simbólica frequentemente naturalizada e invisibilizada. Piadas sobre pessoas idosas, estereótipos negativos, exclusão de espaços e atividades são manifestações de idadismo que prejudicam a dignidade e o bem-estar de pessoas idosas. A convivência intergeracional significativa pode transformar atitudes preconceituosas.

A Operação Virtudes, programa de formação de policiais militares para combate à violência contra pessoas idosas desenvolvido pela UMA no Tocantins, exemplifica a articulação entre educação intergeracional e cultura de paz. A formação sensibiliza policiais para especificidades do atendimento a pessoas idosas vítimas de violência, para identificação de sinais de maus-tratos, para encaminhamento adequado de casos. O programa já formou centenas de policiais no estado.

A violência contra pessoas idosas é um problema grave de saúde pública e de direitos humanos. Manifesta-se em diversas formas: violência física, violência psicológica, violência sexual, negligência, abandono, violência patrimonial. Frequentemente ocorre no ambiente doméstico, perpetrada por familiares. A subnotificação é significativa, pois muitas vítimas não denunciam por medo, vergonha ou dependência dos agressores.

A educação intergeracional pode contribuir para prevenção da violência ao fortalecer vínculos familiares e comunitários, ao promover valorização das pessoas idosas, ao criar redes de apoio que identificam e intervêm em situações de risco. Os acadêmicos da UMA frequentemente relatam que a participação no programa proporcionou-lhes maior visibilidade e reconhecimento em suas famílias e comunidades.

O diálogo intergeracional praticado na UMA é exercício de escuta respeitosa de perspectivas diferentes. Pessoas de diferentes gerações têm experiências distintas, referências culturais diversas, modos próprios de ver o mundo. O encontro destas diferenças pode gerar conflito ou pode gerar enriquecimento mútuo. A metodologia TRAMA VIVA cria condições para que o encontro seja produtivo, não destrutivo.

A transmissão de saberes entre gerações é também a transmissão de valores. Os anciãos que compartilham conhecimentos tradicionais transmitem junto com eles cosmovisões, modos de relacionar-se com a natureza, com a comunidade, com o sagrado. Esta transmissão pode contribuir para valores de paz ao enfatizar interdependência, cuidado, respeito, solidariedade e valores frequentemente presentes nas culturas tradicionais.

Cooperação Internacional em Educação Intergeracional

A cooperação internacional constitui dimensão cada vez mais relevante no trabalho da UMA, especialmente a partir do estabelecimento de parceria com o Instituto Politécnico de Leiria em Portugal. A cooperação permite troca de experiências entre contextos distintos, ampliação de perspectivas teóricas e metodológicas, e disseminação de conhecimentos para além das fronteiras nacionais.

A cooperação luso-brasileira tem bases sólidas na língua comum, em tradições acadêmicas compartilhadas e em fluxos históricos de intercâmbio entre os dois países. No campo da gerontologia, pesquisadores portugueses e brasileiros mantêm diálogo produtivo há décadas, com participação em eventos, publicações conjuntas e

projetos colaborativos. A parceria da UMA com o IPLeiria inscreve-se nesta tradição de cooperação.

O Instituto Politécnico de Leiria é uma instituição de ensino superior português com forte tradição em formação de professores e em áreas de saúde e bem-estar social. A Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do IPLeiria abriga pesquisadores com expertise em gerontologia social, educação de adultos e metodologias participativas. A supervisão do pós-doutorado da coordenadora da UMA por pesquisadores do IPLeiria garante diálogo acadêmico de alto nível.

A implementação do polo UMA em Soure, Portugal, representa o teste da capacidade de transferência metodológica para contexto cultural distinto do brasileiro. Embora Brasil e Portugal compartilhem a língua portuguesa, as diferenças culturais são significativas: expectativas quanto a relações educativas, padrões de comunicação, formas de expressão de afeto, ritmos de trabalho. A adaptação da metodologia TRAMA VIVA a estas diferenças constituem aprendizado valioso.

Os resultados iniciais do polo português são promissores: 100 acadêmicos ativos demonstram receptividade da população idosa portuguesa à proposta; os princípios fundamentais da TRAMA VIVA – REDE, PILÃO, TRANÇADO demonstraram aplicabilidade; as adaptações necessárias puderam ser implementadas sem comprometer a integridade metodológica. A experiência confirma o potencial de expansão internacional da metodologia.

*A produção científica conjunta
entre pesquisadores brasileiros e
portugueses constitui resultado*

tangível da cooperação. Artigos escritos em coautoria, capítulos de livros, apresentações em eventos ampliam o alcance das publicações e fortalecem redes de colaboração. Os pareceres favoráveis do IPLeiria sobre o trabalho da UMA representam validação internacional que confere credibilidade adicional.

As perspectivas de expansão da cooperação internacional incluem outros países lusófonos. Os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste representam possíveis destinos para transferência metodológica. Cada país apresenta especificidades que exigirão adaptações significativas, mas a comunidade linguística facilita o diálogo inicial.

A cooperação internacional em educação intergeracional não é via de mão única. O Brasil não apenas exporta metodologias, mas também aprende com experiências de outros países. Programas intergeracionais europeus, norte-americanos e asiáticos oferecem lições que podem enriquecer o trabalho da UMA. A participação em eventos internacionais, o acesso a literatura global, o diálogo com pesquisadores de diferentes contextos ampliam horizontes e estimulam a inovação.

Os desafios da cooperação internacional incluem diferenças de recursos, de estruturas institucionais, de culturas acadêmicas. Parcerias entre instituições de países com níveis de desenvolvimento distintos requerem atenção para não reproduzir relações assimétricas. A

cooperação genuína implica reconhecimento mútuo, troca equilibrada, respeito às especificidades de cada contexto.

Ética na Pesquisa com Pessoas Idosas e Povos Tradicionais

A pesquisa com pessoas idosas e com povos tradicionais indígenas e quilombolas requer atenção especial a questões éticas que vão além dos requisitos formais de aprovação por comitês de ética. A vulnerabilidade destes grupos exige cuidados específicos para garantir que a pesquisa não reproduza relações de exploração ou de desrespeito.

O consentimento livre e esclarecido é um princípio fundamental da ética em pesquisa com seres humanos. No caso de pessoas idosas, é necessário avaliar se há compreensão adequada dos termos do consentimento, especialmente quando há comprometimento cognitivo. Pesquisadores devem utilizar linguagem acessível, verificar compreensão, garantir tempo adequado para decisão, respeitar recusas e desistências.

A pesquisa com pessoas com demência coloca desafios éticos específicos. Quando a pessoa não tem capacidade de consentir, o consentimento pode ser obtido de representantes legais, mas deve-se buscar também o assentimento da própria pessoa, respeitando sinais de desconforto ou recusa. A pesquisa não deve ser realizada se a pessoa demonstrar objeção, mesmo não verbalmente.

A pesquisa com povos indígenas no Brasil é regulamentada por normativas específicas que exigem consulta prévia às comunidades,

autorização de órgãos indigenistas, respeito a protocolos comunitários de pesquisa. O paradigma do pesquisador que vai a campo para extrair dados sem contrapartida adequada é criticado como neocolonialismo acadêmico. A pesquisa deve trazer benefícios para as comunidades pesquisadas.

A Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho sobre Povos Indígenas e Tribais, ratificada pelo Brasil, estabelece o direito à consulta livre, prévia e informada sobre medidas que afetem estes povos. Embora aplicável primariamente a políticas públicas, o princípio orienta também a pesquisa acadêmica. As comunidades devem ser consultadas sobre se desejam que a pesquisa seja realizada e em que termos.

A pesquisa com comunidades quilombolas também requer atenção a protocolos comunitários e a relações de poder. Muitas comunidades quilombolas têm histórico de pesquisadores que coletaram informações e nunca retornaram resultados, ou que utilizaram dados de formas que prejudicaram as comunidades. A desconfiança resultante é compreensível e deve ser tratada com transparência e compromisso de retorno.

A UMA desenvolveu práticas de pesquisa que buscam atender a estes requisitos éticos. A pesquisa participante, que envolve os sujeitos como investigadores, é privilegiada quando possível. O retorno de resultados às comunidades pesquisadas é compromisso assumido. A formação de pesquisadores

*indígenas e quilombolas
representa estratégia para que os
próprios povos conduzam
pesquisas sobre si mesmos.*

A propriedade intelectual sobre conhecimentos tradicionais é uma questão ética e legal complexa. Conhecimentos sobre plantas medicinais, sobre técnicas artesanais, sobre práticas de cura são patrimônios coletivos dos povos que os desenvolveram. A documentação e publicação destes conhecimentos pela academia deve respeitar direitos de propriedade intelectual coletiva e não pode servir para apropriação indevida por terceiros.

A ética na pesquisa não se limita a procedimentos formais de aprovação por comitês. É uma postura que permeia todas as etapas do trabalho, desde a definição de questões de pesquisa até a divulgação de resultados. O compromisso com a dignidade dos participantes, com os benefícios para as comunidades, com a honestidade intelectual deve orientar pesquisadores em todas as suas decisões.

CAPÍTULO 7

PRODUÇÃO CIENTÍFICA E FORMAÇÃO DE PESQUISADORES

Visão Geral da Produção Científica

A produção científica da Universidade da Maturidade ao longo de duas décadas é expressiva em volume e diversificada em formatos: 137 orientações de pós-graduação *stricto sensu* e *lato sensu*, incluindo doutorados, mestrados e especializações; 369 artigos científicos sistematizados entre produções derivadas das especializações e artigos específicos sobre a UMA em periódicos qualificados; 13 livros publicados entre 2022 e 2025; centenas de apresentações em eventos científicos nacionais e internacionais; e materiais didáticos desenvolvidos para formação de educadores.

Esta produção vincula-se a duas linhas de pesquisa reconhecidas pelo CNPq: o GIPHEIA, coordenado pela professora Neila Osório, focalizando educação intergeracional e altas habilidades; e o Programa de Envelhecimento Humano, coordenado pelo professor Luiz Sinésio, abordando integração entre educação e saúde. A complementaridade entre as linhas permite abordagem integrada do envelhecimento humano que articula dimensões educacionais, sociais e de saúde.

Os indicadores de produção científica da UMA são compatíveis com grupos de pesquisa consolidados em universidades de maior tradição e recursos. O programa demonstra que é possível desenvolver

pesquisa de qualidade em contexto de universidade jovem, em estado da Amazônia Legal frequentemente negligenciado pelos circuitos acadêmicos hegemônicos, desde que haja compromisso com rigor metodológico, continuidade institucional e formação sistemática de pesquisadores.

A produção científica da UMA não se limita a descrever experiências ou a documentar práticas. Embora a documentação seja importante e necessária, os trabalhos produzidos buscam também teorizar sobre os fenômenos investigados, propor conceitos originais, dialogar com tradições teóricas estabelecidas e contribuir para o avanço do conhecimento no campo da educação intergeracional e do envelhecimento humano.

A originalidade da produção manifesta-se especialmente nos conceitos desenvolvidos pela UMA: longevidade criativa, longevidade conectada, educação formalizada informalizada, metodologia TRAMA VIVA com seus três pilares. Estes conceitos não foram importados de outros contextos, mas construídos a partir da reflexão sistemática sobre a prática educativa desenvolvida no Tocantins. Representam contribuições genuínas para o campo, passíveis de utilização por outros pesquisadores e praticantes.

Orientações de Pós-Graduação

As nove orientações de doutorado representam o nível mais elevado de formação acadêmica realizado no âmbito da UMA. Sete doutorados foram concluídos com defesa de tese aprovada por bancas de especialistas; dois encontram-se em andamento com previsão de conclusão nos próximos anos. As teses defendidas investigaram temas centrais para o trabalho da UMA, contribuindo com conhecimento original para o campo.

As teses concluídas abordaram os seguintes temas: metodologias de educação intergeracional desenvolvidas na Amazônia Legal, com análise sistemática da TRAMA VIVA e de suas aplicações em diferentes contextos; saberes tradicionais de comunidades quilombolas tocantinenses e sua articulação com processos educativos intergeracionais; envelhecimento no povo indígena Xerente, investigando como este povo compreende e vive o processo de envelhecer; capacidade funcional e qualidade de vida em pessoas idosas participantes de programas educativos; promoção da saúde em comunidades tradicionais amazônicas; fundamentos teóricos e práticos da longevidade criativa; e políticas públicas de atenção à pessoa idosa no Estado do Tocantins.

As teses em andamento investigam temas inovadores que ampliam fronteiras: uma aborda a educação intergeracional com crianças neurodivergentes, investigando os processos educativos da UMA Atípica e as metodologias de inclusão desenvolvidas; outra focaliza a educação intergeracional para comunidade surda, analisando a UMA Libras em perspectiva bilíngue que articula Língua Brasileira de

Sinais e Português. Estas pesquisas contribuirão para fundamentação teórico-metodológica de vertentes pioneiras.

Cada tese de doutorado representa contribuição original para o conhecimento que passou por rigoroso processo de avaliação. As bancas de defesa incluíram especialistas de diferentes instituições brasileiras, garantindo avaliação externa e independente. A aprovação das teses em programas de pós-graduação reconhecidos pela CAPES com notas elevadas atesta a qualidade da formação oferecida.

As 69 orientações de mestrado distribuem-se entre programas de pós-graduação em Educação, em Ciências da Saúde e em áreas correlatas. Das 52 dissertações concluídas, os temas abrangem um amplo espectro que reflete a diversidade de questões investigadas pela UMA ao longo de duas décadas de trabalho.

A formação de pesquisadores indígenas em nível de mestrado representa conquista significativa. Os mestrandos Marcos Xerente e Armando Xerente desenvolvem pesquisas que articulam saberes tradicionais de seu povo com conhecimentos acadêmicos. São pesquisadores indígenas pesquisando suas próprias comunidades, posição epistemológica que permite acesso a dimensões da realidade inacessíveis a pesquisadores externos.

Os temas das dissertações concluídas incluem: percepções de acadêmicos idosos sobre educação intergeracional e seus impactos em suas vidas; análise de impactos de programas educativos na qualidade de vida de participantes; documentação de saberes tradicionais de comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas; desenvolvimento e avaliação de metodologias participativas com pessoas idosas; estudos sobre capacidade funcional e atividade física em pessoas idosas participantes da UMA; investigações sobre saúde mental e bem-estar subjetivo em programas intergeracionais; análises de relações intergeracionais em famílias tocantinenses; estudos sobre tecnologias digitais e inclusão de pessoas idosas; entre outros.

As dezessete dissertações em andamento continuam ampliando o escopo de investigação. Destacam-se os trabalhos de Jussara Martins de Amorim sobre a UMA Atípica, investigando processos educativos intergeracionais em contexto neurodivergente, e de Heloísa Silva de Araújo Cunha sobre a UMA Libras, analisando educação intergeracional para comunidade surda. Ambas são mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFT e suas pesquisas documentarão experiências pioneiras.

As 59 orientações de especialização foram realizadas entre 2004 e 2015, no âmbito das nove turmas de Especialização em Gerontologia ofertadas pela UMA. Embora de menor fôlego que dissertações e teses, estes trabalhos cumpriram papel fundamental na formação inicial de pesquisadores e educadores e na documentação das experiências iniciais do programa.

Os trabalhos de conclusão da especialização abordaram temas diversos: perfil sociodemográfico dos acadêmicos da UMA em diferentes períodos; percepções de pessoas idosas sobre envelhecimento e velhice; impactos da participação na UMA sobre

diferentes dimensões da vida dos acadêmicos; metodologias educativas desenvolvidas e seus fundamentos; saberes tradicionais de diferentes comunidades tocantinenses; relações familiares e intergeracionais; saúde e qualidade de vida.

Os trabalhos de conclusão de especialização geraram acervo de 280 artigos científicos que documentam diferentes aspectos da educação intergeracional no Tocantins no período de consolidação inicial da UMA. Este acervo constitui fonte valiosa para pesquisadores interessados na história do programa e nas experiências desenvolvidas em seus primeiros anos de funcionamento.

Muitos especialistas formados nas turmas de especialização seguiram posteriormente para mestrado e doutorado, dando continuidade à sua formação acadêmica. A especialização funcionou como porta de entrada para a carreira de pesquisa, despertando interesse e fornecendo bases iniciais que seriam aprofundadas em níveis subsequentes de formação.

Publicações Científicas

A produção de artigos científicos da UMA totaliza 369 trabalhos sistematizados, distribuídos entre os 280 artigos derivados das especializações e 89 artigos específicos sobre a UMA publicados em periódicos científicos qualificados. Os artigos foram publicados em periódicos nacionais e internacionais das áreas de Educação, Gerontologia, Saúde Coletiva, Ciências Sociais e áreas correlatas.

Os temas dos artigos refletem a diversidade das linhas de pesquisa e a evolução do trabalho ao longo do tempo. Os artigos mais antigos documentam as experiências iniciais do programa, o perfil dos primeiros acadêmicos e as metodologias em desenvolvimento. Os artigos mais recentes teorizam sobre os conceitos desenvolvidos – longevidade criativa, longevidade conectada, metodologia TRAMA VIVA e apresentam resultados de pesquisas mais sofisticadas metodologicamente.

Os artigos publicados em periódicos qualificados passaram por processos de avaliação por pares que atestam sua qualidade científica. A publicação em periódicos com Qualis elevado – classificação da CAPES que avalia a qualidade dos veículos de publicação – demonstra que a produção da UMA alcança padrões reconhecidos pela comunidade acadêmica. A internacionalização da produção, ainda incipiente, tende a crescer com a cooperação luso-brasileira.

A produção de artigos mantém ritmo crescente ao longo dos anos, refletindo a consolidação das linhas de pesquisa e a formação de pesquisadores em níveis mais elevados. Os artigos derivados de dissertações e teses tendem a apresentar maior densidade teórica e rigor metodológico, contribuindo para elevar a qualidade média da produção.

A participação em eventos científicos é expressiva e contínua ao longo das duas décadas de funcionamento da UMA. A equipe de coordenação e os pesquisadores vinculados apresentaram trabalhos em congressos nacionais e internacionais das diversas áreas que dialogam com a educação intergeracional: gerontologia, educação, saúde coletiva, antropologia, sociologia, psicologia, entre outras.

Entre os eventos nacionais com participação regular da UMA destacam-se: os congressos da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, principal fórum de discussão sobre envelhecimento no Brasil; as reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, que reúnem pesquisadores em educação de todo o país; os congressos da Associação Brasileira de Antropologia, relevantes para as pesquisas sobre povos indígenas e comunidades quilombolas; e diversos outros eventos regionais e temáticos.

A participação em eventos internacionais ampliou-se progressivamente. A coordenação do programa apresentou trabalhos em eventos de Portugal, Espanha, Argentina, Chile e México, entre outros países, ampliando o diálogo acadêmico e a visibilidade da produção. A cooperação com o Instituto Politécnico de Leiria tende a intensificar a participação em eventos europeus.

O Encontro Nacional da Universidade da Maturidade, realizado periodicamente, reúne pesquisadores, educadores e acadêmicos dos diferentes polos para troca de experiências e apresentação de trabalhos. O evento fortalece a identidade do programa, promove articulação entre os polos distribuídos nos três territórios de atuação, e gera publicações que documentam a produção coletiva.

A Extensão Universitária no Brasil: Contexto Histórico

A extensão universitária constitui uma das três dimensões da universidade brasileira, ao lado do ensino e da pesquisa. A compreensão do contexto histórico da extensão é fundamental para situar o trabalho da Universidade da Maturidade como programa de extensão vinculado à UFT e para compreender as concepções que orientam sua prática.

A extensão universitária no Brasil tem suas origens nas primeiras décadas do Século XX, quando universidades começaram a desenvolver atividades de difusão cultural e de prestação de serviços para além de seus muros. Inicialmente, a extensão era compreendida como transmissão de conhecimentos da universidade para a sociedade, em modelo assistencialista que posicionava a universidade como detentora do saber a ser transferido para comunidades carentes.

A Reforma Universitária de 1968, estabelecida pela Lei nº 5.540, institucionalizou a extensão como função da universidade, tornando-a obrigatória ao lado do ensino e da pesquisa. Contudo, o contexto autoritário do regime militar limitava as possibilidades de extensão crítica e transformadora. Predominava a extensão como prestação de serviços, frequentemente subordinada a interesses de modernização conservadora.

Os anos 1980 marcaram uma transformação significativa na concepção de extensão universitária no Brasil. O movimento de redemocratização, as lutas sociais, a emergência de novos atores políticos influenciaram a universidade e sua relação com a sociedade. A extensão passou a ser compreendida não como transmissão

unidirecional de conhecimentos, mas como processo dialógico de troca entre universidade e comunidade.

O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), criado em 1987, foi um ator fundamental na construção de nova concepção de extensão. O conceito de extensão como via de mão dupla, que transforma tanto a universidade quanto a comunidade, foi desenvolvido e disseminado pelo Fórum. A extensão passou a ser compreendida como processo educativo, cultural e científico que articula ensino e pesquisa de forma indissociável.

A Política Nacional de Extensão Universitária, aprovada pelo FORPROEX em 2012, consolidou princípios que orientam a extensão nas universidades públicas brasileiras: interação dialógica com a sociedade; interdisciplinaridade e interprofissionalidade; indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; impacto na formação do estudante; impacto e transformação social. Estes princípios orientam também o trabalho da UMA.

A creditação da extensão, estabelecida pela Resolução CNE/CES nº 7/2018, determinou que no mínimo 10% dos créditos curriculares dos cursos de graduação devem ser destinados a atividades de extensão. Esta determinação valoriza a extensão como componente formativo

essencial e amplia as possibilidades de participação estudantil em programas como a UMA.

A UMA inscreve-se na concepção de extensão como via de mão dupla, conforme expressa no princípio metodológico da via de mão dupla afetiva. A universidade não vai à comunidade para levar conhecimentos prontos, mas para construir conhecimentos em diálogo. Os acadêmicos idosos não são receptores passivos, mas portadores de saberes que a universidade deve escutar, valorizar e aprender.

Caracterização dos Polos da UMA

O polo matriz da UMA está localizado no campus de Palmas da Universidade Federal do Tocantins, capital do estado. Funciona em espaço dedicado que inclui salas de aula, área de convivência, espaço para atividades práticas e secretaria administrativa. É o polo com maior estrutura e maior contingente de acadêmicos, servindo também como sede da coordenação geral do programa.

O perfil dos acadêmicos do polo matriz reflete as características da população de Palmas: cidade jovem, planejada, que atraiu migrantes de todo o Brasil. Os acadêmicos são predominantemente mulheres, com escolaridade variada, oriundas de diversos estados brasileiros. Muitos são aposentados do serviço público que vieram para Palmas nas décadas de 1990 e 2000 para trabalhar na estruturação do novo estado.

As atividades do polo matriz incluem encontros semanais com atividades educativas diversificadas, oficinas temáticas, participação em eventos científicos e culturais, integração com cursos de graduação da UFT. A proximidade com a estrutura universitária permite acesso a bibliotecas, laboratórios, eventos acadêmicos, fortalecendo a dimensão de formação dos acadêmicos.

Os polos em municípios do interior do Tocantins operam por meio de parcerias com prefeituras municipais e com a Secretaria de Estado da Educação. Cada polo adapta a metodologia TRAMA VIVA às características locais, mantendo os princípios fundamentais enquanto ajusta práticas às especificidades de cada comunidade.

O polo de Tocantínia apresenta configuração singular com três modalidades: urbana, para população não-indígena da sede municipal; Xerente território indígena, para indígenas residentes em terras indígenas; e Xerente bilíngue, com uso sistemático da língua Xerente. Esta diversificação responde às diferentes realidades populacionais do município.

Os polos de Brejinho de Nazaré incluem a sede urbana e a comunidade quilombola de Malhadinha. O trabalho na comunidade quilombola articula educação intergeracional com fortalecimento identitário e preservação de saberes tradicionais afro-brasileiros. Os encontros ocorrem na própria comunidade, respeitando seus espaços e suas dinâmicas.

Os demais polos tocantinenses em Gurupi, Tocantinópolis, e outros municípios apresentam configurações próprias conforme parcerias locais estabelecidas. A coordenação geral oferece supervisão metodológica, formação de educadores locais e acompanhamento das atividades, garantindo coerência com os princípios da TRAMA VIVA.

Os três polos do Mato Grosso do Sul – Dourados, Campo Grande e Jaraguari-Furnas Dionísio resultam de cooperação técnica entre UFT e UEMS. A transferência metodológica para o contexto pantaneiro demonstrou capacidade de adaptação da TRAMA VIVA a bioma e cultura distintos do tocantinense.

O polo de Dourados atende uma população diversificada que inclui significativa presença indígena Guarani e Kaiowá. A situação destes povos, que enfrentam conflitos fundiários graves e indicadores sociais preocupantes, confere características específicas ao trabalho. A metodologia desenvolvida para o contexto Xerente no Tocantins oferece referências, mas adaptações significativas são necessárias.

O polo de Campo Grande, na capital do estado, opera em contexto urbano metropolitano com infraestrutura da UEMS. O público é predominantemente urbano, com características similares às do polo matriz em Palmas. A supervisão compartilhada entre UFT e UEMS garante acompanhamento metodológico adequado.

O polo de Jaraguari-Furnas Dionísio atende a comunidade rural com forte tradição pantaneira. Os saberes valorizados incluem conhecimentos sobre o Pantanal, sobre pecuária, sobre plantas e animais do cerrado e da planície. Os anciãos pantaneiros são reconhecidos como guardiões de conhecimentos sobre um bioma único no mundo.

O polo de Soure, implementado no âmbito do pós-doutorado sênior pelo Instituto Politécnico de Leiria, representa a internacionalização da UMA. Soure é um município português do distrito de Coimbra, com aproximadamente 18 mil habitantes, que apresentou interesse em implementar programa de educação intergeracional inspirado na experiência brasileira.

A implementação em Portugal exigiu adaptações culturais significativas. Embora Brasil e Portugal compartilhem a língua portuguesa, as diferenças culturais afetam as expectativas quanto a relações educativas, formas de expressão e ritmos de trabalho. A metodologia TRAMA VIVA manteve seus princípios – REDE, PILÃO, TRANÇADO enquanto práticas específicas foram adequadas.

O polo português conta com 100 acadêmicos ativos, contingente expressivo para a iniciativa recente. A supervisão dos Professores Doutores Ricardo Pocinho e Cristóvão Margarido Fonseca garante adequação ao contexto local e diálogo com tradições gerontológicas europeias. Os resultados iniciais indicam receptividade da população portuguesa à proposta.

Impactos Documentados da Universidade da Maturidade

Pesquisas realizadas com acadêmicos da UMA documentam impactos positivos em múltiplas dimensões da qualidade de vida. Estudos utilizando instrumentos padronizados como o WHOQOL demonstram melhorias estatisticamente significativas em domínios físico, psicológico, social e ambiental após participação no programa.

No domínio físico, os acadêmicos relatam maior disposição, melhor sono, menor percepção de dor. A participação em atividades que incluem práticas corporais contribui para a manutenção de mobilidade e funcionalidade. Embora o programa não seja intervenção de saúde propriamente dita, a integração entre educação e promoção de saúde produz efeitos positivos.

No domínio psicológico, os impactos são particularmente expressivos. Acadêmicos relatam melhora da autoestima, aumento de satisfação com a vida, redução de sentimentos de solidão e de inutilidade. O sentido de pertencimento a grupo que valoriza e reconhece contribui significativamente para bem-estar psicológico.

No domínio social, o fortalecimento de redes de relacionamento é impacto consistentemente documentado. Os acadêmicos ampliam seus círculos de amizade, desenvolvem relações de apoio mútuo, mantêm vínculos que se estendem para além das atividades formais do programa. A UMA funciona como espaço de sociabilidade que combate o isolamento.

Estudos longitudinais acompanhando acadêmicos da UMA ao longo de períodos de um a dois anos documentam manutenção ou melhoria de indicadores de capacidade funcional. Comparados com grupos controle de pessoas idosas não participantes, os acadêmicos da UMA apresentam desempenho superior em testes de mobilidade, equilíbrio e cognição.

A manutenção da capacidade funcional tem implicações importantes para a independência e para os custos de saúde. Pessoas que mantêm funcionalidade têm menor probabilidade de quedas, de hospitalizações, de necessidade de cuidados de longa duração. Os

benefícios individuais traduzem-se também em benefícios para o sistema de saúde e para as famílias.

Os impactos econômicos da Hub Criativa são mensuráveis e significativos, com resultados distribuídos entre seus produtores, representa geração de renda expressiva. O aumento na renda familiar dos participantes indica transformação nas condições econômicas das famílias envolvidas.

Além da renda direta, a participação no empreendimento proporciona desenvolvimento de competências produtivas e gerenciais que podem ser mobilizadas em outras iniciativas. Produtores relatam ganhos de autonomia, de autoconfiança, de capacidade de empreender que transcendem a participação no programa específico.

A documentação de saberes tradicionais realizada pela UMA constitui contribuição para preservação de patrimônios imateriais em risco de desaparecimento. Receitas culinárias, técnicas artesanais, conhecimentos sobre plantas medicinais, narrativas orais estão registrados em publicações, vídeos e outros suportes que garantem sua permanência.

O impacto na transmissão intergeracional de saberes é particularmente relevante em contextos indígenas e quilombolas. Os programas da UMA criam espaços formalizados para que anciãos

ensinem jovens, complementando a transmissão informal que ocorre nas famílias e comunidades. Em contextos de pressão sobre modos de vida tradicionais, estes espaços são especialmente valiosos.

Parceiros Institucionais da Universidade da Maturidade

A UMA articula-se com extensa rede de parceiros institucionais que contribuem para diferentes aspectos do programa. A diversificação de parcerias fortalece a sustentabilidade institucional e amplia o alcance das atividades. Cada parceiro traz recursos, competências e perspectivas específicas que enriquecem o trabalho.

A Universidade Federal do Tocantins é a instituição âncora que abriga a UMA desde sua criação. A vinculação à Pró-Reitoria de Extensão confere enquadramento institucional adequado. A UFT disponibiliza infraestrutura, recursos humanos, apoio administrativo e legitimidade acadêmica que fundamentam o programa.

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul é parceira na implementação dos polos pantaneiros. A cooperação técnica entre UFT e UEMS viabilizou a transferência metodológica para o contexto do Mato Grosso do Sul. A UEMS oferece infraestrutura local e supervisão acadêmica que complementam o trabalho da coordenação geral.

O Instituto Politécnico de Leiria, em Portugal, é parceiro na internacionalização. A supervisão do pós-doutorado sênior pelos Professores Ricardo Pocinho e Cristóvão Fonseca estabelece vínculos acadêmicos formais que sustentam a cooperação luso-brasileira. A implementação do polo em Soure é resultado concreto desta parceria.

Prefeituras municipais são parceiras essenciais para implementação de polos no interior. Os convênios estabelecidos definem responsabilidades: municípios oferecem espaço físico e recursos humanos locais; UFT oferece metodologia, formação e supervisão. Esta divisão de responsabilidades viabiliza expansão territorial sem sobrecarga da estrutura central.

A Secretaria de Estado da Educação do Tocantins é parceira em polos vinculados à rede estadual de ensino. A articulação com escolas permite uso de infraestrutura educacional e aproximação com jovens estudantes para atividades intergeracionais. O trabalho em Tocantínia, incluindo os polos indígenas, conta com esta parceria.

A Secretaria de Estado de Cidadania e Justiça articula-se com a UMA em iniciativas como a Operação Virtudes de formação de policiais para atendimento a pessoas idosas. A interface com políticas de direitos humanos fortalece a dimensão cidadã do programa.

Organizações indígenas são parceiras fundamentais para o trabalho da UMA Indígena. As lideranças Xerente participam de definições sobre metodologias, conteúdos e calendários. O respeito à organização própria do povo é condição para trabalho genuinamente intercultural. Pesquisadores indígenas em formação pela UMA representam o aprofundamento desta parceria.

As associações quilombolas são parceiras para o trabalho nas comunidades remanescentes. O diálogo com o movimento quilombola garante que o trabalho educativo contribua para os objetivos mais amplos de fortalecimento identitário e luta por direitos territoriais. A educação intergeracional integra-se às lutas das comunidades.

O Fórum Internacional para a Literatura e a Cultura da Paz, organização não-governamental com status consultivo junto à ONU, conferiu à coordenadora da UMA o título de Embaixadora da Paz. Esta parceria internacional reconhece a contribuição da educação intergeracional para a cultura de paz e amplia a visibilidade do trabalho.

CAPÍTULO 8

LIVROS PUBLICADOS

Política Editorial

A publicação de livros constitui estratégia deliberada de disseminação do conhecimento produzido pela UMA para públicos que transcendem o circuito acadêmico especializado. Os livros são publicados prioritariamente pela Editora da Universidade Federal do Tocantins, com distribuição gratuita para bibliotecas públicas, escolas e organizações da sociedade civil, além de disponibilização em repositório institucional de acesso aberto.

A política editorial da UMA prioriza uma linguagem acessível que não comprometa o rigor científico. Os livros destinam-se não apenas a pesquisadores especializados, mas também a educadores que atuam com pessoas idosas, a gestores públicos responsáveis por políticas de envelhecimento, a estudantes em formação e ao público geral interessado em educação intergeracional e envelhecimento humano.

A valorização de experiências concretas e de vozes dos próprios acadêmicos é outro princípio editorial. Os livros não são apenas textos teóricos sobre educação intergeracional, mas incluem relatos de experiências, histórias de

vida, depoimentos e produções dos acadêmicos da UMA. Esta inclusão de vozes diversas confere aos livros caráter polifônico que reflete a própria natureza do programa.

A articulação entre fundamentação teórica e orientações práticas garante que os livros sejam úteis tanto para reflexão quanto para ação. Os leitores encontram nos livros não apenas conceitos e análises, mas também orientações que podem informar suas próprias práticas educativas. Esta dimensão aplicada amplia o alcance e a utilidade das publicações.

Entre 2022 e 2025 foram publicados 13 livros que documentam diferentes dimensões do trabalho da UMA. A intensificação da produção editorial neste período reflete a maturidade acumulada ao longo de duas décadas e a necessidade de sistematizar experiências antes que se percam ou que fiquem restritas à memória dos participantes.

Experiências Intergeracionais na Amazônia

Este livro documenta experiências de educação intergeracional desenvolvidas em diferentes contextos amazônicos: urbano, ribeirinho, indígena e quilombola. Organizado em capítulos que articulam fundamentação teórica com relatos de experiência, o livro oferece panorama das práticas desenvolvidas pela UMA e dos desafios enfrentados em cada contexto.

100 Anos de Vida!

Coletânea de histórias de vida de acadêmicos centenários e quase centenários da UMA. O livro registra projeções de pesquisadores ao visualizarem ou planejarem a marca dos cem anos, mantendo vitalidade, engajamento e disposição para aprender. As narrativas oferecem lições sobre longevidade, resiliência, sentido de vida e os fatores que contribuem para um envelhecimento bem-sucedido.

Educação Intergeracional e Gerontologia na Amazônia

Obra de fundamentação teórica que articula educação intergeracional com gerontologia no contexto amazônico. O livro desenvolve os conceitos de longevidade criativa e longevidade conectada, apresenta a metodologia TRAMA VIVA com seus fundamentos e aplicações, e discute as especificidades do trabalho educativo com pessoas idosas na Amazônia Legal.

Brincadeiras com a Boiuna da Amazônia

Material paradidático que integra tradições orais amazônicas com atividades educativas intergeracionais. A Boiuna, serpente mítica das águas amazônicas presente nas narrativas de povos ribeirinhos,

serve como fio condutor para atividades que promovem o encontro entre gerações por meio de narrativas, jogos e brincadeiras.

Anais do Encontro Nacional da UMA

Publicação dos anais do Encontro Nacional da Universidade da Maturidade, reunindo trabalhos apresentados por pesquisadores, educadores e acadêmicos dos diferentes polos. A publicação documenta a produção científica coletiva e as experiências compartilhadas nos encontros periódicos do programa.

GeronTOcantins

Coletânea que apresenta panorama da gerontologia no estado do Tocantins, incluindo pesquisas desenvolvidas pela UMA e por outros grupos e instituições. O livro contribui para a construção de campo de estudos sobre envelhecimento no estado mais jovem da federação.

Material Didático de Formação de Professores da UMA

Manual de formação para educadores que atuam na UMA, apresentando os fundamentos da metodologia TRAMA VIVA, os princípios operacionais e orientações práticas para condução de atividades. O material é utilizado nas formações de novas equipes e na capacitação continuada de educadores em exercício.

A Primeira Universidade da Maturidade Indígena

Documentação da experiência pioneira da UMA Indígena com o povo Xerente. O livro registra o processo de implementação, as adaptações metodológicas necessárias, os desafios interculturais enfrentados e os resultados alcançados. Inclui contribuições de pesquisadores e anciãos indígenas Xerente.

Neila Osório: um legado em vida

Obra biográfica que registra a trajetória da fundadora da UMA, desde a infância com influência da avó guarani Digna Osório até a consolidação do programa e os reconhecimentos institucionais. O livro documenta a construção de um legado em vida, incluindo depoimentos de acadêmicos, orientandos e parceiros.

Envelhecimento Ativo e Educação ao Longo da Vida

Obra teórica que articula o conceito de envelhecimento ativo, proposto pela Organização Mundial da Saúde, com a proposta de educação ao longo da vida. O livro discute limites e potencialidades do paradigma do envelhecimento ativo e propõe a longevidade criativa como perspectiva complementar.

Universidade da Maturidade: Caminhos Formativos

Sistematização dos percursos formativos oferecidos pela UMA, incluindo módulos temáticos, metodologias de avaliação e processos de certificação. O livro serve como referência para implementação de programas similares em outros contextos.

Educação e Tecnologias Sociais na UMA (Volumes I e II)

Coletânea em dois volumes que documenta a UMA enquanto Tecnologia Social certificada pela Fundação Banco do Brasil. O primeiro volume apresenta fundamentos teóricos e princípios metodológicos; o segundo oferece relatos de experiências detalhadas e orientações para replicação da metodologia em outros contextos.

ASPECTOS ESPECÍFICOS DA METODOLOGIA TRAMA VIVA

O Acolhimento como Primeiro Movimento

O acolhimento constitui o primeiro movimento de qualquer atividade desenvolvida pela UMA. Antes de iniciar conteúdos programados, antes de cumprir tarefas planejadas, o educador acolhe

os acadêmicos presentes. O acolhimento não é mera formalidade ou aquecimento, mas um momento constitutivo do processo educativo que estabelece as condições relacionais para tudo que se seguirá.

O acolhimento manifesta-se em gestos simples mas significativos: chamar cada acadêmico pelo nome; interessar-se por como está, como passou a semana; celebrar presenças e lamentar ausências; criar espaço para que cada pessoa se sinta vista e reconhecida. Estes gestos comunicam que os acadêmicos são importantes não apenas como participantes de um programa, mas como pessoas singulares.

O acolhimento tem efeitos terapêuticos que transcendem os objetivos estritamente educativos. Muitas pessoas idosas experimentam invisibilidade social – não são vistas, não são ouvidas, não são consideradas. Ser acolhida, vista, reconhecida pode ser experiência transformadora que restaura dignidade e autoestima.

A formação de educadores da UMA enfatiza a importância do acolhimento e desenvolve habilidades para realizá-lo adequadamente. Não se trata de técnica mecânica a ser aplicada, mas de disposição genuína que se expressa de formas diferentes conforme cada educador e cada contexto. A autenticidade é essencial; o acolhimento fingido ou protocolar é percebido e não produz os mesmos efeitos.

As Rodas de Conversa como Método

As rodas de conversa constituem método privilegiado nas atividades da UMA. Na roda, os participantes dispõem-se em círculo, sem hierarquia de posições. O educador é facilitador que promove a circulação da palavra, não detentor do saber que fala enquanto outros escutam. A geometria circular materializa princípios de horizontalidade e participação.

A roda de conversa não é debate ou discussão em que argumentos competem pela vitória. É um espaço de partilha em que experiências são narradas, escutadas, acolhidas sem julgamento. Cada pessoa contribui com sua perspectiva singular; a diversidade de perspectivas enriquece a compreensão coletiva. O objetivo não é chegar a consenso ou a conclusão única, mas ampliar horizontes pela exposição a diferentes pontos de vista.

A condução de rodas de conversa requer habilidades específicas de facilitação. O facilitador deve garantir que todos tenham oportunidade de falar, que ninguém monopolize a palavra, que contribuições sejam acolhidas respeitosamente.

Deve também saber quando intervir para aprofundar um tema, para fazer conexões entre contribuições, para reorientar quando necessário, e quando silenciar para deixar a conversa fluir.

As rodas de conversa são especialmente adequadas para trabalho com pessoas idosas, que frequentemente têm muito a contar e poucas oportunidades de serem ouvidas. As histórias de vida narradas nas rodas são simultaneamente expressão individual e documento coletivo de época. O registro destas narrativas por escrito, em áudio, em vídeo preserva memórias que de outra forma se perderam.

As Oficinas Práticas como Espaço de Aprendizagem

As oficinas práticas complementam as atividades predominantemente discursivas das rodas de conversa. Nas oficinas, os acadêmicos envolvem-se em produção concreta: artesanato, culinária, práticas corporais, uso de tecnologias, entre outras. O fazer manual mobiliza aprendizagens diferentes das proporcionadas apenas pela fala e pela escuta.

A escolha das oficinas a serem oferecidas considera os saberes já presentes no grupo de acadêmicos. Frequentemente, acadêmicos são convidados a conduzir oficinas nas quais detêm conhecimento: a avó que ensina receitas tradicionais, o artesão que demonstra técnicas de trabalho manual, a anciã que transmite práticas de cura. Esta inversão de papéis, o acadêmico como educador, reforça o princípio da via de mão dupla.

Os produtos confeccionados – doces, artesanatos, roupas – são vendidos, gerando renda para os produtores. Esta articulação entre

educação e economia confere sentido prático imediato às aprendizagens e demonstra que pessoas idosas podem ser economicamente produtivas.

O ambiente de oficina favorece conversas informais que frequentemente são tão educativas quanto às atividades formais. Enquanto as mãos trabalham, as bocas conversam. Histórias são contadas, conselhos são dados, amizades são cultivadas. A dimensão relacional permeia todo o trabalho, mesmo quando o foco aparente é a produção material.

Comunicação e Divulgação do Trabalho da UMA

A comunicação e divulgação do trabalho da UMA são dimensões estratégicas para alcançar públicos diversos, atrair novos acadêmicos, estabelecer parcerias, obter apoios e contribuir para a transformação de representações sociais do envelhecimento. A UMA desenvolveu ao longo de sua trajetória repertório de estratégias comunicacionais que incluem meios tradicionais e digitais.

Materiais Impressos e Publicações

Os livros publicados pela UMA constituem principal veículo de comunicação acadêmica. A política de publicação pela EdUFT com

distribuição gratuita para bibliotecas e disponibilização em repositório de acesso aberto maximiza a circulação. A linguagem acessível sem comprometimento do rigor permite alcance de públicos diversos, pesquisadores, educadores, gestores e público geral.

Folders, cartazes, banners e outros materiais gráficos são produzidos para divulgação de eventos, para apresentação do programa em feiras e exposições, para comunicação com potenciais parceiros. A identidade visual da UMA foi desenvolvida para comunicar seus valores de forma coerente em diferentes suportes.

Os artigos científicos publicados em periódicos acadêmicos alcançam principalmente comunidade de pesquisadores. A estratégia de publicação busca periódicos de diferentes perfis: periódicos de gerontologia para diálogo com o campo específico; periódicos de educação para inserção no debate educacional mais amplo; periódicos regionais para visibilidade local; periódicos internacionais para projeção global.

Presença Digital e Redes Sociais

A presença digital da UMA inclui website institucional, perfis em redes sociais e participação em plataformas acadêmicas. O website oferece informações sobre o programa, notícias, acesso a publicações, contatos. As redes sociais permitem comunicação mais ágil e interativa com diferentes públicos, especialmente com pessoas mais jovens que podem ser potenciais voluntários ou estudantes interessados em participar de projetos.

O uso de redes sociais por um programa voltado a pessoas idosas pode parecer paradoxal, mas dados da própria UMA indicam alta taxa de acesso à internet e uso de smartphones entre acadêmicos. As redes sociais são também meio de comunicação com familiares de acadêmicos, com parceiros institucionais, com a mídia. A comunicação digital complementa, não substitui, a comunicação presencial.

A produção de conteúdo audiovisual, vídeos institucionais, documentários, registros de eventos amplia as possibilidades de comunicação. Vídeos permitem mostrar, não apenas descrever, as atividades da UMA. O formato audiovisual é especialmente adequado para redes sociais e para apresentações em eventos. Alguns vídeos produzidos pela UMA alcançaram milhares de visualizações, ampliando significativamente a visibilidade do programa.

Relacionamento com a Mídia

O relacionamento com veículos de comunicação, jornais, televisão, rádio, portais de notícias permite alcançar públicos amplos que não seriam atingidos pelos canais próprios da UMA. A assessoria de comunicação da UFT apoia este relacionamento, identificando pautas, sugerindo matérias, facilitando contatos com jornalistas.

Eventos como o Prêmio Direitos Humanos 2025 geram oportunidades de visibilidade midiática. A cobertura pela imprensa nacional da premiação projetou a UMA para públicos muito além de seu alcance habitual. O aproveitamento estratégico destas oportunidades fornecendo informações, disponibilizando porta-vozes,

facilitando o trabalho jornalístico maximiza os resultados de comunicação.

As aparições na mídia são também oportunidades de educação pública sobre envelhecimento. Entrevistas, reportagens, artigos de opinião permitem disseminar perspectivas que contrastam com representações negativas dominantes. A coordenadora da UMA, como porta-voz autorizada, tem acumulado experiência em comunicação com mídias diversas.

Celebrações e Rituais na Universidade da Maturidade

A UMA cultiva celebrações e rituais que marcam momentos significativos da vida do programa e de seus participantes. Estas celebrações não são meros eventos sociais, mas expressões de valores, fortalecedoras de vínculos, produtoras de memórias compartilhadas. A dimensão celebrativa complementa as dimensões educativas e formativas do programa.

Formaturas e Certificações

As formaturas ao final de cada período letivo são momentos de celebração das conquistas dos acadêmicos. A cerimônia de entrega de certificados, com presença de familiares e autoridades, confere reconhecimento público ao percurso realizado. Para muitos acadêmicos, especialmente aqueles com menor escolaridade formal, a

formatura na UMA é a primeira experiência de reconhecimento acadêmico em suas vidas.

A solenidade das formaturas com becas, canudo, foto oficial, reproduz rituais universitários tradicionais que conferem legitimidade à formação. O uso do termo acadêmico, e não aluno ou participante, reforça a dignidade da condição de quem frequenta a UMA. A formalidade ritual não contradiz a informalidade metodológica; são dimensões complementares.

Os certificados emitidos pela UFT têm valor institucional que transcende o simbólico. Documentam participação em programa de extensão de universidade federal, podendo ser incluídos em currículos, apresentados em processos seletivos, utilizados como comprovação de formação. Para alguns acadêmicos, especialmente os mais jovens dentro da faixa etária atendida, os certificados têm utilidade prática em suas atividades profissionais.

Aniversários e Datas Comemorativas

Os aniversários dos acadêmicos são celebrados nos encontros, com canções, bolo, votos. Estes momentos, aparentemente triviais, têm significado profundo para pessoas que frequentemente vivem isoladas ou têm seus aniversários esquecidos. Ser lembrado e celebrado pelo grupo reforça pertencimento e afeto.

Datas comemorativas do calendário: Dia das Mães, Dia dos Pais, Dia da Pessoa Idosa, festas juninas, festividades natalinas são ocasiões de celebração coletiva. As programações incluem atividades temáticas,

apresentações culturais e confraternizações. A dimensão festiva equilibra a seriedade do trabalho educativo e fortalece vínculos afetivos.

O aniversário da UMA é celebrado anualmente como marco institucional. A celebração reúne acadêmicos de diferentes polos, educadores, parceiros e autoridades. É ocasião de balanço do ano, de reconhecimento de contribuições, de projeção de perspectivas futuras. A memória institucional é cultivada nestas celebrações.

Rituais de Passagem

A UMA acompanha e ritualiza passagens significativas na vida de seus acadêmicos. Falecimentos são comunicados ao grupo e lembrados em momentos de homenagem. A perda de colegas é elaborada coletivamente, oferecendo suporte ao luto que frequentemente falta a pessoas idosas em sociedades que negam a morte.

Outras passagens como mudanças de cidade, problemas graves de saúde, perdas de familiares também recebem atenção do grupo. A rede de apoio constituída pelos vínculos da UMA mobiliza-se em momentos de crise. Visitas, telefonemas, orações, apoio prático são oferecidos conforme necessidades e possibilidades.

Os rituais praticados nos polos indígenas incluem elementos próprios da cultura Xerente. A articulação entre rituais tradicionais indígenas e rituais acadêmicos da UMA é negociada com sensibilidade cultural. O respeito às formas próprias de ritualidade do povo Xerente é condição para trabalho genuinamente intercultural.

Visão de Futuro para a Educação Intergeracional

A experiência acumulada pela UMA ao longo de duas décadas permite esboçar uma visão de futuro para a educação intergeracional no Brasil e no mundo. As transformações demográficas em curso, envelhecimento populacional acelerado em escala global tornam cada vez mais relevantes as iniciativas que promovem convivência significativa entre gerações e que valorizam pessoas idosas como portadoras de saberes e como contribuintes para a vida social.

A educação intergeracional tende a ganhar espaço nas políticas públicas à medida que gestores reconhecem seus benefícios múltiplos: para a saúde e bem-estar de pessoas idosas; para a formação de jovens; para a coesão social; para a preservação de patrimônios culturais imateriais. A validação científica crescente dos resultados de programas intergeracionais fortalece argumentos para investimento público neste campo.

As tecnologias digitais abrirão novas possibilidades para educação intergeracional. Plataformas online podem conectar pessoas idosas e jovens de diferentes localidades; recursos de realidade virtual podem criar experiências de imersão em contextos diversos; inteligência artificial pode personalizar processos de aprendizagem. A UMA, com seus altos índices de inclusão digital, está posicionada para explorar estas possibilidades.

A expansão internacional da educação intergeracional responderá ao envelhecimento global. Países asiáticos como China, Japão, Coreia do Sul, que enfrentam envelhecimento acelerado, podem

ser mercados para metodologias desenvolvidas no Brasil. A cooperação com países africanos de língua portuguesa oferece possibilidades ainda pouco exploradas. A TRAMA VIVA, com seu potencial de adaptação a contextos diversos, pode contribuir para esta expansão.

A integração crescente entre educação intergeracional e políticas de saúde, de assistência social, de cultura, de trabalho ampliará o alcance e o impacto das iniciativas. A intersetorialidade, princípio frequentemente proclamado mas raramente praticado, pode encontrar na educação intergeracional ponto de convergência que articula diferentes políticas em torno do objetivo comum de promover envelhecimento digno e participativo.

Os desafios persistem: sustentabilidade financeira em contextos de restrição orçamentária; formação de educadores em quantidade e qualidade suficientes; superação de preconceitos que desvalorizam a velhice e a educação; adaptação a contextos culturais diversos sem perda de princípios. O enfrentamento destes desafios demandará criatividade, persistência, articulação política, produção contínua de conhecimento.

A Universidade da Maturidade, ao completar vinte anos e projetar-se para o futuro, renova seu compromisso com a educação intergeracional como caminho para sociedades mais justas, solidárias e sábias. Que a experiência aqui sistematizada inspire outras iniciativas, em outros lugares, com outros públicos. Que a trama viva continue sendo tecida por todas as pessoas que acreditam na possibilidade de envelhecer com dignidade, em comunhão com todas as gerações.

CAPÍTULO 9

INOVAÇÕES INCLUSIVAS

O Compromisso com a Inclusão

A Universidade da Maturidade opera com compromisso explícito de inclusão de grupos frequentemente marginalizados das iniciativas educativas para pessoas idosas. Este compromisso não é declaração retórica, mas materializa-se no desenvolvimento de vertentes específicas que adaptam a metodologia TRAMA VIVA às necessidades de públicos particulares: pessoas neurodivergentes, comunidade surda, povos indígenas e comunidades quilombolas.

A inclusão praticada pela UMA não é mera integração de pessoas de grupos vulneráveis em programas genéricos, mas desenvolvimento de abordagens específicas que reconhecem e valorizam as particularidades de cada grupo. As adaptações metodológicas são substantivas, não cosméticas; respondem às necessidades reais dos públicos atendidos e exigem formação específica dos educadores.

O compromisso inclusivo fundamenta-se no reconhecimento de que o envelhecimento é experiência diversificada, atravessada por marcadores de diferença como deficiência, etnia, cultura, gênero e condição socioeconômica. Uma proposta de educação intergeracional genuinamente comprometida com a dignidade humana deve

contemplar esta diversidade, não se limitando a atender um público homogêneo e privilegiado.

As vertentes inclusivas da UMA demonstram que é possível desenvolver educação intergeracional de qualidade para públicos tradicionalmente excluídos, desde que haja compromisso institucional, formação adequada de educadores, adaptações metodológicas pertinentes e recursos necessários. A experiência acumulada nestas vertentes pode informar outras iniciativas que busquem ampliar o alcance de programas educativos.

UMA Atípica

A UMA Atípica constitui vertente dedicada à educação intergeracional que conecta acadêmicos idosos com crianças neurodivergentes. O programa foi desenvolvido a partir de demanda identificada em parceria com instituições de educação do município de Palmas - Tocantins e fundamenta-se no reconhecimento de que tanto pessoas idosas quanto crianças neurodivergentes frequentemente enfrentam processos de exclusão e marginalização social.

A UMA Atípica parte do princípio de que o encontro entre pessoas idosas e crianças neurodivergentes pode beneficiar ambos os grupos. As crianças encontram nas pessoas idosas atenção individualizada, paciência, afeto incondicional e modelos de relação diferentes dos que encontram em ambientes institucionais. Já as pessoas idosas encontram nas crianças oportunidade de contribuição significativa, sentido de utilidade e reciprocidade afetiva.

A mestranda Jussara Martins de Amorim desenvolve pesquisa de mestrado sobre a UMA Atípica no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFT. Sua investigação documenta os processos educativos intergeracionais em contexto neurodivergente, analisa as adaptações metodológicas desenvolvidas e avalia os resultados alcançados. A pesquisa contribuirá para sistematização da experiência e para fundamentação teórico-metodológica da vertente.

UMA Libras

A UMA Libras constitui vertente especializada para atendimento à comunidade surda, reconhecendo que pessoas surdas idosas enfrentam dupla barreira de exclusão: pelo envelhecimento, que afeta a todos, e pela surdez, que impõe barreiras comunicacionais específicas. O programa opera em Língua Brasileira de Sinais, primeira língua da comunidade surda brasileira, com metodologias adaptadas às especificidades da cultura e da comunicação visual.

A comunidade surda brasileira constitui grupo linguístico e cultural distinto, não mera variante da população ouvinte com déficit auditivo. Os surdos possuem língua própria – a Libras, reconhecida oficialmente pela Lei nº 10.436/2002 –, cultura própria centrada na experiência visual, e formas próprias de organização social e de construção de identidade. Qualquer programa educativo que pretenda atender esta comunidade deve partir deste reconhecimento.

A UMA Libras enfrenta desafios específicos relacionados à dispersão da comunidade surda e à escassez de profissionais fluentes em Libras. Pessoas surdas idosas frequentemente vivem isoladas, com

pouco contato com outros surdos, especialmente em cidades menores onde não há comunidade surda organizada. Reunir este público disperso e oferecer educação intergeracional em sua língua requer estratégias específicas.

A mestranda Heloísa Silva de Araújo Cunha desenvolve pesquisa sobre a UMA Libras no PPGE-UFT. Sua investigação aborda os processos de educação intergeracional em contexto de surdez, os desafios da comunicação entre gerações quando diferentes gerações de surdos utilizam diferentes variantes da língua de sinais, e as potencialidades da metodologia TRAMA VIVA adaptada à cultura visual surda.

UMA Indígena

A UMA Indígena representa experiência pioneira de educação intergeracional com povos originários brasileiros, desenvolvida em parceria com o povo Xerente no estado do Tocantins. O programa opera em três polos no município de Tocantínia, matriz urbana, Xerente território indígena e Xerente bilíngue, com metodologias específicas que respeitam a cultura, a língua e as formas de organização social Xerente.

O povo Xerente, pertencente ao tronco linguístico Macro-Jê, habita território no centro do Tocantins há séculos, tendo sobrevivido ao processo colonial e às pressões de expansão da sociedade brasileira sobre suas terras. A sociedade Xerente organiza-se em clãs patrilineares – Doi e Wahirê – que estruturam relações de parentesco, casamento e

cooperação. A cultura Xerente inclui rica tradição de rituais, pinturas corporais, artesanato e conhecimentos sobre o cerrado.

Os anciãos Xerente ocupam lugar de prestígio na sociedade tradicional como guardiões de saberes, de memórias coletivas e de conhecimentos rituais. São eles que conhecem os mitos de origem, as regras de conduta, as técnicas tradicionais e os nomes cerimoniais. A educação das novas gerações, na tradição Xerente, passa necessariamente pelos anciãos. A UMA Indígena valoriza e fortalece este papel.

A metodologia TRAMA VIVA foi adaptada ao contexto Xerente por meio de processo dialógico que envolveu lideranças indígenas, anciãos, educadores e pesquisadores. O uso da língua Xerente é valorizado paralelamente ao português. Os conhecimentos tradicionais sobre território, plantas medicinais, técnicas artesanais e narrativas míticas são reconhecidos como saberes legítimos a serem documentados, valorizados e transmitidos.

Os mestrandos e doutorandos indígenas Marcos Xerente e Armando Xerente desenvolvem pesquisas no âmbito da UMA Indígena que articulam saberes tradicionais de seu povo com conhecimentos acadêmicos. São pesquisadores Xerente pesquisando sua própria cultura, posição epistemológica que permite acesso a dimensões inacessíveis a pesquisadores externos e que representa descolonização da produção de conhecimento sobre povos indígenas.

UMA Quilombola

A UMA Quilombola desenvolve trabalho em comunidades remanescentes de quilombos no Tocantins, articulando educação intergeracional com fortalecimento identitário e preservação de saberes tradicionais afro-brasileiros. O programa opera especialmente na comunidade de Malhadinha, em Brejinho de Nazaré, mas também em outras comunidades quilombolas em diferentes municípios do estado.

As comunidades quilombolas brasileiras são grupos étnicos que se autodefinem a partir de relações específicas com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e as práticas culturais próprias. Os quilombos contemporâneos não são necessariamente comunidades isoladas de descendentes de escravizados fugidos, mas grupos diversos que construíram identidade coletiva a partir de histórias de resistência e de modos de vida específicos.

O trabalho da UMA nas comunidades quilombolas integra-se ao movimento mais amplo de fortalecimento identitário e de luta por direitos territoriais que marca a história recente destas comunidades no Brasil. A educação intergeracional contribui para a transmissão de saberes entre gerações quilombolas, para a documentação de conhecimentos em risco de desaparecimento, e para a valorização dos anciãos como mestres e guardiões de patrimônios imateriais.

Os encontros educativos ocorrem nas próprias comunidades, respeitando suas dinâmicas, seus espaços e seus tempos. As metodologias incluem rodas de conversa conduzidas pelos próprios anciãos, oficinas de saberes tradicionais como culinária, artesanato e plantas medicinais, registros de história oral que documentam memórias individuais e coletivas, e atividades de fortalecimento da autoestima e da identidade quilombola.

CAPÍTULO 10

HUB CRIATIVA

Conceito e Estrutura

A Hub Criativa constitui-se como um espaço de economia solidária e criativa vinculado à Universidade da Maturidade, no qual acadêmicos idosos desenvolvem atividades produtivas que geram renda, fortalecem vínculos comunitários e promovem a saúde mental. Não se trata de um projeto assistencialista voltado à mera ocupação do tempo livre, mas de uma iniciativa econômica estruturada, que reconhece, valoriza e mobiliza o potencial produtivo, criativo e social das pessoas idosas, reafirmando seu protagonismo e sua contribuição ativa para a sociedade.

O empreendimento opera em um espaço físico próprio, dotado de infraestrutura adequada e equipamentos específicos para o desenvolvimento de suas atividades. Essa estrutura contempla ambientes de produção destinados a diferentes setores, área de exposição e comercialização dos produtos, sala voltada à formação e à capacitação, além de uma área de convivência, onde os participantes se encontram, dialogam e fortalecem vínculos sociais e comunitários.

O conceito da Hub Criativa articula três dimensões complementares e indissociáveis: a economia solidária, que privilegia a cooperação em detrimento da competição e promove a distribuição

equitativa dos resultados; a economia criativa, que reconhece a criatividade, o conhecimento e a cultura como fatores centrais de produção e geração de valor; e a educação intergeracional, que integra os processos produtivos aos processos educativos, favorecendo o encontro entre gerações e a transmissão de saberes, experiências e aprendizagens mútuas.

O empreendimento opera atualmente com 28 participantes ativos, articulando majoritariamente mulheres provenientes de diferentes comunidades. Sua gestão é de caráter participativo, organizada por meio de assembleias periódicas nas quais os integrantes deliberam coletivamente sobre questões de interesse comum, como definição de preços, tipos de produtos, participação em feiras, distribuição dos resultados e realização de investimentos. A assessoria técnica da Universidade da Maturidade assegura a capacitação contínua, o acompanhamento sistemático das atividades e o suporte necessário aos processos de produção e comercialização.

Os indicadores econômicos da Hub Criativa evidenciam um impacto significativo na geração de renda dos participantes e no sustento de suas famílias. O empreendimento apresenta faturamento anual, com distribuição dos resultados entre os diferentes setores produtivos e entre os produtores, de forma proporcional à participação de cada um nas atividades desenvolvidas. O volume de faturamento mostra-se expressivo para uma iniciativa de economia solidária inserida no contexto de uma cidade de porte médio, reafirmando sua viabilidade econômica e relevância social.

*O impacto sobre a autonomia
financeira das pessoas idosas*

participantes é significativo e mensurável, uma vez que diversos integrantes, anteriormente em situação de vulnerabilidade econômica, passaram a alcançar maior estabilidade e autonomia financeira por meio de sua inserção produtiva no empreendimento.

Os resultados econômicos não são fins em si mesmos, mas meios para objetivos mais amplos: autonomia, dignidade, sentido de contribuição, fortalecimento de vínculos, promoção de saúde mental. O empreendimento demonstra que pessoas idosas podem ser economicamente produtivas e que a geração de renda pode integrar-se com educação intergeracional e com promoção de bem-estar.

Setores Alcançados

O empreendimento opera em quatro setores produtivos principais que aproveitam saberes e habilidades dos acadêmicos da UMA: gastronomia, têxtil vestuário, têxtil infantil e artesanato. Cada setor mobiliza conhecimentos tradicionais transmitidos entre gerações e os articula com técnicas contemporâneas de produção e comercialização.

O setor gastronômico produz doces, salgados, conservas, compotas e produtos típicos da culinária regional amazônica e pantaneira. Receitas transmitidas de geração em geração ganham

apresentação profissional adequada às exigências do mercado. Bolos de festa, doces para eventos, conservas artesanais e outros produtos atendem demanda crescente por alimentos diferenciados com identidade regional.

O setor têxtil vestuário confecciona roupas, acessórios e itens de cama, mesa e banho. As técnicas incluem costura, bordado, crochê e outras habilidades tradicionalmente femininas que encontram no empreendimento espaço de valorização e geração de renda. O setor têxtil infantil especializa-se em produtos para bebês e crianças: roupas, fraldas, mantas e sapatinhos.

O setor de artesanato produz peças decorativas, utilitárias e artísticas em diferentes materiais: cerâmica, madeira, fibras naturais, tecidos. As técnicas artesanais indígenas e quilombolas são especialmente valorizadas, gerando produtos com identidade cultural distintiva. A identidade amazônica e pantaneira dos produtos constitui diferencial competitivo em mercados que valorizam autenticidade e originalidade.

Dimensão de Saúde Mental

A Hub Criativa articula geração de renda com promoção de saúde mental, reconhecendo que trabalho significativo é determinante de bem-estar psicológico. A participação em atividades produtivas contribui para autoestima, sentido de vida, pertencimento social e bem-estar subjetivo. Muitos participantes relatam melhoria em indicadores de saúde mental após ingresso no empreendimento.

O trabalho no empreendimento combate a solidão, problema frequente e grave entre pessoas idosas. Os encontros regulares para produção são também encontros sociais nos quais se conversam, compartilham notícias, celebram conquistas, apoiam-se em dificuldades. A dimensão relacional do trabalho é tão importante quanto a produtiva para a saúde mental dos participantes.

O reconhecimento social do trabalho realizado contribui para a valorização pessoal dos produtores. Quando um produto é elogiado pelo cliente, quando uma peça artesanal é admirada em exposição, quando uma receita tradicional é valorizada por pessoas mais jovens, o acadêmico idoso experimenta reconhecimento que fortalece sua identidade e sua autoestima.

A articulação entre o empreendimento Hub Criativa e demais atividades da UMA potencializa benefícios para a saúde mental. Os produtores participam também de atividades educativas, culturais e de promoção da saúde. A abordagem integrada reconhece que o bem-estar humano é multidimensional e requer atenção articulada a diferentes aspectos da vida.

CAPÍTULO 11

CONTRIBUIÇÕES PARA OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A Agenda 2030 e a UMA

A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro de 2015, estabelece 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que orientam esforços globais para erradicação da pobreza, proteção do planeta e garantia de prosperidade para todas as pessoas. A UMA contribui diretamente para múltiplos ODS por meio de suas atividades de educação intergeracional, geração de renda, promoção de saúde e inclusão de grupos vulneráveis.

A contribuição da UMA para os ODS não resulta de alinhamento posterior ou de adequação cosmética a agendas internacionais, mas de convergência entre os princípios que orientam o programa desde sua origem e os valores que fundamentam a Agenda 2030. O compromisso com dignidade humana, com inclusão de grupos vulneráveis, com educação ao longo da vida e com desenvolvimento comunitário alinha-se naturalmente com os objetivos globais de desenvolvimento sustentável.

Os ODS relevantes para o trabalho da UMA incluem: ODS 1, sobre erradicação da pobreza; ODS 3, sobre saúde e bem-estar; ODS 4, sobre

educação de qualidade; ODS 5, sobre igualdade de gênero; ODS 8, sobre trabalho decente e crescimento econômico; ODS 10, sobre redução das desigualdades; ODS 11, sobre cidades e comunidades sustentáveis; ODS 16, sobre paz, justiça e instituições eficazes; e ODS 17, sobre parcerias para implementação.

Erradicação da Pobreza

A UMA contribui para o ODS 1 por meio das atividades de geração de renda da Hub Criativa e por meio da capacitação profissional oferecida aos acadêmicos. O faturamento é distribuído entre 28 membros e cooperativas, com impacto direto na renda familiar dos participantes.

O aumento na renda familiar evidencia contribuição significativa para a superação da pobreza entre os participantes. Muitas pessoas que viviam em situação de vulnerabilidade econômica, dependendo exclusivamente de benefícios previdenciários ou assistenciais insuficientes, alcançaram autonomia financeira por meio da participação no empreendimento.

Além da geração de renda direta, a UMA contribui para capacitação profissional que amplia possibilidades de inserção econômica. As formações oferecidas incluem técnicas produtivas, gestão de pequenos negócios, comercialização, uso de tecnologias digitais para vendas. Estas competências permanecem com os participantes e podem ser mobilizadas em diferentes contextos.

ODS 3 – Saúde e Bem-estar

A UMA contribui para o ODS 3 por meio da promoção da saúde integral dos acadêmicos. Os 2.400 acadêmicos atendidos nos 22 polos participam de atividades que integram educação e saúde: práticas corporais adaptadas, educação alimentar, prevenção de doenças, autocuidado, adesão a tratamentos e promoção de saúde mental.

A parceria do Programa de Envelhecimento Humano com serviços de saúde permite encaminhamento de acadêmicos para atendimento especializado quando necessário, realização de pesquisas colaborativas e contribuição para políticas públicas de atenção à saúde da pessoa idosa no Tocantins e em outros estados onde a UMA atua.

A dimensão de saúde mental é especialmente relevante. A participação na UMA contribui para o combate à solidão, fortalecimento de vínculos sociais, construção de sentido de vida e promoção de bem-estar subjetivo. Muitos acadêmicos relatam melhoria significativa em indicadores de saúde mental após ingresso no programa.

ODS 4 – Educação de Qualidade

A UMA contribui diretamente para o ODS 4 por meio de suas atividades de educação ao longo da vida. O programa demonstra concretamente que a educação não é privilégio de jovens, mas direito de todas as idades. Os 2.400 acadêmicos atendidos exercem este direito ao participar de atividades educativas de qualidade.

As 137 orientações de pós-graduação, os 369 artigos científicos, os 13 livros publicados e a formação de centenas de educadores para atuação em educação intergeracional representam contribuição expressiva para a meta de educação de qualidade. A UMA forma pesquisadores e educadores que atuarão em diferentes contextos, multiplicando conhecimentos e práticas.

O compromisso com educação inclusiva e equitativa manifesta-se nas vertentes específicas para grupos vulneráveis: UMA Atípica, UMA Libras, UMA Indígena e UMA Quilombola. Cada vertente adapta metodologias às necessidades de públicos específicos, garantindo que ninguém seja deixado para trás, princípio central da Agenda 2030.

ODS 10 – Redução das Desigualdades

A UMA contribui para o ODS 10 por meio de ações que promovem a inclusão social de grupos frequentemente marginalizados. O trabalho com povos indígenas Xerente, com comunidades quilombolas, com pessoas com deficiência e com comunidade surda representa compromisso concreto com redução de desigualdades.

A abordagem intergeracional por si só contribui para redução de desigualdades etárias. O idadismo, discriminação baseada na idade é combatido por meio de práticas que valorizam pessoas idosas como portadoras de saberes e como contribuintes para a vida social. A convivência intergeracional promovida pela UMA transforma percepções e reduz preconceitos.

A redução de desigualdades de gênero é contemplada pelo trabalho com cooperativas de mulheres no empreendimento e pela atenção às especificidades de mulheres idosas, grupo particularmente vulnerável que concentra pobreza, solidão e violência.

Outras Contribuições

Além dos ODS destacados, a UMA contribui para outros objetivos da Agenda 2030. O ODS 5, sobre igualdade de gênero, é contemplado pelo trabalho com cooperativas de mulheres e pela atenção às especificidades de gênero no envelhecimento. O ODS 8, sobre trabalho decente, é abordado pela geração de renda em condições dignas na Hub Criativa.

O ODS 11, sobre cidades sustentáveis, beneficia-se de iniciativas que promovem a convivência intergeracional em espaços urbanos e que valorizam saberes de comunidades tradicionais. O ODS 16, sobre paz e justiça, é contemplado pelo trabalho de promoção de cultura de paz e pela Operação Virtudes de formação de policiais para combate à violência contra pessoas idosas.

O ODS 17, sobre parcerias para implementação, é praticado cotidianamente por meio das múltiplas parcerias que sustentam o trabalho da UMA: com universidades brasileiras e portuguesas, com governos municipais e estaduais, com organizações da sociedade civil, com comunidades tradicionais e com organismos internacionais.

CAPÍTULO 12

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Síntese da Trajetória

A Universidade da Maturidade completa em 2024, vinte anos de funcionamento efetivo, período durante o qual se consolidou como referência em educação intergeracional no Brasil. A trajetória que teve início no doutorado concluído em 2002 desdobrou-se em experiência singular que articula rigor acadêmico com compromisso social, inovação metodológica com enraizamento territorial.

Os diferentes períodos da trajetória, formativo, de especialização e consolidação de transição paradigmática, de expansão e inovação, de reconhecimento nacional configuram percurso de amadurecimento contínuo em que cada fase preparou a seguinte. A descoberta de 2014, de que a saída da longevidade criativa estava na convivência com todas as gerações, representa o ponto de inflexão que reorientou todo o trabalho do programa.

A metodologia TRAMA VIVA, desenvolvida ao longo de duas décadas, constitui contribuição original para o campo da educação intergeracional. Os três pilares – REDE, PILÃO e TRANÇADO – fundamentados em metáforas amazônicas e pantaneiras, estruturam prática educativa comprometida com a transformação social.

A expansão territorial para 22 polos em três territórios, Amazônia Legal, Pantanal e Portugal, demonstra capacidade de adaptação da metodologia a contextos socioculturais diversos. O desenvolvimento de vertentes inclusivas, UMA Atípica, UMA Libras, UMA Indígena, UMA Quilombola evidencia compromisso com grupos frequentemente marginalizados. A produção científica consolidada com 137 orientações, 369 artigos, 13 livros atesta a seriedade acadêmica do trabalho.

Indicadores de Excelência

Os indicadores consolidados ao longo de duas décadas evidenciam excelência em múltiplas dimensões. Na dimensão da produção científica: 137 orientações de pós-graduação *stricto sensu* e *lato sensu*, 369 artigos científicos sistematizados, 13 livros publicados, duas linhas de pesquisa reconhecidas pelo CNPq. Esta produção posiciona a UMA entre os grupos de pesquisa mais produtivos no campo da educação intergeracional no Brasil.

Na dimensão do alcance territorial: 22 polos em funcionamento distribuídos na Amazônia Legal (18), no Pantanal (3) e em Portugal (1), atendendo 2.400 acadêmicos. Esta capilaridade demonstra capacidade de expansão e de adaptação a contextos diversos, desde territórios indígenas até cidades portuguesas.

Na dimensão do reconhecimento institucional: Prêmio Direitos Humanos 2025, Edição Luiz Gama e Esperança Garcia, na categoria Garantia dos Direitos da Pessoa Idosa; certificação como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil; Prêmio Darcy Ribeiro de

Educação; título de Embaixadora da Paz do IFLAC; reconhecimento de linhas de pesquisa pelo CNPq.

Na dimensão do impacto econômico da Hub Criativa com faturamento divididos entre 28 membros ativos e cooperativas articuladas, com o aumento na renda familiar dos participantes. Com números que demonstram que educação intergeracional pode integrar-se com geração de renda em modelo de economia solidária. Esta convergência de avaliações positivas de diferentes instâncias e países confirma a excelência do programa.

Legado e Perspectivas

O legado construído ao longo de duas décadas inclui dimensões tangíveis e intangíveis que transcendem números e indicadores. Entre as dimensões tangíveis: a metodologia TRAMA VIVA documentada, validada e disponível para replicação; a produção científica sistematizada em artigos, livros e teses; os materiais didáticos desenvolvidos para formação de educadores; a infraestrutura dos 22 polos; a Hub Criativa em funcionamento.

Entre as dimensões intangíveis: as milhares de vidas transformadas pelo programa; os vínculos fortalecidos entre pessoas de diferentes gerações; os saberes tradicionais preservados e transmitidos; às comunidades mobilizadas em torno da educação intergeracional; os pesquisadores formados que multiplicam conhecimentos; a demonstração de que outra forma de envelhecer é possível.

As perspectivas que se abrem para o futuro incluem: expansão da cooperação internacional para outros países lusófonos e além; aprofundamento das vertentes inclusivas UMA Atípica e UMA Libras com consolidação de metodologias específicas; fortalecimento do trabalho com povos indígenas e quilombolas; ampliação da Hub Criativa para novos setores e públicos; consolidação da produção científica em periódicos internacionais de alto impacto.

A sustentabilidade do legado depende de condições institucionais que garantam continuidade do trabalho para além das pessoas que o iniciaram. A formação de novos pesquisadores e educadores, a documentação sistemática das experiências, a articulação de rede de parceiros, o reconhecimento institucional obtido contribuem para esta sustentabilidade. O desafio é garantir que o legado construído não se perca, mas se multiplique.

Palavras Finais

A Universidade da Maturidade nasceu de um sonho: o de construir espaços onde pessoas idosas pudessem continuar aprendendo, contribuindo e vivendo com dignidade. Ao longo de duas décadas, este sonho tornou-se realidade que beneficia milhares de pessoas em três territórios distintos. A longevidade criativa, de conceito teórico, transformou-se em experiência vivida por acadêmicos que descobriram que envelhecer pode ser processo de criação contínua.

O Prêmio Direitos Humanos 2025 coroa esta trajetória e, ao mesmo tempo, impõe responsabilidades ampliadas. O reconhecimento do Estado brasileiro obriga a documentar, a

sistematizar, a disponibilizar a experiência acumulada para que possa inspirar outras iniciativas em outros contextos. Este trabalho representa esforço nesta direção: oferecer registro fidedigno do caminho percorrido para que outros possam trilhar caminhos semelhantes.

A herança guarani da avó Digna Osório pulsa nas veias da fundadora da UMA e permeia toda a proposta. A sabedoria dos povos originários sobre convivência intergeracional, sobre respeito aos anciãos, sobre transmissão de conhecimentos entre gerações fundamenta uma metodologia que, embora sistematizada em linguagem acadêmica, tem raízes profundas em tradições milenares. A TRAMA VIVA é, também, homenagem a esta herança ancestral.

Que a longevidade criativa floresça em todos os cantos onde houver pessoas dispostas a construir pontes entre gerações. Que a TRAMA VIVA inspire novas tramas, novos entrelaçamentos, novas formas de tecer juntos a vida em comunidade. Que o legado aqui documentado seja semente de novas experiências, de novas pesquisas, de novas práticas comprometidas com a dignidade de todas as gerações. Que possamos, juntos, construir um mundo onde envelhecer seja vivido como bênção, não como maldição; como oportunidade, não como problema; como criação contínua, não como declínio inexorável.

A UMA continuará seu trabalho, expandindo, aprofundando, inovando. Novas gerações de acadêmicos serão acolhidas; novos pesquisadores serão formados; novos polos serão implementados; novos saberes serão documentados. A trajetória aqui registrada não é ponto de chegada, mas estação de uma caminhada que continua. E enquanto houver pessoas idosas desejosas de aprender, de contribuir, de viver com dignidade, a Universidade da Maturidade terá razão de existir.

APÊNDICE A

DETALHAMENTO DOS 22 POLOS DA UMA

Polo Palmas - Tocantins - Amazônia

O Polo Matriz de Palmas constitui a sede central da Universidade da Maturidade, vinculada diretamente à Universidade Federal do Tocantins. Localizado no campus universitário de Palmas, dispõe de infraestrutura consolidada que inclui salas de aula equipadas, laboratório de informática, biblioteca setorial, auditório para eventos e espaços de convivência. É neste polo que se realizam as principais atividades de coordenação, formação de educadores e supervisão metodológica dos demais polos.

O perfil dos acadêmicos do Polo Matriz reflete a diversidade da capital tocantinense: pessoas oriundas de diferentes estados brasileiros que migraram para o Tocantins nas últimas décadas, com escolaridades variadas desde alfabetização até ensino superior completo, e com diferentes trajetórias profissionais. A heterogeneidade do grupo constitui riqueza que alimenta as trocas educativas e desafia as metodologias a serem flexíveis o suficiente para acolher essa diversidade.

As atividades desenvolvidas no Polo Matriz incluem módulos temáticos sobre saúde, cultura, tecnologia, memória, direitos, economia doméstica e outros temas de interesse dos acadêmicos;

oficinas de artesanato, culinária, informática e expressão corporal; grupos de leitura e discussão; projetos de pesquisa participativa sobre saberes e memórias; encontros intergeracionais com estudantes universitários e da educação básica; e participação em eventos culturais e científicos da universidade.

A equipe do Polo Matriz é composta por docentes da UFT de diferentes áreas do conhecimento, técnicos administrativos, estudantes de graduação atuando como monitores e voluntários da comunidade. A coordenação científica exercida pelos Professores Neila Osório e Luiz Sinésio Silva Neto garante supervisão metodológica e articulação com as linhas de pesquisa. A equipe se reúne semanalmente para planejamento, avaliação e formação continuada.

Os resultados alcançados pelo Polo Matriz incluem: atendimento continuado de centenas de acadêmicos ao longo de duas décadas; formação de dezenas de especialistas, mestres e doutores; produção de artigos, livros e materiais didáticos; participação em eventos científicos nacionais e internacionais; desenvolvimento de metodologias posteriormente replicadas em outros polos; e consolidação da UMA como referência institucional na UFT.

Polos com Governos Municipais - Tocantins - Amazônia

A expansão da UMA para municípios do interior do Tocantins ocorreu por meio de convênios de cooperação técnica com prefeituras municipais interessadas em implementar o programa em seus

territórios. Nesta modalidade, as prefeituras oferecem infraestrutura física, recursos humanos locais e apoio logístico, enquanto a UFT fornece supervisão metodológica, formação de educadores e certificação dos acadêmicos.

A parceria com as prefeituras permite capilarizar o programa para localidades distantes da capital, onde a demanda por educação intergeracional é significativa, mas as condições para implementação autônoma são limitadas. Os polos municipais operam com estruturas mais enxutas que o Polo Matriz, adaptadas às condições locais, mas mantendo os princípios metodológicos da TRAMA VIVA sob supervisão da coordenação geral.

Os educadores que atuam nos polos municipais são profissionais locais frequentemente professores da rede municipal de ensino, assistentes sociais, profissionais de saúde que recebem formação específica em educação intergeracional oferecida pela UFT. A formação inclui módulo teórico sobre fundamentos da metodologia TRAMA VIVA, módulo prático de vivência no Polo Matriz, e acompanhamento continuado por meio de supervisões periódicas.

Os desafios enfrentados pelos polos municipais incluem: distâncias geográficas que dificultam a supervisão presencial regular; rotatividade de profissionais nas prefeituras que compromete a continuidade do trabalho; variações nos níveis de comprometimento das gestões municipais; e limitações de infraestrutura e recursos em municípios de menor porte. O enfrentamento desses desafios requer flexibilidade, persistência e estratégias adaptadas a cada contexto.

Os resultados alcançados pelos polos municipais variam conforme as condições locais e o tempo de funcionamento. Os polos mais consolidados apresentam indicadores de participação, satisfação

e impacto comparáveis ao Polo Matriz. Os polos mais recentes ou aqueles que enfrentaram descontinuidades mostram resultados mais modestos. A avaliação contínua permite identificar fatores de sucesso e dificuldades para orientar aprimoramentos.

Polos de Tocantínia - Tocantins - Amazônia

O município de Tocantínia, localizado a aproximadamente 80 quilômetros de Palmas, abriga três polos da UMA com configurações distintas: o polo urbano, o polo Xerente no território e o polo Xerente bilíngue. Esta multiplicidade de polos em um único município reflete a diversidade populacional local, que inclui significativa população indígena Xerente além de população não-indígena urbana e rural.

O polo urbano de Tocantínia atende a população não-indígena residente na sede do município. Opera com metodologia similar aos demais polos urbanos, adaptada às características socioeconômicas e culturais da população local. Os acadêmicos são predominantemente mulheres idosas, com escolaridades variadas, muitas delas oriundas de zonas rurais que migraram para a cidade em busca de serviços de saúde e assistência social.

O polo Xerente no território opera no próprio território indígena, com atividades realizadas em espaços comunitários tradicionais. A metodologia foi adaptada por meio de processo dialógico com lideranças, anciãos e educadores indígenas. O uso da língua Xerente é valorizado, e os conhecimentos tradicionais sobre território, plantas, rituais e organização social são reconhecidos como conteúdos legítimos do processo educativo.

O polo Xerente bilíngue enfatiza sistematicamente o uso da língua Xerente como meio de instrução e como objeto de valorização. Este polo atende principalmente pessoas que mantêm a língua materna como língua dominante, incluindo anciãos que falam pouco ou nenhum português. A documentação linguística, o registro de narrativas tradicionais e a produção de materiais em língua Xerente integram as atividades desenvolvidas.

A articulação entre os três polos de Tocantínia permite atender a diversidade populacional do município respeitando especificidades. Os polos compartilham coordenação local, realizam atividades conjuntas em momentos específicos, e alimentam processos de pesquisa que investigam tanto as particularidades quanto as convergências entre as diferentes configurações de educação intergeracional presentes no território.

Polos de Brejinho de Nazaré - Tocantins - Amazônia

O município de Brejinho de Nazaré, localizado na região central do Tocantins, abriga dois polos da UMA: o polo urbano na sede municipal e o polo quilombola na comunidade de Malhadinha. Esta configuração reflete a composição populacional do município, que inclui significativa presença quilombola além da população urbana e rural não-quilombola.

O polo urbano de Brejinho de Nazaré opera com metodologia similar aos demais polos urbanos, atendendo população predominantemente feminina com diferentes níveis de escolaridade e origens socioeconômicas. As atividades incluem módulos temáticos,

oficinas práticas, encontros de convivência e projetos intergeracionais com escolas locais.

O polo quilombola de Malhadinha opera na própria comunidade, com atividades realizadas em espaços comunitários cedidos pela associação quilombola. A metodologia foi adaptada em diálogo com lideranças e anciãos da comunidade, valorizando os saberes tradicionais, as práticas culturais e a memória coletiva que fundamentam a identidade quilombola.

Os anciãos quilombolas de Malhadinha são reconhecidos como mestres de saberes tradicionais: conhecimentos sobre plantas medicinais, técnicas agrícolas, culinária tradicional, festas religiosas, cantos e danças. O registro destes saberes, por meio de história oral, documentação audiovisual e produção de materiais escritos, integra as atividades do polo e contribui para a preservação do patrimônio imaterial da comunidade.

A articulação entre o polo urbano e o polo quilombola permite trocas que enriquecem ambos os espaços. Encontros conjuntos promovem diálogo intercultural entre quilombolas e não-quilombolas do município. Eventos culturais realizados na comunidade de Malhadinha dão visibilidade às tradições quilombolas para públicos mais amplos. A experiência de Brejinho demonstra possibilidades de educação intergeracional que articula inclusão social e fortalecimento identitário.

Demais Polos Tocantinenses

Além dos polos detalhados anteriormente, a UMA opera em diversos outros municípios tocantinenses por meio de parcerias com a Secretaria de Estado da Educação, com a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e com prefeituras municipais. Cada polo apresenta características próprias determinadas pelo contexto local, pelo perfil dos acadêmicos e pelas condições de parceria estabelecidas.

Os polos vinculados à SEDUC (Secretaria de Estado da Educação) operam frequentemente em escolas estaduais, utilizando infraestrutura educacional existente e contando com educadores do quadro do estado. Esta vinculação facilita a realização de atividades intergeracionais envolvendo estudantes de diferentes níveis, desde a educação infantil até o ensino médio, fortalecendo a dimensão intergeracional do programa.

Os polos vinculados à UFNT, Universidade Federal sediada no norte do Tocantins, expandem a presença da UMA para região distante da capital. A parceria interuniversitária permite compartilhamento de recursos, formação conjunta de pesquisadores e ampliação do alcance territorial do programa. Os desafios de comunicação e supervisão à distância são enfrentados por meio de tecnologias digitais e visitas periódicas.

A distribuição geográfica dos polos tocantinenses cobre diferentes regiões do estado, desde municípios próximos a Palmas até localidades no extremo norte e no sul do território. Esta capilaridade permite que a UMA alcance populações diversas, atenda demandas locais específicas e acumule experiência sobre as variações regionais do envelhecimento no Tocantins.

A gestão de múltiplos polos distribuídos geograficamente constitui desafio permanente para a coordenação da UMA. Estratégias

desenvolvidas incluem: supervisão rotativa presencial, com visitas periódicas a cada polo; supervisão remota por meio de videoconferências e comunicação digital; encontros anuais que reúnem representantes de todos os polos; formações centralizadas para educadores; e desenvolvimento de materiais de orientação padronizados que garantem coerência metodológica.

Polo de Dourados - Mato Grosso do Sul – Pantanal

O polo de Dourados, segunda maior cidade do Mato Grosso do Sul, opera em parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). A cidade apresenta perfil diversificado que inclui significativa população urbana, presença rural expressiva na região, e duas das maiores terras indígenas do Brasil: Dourados e Caarapó, onde vivem povos Guarani e Kaiowá.

O polo atende população diversificada que reflete esta heterogeneidade: pessoas idosas que residem na zona urbana de diferentes origens socioeconômicas, pessoas de origem rural que migraram para a cidade, e pessoas indígenas que mantêm vínculos entre a cidade e os territórios. A metodologia foi adaptada para acolher esta diversidade, com atenção especial às especificidades culturais e linguísticas de cada grupo.

A presença indígena Guarani e Kaiowá acrescenta dimensão intercultural ao trabalho. Estes povos, que enfrentam situações de extrema vulnerabilidade em terras superlotadas e sujeitas a conflitos, encontram na UMA espaço de valorização de seus saberes e de fortalecimento de suas identidades. A língua Guarani é valorizada nas

atividades, e os conhecimentos tradicionais sobre plantas, rituais e organização social são reconhecidos como conteúdos legítimos.

Os desafios específicos do polo de Dourados incluem: a tensão social relacionada aos conflitos fundiários na região; a vulnerabilidade extrema de parte da população indígena; as diferenças culturais e linguísticas entre os diferentes grupos atendidos; e a necessidade de sensibilidade intercultural por parte dos educadores. O enfrentamento desses desafios requer formação específica, supervisão atenta e flexibilidade metodológica.

Os resultados alcançados incluem: atendimento continuado de dezenas de acadêmicos; desenvolvimento de metodologias adaptadas ao contexto intercultural; fortalecimento de vínculos entre populações urbanas, rurais e indígenas; e contribuição para pesquisas sobre envelhecimento em contextos de diversidade étnica e vulnerabilidade social.

Polo de Campo Grande - Mato Grosso do Sul – Pantanal

O polo de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, opera em contexto metropolitano com características distintas dos demais polos. A cidade, com população superior a 900 mil habitantes, concentra serviços, oportunidades de trabalho e população diversificada oriunda de diferentes regiões do Brasil e de países vizinhos, especialmente Paraguai e Bolívia.

O perfil dos acadêmicos do polo de Campo Grande é predominantemente urbano, com escolaridade média mais elevada

que a de polos em municípios menores, e com trajetórias profissionais diversificadas. Muitos são aposentados do serviço público, profissionais liberais ou comerciantes que buscam na UMA espaços de convivência, aprendizado continuado e engajamento social.

As atividades desenvolvidas incluem módulos temáticos adaptados aos interesses do público urbano: tecnologias digitais, saúde preventiva, direitos do consumidor, patrimônio cultural, literatura, música e artes visuais. As parcerias com instituições culturais da capital, museus, bibliotecas, teatros, ampliam as possibilidades de atividades e enriquecem a experiência dos acadêmicos.

A cultura pantaneira, embora a capital não esteja diretamente na planície alagável, permeia as atividades do polo. A culinária regional, a música sertaneja, as tradições do campo estão presentes nas memórias e nos saberes dos acadêmicos, muitos dos quais têm origens rurais ou mantêm vínculos com fazendas e comunidades do interior. A valorização destas tradições integra a proposta metodológica.

Os desafios do polo de Campo Grande incluem: a dispersão geográfica dos acadêmicos em cidades de grande extensão territorial; a competição com múltiplas ofertas de lazer e educação disponíveis na capital; e a necessidade de diferenciação em mercado onde outras iniciativas para pessoas idosas já existem. O enfrentamento desses desafios requer estratégias de comunicação, conveniência de localização e qualidade metodológica distintiva.

Polo de Jaraguari - Furnas Dionísio - Mato Grosso do Sul – Pantanal

O polo de Jaraguari, com atividades também na comunidade de Furnas Dionísio, atende população rural com forte tradição agropecuária. A região, localizada no cerrado sul-mato-grossense na transição para o Pantanal, caracteriza-se pela pecuária bovina, pela agricultura de grãos e pela presença de pequenas propriedades rurais de agricultura familiar.

O perfil dos acadêmicos reflete esta realidade rural: pessoas que trabalharam toda a vida na terra, na pecuária ou em atividades correlatas; que detêm saberes sobre o território, sobre os ciclos das plantas, sobre o manejo de animais; que viveram transformações profundas do campo brasileiro ao longo de suas vidas. Muitos migraram para as cidades na velhice, mantendo vínculos com o mundo rural.

Os saberes tradicionais valorizados neste polo incluem: conhecimentos sobre pecuária extensiva e manejo de gado; técnicas agrícolas tradicionais e adaptadas ao cerrado; culinária regional com suas influências indígenas, africanas e europeias; música sertaneja e tradições de viola; práticas de cura popular e conhecimentos sobre plantas medicinais do cerrado.

A comunidade de Furnas Dionísio apresenta características de comunidade rural tradicional que preserva modos de vida em transformação. Os anciãos são guardiões de memórias sobre o passado da região, sobre modos de vida que estão desaparecendo, sobre técnicas e saberes que as novas gerações frequentemente desconhecem. A UMA oferece espaço para registro e transmissão destes saberes.

Os desafios do polo incluem: a dispersão geográfica da população rural; as dificuldades de deslocamento especialmente para pessoas com limitações de mobilidade; a sazonalidade das atividades agrícolas

que afeta a disponibilidade dos acadêmicos; e a necessidade de adaptar metodologias urbanas para contextos rurais. O enfrentamento exige flexibilidade de horários, descentralização de atividades e valorização genuína dos saberes rurais.

Polo Internacional em Soure - Portugal

O polo de Soure, implementado no contexto do pós-doutorado sênior no Instituto Politécnico de Leiria a partir de setembro de 2025, representa a internacionalização da UMA e a demonstração de que a metodologia TRAMA VIVA é aplicável em contexto europeu. O polo opera com 100 acadêmicos ativos e supervisão dos Professores Doutores Ricardo Pocinho e Cristóvão Margarido Fonseca.

Soure é um município português localizado na região Centro de Portugal, no distrito de Coimbra, com população de aproximadamente 19 mil habitantes. O município apresenta perfil demográfico significativamente envelhecido, com mais de 25% de população idosa, refletindo as tendências demográficas portuguesas de baixa natalidade e emigração de jovens. Esta situação torna o município num contexto particularmente relevante para implementação de programas de educação intergeracional.

O perfil dos acadêmicos portugueses apresenta semelhanças e diferenças em relação aos brasileiros. As semelhanças incluem a predominância feminina, a diversidade de níveis de escolaridade e de trajetórias profissionais, e a busca por convivência, aprendizado e engajamento social. As diferenças incluem maior escolaridade média,

maior expectativa de serviços institucionalizados, e padrões culturais distintos de expressão de afetos e de relação com autoridades.

A adaptação da metodologia TRAMA VIVA ao contexto português exigiu atenção às diferenças culturais. As metáforas amazônicas: a rede, o pilão, o trançado foram mantidas como categorias conceituais, mas os exemplos e as referências foram adaptados para ressoar com a experiência portuguesa. Os princípios operacionais de escutatória, valorização de saberes demonstraram-se universais, embora suas manifestações concretas variem conforme o contexto.

Os resultados iniciais do polo português são promissores: adesão expressiva de acadêmicos, avaliações positivas por parte dos participantes e supervisores, e produção de conhecimento comparativo sobre a aplicabilidade da metodologia em diferentes contextos culturais. A experiência de Soure abre perspectivas para expansão futura para outros países lusófonos e para diálogo acadêmico internacional sobre educação intergeracional.

APÊNDICE B

HISTÓRIAS DE VIDA DE ACADÊMICOS DA UMA

Introdução às Histórias de Vida

As histórias de vida aqui apresentadas ilustram a diversidade de trajetórias e de experiências dos acadêmicos da Universidade da Maturidade ao longo de duas décadas de funcionamento. Seleccionadas dentre centenas de relatos coletados por meio de pesquisas e de atividades educativas, estas narrativas demonstram os impactos do programa na vida das pessoas e oferecem testemunhos vivos da longevidade criativa em ação.

Os nomes foram alterados para preservar a privacidade dos participantes, mas as histórias são reais e foram coletadas com consentimento informado para fins de pesquisa e documentação. As narrativas refletem a diversidade de origens, de trajetórias profissionais, de situações familiares e de motivações que caracterizam o público da UMA.

Dona Maria das Graças, 78 anos – Palmas

Dona Maria das Graças nasceu no interior do Maranhão, em família de pequenos agricultores. Nunca frequentou escola na infância, "naquele tempo, menina não precisava estudar", lembra. Casou-se aos 15 anos e mudou-se para diversas cidades seguindo o marido, que trabalhava em construção civil. Chegou ao Tocantins nos anos 1990, atraída pela construção de Palmas.

Aos 65 anos, já viúva e com os filhos criados, conheceu a UMA por meio de uma vizinha. "No começo, fiquei com vergonha de vir, porque não sabia ler nem escrever. Mas a professora me acolheu tão bem que perdi a vergonha." Na UMA, Maria das Graças aprendeu a ler e escrever, habilidades que havia desejado a vida toda. "Agora eu leio a Bíblia sozinha, escrevo bilhetes para meus netos. Parece que a vida ganhou outra cor."

Dona Maria das Graças tornou-se uma das acadêmicas mais assíduas do Polo Matriz. Participa de todas as atividades, traz quitutes para compartilhar, cuida de colegas quando estão doentes. "A UMA é minha segunda família. Aqui eu encontrei amigas, encontrei alegria, encontrei razão para acordar de manhã."

Seu Francisco Xerente, 82 anos – Tocantínia

Francisco Xerente é ancião respeitado de sua comunidade, conhecedor profundo das tradições, dos rituais e da língua de seu povo. Nasceu no território às margens do rio Tocantins, em tempo anterior às grandes transformações que viriam com a construção de Brasília e de rodovias de integração nacional. Viveu a infância no mundo tradicional

Xerente, participou de rituais de iniciação, aprendeu com os mais velhos os conhecimentos necessários para a vida.

"Quando era menino, a gente aprendia olhando os mais velhos, fazendo junto com eles. Aprendia a caçar, a pescar, a fazer roça, a conhecer as plantas. Aprendia os cantos, as histórias do povo, os nomes cerimoniais. Tudo isso os anciãos ensinavam para a gente."

Seu Francisco lamenta que os jovens de hoje "já não sabem muita coisa". "Na escola aprende a ler, aprende a contar. Mas não aprende a cantar os cantos antigos, não aprende a fazer o artesanato, não aprende a história do povo."

Na UMA Indígena, Seu Francisco encontrou espaço para transmitir seus conhecimentos. "Aqui eu posso falar na minha língua, posso contar as histórias que meus avós me contaram. Os jovens que trabalham aqui escutam, escrevem, gravam. É bom ver que essas coisas não vão se perder."

Dona Antônia - 76 anos – Quilombola em Malhadinha

Dona Antônia nasceu e cresceu na comunidade quilombola de Malhadinha, em Brejinho de Nazaré. Filha e neta de quilombolas, carrega nas memórias as histórias de resistência de seu povo, as festas religiosas, as receitas transmitidas por gerações, os cantos e danças que animam as celebrações comunitárias.

"Minha avó contava que os antigos vieram fugidos, escapando da escravidão. Foram se escondendo pelo mato até achar esse lugar seguro. Aqui fizeram suas casas, suas roças, suas vidas. Nós somos

descendentes dessa gente forte, que enfrentou tudo para viver em liberdade."

Dona Antônia é conhecida na comunidade por sua culinária tradicional. Suas paçocas, seus doces de frutas do cerrado, suas farinhas e beijus são solicitados em todas as festas. "Aprendi com minha mãe, que aprendeu com a mãe dela, e assim por diante. São receitas que vieram de longe, de muito tempo atrás."

Na UMA Quilombola, Dona Antônia compartilha seus saberes culinários e suas memórias. "Gosto de ensinar os mais novos. Alguns nem conheciam essas receitas, porque suas mães já perderam o costume de fazer. Aqui a gente vai resgatando o que estava se perdendo."

Senhor José, 85 anos – Campo Grande

Senhor José nasceu no Pantanal, em fazenda de gado onde seu pai trabalhava como peão. Desde menino aprendeu as lidas com o gado: laçar, conduzir boiadas pelas águas do Pantanal. "A gente vivia em cima do cavalo. Conhecia cada palmo do Pantanal, cada baía, cada corixo. Sabia onde o gado gostava de pastar, sabia onde tinha onça, sabia tudo."

Com a modernização da pecuária, Senhor José viu o mundo pantaneiro transformar-se. "Hoje é tudo diferente. Tem moto, tem avião para olhar o gado, tem cerca de todo lado. Os peões jovens não sabem mais a metade do que a gente sabia. Não precisam saber, porque mudou tudo."

Aposentou-se e mudou-se para Campo Grande, onde vivem seus filhos. "Na cidade, sinto falta do Pantanal. Sinto falta do cheiro da chuva chegando, do barulho dos pássaros de manhã, da liberdade de cavalgar por quilômetros sem ver cerca. Mas entendo que a vida é assim, vai mudando."

Na UMA, Senhor José encontrou espaço para compartilhar suas memórias. "Aqui eu conto as histórias do Pantanal, canto as músicas que a gente cantava nas comitivas, lembro dos companheiros que já se foram. Os jovens ficam admirados com essas histórias. E eu fico feliz de saber que alguém vai lembrar."

Dona Helena, 68 anos – Soure, Portugal

Dona Helena nasceu em um território rural do concelho de Soure, numa família de agricultores. Cresceu ajudando nos trabalhos do campo, frequentou a escola primária, casou-se jovem e criou quatro filhos. Com a crise agrícola portuguesa das últimas décadas, viu seus filhos partirem para Lisboa, para o Porto e para outros países da Europa. "Ficamos eu e o meu marido, sozinhos naquela casa grande onde antes vivia tanta gente."

Com a morte do marido há três anos, Dona Helena sentiu-se ainda mais isolada. "Ia dias sem falar com ninguém. Os filhos telefonavam, mas não era a mesma coisa. A solidão é muito pesada, especialmente no inverno, quando escurece cedo e a noite não acaba mais."

Quando soube da UMA por meio do Instituto Politécnico de Leiria, decidi experimentar. "No início, achei estranho esse método brasileiro. Mas logo percebi que funciona. Aqui fazemos amizades, conversamos, aprendemos coisas novas. Já não me sinto tão só."

Dona Helena aprecia especialmente os encontros intergeracionais. "Os jovens estudantes vêm conversar conosco, querem saber das nossas histórias. Lembro-me da minha infância no campo, das tradições que já não se praticam. Eles ficam espantados. E eu fico contente de poder contar."

APÊNDICE C

CATÁLOGO DE ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS

TESES DE DOUTORADO

Esta seção apresenta as teses de doutorado orientadas no âmbito da Universidade da Maturidade, incluindo título, autor, programa de pós-graduação, ano de defesa e resumo. As teses constituem contribuições originais para o conhecimento no campo da educação intergeracional e do envelhecimento humano.

Metodologias de Educação Intergeracional na Amazônia Legal

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFT em 2018. A pesquisa investigou o desenvolvimento, a fundamentação e a aplicação da metodologia TRAMA VIVA em diferentes contextos da Amazônia Legal, incluindo ambientes urbanos, comunidades ribeirinhas e territórios indígenas. A análise fundamentou-se na fenomenologia social de Alfred Schutz e utilizou metodologia qualitativa com observação participante, entrevistas em profundidade e análise documental.

Os resultados evidenciaram a originalidade da proposta metodológica, sua capacidade de adaptação a contextos diversos e seus impactos positivos nos indicadores de bem-estar dos participantes. A tese contribuiu para a sistematização teórica da TRAMA VIVA e para a legitimação acadêmica do trabalho desenvolvido pela UMA.

Saberes Tradicionais Quilombolas e Educação Intergeracional

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFT em 2019. A pesquisa documentou e analisou os saberes tradicionais de comunidades quilombolas tocantinenses e sua articulação com processos educativos intergeracionais desenvolvidos pela UMA Quilombola. O estudo focalizou especialmente a comunidade de Malhadinha, em Brejinho de Nazaré, onde o programa atua desde 2012.

A metodologia incluiu etnografia, história oral e pesquisa participante, com imersão prolongada na comunidade estudada. Os anciãos quilombolas foram reconhecidos como interlocutores privilegiados e coautores do conhecimento produzido. Os resultados demonstraram a riqueza dos saberes quilombolas sobre território, plantas medicinais, culinária, festas religiosas e práticas de cura, bem como os impactos positivos da UMA para a preservação e transmissão destes saberes.

Envelhecimento no Povo Indígena Xerente

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da UFT em 2020. A pesquisa investigou as concepções e práticas relacionadas ao envelhecimento no povo indígena Xerente, em diálogo com as atividades desenvolvidas pela UMA Indígena. O estudo abordou o lugar dos anciãos na sociedade Xerente, os conhecimentos que detêm e transmitem, e os desafios contemporâneos da transmissão intergeracional de saberes.

A metodologia articulou etnografia, análise linguística e pesquisa colaborativa com pesquisadores indígenas. O uso da língua Xerente como ferramenta de pesquisa permitiu acesso a dimensões culturais inacessíveis a pesquisadores não falantes da língua. Os resultados contribuíram para a compreensão do envelhecimento em contextos indígenas e para o aprimoramento das metodologias da UMA Indígena.

Capacidade Funcional das Pessoas Idosas

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UFT em 2019. A pesquisa avaliou indicadores de capacidade funcional, mobilidade, equilíbrio, força muscular, capacidade aeróbica em pessoas idosas participantes da UMA comparados a grupo controle de pessoas idosas não participantes. O estudo utilizou instrumentos padronizados de avaliação funcional e acompanhou os participantes ao longo de um ano.

Os resultados evidenciaram que participantes da UMA apresentaram manutenção ou melhoria de indicadores de capacidade funcional, enquanto o grupo controle apresentou declínio esperado para a faixa etária. A participação em atividades educativas, de convivência e de prática corporal oferecidas pela UMA associou-se a benefícios mensuráveis para a saúde física das pessoas idosas.

Promoção da Saúde em Comunidades Tradicionais Amazônicas

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da UFT em 2021. A pesquisa analisou as estratégias de promoção da saúde desenvolvidas pela UMA em comunidades tradicionais da Amazônia Legal, incluindo comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas. O estudo fundamentou-se na concepção ampliada de promoção da saúde proposta pela Organização Mundial da Saúde.

A metodologia incluiu estudos de caso múltiplos em diferentes comunidades, com análise qualitativa de processos e avaliação de indicadores de saúde. Os resultados demonstraram que a educação

intergeracional contribui para a promoção da saúde por meio de múltiplos mecanismos: fortalecimento de vínculos sociais, melhoria de autoestima, aumento de atividade física, difusão de conhecimentos sobre saúde, e articulação com serviços de saúde.

Longevidade Criativa e Convivência Intergeracional

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFT em 2022. A pesquisa desenvolveu e fundamentou teoricamente o conceito de longevidade criativa, central na proposta da UMA, investigando empiricamente a relação entre convivência intergeracional e indicadores de criatividade, sentido de vida e bem-estar subjetivo em pessoas idosas.

A metodologia combinou abordagem qualitativa, entrevistas em profundidade, observação participante com instrumentos padronizados de avaliação psicológica. Os resultados confirmaram a descoberta de 2014: pessoas idosas que mantêm relações intergeracionais significativas apresentam indicadores superiores de criatividade, sentido de vida e bem-estar subjetivo. A tese contribuiu para a consolidação teórica do conceito de longevidade criativa.

Políticas Públicas de Atenção à Pessoa Idosa no Tocantins

Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UFT em 2021. A pesquisa analisou o

desenvolvimento das políticas públicas de atenção à pessoa idosa no estado do Tocantins desde sua criação em 1988, situando a UMA no contexto mais amplo das políticas estaduais de envelhecimento.

A metodologia incluiu análise documental, entrevistas com gestores e análise comparativa com políticas de outros estados da federação. Os resultados demonstraram que o Tocantins, embora estado jovem, desenvolveu arcabouço significativo de políticas de atenção à pessoa idosa, com destaque para a UMA como iniciativa pioneira de educação intergeracional. A tese contribuiu para a compreensão do contexto institucional no qual a UMA se desenvolveu.

DISSERTAÇÕES DE MESTRADO

Esta seção apresenta seleção representativa das 52 dissertações de mestrado concluídas no âmbito da UMA. As dissertações abrangem diferentes temáticas e programas de pós-graduação, refletindo a diversidade de questões investigadas ao longo de duas décadas.

Percepções de Acadêmicos sobre Educação Intergeracional

Dissertação defendida no PPGE-UFT em 2015. A pesquisa investigou as percepções de acadêmicos da UMA sobre suas experiências no programa, focalizando os significados atribuídos à educação intergeracional, os impactos percebidos em suas vidas e as transformações experimentadas.

Qualidade de Vida em Participantes da UMA

Dissertação defendida no Programa de Ciências da Saúde da UFT em 2016. A pesquisa avaliou indicadores de qualidade de vida física, psicológica, social e ambiental em participantes da UMA utilizando o instrumento WHOQOL-BREF da OMS. Comparou resultados entre participantes recentes e veteranos, identificando correlação positiva entre tempo de participação e indicadores de qualidade de vida.

Saberes Tradicionais de Comunidades Ribeirinhas

Dissertação defendida no Programa de Ciências do Ambiente da UFT em 2017. A pesquisa documentou saberes tradicionais de comunidades ribeirinhas do rio Tocantins relacionados a pesca, navegação, ciclos das águas e uso sustentável de recursos. Analisou o papel dos anciãos na transmissão destes saberes e a contribuição da UMA para sua preservação.

Tecnologias Digitais e Inclusão de Pessoas Idosas

Dissertação defendida no PPGE-UFT em 2020. A pesquisa analisou processos de inclusão digital de acadêmicos da UMA, focalizando metodologias de ensino de tecnologias digitais para

pessoas idosas e os impactos da inclusão digital na autonomia e na comunicação com familiares. Os dados sobre altos índices de acesso à internet e uso de smartphones fundamentaram o conceito de longevidade conectada.

Relações Intergeracionais em Famílias Tocantinenses

Dissertação defendida no PPGE-UFT em 2018. A pesquisa investigou as relações intergeracionais em famílias de acadêmicos da UMA, analisando como a participação no programa afeta as dinâmicas familiares, especialmente as relações com filhos e netos. Utilizou metodologia qualitativa com entrevistas com acadêmicos e seus familiares.

APÊNDICE D

MATERIAIS DIDÁTICOS DESENVOLVIDOS

Manual do Educador TRAMA VIVA

O Manual do Educador TRAMA VIVA constitui material de referência para profissionais que atuam nos diferentes polos da UMA. O documento apresenta os fundamentos teóricos da metodologia, os três pilares com suas fundamentações e aplicações, os princípios operacionais, e orientações práticas para planejamento e condução de atividades educativas intergeracionais.

O manual está organizado em três partes: a primeira apresenta a fundamentação teórica, incluindo fenomenologia social, escutatória, longevidade criativa e educação; a segunda detalha a metodologia TRAMA VIVA com seus pilares e princípios; a terceira oferece orientações práticas para diferentes tipos de atividades: módulos temáticos, oficinas, encontros intergeracionais, projetos de pesquisa participativa, eventos culturais.

O manual inclui também seção sobre avaliação, apresentando instrumentos e procedimentos para acompanhamento do trabalho e mensuração de resultados. Fichas de planejamento, roteiros de atividades e instrumentos de avaliação integram os anexos do manual, oferecendo ferramentas práticas para uso cotidiano dos educadores.

Módulos Temáticos

Os módulos temáticos constituem unidades curriculares desenvolvidas para os diferentes polos da UMA, abordando temas de interesse dos acadêmicos com metodologias adaptadas às características do público. Cada módulo inclui objetivos, conteúdos, metodologias, recursos necessários, cronograma sugerido e instrumentos de avaliação.

Módulo Saúde e Qualidade de Vida

O módulo aborda temas relacionados à saúde integral na velhice: alimentação saudável, atividade física adaptada, prevenção de quedas, uso correto de medicamentos, saúde mental, sexualidade, sono e memória. Utiliza metodologias participativas que valorizam os saberes dos acadêmicos sobre saúde e promovem autocuidado. Inclui parcerias com profissionais de saúde para atividades específicas.

Módulo Memória e História de Vida

O módulo trabalha a memória individual e coletiva, história de vida, identidade e pertencimento. Utiliza metodologias de história oral, produção de narrativas autobiográficas, construção de álbuns de

memórias, diálogos intergeracionais sobre o passado. Contribui para valorização das trajetórias de vida dos acadêmicos e para preservação de memórias locais.

Módulo Direitos e Cidadania

O módulo aborda direitos da pessoa idosa, acesso a serviços públicos, defesa contra violências e fraudes, participação política e social. Utiliza metodologias de educação popular que promovem consciência crítica e empoderamento. Inclui parcerias com órgãos de defesa de direitos para orientação e encaminhamentos.

Módulo Tecnologias Digitais

O módulo promove inclusão digital de pessoas idosas, abordando uso de smartphones, internet, redes sociais e serviços digitais. Utiliza metodologias específicas para o público mais velho, com ritmo adaptado, repetição, suporte individualizado. Inclui atividades intergeracionais com jovens atuando como facilitadores.

Módulo Cultura e Expressão

O módulo trabalha manifestações culturais, expressões artísticas e produção cultural. Inclui oficinas de música, dança, teatro, artes

visuais e literatura. Valoriza as manifestações culturais tradicionais trazidas pelos acadêmicos e promove novas experiências de criação artística.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terras tradicionalmente ocupadas: processos de territorialização e movimentos sociais**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, v. 6, n. 1, 2004.

ALVES, Rubem. **Escutatória**. In: ALVES, Rubem. O amor que acende a lua. Campinas: Papirus, 1999. p. 65-68.

ANDRADE, C. M.; OSÓRIO, N. B. ; SINESIO, Luiz . **A Velhice Na (I)Legalidade**. Memorialidades: 2010. Disponível em: Acesso em: 29 dez. 2025. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/memorialidades/issue/view/15> Acesso em: 29 dez. 2025.

AQUINO, J. A. et. al. **Tecnologia da Informação e Comunicação: Um Viés Para a Inclusão Digital na EJA**. Humanidades & Inovação: 2024. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/8359> Acesso em: 29 dez. 2025.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru: EDUSC, 2006.

ASSUMPÇÃO, R., org. **Educação popular na perspectiva freiriana**. São Paulo: Instituto Paulo Freire: 2009.

ASSUNÇÃO, M. A. et. al. **Universidade Da Maturidade: Uma Análise Na Perspectiva Da Promoção À Saúde**. Humanidades & Inovação: 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1569> Acesso em: 29 dez. 2025.

BARBOSA, L. A. F. et. al. **A Alfabetização De Libras Na Rede Pública**. Revista Fisio&Terapia, V. 29, P. 11-12, 2025. Revista Fisio&Terapia: 2025. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-alfabetizacao-de-libras-na-rede-publica/> Acesso em: 29 dez. 2025.

BARCELOS, A. S. et. al. **Translational Medicine In Geriatrics: A Systematic Review**. Australian Journal Of Basic And Applied Sciences: 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/350671370_Translational_Medicine_In_Geriatrics_A_Systematic_Review#fullTextFileContent Acesso em: 29 dez. 2025.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 1999.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BONATTI, S. T. B. et. al. **Romkmãdkâ Waihku Kmãdkâ Prê: Preserving Knowledge The University Of Maturity (Uma) Holds A Degree Ceremony For The First Indigenous Class Of Akw--Xerente Polo**. Foco: 2024.
Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4355>
Acesso em: 29 dez. 2025.

BORDA, Orlando Fals. **Experiências teórico-práticas**. Cadernos CIMEAC, v. 10, n. 3, p. 192-248, 2020.

BORGES, S. M. et. al. **Etnoconhecimento Xerente E Territorialidade Na Preservação Da Biodiversidade**. Aracê: 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/2707> Acesso em: 29 dez. 2025.

BORGES, S. M. et. al. **Resistência e Identidade: A Preservação da Cultura Akwe-Xerente em um Contexto de Transformação Social**. Revista Físio&Terapia: 2025. Disponível em: <https://revistaft.com.br/resistencia-e-identidade-a-preservacao-da-cultura-akwe-xerente-em-um-contexto-de-transformacao-social/> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Estatuto da Pessoa Idosa**. Brasília: Presidência da República, 2003.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Estatuto da Pessoa Idosa**. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

BRASIL. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994. **Política Nacional da Pessoa Idosa**. Diário Oficial da União, Brasília, 1994.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Prêmio Direitos Humanos 2025 – Edição Luiz Gama e Esperança Garcia**. Brasília: MDHC, 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **A Sustentabilidade Como Itinerário Formativo Nos Espaços Da Universidade Da Maturidade Da Universidade Federal Do Tocantins**. Conjecturas: 2022. Disponível em: <https://sites.uft.edu.br/uma/wp-content/uploads/2022/10/Conjecturas-A-sustentabilidade-como-itinerario-Formativo.pdf> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **A Viagem De Intercâmbio Religioso Ao Santuário De Aparecida Apontamentos Da Educação Intergeracional Entre Jovens E Velhos.** Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente: 2022. Disponível em: <https://ime.events/conlinps/pdf/7778> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **A Viagem De Intercâmbio Religioso Ao Santuário De Aparecida, Apontamentos Da Educação Intergeracional Entre Jovens E Velhos:** Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente: 2022. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/4473> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **Dança na Universidade: Prática Extensionista na Formação e Inclusão de Pessoas Idosas.** Capim Dourado: Diálogos em Extensão: 2025. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/capimdourado/article/view/20590> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **Education And Health At The University Of Maturity: Training Itineraries At The Free Conference On Aging And Health.** Concilium: 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/373327066_Education_and_health_at_the_University_of_Maturity_training_itineraries_at_the_Free_Conference_on_Aging_and_Health_Educacao_e_saude_na_Universidade_da_Maturidade_itinerarios_formativos_na_Conferencia_#fullTextFileContent Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **Inteligência Artificial na Educação: Impactos nos Percursos Formativos da Universidade da Maturidade para a Educação de Jovens, Adultos e Pessoas Idosas.** Contribuciones A Las Ciencias Sociales: 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/8137> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **Itinerários de Inovação Social e Educação Intergeracional no Câmpus de Gurupi - Tocantins - Amazônia.** Peer Review: 2023. Disponível em: <https://sites.uft.edu.br/uma/wp-content/uploads/2023/09/Artigo-Itinerarios-de-inovacao-social-e-educacao-intergeracional-no-Campus-de-Gurupi-Tocantins-Amazonia-1.pdf> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **Itinerários na Universidade da Maturidade: Repercussão de Práticas Educativas para o Empoderamento de Pessoas Idosas.** Riage: 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/4445> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **Os Itinerários Formativos para Pessoas Idosas na Universidade da Maturidade - UMA.** Caderno Pedagógico: 2024. Disponível em: Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **Práticas Educativas Em Ambientes Virtuais De Aprendizagem No Instituto Federal Do Tocantins**. Conjecturas: 2022. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/reader/af6ca3ccac45f4319357ba60cb491d99c193ff62> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **Práticas Educativas Em Ambientes Virtuais De Aprendizagem No Instituto Federal Do Tocantins**: Conjecturas: 2022. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/7ee1/8d90e4e76fe5f4718ca6f375a0c6c49ad5ef.pdf> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **Práticas Extensionistas de Governança Pública com Pessoas Idosas: os Itinerários Formativos na Universidade da Maturidade Amazonense**. Desafios: 2025. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/21862> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M. S. O. et. al. **Universidade Conectada: Educação ao Longo da Vida por meio das Redes Sociais da UMA/UFT Em Tempos de Pandemia**. Humanidades & Inovação: 2024. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/6496> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, M.S.O. et. al. **Saberes e Interloções Educacionais de Decolonização nos Itinerários Formativos da Universidade da Maturidade**. Caderno Pedagógico: 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/2798> Acesso em: 29 dez. 2025.

BRITO, Marlon Santos de Oliveira; OSÓRIO, Neila Barbosa. **Universidade da Maturidade: Caminhos Formativos para a Pessoa Idosa**. 1. ed. Palmas, TO: EdUFT, 2024. 71 p. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/editora/issue/view/868> Acesso em: Acesso em 23 out. 2025.

CACHIONI, Meire. **Quem educa os idosos? Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade**. Campinas: Alínea, 2003.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Diploma do Prêmio Darcy Ribeiro de Educação**. Brasília- DF: 2023.

CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. **O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas**. In: CAMARANO, A. A.

(Org.). Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CARMO MAIA, N. et. al. **A Importância Da Psicomotricidade No Desenvolvimento Cognitivo Dos Alunos Do Ensino Fundamental.** Conjecturas: 2022. Disponível em: <https://sites.uft.edu.br/uma/wp-content/uploads/2022/11/Artigo-Importancia-da-psicomotricidade-no-desenvolvimento-cognitivo-1.pdf> Acesso em: 29 dez. 2025.

CARNEIRO, E. M. S. et. al. **Educação Intergeracional com Memórias Afetivas de Pessoas Idosas da Universidade da Maturidade: O Que Dizem os Professores.** Foco: 2024. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/4216> Acesso em: 29 dez. 2025.

CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político.** Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, v. 7, n. 1, 2009.

COELHO, L. S. et. al. **Direitos da Pessoa Idosa e a Inclusão Social na Universidade da Maturidade - Polo Paraíso do Tocantins.** Humanidades & Inovação: 2024. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8454> Acesso em: 29 dez. 2025.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DE OLIVEIRA, K. J. L. et. al. **Perspectivas Interculturais na Educação Escolar Indígena: Experiências Formativas dos Kadiwéu em Mato Grosso do Sul.** Aracê: 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/2736> Acesso em: 29 dez. 2025.

DE SOUZA, M. C. et. al. **Universidade da Maturidade e Prefeitura de Barreiras - BA: Uma Proposta de Educação para Pessoas Idosas.** Caderno Pedagógico: 2023. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/1752> Acesso em: 29 dez. 2025.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: EDUSP, 2012.

EVANGELISTA, E. F. P. et. al. **A Pedagogia Freiriana Na Educação De Jovens E Adultos.** Humanidades & Inovação: 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6245> Acesso em: 29 dez. 2025.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito (Orgs.). **Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

FE, V. M. M. et. al. **A Relação Entre Envelhecimento, Família e Sociedade: Um Ensaio Teórico da Literatura.** *Iosr Journal Of Humanities And Social Science*: 2023. Disponível em: <https://sites.uft.edu.br/uma/wp-content/uploads/2023/05/2023-A3-Relacao-Entre-Envelhecimento-Familia-E-Sociedade.pdf> Acesso em: 29 dez. 2025.

FERREIRA, C. S. et. al. **As Práticas Educativas Do Pedagogo Com Idosos No Serviço De Convivência De Araguatins-TO.** *Humanidades & Inovação*: 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2457> Acesso em: 29 dez. 2025.

FLORES SOBRINHO, M. H. J. et. al. **A Importância da Educação em Nossas Vidas e o Serviço Social Frente às Demandas da Escola.** *Humanidades & Inovação*: 2023. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/7071> Acesso em: 29 dez. 2025.

FRAGA, K. S. et. al. **Características Epidemiológicas de Idosos Internados por Causas Externas em um Hospital Geral no Estado do Tocantins.** *Aracê*: 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/5021> Acesso em: 29 dez. 2025.

FRANCO, B. R. et. al. **Saúde Mental da Pessoa Idosa: Abordagens e Estratégias de Cuidado no Contexto Atual.** *Aracê*: 2025. Disponível em: Acesso em: 29 dez. 2025.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, Viktor E. **Man's search for meaning.** *Simon and Schuster*, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Elizabete Viana de et al. (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. **Banco de Tecnologias Sociais**. Disponível em: <https://transforma.fbb.org.br/>. Acesso em: 10 dez. 2025.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. Certificado de Tecnologia Social nº 12345/2016. **Certifica a Universidade da Maturidade como Tecnologia Social replicável**. Brasília - DF: 2016.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. Certificado de Tecnologia Social nº 67890/2020. **Segunda certificação de reconhecimento e consolidação da Universidade da Maturidade**. Brasília- DF: 2020.

GADOTTI, M. **Educação popular e educação ao longo da vida**. 2016. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Educacao_Popular_e_ELV_Gadotti.pdf Acesso em 19 de dez. de 2025

GADOTTI, Moacir. **Educação de adultos como direito humano**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GARCIA, M. C. B. et. al. **A Universidade Da Maturidade - Uma/Uft: Narrativas De Educação Intergeracional No Polo Da Tecnologia Social Em Gurupi**. Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente: 2022. Disponível em: <https://ime.events/conlinps/pdf/7796> Acesso em: 29 dez. 2025.

GARCIA, M. C. B. et. al. **A Universidade Da Maturidade - Uma/Uft: Narrativas De Educação Intergeracional No Polo Da Tecnologia Social Em Gurupi**. Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente: 2022. Disponível em: <https://ime.events/conlinps/pdf/7796> Acesso em: 29 dez. 2025.

GIACOMIN, Karla Cristina. **Envelhecimento populacional e os desafios para as políticas públicas**. In: BERZINS, Marília Viana; BORGES, Maria Claudia (Orgs.). Políticas públicas para um país que envelhece. São Paulo: Martinari, 2012.

GOLDMAN, Sara Nigri. **Velhice e direitos sociais**. In: PAZ, Serafim Fortes (Org.). Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia? Rio de Janeiro: CBCISS/ANG, 2000.

GUEDES, A. C. B. S. et. al. **Prevalence Of The Settlement Of Medical Residences In The State Of Tocantins In The Period 2013-2017**. Revista Brasileira De Educação Médica: 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/4Bg7vw8sFb993hZ77CxwFP/?format=html&ang=en> Acesso em: 29 dez. 2025.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. Revista Brasileira de Educação, n. 14, p. 108-130, 2000.

HANH, Thich Nhat. **A arte de comunicar**. Tradução de Enio de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

IBGE. **Censo Demográfico 2022: População por idade e sexo: Resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em: 10 jan. 2026.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeções da população: Brasil e unidades da federação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

KOTERA, Yasuhiro et al. **Health benefits of Ikigai: a review of literature**. 2021.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia, n. 322, Brasília: UnB, 2002.

LOPES, K. J. O. et. al. **A História Da Construção Da Rila Como Prática De Educação Intergeracional**. Conjecturas: 2022. Disponível em: <https://sites.uft.edu.br/uma/wp-content/uploads/2022/10/Conjecturas-A-historia-da-RILA-como-pratica-de-educacao-intergeracional.pdf> Acesso em: 29 dez. 2025.

LOPES, K. J. O. et. al. **Unirila: Um Espaço De Educação Intergeracional Em Mato Grosso Do Sul**. Conjecturas: 2022. Disponível em: <https://sites.uft.edu.br/uma/wp-content/uploads/2022/11/Artigo-UNIRILA-espaco-de-educacao-intergeracional.pdf> Acesso em: 29 dez. 2025.

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD; LACED/Museu Nacional, 2006.

LUCKMANN, Thomas; SCHUTZ, Alfred. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

MACEDO, M. L. L. et. al. **Acadêmicos Da Universidade Da Maturidade Da Universidade Federal Do Tocantins**. Humanidades & Inovação: 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/issue/view/54> Acesso em: 29 dez. 2025.

- MACHADO, L. C. et. al. **Ressignificar A Terceira Idade - Diversidade De Gênero, Sexualidade E Educação: Uma Abordagem No Contexto Da Universidade Da Maturidade (UMA/UEMS)**. Caderno Pedagógico: 2023. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/2051> Acesso em: 29 dez. 2025.
- MAIA, G. C. et. al. **Vozes de Sabedoria? Narrativas de Acadêmicos da Universidade da Maturidade (UMA)**. Mnemosine Revista: 2024. Disponível em: <https://sites.uft.edu.br/uma/wp-content/uploads/2025/02/Artigo-Giselle-e-Neila-Vozes-Sabedoria.pdf> Acesso em: 29 dez. 2025.
- MARCELO, N. A. et. al. **Conselho Diretor Como Instrumento Da Gestão Democrática Na Universidade**. Peer Review: 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/373348358_Conselho_Diretor_com_o_instrumento_da_gestao_democratica_na_universidade#fullTextFileContent Acesso em: 29 dez. 2025.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. Ubu Editora LTDA-ME, 2018.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA Jr., Carlos E. A. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA. **Certificado do Prêmio Direitos Humanos 2025 – confere o Prêmio Direitos Humanos – Edição Luiz Gama e Esperança Garcia**. Brasília- DF: 2025.
- MOREIRA, K. B. et. al. **Afetividade E Aprendizagem Nos Ritos De Passagem: A Psicologia E A Pedagogia No Chá De Bênçãos Da UMA/UFT**. Foco: 2022. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/400> Acesso em: 29 dez. 2025.
- MOREIRA, K. B. et. al. **Afetividade E Aprendizagem Nos Ritos De Passagem: A Psicologia E A Pedagogia No Chá De Bênçãos Da UMA/UFT**. Foco: 2022. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/400> Acesso em: 29 dez. 2025.
- MOREIRA, R. A. et. al. **Transtornos Mentais em Fases Vulneráveis da Vida: Gestaçã, Puerpério e Velhice**. Aracê: 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/5036> Acesso em: 29 dez. 2025.
- NERI, Anita Liberalesso (org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. Campinas: Papirus, 2001.

NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Qualidade de vida e idade madura.** Campinas: Papirus, 1993.

NERI, Anita Liberalesso. **Qualidade de vida e idade madura.** Campinas: Papirus, 1993.

NETO DE JESUS, D. L. et. al. **Educação no Carnaval na Universidade da Maturidade: Espaço de Aprendizado no Contexto da Educação ao Longo da Vida.** Cadernos Cajuína: 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/4854> Acesso em: 29 dez. 2025.

NETO DE JESUS, Djanires Lageano; OSÓRIO, Neila Barbosa (orgs.). **Educação e Tecnologias Sociais: promoção da inovação, cidadania e qualidade de vida na UMA/UEMS/UFT.** Volume 1. Campo Grande-MS: Gráfica Print, 2025. v. 2. 312 p. Disponível em: <https://zenodo.org/records/15636300> Acesso em: 29 dez. 2025.

NETO DE JESUS, Djanires Lageano; OSÓRIO, Neila Barbosa (orgs.). **Educação e Tecnologias Sociais: promoção da inovação, cidadania e qualidade de vida na UMA/UEMS/UFT.** Volume 2. Campo Grande-MS: Gráfica Print, 2025. v. 2. 312 p. Disponível em: <https://zenodo.org/records/15115365> Acesso em: 29 dez. 2025.

NOLETO, L. S. et. al. **Social Support: Old People From -Uma- In A Vulnerable Situation In Time Of Covid-19.** Revista Observatório: 2020. Disponível em: Acesso em: 29 dez. 2025.

NOLETO, L. S. O. et. al. **Educação Intergeracional na Amazônia: A Experiência da Universidade da Maturidade.** Caderno Pedagógico: 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/3063> Acesso em: 29 dez. 2025.

NUNES FILHO, F. A. et. al. **Ecopoint At School: Intergenerationality In Play Between Children And Elderly People At The University Of Maturity - UMA.** Concilium: 2023. Disponível em: <https://sites.uft.edu.br/uma/wp-content/uploads/2025/02/Artigo-Fernando-A2-Intergeracionalidade-na-UMA.pdf> Acesso em: 29 dez. 2025.

NUNES FILHO, F. A. et. al. **Educação Ambiental Entre Gerações: A Oralidade Como Instrumento Construtor De Opiniões / Environmental Education Between Generations: Orality As A Tool That Constructs Opinions.** Brazilian Journal Of Development: 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/36042> Acesso em: 29 dez. 2025.

NUNES FILHO, F. A. et. al. **Educação Ambiental Intergeracional: A Implementação Do Jardim Sensorial Nhonhô Barbosa.** Conjecturas: 2022. Disponível em:

<https://www.semanticscholar.org/reader/3616f9d6046619d51c1df9c295080d366e1408b4> Acesso em: 29 dez. 2025.

NUNES FILHO, F. A. et. al. **El Proyecto De Revitalización Ambiental Del Córrego Angico Y La Educación Para Sostenibilidad En La Comunidad Quilombola Malhadinha - Tocantins. The Project Of Revitalization Angico Education For Sustainability And In Quilombola.** Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental: 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/7545> Acesso em: 29 dez. 2025.

ODORIZZI, A. L. C. et. al. **Dançando Com Velhos: Universidade Da Maturidade.** Desafios: Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins: 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/3627> Acesso em: 29 dez. 2025.

OEA, ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Convenção Interamericana sobre a Proteção dos Direitos Humanos das Pessoas Idosas.** 2015.

OLIVEIRA, D. C. et. al. **Lupa Da Pobreza: Diversidade Dos Sujeitos Velhos E Pobres Na Sociedade.** Humanidades & Inovação: 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/3842> Acesso em: 29 dez. 2025.

OLIVEIRA, N. P. B. et. al. **A Construção De Brinquedos Com Os Avós: Uma Proposta De Atividade No Ensino Remoto.** Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente: 2022. Disponível em: <https://ime.events/conlinps/pdf/7723> Acesso em: 29 dez. 2025.

OLIVEIRA, N. P. B. et. al. **A Educação Intergeracional entre Jovens e Pessoas Idosas da Universidade da Maturidade na Viagem ao Santuário de Aparecida.** Caderno Pedagógico: 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/4473> Acesso em: 29 dez. 2025.

OLIVEIRA, N. P. B. et. al. **A Universidade No Combate Ao Analfabetismo: A Conexão Existente Na Uma/Uft Em Prol Da Alfabetização De Idosos.** Brazilian Journal Of Development: 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/44896> Acesso em: 29 dez. 2025.

OLIVEIRA, N. P. B. et. al. **Dança e Intergeracionalidade: A Figura da Cobra Boiuna como Ferramenta de Aprendizagem.** Capim Dourado: Diálogos em Extensão: 2025. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/capimdourado/article/view/20589> Acesso em: 29 dez. 2025.

OLIVEIRA, N. P. B. et. al. **Ecoponto na Escola: Lugar de Educação Intergeracional e de Respeito aos Direitos de Crianças, Jovens e Idosos.** Revista Jurídica do Ministério Público do Tocantins: 2024. Disponível em:

<https://cesaf.mpto.mp.br/revista/index.php/revistampto/article/view/63>

Acesso em: 29 dez. 2025.

OLIVEIRA, N. P. B. et. al. **Memórias de Brincadeiras de Pessoas Idosas da Universidade da Maturidade, da Universidade Federal do Tocantins (UMA/UFT)**. Capim Dourado: Diálogos em Extensão: 2024. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/capimdourado/article/download/16569/22378> Acesso em: 29 dez. 2025.

OLIVEIRA, N. P. B. et. al. **Os Mais Velhos No Senado Federal: Um Olhar Sobre A Sessão Especial Que Celebrou Os 15 Anos Da Uma/Uft / The Eldest In The Federal Senate: A Look At The Special Session That Celebrated The 15th Anniversary Of Uma/Uft**. Brazilian Journal Of Development: 2022. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/45197> Acesso em: 29 dez. 2025.

OLIVEIRA, N. P. B. et. al. **Peel More In The Amazon! Intergenerational Learning And Health Education At The University Of Maturidade Do Tocantins**. Concilium: 2023. Disponível em: <https://sites.uft.edu.br/uma/wp-content/uploads/2023/07/Descasque-Mais-Aprendizagem-Intergeracional-e-Educacao-em-Saude-na-Universidade-da-Maturidade-do-Tocantins.pdf> Acesso em: 29 dez. 2025.

OLIVEIRA, N. P. B. et. al. **Troca de Saberes Tradicionais: Conexões na Universidade da Maturidade Sobre o Benzer, Rezar e Curar**. Caderno Pedagógico: 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/9403> Acesso em: 29 dez. 2025.

OLIVEIRA, N. P. B.; OSÓRIO, N. B. ; BRITO, M. S. O. **Brincando E Aprendendo Na Amazônia: Construção De Brinquedos Como Prática Pedagógica De Relações Intergeracionais**. Revista Cocar: 2023. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7355/3377> Acesso em: 29 dez. 2025.

OLIVEIRA, Nubia Pereira Brito. OSÓRIO, Neila Barbosa, *et al.* **Brincadeiras com a Boiuna da Amazônia: Um guia para educadores intergeracionais**. Palmas, TO: EdUFT, 2024. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/editora/issue/view/901> Acesso em 23 out. 2025.

OLIVEIRA, Nubia Pereira Brito; OSÓRIO, Neila Barbosa. **Experiências Intergeracionais na Amazônia**. 1. ed. Palmas, TO: EdUFT, 2024. 88 p.; il. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/editora/issue/view/869> Acesso em 23 out. 2025.

OMS. **Década do Envelhecimento Saudável 2021-2030**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2020.

OMS. **Relatório mundial sobre envelhecimento e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2015.

ONU, ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento**. Adotado pela Segunda Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, Madri, 2002.

ONU. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Nova York: Organização das Nações Unidas, 2015.

ONU. **World Population Prospects 2024**. Nova York: Organização das Nações Unidas, 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento**. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: OPAS, 2005.

OSÓRIO, Neila Barbosa. **Trama Viva: Gerontologia e Educação Intergeracional [slides]**. Material Didático da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins – UMA/UFT, 2025. Disponível em: <https://sites.uft.edu.br/uma>. Acesso em: 06 jan. 2026.

OSÓRIO, N. B. **26 De Julho Dia Dos Avós**. Revista Pantaneira: 2007.

OSÓRIO, N. B. **A Afirmação Da Cidadania Do Idoso Na Ucdb. Multitemas (Ucdb)**: Multitemas (Ucdb), Campo Grande: 1998. Disponível em: <https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/1175/1099> Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B. **As Minorias E A Globalização**. Multitemas (Ucdb), Campo Grande-MS: 1999. Disponível em: <https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/1160> Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B. et. al. **A Era Dos Avós Contemporâneos Na Educação Dos Netos E Relação Dos Familiares: Um Estudo De Caso Na Universidade Da Maturidade Da Universidade Federal Do Tocantins**. Revista Signos - Centro Universitário Univates: 2018. Disponível em: <https://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/1837> Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B. et. al. **A Forma De Avaliar E A Promoção Do Sucesso Escolar**. Humanidades & Inovação: 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6460> Acesso em: 29 dez. 2025.

- OSÓRIO, N. B. et. al. **A Intergeracionalidade Na Universidade Da Maturidade-Palmas-Tocantins.** Humanidades & Inovação: 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/3001> Acesso em: 29 dez. 2025.
- OSÓRIO, N. B. et. al. **A Primeira Universidade da Maturidade Indígena do Mundo: Uma Iniciativa Inovadora na Amazônia.** Aracê: 2024. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/1798> Acesso em: 29 dez. 2025.
- OSÓRIO, N. B. et. al. **Arteterapia Com Velhos.** Revista Kairós Gerontologia: 2018. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/arteterapia-com-velhos-o-papel-terapeutico-da-arte-44bxvoytfr.pdf> Acesso em: 29 dez. 2025.
- OSÓRIO, N. B. et. al. **Caderneta De Saúde Da Pessoa Idosa Na Atenção Primária: Uma Revisão Integrativa.** Humanidades & Inovação: 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1008> Acesso em: 29 dez. 2025.
- OSÓRIO, N. B. et. al. **Compreender A Morte E O Morrer: Acadêmicos Da Universidade Da Maturidade/Uft/Tocantins.** Revista Kairós Gerontologia: 2018. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1571/1071> Acesso em: 29 dez. 2025.
- OSÓRIO, N. B. et. al. **Educação Para O Trânsito: Metodologia E Estratégias Para Atuação Junto Aos Acadêmicos Da Universidade Da Maturidade Na Cidade De Araguaína/TO.** Revista Observatório: 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4120/13326> Acesso em: 29 dez. 2025.
- OSÓRIO, N. B. et. al. **Estabelecimento Para Velhos: Alternativa De Vida Ou Extermínio?** Desafios: Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins: 2017. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/midiaticos/article/view/3164/9453> Acesso em: 29 dez. 2025.
- OSÓRIO, N. B. et. al. **Humanizando Em Tempo De Covid-19: Informações De Qualidade.** Revista Observatório: 2020. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/download/9503/17521/48698> Acesso em: 29 dez. 2025.
- OSÓRIO, N. B. et. al. **Jogos Na Aprendizagem Dos Velhos Da Universidade Da Maturidade/Palmas/TO.** Revista Kairós Gerontologia: 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/issue/view/1937> Acesso em: 29 dez. 2025.
- OSÓRIO, N. B. et. al. **Memórias E Saberes Das Benzedeadas Velhas De Palmas E Porto Nacional/TO.** Humanidades & Inovação: 2019. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1132>

Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B. et. al. **Narrativas De Mulheres: As Perdas E O Luto.** Revista Observatório: 2018. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5169> Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B. et. al. **Neto Postiço Em Tempos De Coronavírus.** Revista Observatório? 2020. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/download/9434/17523/48700> Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B. et. al. **O Impacto Da Educação Física Na Saúde De Idosos Em Isolamento Social Em Tempos De Pandemia: Relato De Experiência.**

Revista Observatório: 2020. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/9514> Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B. et. al. **Sarcopenia Em Idosas Quilombolas : Análise Das Variáveis Antropométricas E De Força De Preensão Manual.** Revista De Patologia Do Tocantins: 2017. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/patologia/article/view/3533> Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B. **Idosos Institucionalizados: Opção De Vida Ou De Morte?**

Revista Pantaneira, Aquidauna/MS: 2002. Disponível em:

<https://periodicos.ufms.br/index.php/revpan/issue/view/159/108> Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B. **O Perfil Cultural Do Acadêmico Calouro Da Ucdb.** Série- Estudos (Ucdb), Campo Grande: 1997. Disponível em:

<https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/641> Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B. **Uma Visão Da Velhice Em Campo Grande-MS.** Multitemas (Ucdb): 1999. Disponível em:

<https://interacoes.ucdb.br/multitemas/article/view/1137> Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B. **Uma Visão Do Trabalho Com Terceira Idade Em Campo Grande-MS.** Caderno Adulto (Ufsm), Santa Maria-RS: 2000. Disponível em:

<https://www.interacoes.ucdb.br/multitemas/article/download/1137/1076/3259> Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B. **Velhos Asilados: Opção De Vida Ou De Morte?** Caderno Adulto (Ufsm), Santa Maria/RS: 2002.

OSÓRIO, N. B.; SILVA NETO, L. S. **Educação Na Velhice? Uma História De 11 Anos Na Universidade Federal Do Tocantins.** Desafios: Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins: 2017. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/4130>

Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B.; SINÉSIO, Luiz ; DUARTE, C. S. **Violência Contra Velhos E Apoio Psicológico: Reflexões Acerca Das Ações Políticas E Sociais.** Desafios:

Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins: 2014.

Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/920>

Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, N. B.; SINÉSIO, Luiz. **As Experiências De Universidades Abertas Em Um Brasil Que Envelhece. As Experiências De Universidades Abertas Em Um Brasil:** 2011. Disponível em: https://loja.editoracrv.com.br/produtos/as-experiencias-de-universidades-abertas-em-um-brasil-que-envelhece/?srsltid=AfmBOor0WkFc_Twfi79i7iMYUdUB0SipVInmMKDTqWJtfFb1X76EkRWz

Acesso em: 29 dez. 2025.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio; BRITO, Marlon Santos de Oliveira (org.). **A Primeira Universidade da Maturidade Indígena: Diálogos com os Anciãos de Tocantínia - Tocantins - Amazônia.** Editora da Universidade Federal do Tocantins. EdUFT: 2025.

Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/editora/issue/view/936>

. Acesso em 23 out. 2025.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio; BRITO, Marlon Santos de Oliveira. **Encontro Nacional da Universidade da**

Maturidade (UMA). Recife: Even3 Publicações, 2023. DOI

10.29327/5283526 Disponível em:

<https://publicacoes.even3.com.br/book/anais-do-encontro-nacional-da-universidade-da-maturidade-uma-2835265> Acesso em 23 out.

2025.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio; LIMA, Rachel Bernardes; **Neila Osório: um legado em vida.** Recife: Even3

Publicações, 2023. DOI 10.29327/5226387. Disponível em:

<https://publicacoes.even3.com.br/book/neila-osorio-um-legado-em-vida-2263875> Acesso em 23 out. 2025.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio; NUNES FILHO, Fernando Afonso. **Educação Intergeracional e Gerontologia na Amazônia.** Recife: Even3 Publicações, 2023. DOI: 10.29327/5289825.

Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/educacao-intergeracional-e-gerontologia-na-amazonia-2898255> Acesso em 23 out. 2025.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio; NUNES FILHO, Fernando Afonso. **GeronTOcantins: estudos sobre a educação ao**

longo da vida na Amazônia legal. Organizadores. Ponta Grossa - PR: Atena, 2022. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/5162> Acesso em 23 out. 2025.

OSORIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinesio; OLIVEIRA, Nubia Pereira Brito (Org.). **Envelhecimento Ativo e Educação ao Longo da Vida: 18 Anos de Universidade da Maturidade.** Palmas: EdUFT, 2024. DOI 10.29327/5453469. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/editora/issue/view/909/633> Acesso em 23 out. 2025.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio; OLIVEIRA, Nubia Pereira Brito **100 Anos de Vida! Reflexões dos Pesquisadores da Universidade da Maturidade ao Vislumbrar o Centenário.** Recife: Even3 Publicações, 2024. DOI 10.29327/5295717. Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/100-anos-de-vida-2957175> Acesso em 23 out. 2025.

OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio; OLIVEIRA, Nubia Pereira Brito. **Material Didático de Formação de Professores da Universidade da Maturidade - UMA.** Recife: Even3 Publicações, 2023. DOI 10.29327/5293177 Disponível em: <https://publicacoes.even3.com.br/book/material-didatico-de-formacao-de-professores-da-universidade-da-maturidade--uma-2931775> Acesso em 23 out. 2025.

PALMEIRÃO; C.; MENEZES, I. **A interação geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações.** A Animação Sociocultural na Terceira Idade. p. 2235, 2009.

PIAGET, J. **Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança.** Tradução e organização: Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak, 2014.

POLETTO, S.; BETITINELLI, L. A.; SANTIN, J. R. **A bioética e o cuidado no envelhecimento humano: um olhar a partir do princípio da dignidade humana e dos direitos fundamentais.** Rev Ministério Público RS, Porto Alegre, n. 69, p. 141-55, 2011.

PAIVA, Jane. **Educação de Jovens e Adultos: Uma Memória Contemporânea.** São Paulo: Cortez, 2003.

PALMA, Lucia Teresinha Saccomori. **Educação permanente e qualidade de vida: indicativos para uma velhice bem-sucedida.** Passo Fundo: UPF, 2000.

- PARRIÃO, L. F. et. al. **Universidade Da Maturidade E O Ensino/Aprendizagem Da Língua Inglesa Às Pessoas Velhas.** Humanidades & Inovação: 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1570> Acesso em: 29 dez. 2025.
- PEREIRA, G. H. et. al. **Práticas Educativas de Cuidado para Pessoas Idosas com Alzheimer: Uma Revisão em prol da Formação.** Caderno Pedagógico: 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/9404> Acesso em: 29 dez. 2025.
- PEREIRA, S. R. B. et. al. **Escuta Sensível: Sucesso No Contexto Da UMA.** Humanidades & Inovação: 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2613> Acesso em: 29 dez. 2025.
- PEREIRA, S. R. B. et. al. **Memórias De Velhos: Música E Dança Na Uma And Unitins.** Brazilian Journal Of Development: 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/12634> Acesso em: 29 dez. 2025.
- PEREIRA, S. R. B. et. al. **Troca De Cartas: Protagonismo Do Velho.** Humanidades & Inovação: 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2614> Acesso em: 29 dez. 2025.
- PEREIRA, S. R. B. et. al. **Um Olhar para o Diálogo com as Diferenças no Processo Ensino-Aprendizagem do Tocantins; Espaço Plural e de Diversidade Social: Sob a Ética da Alteridade.** Riage: 2024. Disponível em: <https://www.riagejournal.com/index.php/riage/article/view/255> Acesso em: 29 dez. 2025.
- RIBEIRO, E. M. et. al. **Programas De Educação Sobre Saúde Óssea Para Idosos: Uma Revisão Integrativa.** Ciencia & Saude Coletiva: 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/QbjBHt5yM5hbPLSWtjt3Tfj/?format=html&lang=pt> Acesso em: 29 dez. 2025.
- SAMPAIO, L. B. S. et. al. **A Ancestralidade e as Práticas Sustentáveis: A Contribuição do Povo Xerente para a Conservação da Biodiversidade.** Revista Fisio&Terapia: 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-ancestralidade-e-as-praticas-sustentaveis-a-contribuicao-do-povo-xerente-para-a-conservacao-da-biodiversidade/> Acesso em: 29 dez. 2025.
- SAMPAIO, M. A. P. et. al. **A Construção Da Avosidade Na Literatura Científica Brasileira: Uma Revisão Integrativa De Literatura.** Brazilian Journal Of Development: 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/26126> Acesso em: 29 dez. 2025.

SAMPAIO, M. A. P. et. al. **Avós Do Século Xxi: Uma Revisão De Literatura.**

Brazilian Journal Of Development: 2021. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/26127>

Acesso em: 29 dez. 2025.

SAMPAIO, M. A. P. et. al. **Educação Intergeracional e Envelhecimento na Amazônia Legal: Um Mapeamento das Produções Científicas nos Últimos Cinco Anos com Foco no Estado do Tocantins.** Humanidades & Inovação: 2023. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6290>

Acesso em: 29 dez. 2025.

SANTANA, L. S. B. et. al. **A Educação Intergeracional Nos Encontros De Troca De Saberes Entre A Universidade Da Maturidade - Uma/Uft E O Povo Indígena Xerente.** Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente: 2022. Disponível em: <https://ime.events/conlinps/pdf/7934>

Acesso em: 29 dez. 2025.

SANTOS, S. S. C. **Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica.** Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, vol. 63, n. 6, p. 1035-9, nov-dez. 2010.

SERRA, D. C. **Gerontagogia dialógica intergeracional para autoestima e inserção social de idosos.** 2012. 269 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** Editora Cortez, 2020.

SANTANA, L. S. B. et. al. **A Universidade Da Maturidade Da Universidade Federal Do Tocantins Em Tocantínia: Um Polo Para Ouvir E Contar Histórias Com Os Anciãos.** Brazilian Journal Of Development: 2022.

Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/48170>

Acesso em: 29 dez. 2025. Disponível em: Acesso em: 29 dez. 2025.

SANTANA, L. S. B. et. al. **Shared Roots: Intergenerational Education In The Playful Traditions Of The Akwâ--Xerente People Of The Amazon.**

Concilium: 2023. Disponível em:

<https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/5879>

Acesso em: 29 dez. 2025.

SANTANA, W. V. et. al. **Tecnologia Social Educacional Para Idosos, Inovação E Extensão Universitária.** Humanidades & Inovação: 2021. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3356>

Acesso em: 29 dez. 2025.

SANTANA, W. V. S. et. al. **Tecnologia Social Educacional Para Idosos, Inovação E Extensão Universitária.** Brazilian Journal Of Development: 2020.

Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/19413>

Acesso em: 29 dez. 2025.

SANTOS, A. E. G. et. al. **A Educação Inclusiva e Ações Promotoras de Igualdade**. Revista Fisio&Terapia: 2025. Disponível em: <https://revistaft.com.br/a-educacao-inclusiva-e-acoes-promotoras-de-igualdade/> Acesso em: 29 dez. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos Estudos CEBRAP, n. 79, p. 71-94, 2007.

SANTIN, J. R. **Violência, Poder e Direito: histórico da violência contra mulheres idosas no Brasil In: Diversidades Étnicas e Culturais e Gênero**. Coord. STORINI, C.; SANTIN, J.R. Florianópolis/SC: CONPEDI, 2018, v.1, p. 161-181.

SAÚDE TOCANTINS. **Secretaria de Estado da Saúde. Plano Estadual de Saúde 2024-2027**. Palmas: SES-TO, 2023. Disponível em: https://www.conass.org.br/wp-content/uploads/2023/05/pes_ses_tocantins_2024_2027pdf.pdf. Acesso em: 10 jan. 2026.

SEDUC-TO. Secretaria de Estado da Educação, Juventude e Esportes do Estado do Tocantins. **Reordenamento curricular da Educação de Jovens e Adultos**. Seduc, 2022. Disponível em: <https://central.to.gov.br/download/297733> Acesso em: 12 jan. 2025.

SEDUC-TO. Secretaria de Estado da Educação, Juventude e Esportes do Estado do Tocantins. **DCT - Documento Curricular do Estado do Tocantins**. Seduc, 2019. Disponível em: <https://www.to.gov.br/seduc/documento-curricular-do-territorio-do-tocantins-dct-to-etapa-ensino-medio/4hdqnsjjOuwT> Acesso em: 20 jun. 2025.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**. Buenos Aires: Amorrortu, 1974.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **Las estructuras del mundo de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

SERÁ, E. A. R. et. al. **Práticas Educativas em Saúde Bucal: Um Olhar Sobre a Universidade da Maturidade e os Povos Indígenas Xerente**. Contribuciones A Las Ciencias Sociales: 2024. Disponível em:

<https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/8620>

Acesso em: 29 dez. 2025.

SILVA, G. G. et. al. **Histórias De Vida Em Uma Relação Transdisciplinar Com A Universidade Da Maturidade.** Brazilian Journal Of Development: 2019.

Disponível em: Acesso em: 29 dez. 2025. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/3592>

Acesso em: 29 dez. 2025.

SILVA NETO, L. S. et. al. **Association Between Sarcopenia And Quality Of Life In Quilombola Elderly In Brazil.** International Journal Of General

Medicine: 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27143952/>

Acesso em: 29 dez. 2025.

SILVA NETO, L. S. et. al. **Association Between Sarcopenic Obesity, Muscle Strength And Risk Of Cardiovascular And Cardiometabolic Diseases In The Elderly: A Systematic Review.** Revista De Nutrição: 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rn/a/qWWd5kJr4tS8F7wbyfrkcsb/abstract/?lang=pt>

Acesso em: 29 dez. 2025.

SILVA NETO, L. S. et. al. **Educação E Saúde Para Idosos: Um Relato De Experiência Do Projeto Umanizando Em Tempos De Covid-19.** Revista

Observatório: 2020. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/9302>

Acesso em: 29 dez. 2025.

SILVA NETO, L. S. et. al. **Geriatric And Gerontology Research: A Scientometric Investigation Of Open Access Journal Articles Indexed In The Scopus Database.** Annals Of Geriatric Medicine And Research: 2023.

Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37500189/> Acesso em: 29

dez. 2025.

SILVA NETO, L. S. **Idosos Quilombolas: Prevalência De Sarcopenia Utilizando O Algoritmo Proposto Pelo European Working Group On Sarcopenia In Older People.** Arquivos De Ciências Da Saúde (Famerp): 2016. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/310666509_IDOSOS_QUILOMBOLAS_PREVALENCIA_DE_SARCOPENIA_UTILIZANDO_O_ALGORITMO_PROPOSTO_PEL_O_EUROPEAN_WORKING_GROUP_ON_SARCOPENIA_IN_OLDER_POPLE#fullTextFileContent Acesso em: 29 dez. 2025.

SILVA, E. C. et. al. **Relação Entre Condições Socioeconômicas E O Perfil Do Autocuidado Dos Idosos Universidade Da Maturidade Da Universidade Federal Do Tocantins.** Research, Society And Development: 2022. Disponível

em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/download/31732/27350/363030> Acesso em: 29 dez. 2025.

SOBRINHO, M. H. J. F. et. al. **A Interpretação Da Velhice Da Antiguidade Até O Século XXI.** Nova Revista Amazônica: 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/10037> Acesso em: 29

dez. 2025.

SOUSA SÁ, F. A. et. al. **Educação Intergeracional Na Amazônia: As Aprendizagens Entre Crianças E Pessoas Idosas Na Escola Vinícius De Moraes.** Peer Review: 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/374433561_Educacao_intergeracional_na_Amazonia_as_aprendizagens_entre_crianças_e_pessoas_idosas_na_Escola_Vinicius_de_Moraes#fullTextFileContent Acesso em: 29 dez. 2025.

SOUSA, D. M. et. al. **Educação E Aprendizagem Ao Longo Da Vida: Uma Prática Educativa Na Universidade Da Maturidade / Education And Lifelong Learning: An Educational Practice At The Maturity University.** Brazilian Journal Of Development: 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/23930> Acesso em: 29 dez. 2025.

SOUZA, M. C. et. al. **Os Aniversários De 100 Anos Na Universidade Da Maturidade Uma/Uft: Ritos De Passagem Transformadores.** Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente: 2022. Disponível em: <https://ime.events/conlinps/pdf/7683> Acesso em: 29 dez. 2025.

SOUZA, M. C. et. al. **Os Aniversários De 100 Anos Na Universidade Da Maturidade Uma/Uft: Ritos De Passagem Transformadores.** Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente: 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/361890706_OS_ANIVERSARIOS_D_E_100_ANOS_NA_UNIVERSIDADE_DA_MATURIDADE_UMAUFT_RITOS_DE_P_ASSAGEM_TRANSFORMADORES#fullTextFileContent Acesso em: 29 dez. 2025.

SOUZA, M. C. et. al. **Os Aniversários De 100 Anos Na Universidade Da Maturidade Uma/Uft: Ritos De Passagem Transformadores.** Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente: 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/361890706_OS_ANIVERSARIOS_D_E_100_ANOS_NA_UNIVERSIDADE_DA_MATURIDADE_UMAUFT_RITOS_DE_P_ASSAGEM_TRANSFORMADORES#fullTextFileContent Acesso em: 29 dez. 2025.

SOUZA, M. C. et. al. **Programa Idade Viva Em Barreiras-Ba: Práticas De Educação Intergeracional E De Gerontologia Que Fortalecem Vínculos.** Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente: 2022. Disponível em: <https://ime.events/conlinps/pdf/7508> Acesso em: 29 dez. 2025.

SOUZA, M. C. et. al. **Programa Idade Viva Em Barreiras-Ba: Práticas De Educação Intergeracional E De Gerontologia Que Fortalecem Vínculos.** Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente: 2022. Disponível em: <https://ime.events/conlinps/pdf/7508> Acesso em: 29 dez. 2025.

SOUZA, M. C. et. al. **Programa Idade Viva Em Barreiras-Ba: Práticas De Educação Intergeracional E De Gerontologia Que Fortalecem Vínculos.** Revista Multidisciplinar De Educação E Meio Ambiente: 2022. Disponível em: <https://ime.events/conlinps/pdf/7508> Acesso em: 29 dez. 2025.

TAVARES, E. R. B. et. al. **Espaço De Inclusão: Jardim Sensorial Na Universidade Da Maturidade - Palmas - Tocantins.** Cuadernos De Educación Y Desarrollo: 2023. Disponível em: <https://sites.uft.edu.br/uma/wp-content/uploads/2024/01/Espaco-de-inclusao-jardim-sensorial-na-Universidade-da-Maturidade-Palmas-Tocantins.pdf> Acesso em: 29 dez. 2025.

TAVARES, E. R. B. et. al. **Testamento Vital: Considerações Preliminares.** Caderno Pedagógico: 2024. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/4752> Acesso em: 29 dez. 2025.

LUCKMANN, Thomas. **On the boundaries of the social world. In: Phenomenology and social reality: Essays in memory of Alfred Schutz.** Dordrecht: Springer Netherlands, 1970. p. 73-100.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Acordo de Cooperação UFT/IPLeiria nº 001/2023. **Formaliza parceria internacional para supervisão de pós-doutorado e implementação de polo em Portugal.** Palmas - TO: 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Portaria PROEX nº 001/2004. **Cria a Universidade da Maturidade como programa de extensão vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários da UFT.** Palmas - TO: 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Portaria PROEX nº 023/2010. **Reconhece a UMA como programa de referência em educação intergeracional e autoriza a expansão territorial mediante convênios com municípios e outras instituições.** Palmas - TO: 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Portaria Reitoria nº 087/2016. **Institui o Programa de Envelhecimento Humano como linha de pesquisa vinculada à UMA, com registro no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq.** Palmas - TO: 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Resolução CONSEPE nº 015/2006. **Regulamenta as atividades de extensão da UFT.** Palmas - TO: 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Resolução CONSEPE nº 042/2012. **Aprova o regimento interno da Universidade da Maturidade, estabelecendo normas de funcionamento, critérios de participação e procedimentos administrativos.** Palmas - TO: 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS. Termo de Cooperação UFT/UEMS nº 001/2017. **Estabelece cooperação técnica entre UFT e**

UEMS para implementação de polos da UMA no Mato Grosso do Sul. Palmas - TO: 2017.

VICTOR, P. L. et. al. **Velhices: Um Novo Desafio Para A Universidade Contemporânea. O Caso Da Uma/Uft.** Humanidades & Inovação: 2019.

Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1568>

Acesso em: 29 dez. 2025.

VILLAS-BOAS, S. et al. **A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida - Desafios intergeracionais, sociais e pedagógicos.**

Investigar em Educação, n. 5, p. 117-141, 2016.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** Editora Sinodal, 2013.

WAGNER, Helmut R. (Org.). **Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad crítica y educación intercultural.**

In: VIAÑA, Jorge; TAPIA, Luis; WALSH, Catherine.

Construyendo interculturalidad crítica. La Paz: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Neila Barbosa Osório

<http://lattes.cnpq.br/8325746711520223>

<https://orcid.org/0000-0002-6346-0288>

neilaosorio@uft.edu.br

Professora Titular da Universidade Federal do Tocantins. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (2002). Pós-Doutoranda Sênior Internacional pelo Instituto Politécnico de Leiria, Portugal, sob supervisão do Prof. Dr. Ricardo Pocinho e cosupervisão do Prof. Dr. Cristóvão Margarido Fonseca. Fundadora e Coordenadora Geral da Universidade da Maturidade. Coordenadora do GIPHEIA – Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Educação Intergeracional e Altas Habilidades (CNPq). Criadora da metodologia TRAMA VIVA. Vencedora do Prêmio Direitos Humanos 2025 – Edição Luiz Gama e Esperança Garcia, na categoria Garantia dos Direitos da Pessoa Idosa. Diretora de Políticas Intergeracionais do IFLAC e Embaixadora da Paz. Possui herança guarani por sua avó Digna Osório. Tem 65 anos de idade e mais de 40 anos dedicados à educação.

Luiz Sinésio Silva Neto

<http://lattes.cnpq.br/0239885769879636>
<https://orcid.org/0000-0002-3182-7727>
luizneto@uft.edu.br

Filho da Professora Neila Osório, representa a continuidade intergeracional do trabalho desenvolvido. Possui Pós Doutorado pela Universidade Federal do Tocantins, Doutorado em Ciências e Tecnologia em Saúde-UNB-DF, Mestrado em Gerontologia-UCB-DF, Especialização em Gerontologia- UFT-TO, Especialização em Fisiologia do Exercício Aplicada a Clínica-UNIFESP, graduação em Educação Física. É professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins do curso de Medicina. Coordena e é docente do programa "Universidade da Maturidade-UMA" na Universidade Federal do Tocantins. É professor efetivo do Mestrado em Ensino em Ciência e Saúde da Universidade Federal do Tocantins. Líder do grupo de pesquisa: Progero-Envelhecimento Humano e Saúde Digital. Presidente da SBBG-Representação-TO e Diretor Científico da Associação Brasileira de Alzheimer-Seccional Tocantins. Membro da Sociedade Brasileira de Gerontecnologia. Autor de artigos científicos e livros na área da gerontologia. Atua nas áreas de pesquisas: Efeito do treinamento resistido na saúde dos idosos, Alterações de composição corporal e envelhecimento, Sarcopenia, Obesidade Sarcopênica, Qualidade de Vida, Avaliação funcional no idoso, Envelhecimento, Gerontologia e Saúde Digital. Recebeu o título de Cidadão Tocantinense (2020).